N.º 2 MARÇO DE 1975

QUE FAZER?

CADERNOS MARXISTAS-LENINISTAS

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

LEVANTEMOS A BANDEIRA DO MARXISMO-LENINISMO

Editorial ★ O 30.º Aniversário da Libertação Nacional da Albânia ★ A Revolução de Outubro ★ Resolução do XI Plenário do Comité Central do Partido de Trabalho da Albânia ★ Resolução do XIII Plenário do Comité Central do Partido de Trabalho da Albânia ★ Decisão do XIV Plenário do Comité Central do Partido de Trabalho da Albânia ★ Resolução do III Congresso do Partido de Trabalho da Albânia ★ O Marxismo - Leninismo ensina-nos que é o povo que cria a história ★ O Partido dirige tudo ★ Mas onde é que deixaram o martelo? ★ Manter-se na justa orientação e na filosofia da luta ★ Declaração do Partido Comunista Revolucionário do Chile ★ Marxismo e Revisionismo ★ As taras eleitoralistas dos revisionistas ★ Notícias dos Partidos Comunistas Marxistas - Leninistas do Mundo ★ Documentos para a reconstrução do Partido Comunista Marxista - Leninista ★ Livros ★ Cinema ★ Teatro.

QUE FAZER?
CADERNOS MARXISTAS-LENINISTAS

SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

NÚMERO AVULSO 45$00

ASSINATURAS:

3 NÚMEROS . . . 120$00

6 NÚMEROS . . . 240$00

12 NÚMEROS . . . 480$00

SEDE PROVISÓRIA:
Rua da Fé, 26,-2.º LISBOA 2

DIRECTOR:
MANUEL QUIRÓS
EDITOR:
MARIA ISABEL PINTO VENTURA

© Autorizadas todas as reproduções desde que indicada a origem.

OS ARTIGOS PUBLICADOS SÃO DA RESPONSABILIDADE COLECTIVA DA REDACÇÃO. NO CASO DE TRADUÇÕES OU REPRODUÇÕES DE TEXTOS SERÁ SEMPRE INDICADA A FONTE DE QUE SE RECOLHERAM OS MATERIAIS.

Sumário

Editorial 2

O 30.º Aniversário da Libertação Nacional da Albânia 9

A Revolução de Outubro — Grande Batalha do Proletariado 17

Resolução do XI Plenário do Comité Central do Partido Comunista Albanês 24

Resolução do XIII Plenário do Comité Central do P. T. A. sobre «O Trabalho Ideológico do Partido e as Medidas a Tomar para o seu Melhoramento» (27 de Abril de 1955) 40

Decisão do XIV Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia sobre a Actividade Anti-Partido e Hostil de Tuk Jakova e Bedri Spahiu (17 de Junho de 1955) 43

Resolução do III Congresso do Partido do Trabalho da Albânia 46

O Marxismo-Leninismo Ensina-nos que é o Povo que Cria a História 47

O Partido Dirige Tudo 61

«Mas Onde é que Deixaram o Martelo?» 63

Manter-se na Justa Orientação e na Filosofia de Luta 67

Declaração do Partido Comunista Revolucionário do Chile 72

Marxismo e Revisionismo — Para uma Luta Ininterrupta dos Comunistas 88

As Taras Eleitoralistas dos Revisionistas Modernos e dos Sociais-Democratas 98

Notícias sobre os Partidos Comunistas Marxistas-Leninistas do Mundo 103

Documentos para a Reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista 111

Livros / Revistas / Jornais 131

Cinema / Teatro / Espectáculos 137

EDITORIAL

QUE FAZER? considera que se torna necessário analisar em profundidade as teses essenciais do VII Congresso do P. C. P., Congresso que representa mais uma traição ao marxismo-leninismo, síntese teórica da experiência revolucionária do proletariado, que serve os interesses imediatos e estratégicos da classe operária e dos seus aliados. Não se trata duma questão de pureza teórica. É a certeza inabalável que possuímos de que o marxismo-leninismo é uma ciência que, aplicada correctamente às condições concretas duma sociedade, é a única capaz de dar aos comunistas uma linha proletária, consequente com os objectivos revolucionários. Quando a linha correcta não é aplicada na prática — por deturpação da realidade ou do marxismo-leninismo, por erro ou por traição —, redunda numa prática inútil, quando não prejudicial, à causa proletária. O Partido «Comunista» Português, tendo-se afastado da via revolucionária, revê o marxismo-leninismo a fim de justificar a sua traição aos interesses proletários e o seu apoio aos interesses da pequena burguesia, da aristocracia e burocracia operárias. Os objectivos deste Partido não são revolucionários, não visam a tomada do poder pelo proletariado e semi-proletariado. A sua prática insere-se numa continuação do domínio da burguesia, desde que esta lhe permita uma legalidade e uma participação no governo, que lhe possibilite o apoio à clique revisionista soviética, nos seus objectivos de exploração e divisão do mundo em esferas de influência com o imperialismo americano, seu rival. A fim de inserir as lutas operárias e camponesas dentro destes objectivos, a fim de justificar a sua prática traidora e o travão que representa da luta revolucionária, revê o marxismo-leninismo, tentando amarrar os operários e camponeses às lutas que não visam a tomada do poder. Justificando a alteração dos princípios com as mudanças da situação, tentam explicar a sua total traição ao marxismo-leninismo, à classe operária. Dentro destes objectivos, indispensável se torna silenciar, caluniar e lançar no descrédito os marxistas-leninistas que denunciam essa prática traidora.

QUE FAZER? no sentido de cumprir a tarefa de denúncia do revisionismo pronuncia-se sobre dois aspectos que reputa fundamentais, do VII Congresso traidor do P. C. P.: a defesa incondicional da democracia burguesa e o facto de ter sido retirada do Programa do P. C. P. a ditadura do proletariado.

Segundo o P. C. P., a fim de defenderem e tornarem possível a construção da «democracia», os operários deveriam esquecer — embora temporariamente, é claro! — os seus objectivos estratégicos e imediatos de luta contra a burguesia, limitarem-se às reformas e às dádivas que a burguesia lhes fosse concedendo, moderarem as suas lutas contra o capital, não exagerar, portanto, as suas reivindicações de classe. O P. C. P. não esclarece — porque não está interessado! — que tipo de democracia é essa, qual o papel que nela desempenham as diferentes classes. Ora analisemos nós essa sociedade e o papel que nela

desempenharão as várias classes. Em primeiro lugar, continuarão a existir exploradores — a burguesia — que detém o poder, e explorados. A luta de classes não termina. Ela só cessará quando não existirem classes — na sociedade comunista —, depois da sua destruição sob a ditadura proletária. Os interesses do proletariado e semi-proletariado são — em democracia burguesa, tal como no fascismo — antagónicos dos da burguesia. É impossível conciliá-los. Em segundo lugar põe-se a questão do poder. A classe que detém o poder é a burguesia, continuará a ser a burguesia. Logo, sempre que se verifiquem choques desses interesses antagónicos a burguesia responderá com a repressão sobre o proletariado e semi-proletariado. É isto que se verifica em qualquer tipo de democracia burguesa, no tão apregoado mundo livre ocidental. Passando por cima deste facto indiscutível, o P. C. P. pretende que o proletariado e o semi-proletariado esqueçam os seus interesses imediatos e estratégicos, completamente antagónicos dos da burguesia, na defesa duma democracia em que a burguesia detém o poder, em que a burguesia continua a usufruir da mais-valia do trabalho, lançando a ameaça duma nova era fascista no caso da luta de classes se agudizar.

QUE FAZER? afirma, baseado na experiência revolucionária de todo o mundo, que nos foi e é transmitida pelos grandes dirigentes comunistas, que o fascismo é uma das formas de domínio da burguesia — é a sua ditadura feroz —, que ela impõe sempre que vê em risco o seu domínio de classe, sempre que vê perigar a sua situação de classe exploradora. A democracia burguesa é a forma mais eficaz de ditadura da burguesia, através da qual, com um simulacro de igualdade em palavras e de uma liberdade fictícia, e com a ajuda dos partidos revisionistas e reformistas, e de condições objectivas e subjectivas concretas, ela consegue travar temporariamente o avanço da revolução, enganar o proletariado e o semi-proletariado. A democracia burguesa envolve em si uma contradição insolúvel: uma igualdade em palavras, uma desigualdade efectiva; porque não pode existir igualdade entre exploradores e explorados, porque os interesses duns e doutros se chocam inevitavelmente e se excluem mutuamente. A igualdade efectiva só poderá existir numa sociedade sem classes. Também a liberdade, dentro da democracia burguesa, não passa dum logro para o proletariado e semi-proletariado. Porque a burguesia é a classe que detém o poder, porque é para a sua defesa que existem as forças militares e policiais, porque a burguesia, como classe exploradora, é também repressiva — tem que reprimir os operários e trabalhadores a fim de sobreviver como classe exploradora. Porque a luta de classes não terminou depois do 25 de Abril. Continua e só terminará na sociedade comunista. A luta entre a burguesia por um lado, e os operários e camponeses, por outro, é uma luta de morte — não admite «coexistência pacífica», não admite colaboração. À medida que as forças do proletariado e semi-proletariado forem crescendo, enquadradas pelo seu Partido, as liberdades legais irão sendo refreadas até que o poder se torne instável para a burguesia e esta se veja obrigada a ceder frente à energia revolucionária das massas, libertada. Os marxistas-leninistas, identificados com os objectivos imediatos e estratégicos do proletariado e semi-proletariado são sempre reprimidos, tanto no fascismo como em democracia burguesa. Porque a burguesia tem medo dos marxistas-leninistas, porque estes denunciam frente aos operários e trabalhadores a verdadeira face dessa democracia — igualdade e liberdade em palavras, desigualdade e repressão de facto. É o que acontece em todas as democracias burguesas. Sempre que as classes exploradas pisam o risco, ultrapassam os limites considerados inofensivos para a burguesia, são reprimidas, são-lhes cortadas as liberdades. O mundo livre não passa de uma farsa em que participam a burguesia e os partidos revisionistas e sociais-democratas para enganar a classe operária. Quer uma quer outros participam no logro da classe operária e dos trabalhadores. Nas democracias burguesas continua a existir polícia, exército, as manifestações — se fora da ordem consentida — são reprimidas, desaparecem marxistas-leninistas, escutam-se os telefones das pessoas suspeitas, são feitas prisões políticas. Exitem evidentemente partidos «comunistas» — apenas de nome — na legalidade mas esses não ultrapassam os limites impostos pela burguesia, não são revolucionários; limitam-se a uma prática legalista que não visa a tomada do poder pelas classes revolucionárias. Mantêm-se nos limites estreitos da concorrência às urnas, das lutas grevistas não perspectivadas revolucionáriamente, e iludem os operários, camponeses e trabalhadores com um socialismo e um comunismo que virão um dia, não se sabe quando, um dia longínquo e remoto. Esses partidos não passam de agentes internos do social-imperialismo, que se aliam com a burguesia contra os trabalhadores desde que possam defender os interesses expansionistas da nova burguesia soviética.

QUE FAZER? afirma que a situação da classe operária, em democracia burguesa, é de oprimida e explorada, tal como no fascismo. Se a democracia burguesa é, de dentro das formas de domínio da burguesia, uma situação melhor para o proletariado e semi-proletariado é porque este pode defender melhor os seus interesses imediatos, organizar-se e preparar-se para a luta contra o sistema capitalista que o oprime — seu objectivo estratégico. Não esclarecer que tipo de democracia é a que se vai construir — e construir não significa só produzir mas também participar a nível de decisão —, não preparar os trabalhadores para a luta contra essa própria democracia, como forma de domínio da burguesia, é ter objectivamente um papel de renegado, de defraudador das massas operárias, é enganá-las para melhor as sujeitar e conformar à nova forma de domínio da burguesia. O P. «C.» P. chama os operários e trabalhadores a defenderem incondicionalmente esta democracia, passando inclusivamente por cima dos seus interesses de classe. Não só não os esclarece como os coloca objectivamente ao lado da burguesia, defendendo os interesses desta e esquecendo os seus. A burguesia tem já, actualmente, e terá no futuro, como aliados na exploração e repressão da classe operária e dos trabalhadores, as calúnias e as instigações à moderação dum partido que se afirma comunista mas que é efectivamente um Partido traidor à classe operária e de apoio à burguesia. Foram suficientes alguns meses de prática aberta para o vermos demonstrado à evidência, em frente dos nossos olhos. Esse Partido tem condenado e traído todas as lutas mais avançadas da classe operária, tanto pelas calúnias sobre essas lutas através dos seus órgãos partidários, como pela formação de piquetes de «esclarecimento» e de boicote, tentando conduzir a população contra os operários e os trabalhadores em greve ou em ocupação pelo saneamento de fascistas, pelo aumento dos salários ou contra os despedimentos. A máscara destes «comunistas» está por demais esburacada para lhes podermos ver o seu verdadeiro rosto de traição, de renegados.

QUE FAZER? defende que a luta contra o fascismo passa necessariamente pela luta contra o capital. Porque a ameaça do fascismo, como já analisámos, persiste enquanto existir burguesia, enquanto existir capitalismo. O fascismo é a ditadura feroz da burguesia quando esta não vê possibilidade de continuar a explorar os operários e trabalhadores dentro das liberdades democráticas, embora restritas e fraudulentas.

QUE FAZER? defende, ao contrário do Partido revisionista, que só na luta frontal ao fascismo e ao capital, o proletariado e o semi-proletariado poderão obstar a uma nova era de fascismo. Só o avanço da luta revolucionária contra o capital poderá conservar nas mãos dos explorados todos os direitos que já conquistaram e que vierem a conquistar.

QUE FAZER? considera que, ao atacar o fascismo, ao defender a extinção das suas estruturas e as liberdades democráticas, forçoso se torna esclarecer os operários e trabalhadores em geral sobre as novas formas repressivas que terão de enfrentar na sua luta

contra o capital, sempre que essa luta defender efectivamente os seus interesses de classe e sair fora dos limites impostos pela burguesia. A defesa incondicional da democracia burguesa é apoiar a burguesia, enganar a classe operária, amarrá-la aos desígnios e aos interesses do capital. O P. «C.» P. é hoje um partido contra-revolucionário que deturpa o marxismo-leninismo, que o revê no sentido de enganar melhor os operários, de os arrastar na defesa dos interesses da burguesia, de os fazer trair os seus interesses imediatos e estratégicos. Este partido encontra-se afastado da luta revolucionária, opõe-se a essa luta. É inadiável a sua denúncia.

Dentro desta linha de traição, o VII Congresso apagou também do Programa do P. «C.» P. a ditadura do proletariado. Evidentemente que se trata apenas do acto formal, porque o P. «C.» P. já a tinha retirado há muito pela sua linha e prática traidoras. De qualquer forma, agora risca-a abertamente do Programa dum Partido que se afirma o continuador daquele em que trabalharam bons e abnegados militantes operários tais como Alfredo Dinis, José Gregório, Militão Ribeiro e tantos outros militantes incógnitos que dedicaram a sua vida à luta revolucionária.

QUE FAZER? afirma, mais uma vez baseado no marxismo-leninismo — guia da classe operária no caminho para a revolução —, que só é possível construir o socialismo e a sociedade sem classes sob a ditadura do proletariado, classe de vanguarda na luta contra a burguesia. A ditadura do proletariado caracteriza-se pelo domínio dos explorados sobre os exploradores; caracteriza-se pela repressão sobre os exploradores e a mais ampla liberdade para os explorados; é o governo dos operários e camponeses, com os operários e o seu Partido por guia. É isto, em resumo, a ditadura do proletariado. A quem pode pois ela assustar? Aos exploradores ou aos explorados? A burguesia pinta de cores sangrentas a ditadura do proletariado porque deseja a continuação do seu domínio de classe, a sua continuação como classe exploradora. A defesa da ditadura do proletariado como única forma de poder político capaz de construir a sociedade sem classes, insere-se nas tarefas dos verdadeiros comunistas, dos marxistas-leninistas. Na ditadura proletária, os operários e os trabalhadores possuem um vasto poder de decisão tanto a nível dos seus locais de trabalho, como ao nível do Estado proletário. Na democracia burguesa todas as decisões são da burguesia que maneja a seu belo prazer as leis, enganando os operários e trabalhadores, cuja participação exclusiva é dada apenas por meio de eleições pretensamente livres.

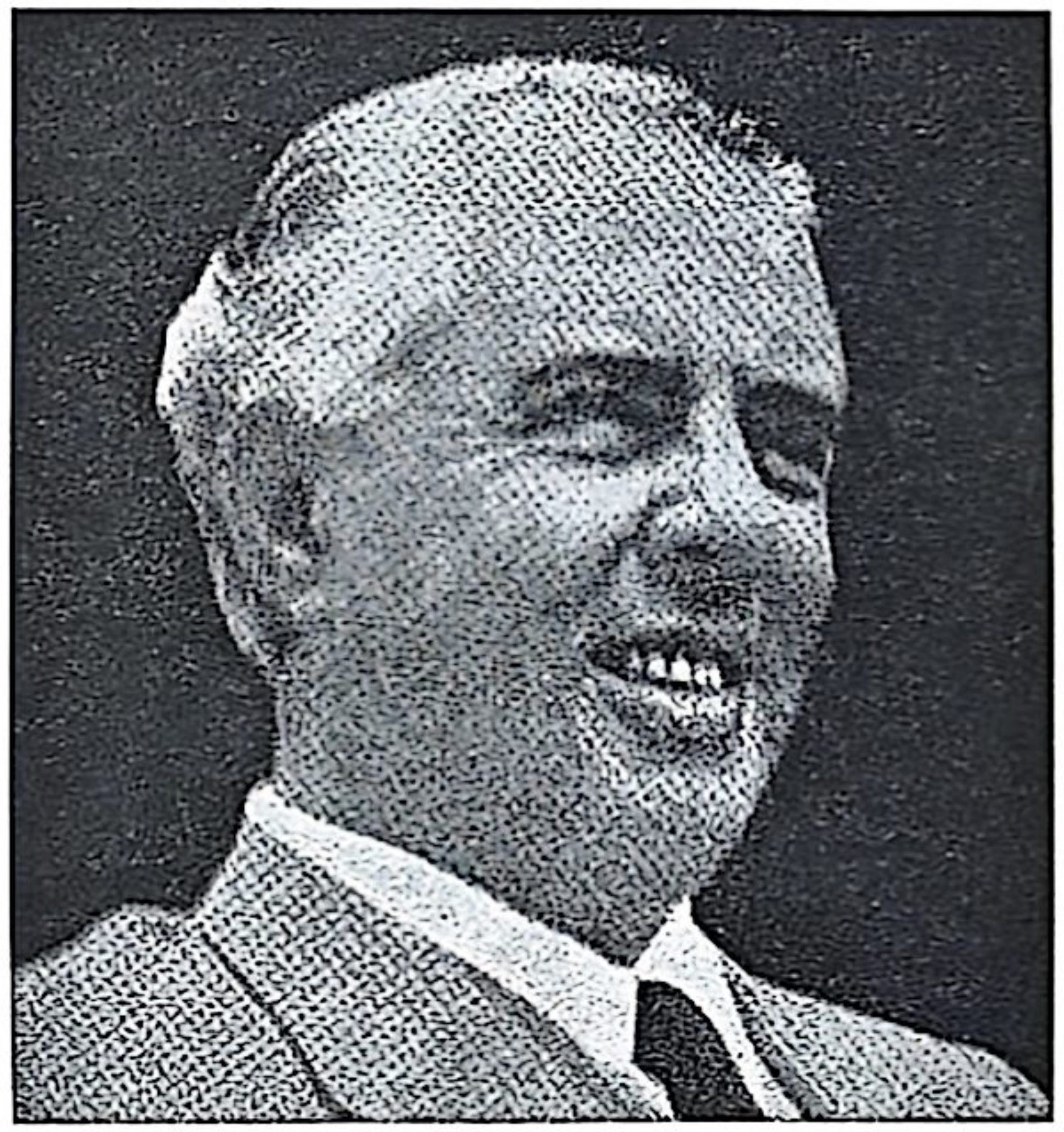
Só o proletariado, tendo como guia o seu Partido de classe, e apoiado pelos seus aliados na revolução — os camponeses pobres e trabalhadores em geral — é capaz de conduzir a luta contra a burguesia e o revisionismo, até à construção do socialismo e da sociedade sem classes. A ditadura proletária — conduzindo uma linha de massas justa, levando progressivamente às mais largas massas populares o marxismo-leninismo, inserindo essas massas na luta contra todas as manifestações burgueses e revisionistas, sob a condução do Partido e exercendo por sua vez uma vigilância sobre este — é condição necessária para o avanço da construção do socialismo e do comunismo. Negar a ditadura do proletariado ou retirá-la do programa dum partido que se afirma comunista é objectivamente colocar-se contra os interesses mais caros do proletariado: contra o socialismo e o comunismo. Ao retirar do programa a ditadura do proletariado, o P. «C.» P. tem como objectivo real não assustar a burguesia, conquistar-lhe votos nas eleições que se avizinham. É mais uma traição e desta vez frente aos olhos de todos dum partido que se afirma comunista para melhor enganar a classe operária e servir a burguesia.

Esse partido pretende criar ilusões nas massas populares de que o poder se conquista à burguesia através de eleições. Mas o proletariado não conquista o poder, nem nunca conquistou de facto em país algum, através de eleições dentro da democracia burguesa.

Só através da revolução, só arrebatando o poder à burguesia pela violência, o proletariado pode instaurar a sua ditadura. Quer isto dizer que um partido comunista não pode participar nas eleições burguesas? Pode e deve, se para isso tiver força, ou seja, o apoio nas massas operárias e trabalhadoras. Para, de dentro do Parlamento burguês, fazer ouvir as vozes dos operários e trabalhadores, para de dentro do Parlamento burguês, denunciar a democracia burguesa, mostrar que ela é um logro para os explorados porque estes continuam a não ser livres, porque estes só serão livres numa sociedade em que o poder esteja nas suas mãos.

QUE FAZER? afirma que o P. «C.» P., que se afirma o continuador do Partido Comunista, é hoje o maior aliado da burguesia para enganar a classe operária—utiliza o prestígio do Partido que conduziu o proletariado em gloriosas jornadas de luta contra o capital e arrasta ainda atrás de si elementos operários e trabalhadores. É preciso demonstrar frente aos operários e trabalhadores em geral o que é hoje esse Partido, o que ele representa.

Combater a burguesia e desmascarar o revisionismo frente à classe operária — eis as tarefas principais dos marxistas-leninistas no momento actual. Mas, para as cumprir, falta-lhes o seu Partido de classe — o Partido Comunista Marxista-Leninista. Os marxistas-leninistas encontram-se dispersos e confundidos, fazendo trabalho artesanal, frequentemente duma forma espontânea, não organizada. É necessário reuni-los numa única organização forte e combativa, aplicando uma linha política justa, táctica e estrategicamente. Essa união, embora indispensável, tem que ser levada a cabo com uma certa prudência e vai-se efectuar na própria luta a desenvolver. É falsa e perigosa a ideia de que aquilo que separa os marxistas-leninistas são apenas mal-entendidos e querer conciliá-los em moldes incorrectos, sem um amplo debate, aberto e afastado de querelas pessoais, sobre os principais problemas que se põem actualmente aos marxistas-leninistas.



As organizações marxistas-leninistas correspondem a linhas políticas e práticas distintas quando não correspondem a capelinhas, à volta de dirigentes não reconhecidos, que se auto-elegeram chefes do movimento marxista-leninista em Portugal. Dentro deste movimento, dentro das suas fileiras, existem elementos corrompidos por anos de vícios e de fraudes; esses elementos não cabem dentro dum Partido Comunista Marxista-Leninista.

QUE FAZER? defende que a união dos marxistas-leninistas se vai efectuar sob a hegemonia duma organização, que se imponha na prática pela justeza das suas concepções revolucionárias, consequentes aos objectivos proletários. Não se unem os marxistas-leninistas através de conversações e resoluções inexplicadas ou confusas, nas costas

da classe operária, nem pela mal cimentada junção de grupos — forma perigosa, que transportaria desde o início o fraccionismo para dentro do P. C. M.-L., que o liquidaria. Fòrçosamente ir-se-á afirmando uma linha política e uma prática que reunirá à sua volta os marxistas-leninistas.

QUE FAZER? defende que todo o processo de união vai passar por uma intensa luta ideológica, com crítica e autocrítica, que definirá caminhos, que abrirá novas perspectivas e por uma prática efectiva de ligação às massas que tornará evidente a linha justa, a linha marxista-leninista.

QUE FAZER? defende que é abertamente, frente aos operários e trabalhadores, que se deve efectuar a união dos marxistas-lninistas, numa discussão franca e leal dos problemas que se põem hoje ao movimento comunista nacional e internacional.

PELA RECONSTRUÇÃO DO P. C. P. M.-L. !
PELA VITÓRIA DUMA LINHA JUSTA NO SEIO
DO MOVIMENTO MARXISTA-LENINISTA !

A REDACÇÃO

Nota: Uma má apreciação do trabalho necessário para publicar mensalmente uma revista como **QUE FAZER?**, bem como factores imponderáveis, estranhos à nossa vontade, fizeram com que entre o 1.° e 2.° número medeassem cerca de cinco meses. Desse facto nos autocriticamos perante todos os camaradas, amigos e leitores.

Novos métodos de trabalho e uma redivisão de tarefas cremos ser um princípio correcto para a correcção dos nossos erros. É esse o caminho que vamos seguir, convencidos de que assim conseguiremos uma publicação mais regular da revista, até atingirmos a publicação mensal.

A REDACÇÃO

O 30.° ANIVERSÁRIO DA LIBERTAÇÃO NACIONAL DA ALBÂNIA

Em 28 de Novembro de 1944, depois de uma luta prolongada contra os ocupantes fascistas italianos e alemães e contra os partidos da burguesia, foi instaurado o poder popular na Albânia. Analisar o significado desta luta pela libertação da pátria é dar um destaque especial ao trabalho político desenvolvido pelos comunistas albaneses até à formação do Partido Comunista da Albânia, hoje Partido do Trabalho da Albânia (PTA); é tomar conhecimento da sua linha correcta, marxista-leninista, de luta constante contra os oportunistas internos e externos, contra os revisionistas e os trotskistas; é reconhecer o PTA como criador do Exército Popular de Libertação e da Frente Popular de Libertação; é, sobretudo, defender o mais poderoso baluarte do marxismo-leninismo na Europa, o exemplo consequente da experiência da ditadura do proletariado e do internacionalismo proletário.

A SITUAÇÃO POLÍTICA ALBANESA ANTERIOR À FUNDAÇÃO DO PTA

A situação política dos grupos comunistas, marxistas-leninistas, ou que se afirmavam como tal, no ano de 1940, era bastante complexa, indecisa e confusa. Alguns membros dirigentes do grupo de Shkodra estavam convencidos, numa atitude política do mais descarado capitulacionismo, de que era preciso nada fazer que pudesse prejudicar o pacto táctico germano-soviético, sem compreenderem que ele não era nada mais do que um meio para o proletariado internacional ganhar novas forças e assim conseguir derrotar o nazi-fascismo alemão e italiano. Muitos dos jovens militantes de Tirana, numa deficiente e errónea apreciação da situação política do país, defendiam a entrada das tropas fascistas no solo albanês, porque assim se conseguiria uma rápida industrialização do país com a consequente formação de um vasto proletariado, pois apenas assim haveria condições para a revolução proletária, só possível, para os oportunistas de direita, quando o proletariado fosse a classe mais numerosa. Era a oscilação pequeno-burguesa entre o oportunismo de «esquerda», a tese do «quanto pior, melhor» e o oportunismo de direita, a ideia incorrecta de que a revolução proletária só é possível quando a classe operária for a classe mais numerosa, o que é diferente de ser a única classe revolucionária, que deve manter a sua hegemonia de classe em todas as tarefas políticas que a revolução tem de cumprir. O grupo «Fogo», formado por trotskistas, defendia o «entrismo» nas organizações fascistas, para as modificar por dentro, numa forma descarada de colaboracionismo, incapazes de compreenderem que este jogo os colocaria na dependência total das estruturas fascistas, organizações que defendiam os interesses declarados da burguesia, que eram a expressão da sua impossibilidade de agir de forma democrática. Alguns militantes do grupo comunista de Kortcha apegavam-se ao sectarismo, não queriam alianças com as camadas burguesas dispostas a lutar pela libertação nacional, recusavam a política da frente antifascista, o que equivalia a isolar o proletariado dos outros sectores populares, precavendo uma pureza ideológica de laboratório, de «sábios de gabinete», não a que deriva da condução política da luta proletária, do caminho para a conquista do poder e exercício prolongado da ditadura do proletariado.

Esta situação complexa e confusa, dos anos 40, demonstra bem a escassa possibilidade de êxito que representou a tentativa de fusão do grupo de Shkodra com o grupo de Kortcha, levada a cabo em Tirana, no ano anterior. A formação de um Comité Central de quatro membros, dois de cada grupo, equitativamente eleitos, saldou-se num absoluto fracasso. Este insucesso só veio provar que a unidade sem princípios, que as discussões de delegados, nas costas da classe operária, não podem ter êxito, não podem conduzir ao trabalho prático de estilo comunista. A constituição do Partido, que pode requerer discussões prévias, sobretudo numa altura em que é imprescindível derrotar o sectarismo dos pequenos grupos, só é possível pela afirmação hegemónica de um grupo, mesmo que resulte de fusões anteriores, ou que se afirme como mais poderoso, se estiver à frente das lutas do proletariado e das massas populares, conduzindo uma linha política correcta, caldeada na experiência das massas, proletária revolucionária, aglutinadora de todas as posições parcelares dos grupos, que se apresentem como justas, como pertecentes, de facto, a essa linha única.

A FORMAÇÃO DO P. C. DA ALBANIA

No meio desta confusão ideológica e política, resultante da infiltração das ideias burguesas no seio da classe operária, apenas um grupo albanês enunciava com correcção de princípios a formação do Partido Comunista, a sua absoluta necessidade para todos os comunistas, para todos os trabalhadores que têm de trabalhar de forma organizada, que só podem, de facto, ser comunistas quando integrados no seu partido de classe — o grupo de Kortcha.

Só o grupo comunista de Kortcha defendia, na prática, a criação efectiva de um verdadeiro Partido Comunista, partido da vanguarda da classe operária, com direcção centralizada, disciplina e linha únicas, verdadeiro impulsionador da frente antifascista, utilizando como método de trabalho de estilo novo a ligação da teoria à prática, a ligação com as massas, a crítica e a autocrítica, para a sua consolidação interna, para o trabalho de robustecimento das fileiras proletárias, para o lançamento inicial dos embriões do exército, para a extensão da frente antifascista.

Foi como militante destacado do grupo de Kortcha e com a missão de impor, pelo debate e persuasão, estas posições de princípio, proletárias revolucionárias, que Enver Hoxha foi enviado a Tirana, nos princípios de 1940. Frente à situação política confusa, caótica, que reinava nos grupos, nesta data, oscilante entre o mais descarado oportunismo de direita e o sectarismo cego, a tarefa de Enver Hoxha, mesmo com o apoio que encontrou junto de dois militantes do grupo de Shkodra — Kamal Stafa e Vasil Shanto — foi prolongada e plena de dificuldades, até à afirmação prática, mobilizadora, de uma linha política com o completo apoio e defesa das massas populares, de luta declarada contra o fascismo.

A iniciativa popular de massas, que se traduziu no início da guerrilha popular, no fim de 1940, em Peza, em grande parte dependente, do ponto de vista político, do grupo de Kortcha, veio dar um poderoso impulso à formação do Partido Comunista. A partir desta altura, pela luta aberta contra os grupos fascistas internos e dos fascistas italianos e alemães, os grupos tiveram que se definir no apoio ou oposição à luta popular. O apoio do grupo de Kortcha à guerra popular foi uma importante base para a unidade, foi o reconhecimento prático da vanguarda proletária na sua actuação concreta. Com base na experiência política que resultou desta luta, pela definição de princípios que exigiu, estavam criadas as condições gerais para uma reunião de todos os grupos. Em 3 de Novembro, de 1941, realiza-se esta reunião, em que o trabalho fundamental consistiu em combater o oportunismo de direita e o «esquerdismo», para fazer surgir a necessidade inadiável da fundação do Partido Comunista num país de classe operária reduzida, que ele é a condição básica da vitória, a única forma de não cair sob a hegemonia dos poderosos, sobretudo numa altura em que a luta de massas tem um ascenso vertiginoso. Como é evidente, era a afirmação hegemónica de um grupo que se impunha, era a sua experiência política correcta que era reconhecida, eram as justas posições comunistas que surgiam em formas organizativas correctas, prontas a conduzir a luta abnegada do proletariado.

A 8 de Novembro de 1941 nasce o Partido Comunista da Albânia, partido marxista-leninista que conduziu o proletariado e o povo albanês à vitória, à frente do Exército Popular de Libertação e da Frente Popular, contra os fascistas italianos e o seus serventuários burgueses no interior do país, contra o conluio dos aliados anglo-americanos, e continua a dar firmes passos na marcha para a construção do socialismo.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

No acto da fundação do P. C. da Albânia, Enver Hoxha é eleito primeiro secretário do Partido e passa a viver nas zonas libertadas das montanhas, onde as nove guerrilhas populares albanesas passam a formar o corpo central de combate do Exército Popular de Libertação, em estreita dependência da orientação política do Partido da classe operária.

Ao mesmo tempo que conduz a luta armada, o Partido cria uma poderosa máquina de organização, em que é importante destacar o papel desempenhado pelo **Zeri i Populit** (Voz do Povo) como órgão defensor do marxismo-leninismo, como grande organizador colectivo do proletariado e das massas populares.

Se a luta das montanhas progredia, pela criação de novas zonas libertadas, ela era muito difícil nas cidades, onde o ocupante nazi-fascista fazia todos os esforços por desarticular as organizações clandestinas do Partido. Embora a organização se reforçasse continuamente, isso não impediu que as tropas alemãs desencadeassem uma campanha de cerco e envolvimento, em 1943-44, campanha destinada a aniquilar as forças do Exército Popular de Libertação, a levá-lo à mais completa derrota, ao aniquilamento físico dos combatentes.

Mas o esforço do Partido reduziu o cerco e aniquilamento em cinzas. Os militantes estabeleceram redes clandestinas de passagem nas montanhas, deslocavam-se na rectaguarda dos invasores, desmantelavam os armazéns de abastecimento, fustigavam com balas as colunas alemãs do cerco. O Exército Popular de Libertação impunha-se como a expressão triunfante da luta armada popular, como o combate organizado do proletariado, tendo à frente o Partido Comunista, enquanto as lutas de massas nas cidades, as greves e as manifestações, a sabotagem declarada dos pontos fortes do invasor italiano e alemão, eram o trabalho consequente da Frente Antifascista, em que os militantes do Partido tinham um papel preponderante.

O Partido Comunista que, até aí, tivera sobretudo que combater, isolar e expulsar os oportunistas de «esquerda», dos obreiristas aos trotskistas, passa a ter de lutar, com força redobrada, contra o ressurgimento do oportunismo de direita, com especial destaque para os partidários da Frente incondicional, sem princípios, mas que se apresentavam sob a forma enganadora de juntar mais sectores na luta contra o fascismo, quando, de facto, pela abertura dos sectores sociais que participariam na Frente, acabavam por a colocar na dependência da burguesia.

A luta de tendências no seio do Partido Comunista atinge o auge em Agosto de 1943, em pleno período de libertação da pátria. Se, em princípio, esta luta de tendências pode parecer um debilitamento das forças do proletariado, foi por ir até às suas últimas consequências que o Partido conseguiu depurar-se dos elementos instáveis, de todos aqueles que queriam acordos com o Balli Combetar, partido da burguesia colaboracionista.

No dia 28 de Novembro de 1944, depois de uma luta furiosa pela posse de Tirana, o Exército Popular de Libertação, dirigido

pelo Partido Comunista acaba por conquistar a capital da Albânia. É o coroar da luta vitoriosa do povo albanês pela independência total do país, o resultado da luta correcta desencadeada pelo Partido Comunista em todas as frentes, a consequência lógica da linha justa, marxista-leninista, do camarada Enver Hoxha, à frente do Comité Central do Partido Comunista.

A LUTA CONTRA O REVISIONISMO JUGOSLAVO

A luta de um verdadeiro Partido Comunista, como é o Partido do Trabalho da Albânia, não termina com a conquista do poder. A conquista do poder e o exercício da ditadura do proletariado são, antes pelo contrário, bases seguras para novas lutas, para a construção do socialismo, período durante o qual a confrontação das classes antagónicas prossegue, em que são necessárias medidas correctas para o aniquilamento das classes, até se atingir a sociedade comunista.

Durante este período a luta de classes continua e, em certos momentos, coloca-se sempre o problema das duas vias, do prosseguimento da construção do socialismo ou do regresso ao capitalismo. Foi este problema que, pouco depois da conquista do poder, se colocou no seio do PTA, ainda mais acesa, mais violenta, porque todos os capitulacionistas e vendilhões da pátria encontravam apoio na Liga dos Comunistas Jugoslavos, dominada pela camarilha revisionista de Tito.

A luta no seio do PTA contra as influências trotskistas, contra o paternalismo de Tito, contra os seus desejos anexionistas, vinha do período anterior à conquista de Tirana. Havia, na Albânia, uma grande influência revisionista exercida pelos conselheiros jugoslavos, pelos adeptos que conseguiram, quer no seio do Partido, quer nas fileiras da Frente. Os revisionistas jugoslavos, partidários da defesa acalorada da burguesia sob fraseologia «marxista», tinham tentado intervir, pela primeira vez, declaradamente, em Novembro de 1944, no decurso do segundo Plenário do Comité Central, em Berat, em que atacaram Enver Hoxha de desvios «intelectualistas». Era uma forma ardilosa de desarmar teoricamente o Partido do proletariado, de neutralizar o seu principal teórico, de invalidar a teoria revolucionária, sem a qual não há movimento revolucionário, como afirmou o grande Lenine. Era a substituição dos princípios de classe, proletários, pela amálgama eclética dos revisionistas.

Se os partidários do revisionismo jugoslavo não tentaram afastar Enver Hoxha do C.C. foi porque temeram a sua total identificação com as massas, porque recearam ficar desmarcarados, numa altura em que o Komintern corria com a Liga dos Comunistas Jugoslavos do seio do movimento comunista internacional, pela sua completa traição aos princípios revolucionários do marxismo-leninismo.

A luta do PTA contra o revisionismo jugoslavo, contra o titismo, foi a demonstração fiel de que a separação existente entre o marxismo-leninismo e o revisionismo não é um combate que se resuma a esta ou àquela concepção particular, porque são, de facto, duas posições diametralmente opostas — a do proletariado revolucionário e a da burguesia reaccionária. Esta luta é ainda mais importante se, no período de acalmia que se seguiu à segunda guerra imperialista, considerarmos a extensão que o revisionismo já atingia, sobretudo com Browder nos E.U.A. e Togliatti na Itália, verdadeiros traidores da luta da classe operária, amigos sinceros da burguesia e do imperialismo.

A LUTA CONTRA O REVISIONISMO SOVIÉTICO

Depois de nove anos de excelentes relações com a URSS e com o PCUS, à frente do qual se encontrava Staline, o 20.° Congresso vem alterar este clima de entendimento internacionalista, pela colocação dos dirigentes soviéticos do lado da contra-revolução mundial, no campo da reacção mais desenfreada, mascarada com linguagem «marxista», para enganar o proletariado e o povo.

O 20.° Congresso do PCUS, em 1956, onde se juntam os representantes dos interesses da nova burguesia soviética, instalada no aparelho do Partido e do Estado, nos seus ataques a Staline abre o combate declarado contra a ditadura do proletariado, mas levanta uma onda de protestos na Albânia, contra a defesa de posições burguesas, reaccionárias. É o corte nas relações amistosas entre Partidos que se tinham ajudado na base do internacionalismo, no grande auxílio à Albânia vermelha, nos acordos estabelecidos, em 1947, entre Enver Hoxha e o grande Staline, símbolo do punho de aço do proletariado revolucionário.

O prestígio do PCUS, do Partido criado por Lenine e continuado por Staline, arrasta vários elementos menos firmes para o caminho da traição, quando vibrou o mais duro golpe que o proletariado sofreu até hoje. É assim que se pode explicar que alguns elementos instáveis tenham enveredado declaradamente pelo revisionismo krutchevista, demonstrando as suas verdadeiras posições burguesas de classe. São estes elementos que procuram, a todo o transe, tirar as referências e citações de Staline de alguns livros, mas não conseguem levar o seu trabalho de traição a bom termo, perante a resistência firme da maioria do C.C. do PTA e do povo albanês, treinado a detectar todas as formas de oportunismo, numa exemplar vigilância de classe.

Seis meses depois do 20.° Congresso do PCUS uma delegação albanesa, dirigida pelo secretário-geral do PTA, Enver Hoxha, vai a Pequim, assistir ao 7.° Congresso do PCC, de Setembro de 1956. As relações com a República Popular da China e com o P.C.C., que já vinham em franco desenvolvimento desde o início do ano, estreitam-se ainda mais na compreensão correcta das grandes batalhas que se avizinham para o proletariado revolucionário, do longo caminho que é necessário percorrer para isolar e estirpar do movimento comunista internacional a traição dos revisionistas modernos. Ao contrário do que sucede com as cliques revisionistas colocadas no poder pelos novos czares do Kremlim, o verdadeiro clima de concórdia que reina entre o PCC e o PTA, baseado nos princípios revolucionários do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, na preparação das hostes prontas a derrotarem os traidores revisionistas, principais inimigos dos proletários no seio do movimento marxista-leninista mundial, que cresce com a maré crescente da revolução.

As críticas tresloucadas a Staline, como as de toda a burguesia que combate um inimigo de classe, que no fundo se destinavam a atacar o regime de ditadura do proletariado, todo o passado revolucionário da URSS, foram uma porta aberta para novas tentativas anexionistas da camarilha jugoslava, para o ressurgimento de formas capitulacionistas. Alguns membros do Partido voltaram a defender a tese traidora da integração na Federação Jugoslava, de ligação directa com um país socialista de fachada, capitalista de facto. A maioria do C.C. do PTA, com o total apoio patriótico do proletariado e das massas populares, combateram, de 1957 a 1959, de forma decisiva, o titismo, arrasando, mais uma vez, o oportunismo de direita e a capitulação, frente às tentativas de domínio sobre um povo livre. O revisionismo titista, apoiado no revisionismo soviético, mostrava mais uma vez a sua face dominadora e só uma firme resistência o poderia dissuadir dos seus desejos de anexação, dos seus sonhos de domínio sobre o território albanês. Ainda uma vez mais o PTA demonstrou às massas trabalhadoras que o corte com o revisionismo moderno não se processa só neste ou naquele plano particular. São duas concepções de classes diferentes em luta aberta, pela continuação da ditadura do proletariado e construção do socialismo ou pela abolição da ditadura do proletariado e regresso ao capitalismo.

Em meados do ano de 1960, Khrutchev, que vinha a exercer pressões económicas, políticas e sociais sobre a Albânia socia-

lista, para tentar convencer o PTA da correcção das suas teses, da mais descarada traição aos princípios proletários de classe, vendo a firmeza da maioria do C.C. do PTA, tentou subverter o Partido internamente, conquistando-o com o auxílio de quadros preparados em Moscovo. A resposta não se faz esperar. Com firmeza e decisão o PTA actua e consegue fazer abortar a conspiração revisionista: Liri Belidrova, antigo dirigente das Juventudes Comunistas, e Kotcho Taschko, ex-embaixador na URSS, são expulsos do Partido; organiza-se um processo a 10 membros responsáveis, comprometidos na via capitalista, demonstra-se a sua efectiva participação no golpe contra-revolucionário, o futuro desmembramento da Albânia vermelha, contra os interesses do povo; quatro destes membros renegados dc PTA são condenados à morte e executados, numa justa punição do proletariado e das massas.

Como forma de protesto, para o seu golpe reaccionário falhado, a camarilha khrutchevista retira os submarinos soviéticos da base naval de Vallona, que assegura a defesa costeira da Albânia, enquanto a esquadra do imperialismo americano policia o Mediterrâneo.

A DENÚNCIA PÚBLICA DO REVISIONISMO SOVIÉTICO

Se as manobras dos revisionistas khrutchevistas sofreram sempre o mais vivo repúdio dos membros maioritários do C.C. do P.T.A., foi necessário esperar por uma tribuna internacional de Partidos Comunistas e Operários para se proceder a um ataque em forma ao revisionismo moderno, aos prejuízos que os khrutchevistas causavam ao movimento internacional.

Em 1960, na reunião de Bucareste, o Congresso dos 81 Partidos Comunistas e Operários, Enver Hoxha é o primeiro dirigente a fazer a denúncia pública do revisionismo moderno da própria tribuna do Congresso. É a atitude consequente de um dirigente e militante comunista, que vê, com a arma ideológica de análise de classe, o perigo da traição revisionista, a traição à causa do proletariado e dos povos revolucionários do mundo. Um ano depois, o P.T.A., analisando mais uma vez as tentativas de domínio da URSS, que controla as tropas do Pacto de Varsóvia, que as utiliza para os seus interesses social-imperialistas, para dominar os países da Europa Oriental e as massas populares e colocar nos postos de direcção as cliques revisionistas que melhor lhes sirvam os interesses, que de acordo de defesa perante o imperialismo se transformou na testa de ponte da nova burguesia soviética, abandona-o e denuncia-o como força agressiva e de policiamento, cujo trabalho essencial se destina a oprimir os povos do mundo.

Durante a realização do 22.° Congresso do PCUS, de 1962, Khrutchev, ao mesmo tempo que proclamava o «estado de todo o povo», mais uma forma de ataque à ditadura do proletariado, e a «coexistência pacífica com o imperialismo», como método estratégico, para governo do mundo, apanágio das superpotências que procuram colocar os povos na cerca de arame farpado da sua dominação política, económica, social e cultural, ataca a Albânia socialista, comparando-a à rã da fábula que estoirou de pretenciosismo. É uma forma declarada de denegrir Lenine quando estava só no combate a todos os oportunistas da II Internacional, quando combateu impiedosamente os traidores, mascarados de «marxistas» da Internacional II e ½. É o ataque declarado à ideologia da classe operária.

As cartas abertas do C.C: do P.C.C. ao C.C. do P.C.U.S. vieram demonstrar que o PTA não estava só, que o P.C.C. defendia as mesmas posições revolucionárias, o que só serve para demonstrar a pujança do campo da revolução proletária.

A REVOLUCIONARIZAÇÃO CULTURAL ALBANESA

Em 1967, inicia-se com toda a força e prestígio do P.T.A., a Revolucionarização Cultural, dirigida pessoalmente por Enver Hoxha, processo de extinção das classes e de apuramento ideológico, levado a cabo sob a ditadura do proletariado. A Revolucionarização Cultural é o culminar de um longo movimento de massas, de crítica ao revisionismo moderno, sob todas as suas formas, cujos primeiros pronúncios vêm de 1960, baseados no discurso de Enver Hoxha no Congresso dos 81 Partidos Comunistas e Operários, de Bucareste, que se acentuam com as críticas dos dirigentes albaneses às posições revisionistas saídas do 22.° Congresso do PCUS.

A Revolucionarização Cultural incidiu em todos os aspectos da vida do país, repercutiu-se em todos os sectores da produção e da vida social, da crítica aos responsáveis do PTA comprometidos numa via revisionista, de regresso ao capitalismo, à promoção de quadros novos; da crítica aos preconceitos de experiência adquirida, dos velhos quadros, que se consideravam os únicos sabedores e enveredavam pelo paternalismo, à crítica à excessiva fogosidade dos quadros jovens, imponderados mas plenos de ardor revolucionário, conjugando-os no mesmo esforço comum de condutores de vanguarda na construção socialista. A Revolucionarização Cultural actuou também no plano do Exército, da crítica aos quadros que defendiam a profissionalização do Exército, à grande participação das milícias populares, também integradas por mulheres trabalhadoras, no seu contributo de massas armadas para a defesa do socialismo e do povo. Este profundo processo de criação de uma mentalidade comunista actuou também no plano da ideologia, da crítica a concepções atrasadas patriarcais, sobre o papel da mulher na construção do socialismo, à participação efectiva da mulher em todos os escalões do Partido, do Estado e da produção; da crítica dos especialistas aburguesados à extensão do ensino politécnico no seio das mais vastas massas; da crítica às formas opressivas da religião, serventuárias do reaccionarismo, ressalvando o papel dos sacerdotes de todas as crenças que se identificaram com os interesses populares e que podem ser reassimilados pelas estruturas ideológicas progressistas da sociedade, à exigência das massas sobre o encerramento dos templos; da crítica às concepções individualistas, ao espírito colectivista de ajuda mútua; da crítica impiedosa do revisionismo à defesa intransigente, de classe, do marxismo-leninismo. É um combate declarado, em todos os planos, contra o revisionismo e contra a burocracia. Enver Hoxha que dirigiu e participou activamente em todo o processo da Revolucionarização Cultural, apresenta, citando Staline, a forma correcta da condução deste magnífico e exemplar processo de condução da luta de massas: «Organizar o controle pela base, organizar a crítica de milhões de homens da classe operária contra o espírito burocrático das nossas instituições, contra os seus defeitos, contra os seus erros... Só deslocando o centro de gravidade para a crítica da base podemos esperar o sucesso da nossa luta e o burocratismo será extirpado». A isto chama-se compreender em profundidade o que é a democracia de massas, o que é a iniciativa dos operários e camponeses, de todos os trabalhadores da cidade e do campo que sabem, com um profundo conhecimento prático de classe, que é o seu Partido que está à frente desta luta, que ela é a afirmação revolucionária da ideologia proletária.

O informe político de Enver Hohxa ao 6.° Congresso do PTA, em 1971, bem como o informe de Mehmet Shehou, são a cúpula política e ideológica de todo o movimento de Revolucionarização Cultural, da luta contra o revisionismo, das bases para a continuação da construção do socialismo, da futura construção da sociedade sem classes, da sociedade de «a cada um segundo as suas necessidades» na fase comunista.

Mas o informe ao 6.° Congresso do PTA é também o conhecimento, de Enver Hoxha e do C.C. do Partido, de que é um caminho longo, este do futuro de luta que se avizinha, um caminho de constante apuramento político e ideológico, perante o cerco do imperialismo e do social-impe-

riallsmo revisionista soviético, de continuação da luta da classe operária, de participação dos comunistas em todos os trabalhos de vanguarda, sobretudo nos mais difíceis e perigosos, nos que exigem maior esforço e dedicação, do seu exemplo no seio do povo, do seu trabalho ao serviço do povo — como afirma Enver Hoxha, secretário-geral do PTA, no Discurso histórico de 26 de Fevereiro de 1973 — de total abdicação de si próprios, sem vantagens económicas ou regalias particulares, mas pela obrigação do seu elevado grau de consciência política, de construtores do mundo novo.

A Albânia vermelha impõe-se como a expressão triunfante da construção do socialismo na Europa, como o «farol do marxismo-leninismo» em todo o continente europeu e apresenta-se como um exemplo a seguir por todos os revolucionários, na experiência da conquista do poder e do exercício prolongado da ditadura do proletariado.

Saudar hoje o 30.° aniversário da Libertação Nacional da Albânia é pôr o marxismo-leninismo, pensamento de Mao Tsé-tung, no posto de comando, declarar uma luta sem quartel a todas as formas de revisionismo, afirmar que só a revolução proletária, dirigida pelo Partido Comunista Marxista-Leninista, pode conduzir à vitória dos trabalhadores, separá-los do revisionismo moderno, abrir a via radiosa da revolução proletária e da ditadura do proletariado, para se atingir, numa luta dura e ininterrupta, o socialismo e o comunismo.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO— GRANDE BATALHA DO PROLETARIADO

Foi comemorado no mês de Novembro o 57.° aniversário da Grande Revolução Russa de 1917, que originou o aparecimento do primeiro Estado socialista do Mundo: a União Soviética.

Com o desencadear da 1.ª Guerra Imperialista Mundial, a classe operária e camponesa eram as mais sacrificadas com a Guerra, com a partida para a Guerra dos seus filhos para defender interesses que nada tinham a ver com os seus, mas sim com os da classe que os oprimia e explorava: a burguesia.

A exploração cada vez mais desenfreada, feita ao proletariado e campesinato, para manter uma Guerra Imperialista, originou nas massas um movimento de luta, desde as greves políticas e económicas a manifestações contra a Guerra, que faziam tremer e abalar o domínio das classes exploradoras (nobreza e burguesia) apesar dos mencheviques e socialistas-revolucionários tentarem limitar estes grandiosos movimentos de massas aos interesses da burguesia (liberal). No entanto, o Partido Bolchevique, legítimo representante dos interesses dos operários e camponeses, era o único que apoiava todas estas manifestações de força. Razão por que era seguido pelas massas, que não viam nos mencheviques e socialistas-revolucionários a defesa dos seus mais elementares interesses.

Em Fevereiro de 1917 o Partido Bolchevique apela para a luta armada contra o czarismo e para a criação de um governo revolucionário provisório.

Os operários e soldados sublevados procederam à prisão dos ministros e generais czaristas, pondo termo à odiada autocracia czarista.

A revolução democrática burguesa triunfara. E triunfara porque a classe operária a dirigia, encabeçando o movimento dos milhões de operários e de camponeses. A iniciativa do proletariado determinara a vitória da revolução.

Foram formados os primeiros sovietes, compostos por operários e soldados, a partir da iniciativa do Partido Bolchevique, de cujos lugares se apoderaram os mencheviques e os socialistas-revolucionários, devido ao facto dos principais dirigentes do Partido Bolchevique estarem exilados.

Inebriados pelos primeiros sucessos da revolução e confiantes, devido às promessas dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários, que afirmavam que daí em diante tudo correria pelo melhor, as grandes massas de pequeno-burgueses, de soldados e até de operários confiaram no Governo provisório, entretanto formado, e deram-lhe o seu apoio.

Ao Partido Bolchevique impunha-se explicar às massas de operários e soldados, que ainda estavam longe da vitória total da revolução, que enquanto o Governo fosse formado pela burguesia, pelos conciliadores mencheviques e pelos socialistas-revolucionários, o povo não conseguiria o poder, que para vencer definitivamente era indispensável dar um novo passo: derrubar a burguesia e entregar todo o poder aos Sovietes.

Os acontecimentos e o comportamento do Governo provisório mostravam de que lado estava o poder estatal na Rússia. Com efeito, o Governo provisório não pusera termo à Guerra, longe disso: comprometida que estava com os imperialistas ingleses e franceses, à burguesia russa não interessava sair da Guerra, porque pensava aproveitar-se da revolução para fazer participar a Rússia mais activamente na Guerra, procurando realizar os seus objectivos imperialistas.

Os operários e camponeses exigiam o fim da Guerra, reivindicavam o pão e a terra e reclamavam medidas por parte do Governo para terminar com a crise económica. A política de conciliação dos mencheviques e dos socialistas revolucionários, afirmando que a Assembleia Constituinte em breve resolveria tudo da melhor forma, tentando esconder às massas exploradas a realidade concreta, ainda mais contribuía para que houvesse confusão e divisão entre o proletariado e o campesinato e para o adiamento do grande passo a dar: a Revolução.

As massas de operários, de soldados e de camponeses utilizavam com vigor as liberdades democráticas: liberdade de palavra, de imprensa, de associação, de reunião e de manifestação, procuravam participar activamente na vida política do país, de compreender a fundo a situação criada e decidirem qual o comportamento a ter. O Partido Bolchevique, que saíra da ilegalidade, desenvolvia abertamente o seu trabalho político e de organização, conduzindo uma política de desconfiança em relação ao Governo provisório, opondo-se à política de apoio incondicional ao Governo proposta pelos mencheviques em relação à situação política da época.

Com efeito, travavam-se no seio do Partido lutas para decidir a política a seguir. Por um lado, os bolcheviques, com Staline à cabeça (Lenine não tinha regressado ainda do exílio), levantavam-se contra o oportunismo, apelavam para a luta activa pela paz e contra o imperialismo, e defendiam uma posição de desconfiança no Governo provisório; por outro lado, os mencheviques apoiavam incondicionalmente o Governo.

Entretanto, Lenine regressou a Petrogrado, em Abril, e tinha a esperá-lo milhares de soldados, operários e marinheiros que se tinham reunido para o receber. Lenine elaborou as «Teses de Abril» que deram uma grande força ao Partido, tendo uma importância fundamental na descrição da etapa da Revolução que se seguiria: Revolução Socialista. Do ponto de vista político, as «Teses de Abril» determinavam a passagem da República parlamentar à República dos Sovietes e do ponto de vista económico determinavam a confiscação da terra e a sua distribuição a quem a trabalha e a nacionalização dos bancos e das grandes riquezas acumuladas pelos capitalistas.

Apesar da ira dos mencheviques, que diziam que «a revolução estava em perigo», as teses de Lenine foram aprovadas na Conferência Bolchevique e tomadas para base dos seus trabalhos.

Os grandes movimentos de massas faziam tremer a classe dominante, a burguesia, que ainda continuava a Guerra Imperialista, não obstante os protestos do povo russo contra a Guerra. Então, o Governo provisório tentou acabar com o Partido Bolchevique mandando para Petrogrado companhias de exército e blindados, mas a movimentação era irresistível. A organização do Partido era tal que foram mandados agitadores bolcheviques para o meio das forças do exército e os militares recusaram-se a atirar sobre o povo.

No decorrer de algumas manifestações, grupos de «esquerdistas» lançaram a palavra de ordem de derrube imediato do Governo provisório, mas o Comité Central do Partido Bolchevique condenou asperamente esta conduta, afirmando que era inoportuna e inexacta a palavra de ordem e que isso prejudicaria o trabalho de mobilização dos sovietes.

Entretanto, os mencheviques e os socialistas-revolucionários entraram num Governo provisório de coligação, unindo-se assim no campo da burguesia contra-revolucionária.

Com vista a elaborar a linha do Partido Bolchevique em todas as questões essenciais da Guerra e da Revolução, iniciou-se, em fins de Abril, a VII Conferência Bolchevique.

Nesta Conferência os mencheviques e os socialistas-revolucionários defenderam a tese de que a Rússia não estava ainda madura para a Revolução, que só a República Burguesa era possível na Rússia. Colocavam-se mais uma vez em posição de apoio à burguesia e ao capitalismo. Também os chauvinistas se pronunciaram contra Lenine sobre a questão nacional, porque queriam colher os lucros da guerra de rapina.

No entanto, a Conferência apoiou Lenine e os oportunistas viram-se assim, mais uma vez, derrotados por todos aqueles que seguiam a única linha justa e correcta para a obtenção do poder pelas classes oprimidas. O Partido Bolchevique orientou-se decididamente para a Revolução.

Nesta altura o Partido Bolchevique desenvolveu um trabalho considerável junto das massas, denunciando as manobras de colaboração de classes pregadas pelos reformistas, e organizando-as para a luta. O trabalho do Partido era desenvolvido em todos os locais: sovietes, sindicatos, empresas, exército, marinha, etc. A propaganda do Partido chegava a todo o lado. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários eram expulsos dos sovietes. Manifestações gigantescas foram organizadas onde os reformistas tentavam lançar as suas palavras de ordem a favor do Governo, mas eram silenciadas pelas palavras de ordem bolcheviques.

A burguesia que sentiu os seus privilégios de classe em perigo, perante o avanço da luta dos operários, camponeses, soldados e marinheiros, liderados pelo Partido que defendia os seus interesses, reagiu.

Tentou intensificar a Guerra Imperialista, mas as manifestações continuavam, promovidas pelo Partido Bolchevique, que considerava que a revolução armada não era ainda propícia naquele momento, porque na província não havia ainda apoio total e o exército não estava pronto a apoiar a insurreição armada. Para o Partido Bolchevique a crise económica da burguesia ainda não estava suficientemente madura para a revolução.

Numa dessas manifestações, embora ela tivesse carácter pacífico, as forças militares da confiança do Governo atacaram os operários e os soldados. As ruas de Petrogrado cobriram-se do sangue dos manifestantes.

Depois de reprimida a manifestação, a burguesia, juntamente com os seus capangas — os mencheviques e os socialistas-revolucionários — atacou o Partido Bolchevique. As tipografias do Partido foram assaltadas e saqueadas. Toda a Imprensa do Partido foi proibida. São mortos operários e soldados por venderem jornais do Partido. Contra Lenine é passado um mandato de captura. Lenine é obrigado a esconder-se por ser procurado, com outros bolcheviques, por «alta traição» e por organização de insurreição armada. O Partido Bolchevique passa à clandestinidade.

Ficaram assim definitivamente desmascarados os mencheviques e os socialistas-revolucionários que não representavam senão o interesse da classe dominante: a burguesia, embora se dissessem defensores dos trabalhadores. Ficou também desmascarada a democracia burguesa, que não é senão uma forma mais subtil de exploração das classes oprimidas, utilizada pela burguesia que não tem qualquer problema em reprimir o povo quando este passa os limites das liberdades impostas pela burguesia.

O Partido Bolchevique desenvolveu um intenso trabalho de massas, preparando a insurreição armada. Entretanto, realiza-se o VI Congresso do Partido. Lenine não esteve presente mas dirigiu-o na clandestinidade através de Staline, Molotov e outros.

O Congresso analisou as condições políticas, Staline demonstrou que, apesar da tentativa de esmagamento da revolução por parte da burguesia, o movimento revolucionário se desenvolveu. A situação política do país tinha-se modificado nos últimos meses. Já não havia dualidade de poder. Os sovietes, dirigidos por mencheviques e socialistas revolucionários, tinham-se tornado impotentes. O Governo provisório detinha todo o poder, continuava a desarmar a revolução e a saquear as organizações do Partido, tentando acabar com este. Só restava uma atitude a tomar naquele momento como afirmou Staline: tomar o poder pela força derrubando o Governo provisório. Mas para tal o proletariado devia aliar-se aos camponeses pobres.

Contra esta posição levantaram-se alguns participantes do Congresso, participantes esses, que não representavam senão a influência da burguesia no Congresso.

O oportunista Preobajenski propunha que se incluísse na resolução sobre a tomada do poder, a afirmação que só seria possível fazer a revolução se a revolução proletária rebentasse também no Ocidente. Outra posição trotskista foi a de Bukharine ao afirmar que o campesinato pobre não servia para aliado da classe operária, uma vez que tinha ideias patrioteiras e estava ligado à burguesia.

No entanto, o Congresso rejeitou estas duas propostas e aprovou a resolução de Staline, a única que era de facto revolucionária.

Discutiu-se igualmente o problema se Lenine se deveria apresentar à justiça. Os oportunistas de todas as espécies, Trotski incluído, afirmaram que sim senhor, Lenine devia ir comparecer perante um tribunal burguês contra-revolucionário. O Congresso decidiu a não comparência de Lenine à Justiça, o que teria equivalido à sua condenação à morte.

Foram aprovados os novos Estatutos do Partido com base no centralismo democrático.

Todas as decisões do VI Congresso visavam preparar o proletariado e o campesinato para a revolução armada, para a tomada do poder pela violência, única forma de derrubar a burguesia.

Entretanto a burguesia fazia aumentar a pressão sobre os operários, soldados e camponeses. Em fins de Agosto faz um último esforço, na tentativa de esmagar todas as manifestações revolucionárias. São enviadas para Petrogrado divisões de cavalaria. Os operários armam-se incitados pelo Partido Bolchevique. São, novamente, enviados agitadores para o meio das forças que marcham sobre Petrogrado para explicar aos soldados a verdadeira intenção dessa manobra contra-revolucionária. Em todos os locais se constituem comités revolucionários para se oporem à tentativa da burguesia de abafar o movimento revolucionário. O Partido Bolchevique intensifica o seu trabalho junto das massas denunciando o Governo provisório, os mencheviques e os socialistas-revolucionários.

Devido a este trabalho do Partido Bolchevique, o golpe contra-revolucionário é esmagado; cheios de medo das massas populares os reformistas procuram apoio junto do Partido Bolchevique, mas foi-lhes dado destino semelhante ao de todos os contra-revolucionários. O esmagamento da manobra contra-revolucionária, demonstrou a existência de forças revolucionárias, lideradas pelo Partido Bolchevique, e a existência de forças contra-revolucionárias formadas pela burguesia. O Partido tinha-se tornado a força decisiva da revolução, capaz de esmagar todas as tentativas de golpes contra-revolucionários e capaz de levar ao poder as classes oprimidas. Crescia a influência dos bolcheviques no campo, assim como nos sovietes, onde era maior do que nunca.

No campo o campesinato unia-se cada vez mais em torno do Partido Bolchevique, porque via nele o único partido que podia desembaraçá-los da Guerra. Por seu turno, os camponeses médios, que tinham estado hesitantes até esta altura, aderiram em massa aos bolcheviques.

A revolução crescia em cada dia que passava. Nos Sovietes a influência revolucionária dos bolcheviques substituiu a influência reformista dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários. As cisões nos partidos da coligação sucedem-se. Os anarquistas, de influência mínima, desagregam-se indo muitos deles para o campo da contra-revolução.

Os mencheviques e socialistas-revolucionários tentaram uma nova manobra para travar o ímpeto revolucionário das massas populares, organizando uma «Conferência Democrática da Rússia» com elementos da burguesia e de alguns sovietes. Desta «Conferência» saiu o «Conselho Provisório da República» que seria um Pré-Parlamento. O proletariado, farto destas manobras, ridicularizou mais esta. No seio do Comité Central do Partido Bolchevique foi decidido boicotar o Pré-Parlamento; no entanto, membros do Comité Central não quiseram sair do Pré-Parlamento, no intuito de desviar o Partido Bolchevique dos preparativos para a insurreição armada. O Comité do partido obrigou-os a abandonar o Parlamento. Lenine e Staline consideravam um falta muito grave qualquer participação no Pré-Parlamento, pois isso poderia criar nas massas populares uma falsa ilusão de que o Parlamento iria resolver os seus problemas.

Os bolcheviques preparavam-se arduamente para a insurreição armada. Lenine dirigia todas as tarefas do Partido, do exílio, e transmitia todo o plano concreto da insurreição armada. No princípio de Outubro Lenine chegava a Petrogrado, vindo da Finlândia.

Finalmente a 10 de Outubro teve lugar a sessão do Comité Central do Partido Bolchevique que iria decidir o começo da revolução armada. Na resolução histórica desta sessão redigida por Lenine constava:

> «O CC reconhece que a situação internacional da revolução russa (insurreição na armada alemã como manifestação externa do crescimento em toda a Europa da revolução socialista mundial, ameaça do mundo imperialista de estrangular a revolução russa) assim como a decisão militar (decisão inegável da burguesia russa de Kerenski e consortes de entregar Petrogrado aos alemães) e a conquista da maioria dos sovietes pelo Partido do proletariado — tudo isso associado à sublevação camponesa e à reviravolta da confiança popular em favor do nosso Partido (eleições de Moscovo) e finalmente a preparação de uma segunda aventura Kornilov (retirada das tropas de Petrogrado, transporte de cossacos para esta cidade, cerco de Minsk pelos cossacos, etc. — todos estes factos trazem a insurreição armada à ordem do dia.»

O CC do Partido Bolchevique determinara, pois, que tinha chegado o momento da revolução. Para isso todas as organizações do Partido tomaram medidas de acordo com as instruções do CC.

No entanto, esta decisão não se tomou sem oposição. Com efeito, na reunião do CC dois membros do mesmo insurgiram-se e votaram contra. Também Trotsky, embora não votando contra, tomou uma posição indirecta contra a decisão, ao propor uma

emenda à resolução que dizia para a revolução só começar depois do II Congresso dos Sovietes marcado para finais de Outubro; isto equivalia a adiar a revolução e fazê-la fracassar, além de anunciar ao inimigo a data da revolução.

Delegados do CC foram enviados para toda a Rússia a fim de preparar as organizações locais de modo que estas apoiassem a insurreição que se iria iniciar em Petrogrado. Um Comité militar revolucionário foi constituído. A 16 de Outubro foi criado pelo CC do Partido Bolchevique um Centro do Partido para dirigir a insurreição, chefiado por Staline.

Entretanto a burguesia organizava-se. O problema da mudança da capital para Moscovo, começou a soar na opinião pública, sinal de que o Governo se preparava para entregar Petrogrado aos alemães.

Zinoviev e Kamenev, os dois membros do CC do Partido Bolchevique, que tinham votado e se tinham insurgido contra a resolução de começar a revolução, depois de neutralizados, decidiram pronunciar-se publicamente contra a insurreição. Assim, na imprensa menchevique, a insurreição era anunciada. Por outro lado, também Trotsky, por vaidade, ou por ser a sua verdadeira face política, dá a conhecer ao inimigo a data da insurreição numa sessão do Soviete de Petrogrado. Perante estas denúncias o Comité Central do Partido Bolchevique decidiu antecipar o começo da revolução de um dia.

Assim, a 24 de Outubro, o Governo envia blindados para fechar a sede do órgão central do Partido (A Via Operária), mas os guardas vermelhos, comandados por Staline, repelem o ataque e o jornal sai para a rua.

A insurreição começara. Lenine dirige-a. Os bolcheviques tomam o Palácio de Inverno, onde o Governo se tinha refugiado. A boa organização do Partido Bolchevique vem ao de cima nesta fase da luta. Os operários, soldados e marinheiros combatem lado a lado para a destruição do poder burguês e a instauração do poder das classes oprimidas. A 25 de Outubro, a insurreição tinha saído vencedora em Petrogrado. A burguesia tinha fugido para a província onde esperava encontrar apoio nos camponeses, mas estes também a repelem depois de uma longa luta.

O primeiro estado socialista da História tinha surgido no mundo, abrindo novas perspectivas para as classes oprimidas.

A Revolução Soviética tinha triunfado. Porquê e como? Quais as causas que determinaram a sua vitória?

1.º — A burguesia, que tinha ascendido ao poder em Fevereiro de 1917 após a Revolução Democrática Burguesa, era um inimigo fraco e sem experiência, das classes oprimidas. No sistema capitalista, onde existe uma classe exploradora, a minoria, a viver à custa de uma classe explorada, a maioria esmagadora, a luta de classes impera. Na revolução de Outubro o proletariado e o campesinato tiveram o grande mérito de explorar as fraquezas do adversário: a burguesia.

2.º — À frente da Revolução de Outubro estava a classe operária, já muito calejada da experiência anterior, ao passar por duas revoluções num curto espaço de tempo.

3.º — O grande aliado da classe operária russa fora o campesinato pobre, que constituía a grande maioria da população camponesa. O campesinato apercebeu-se de que nem o Governo, nem os mencheviques, nem os socialistas-revolucionários procuravam opor-se aos grandes latifundiários, apercebeu-se de que só um Partido estava disposto a esmagar os grandes proprietários: esse Partido era o Partido Bolchevique.

4.º — A burguesia internacional estava envolvida numa Guerra Imperialista, não podendo assim participar nos assuntos internos russos.

5.º — À cabeça da classe operária encontrava-se o Partido Bolchevique duramente treinado na luta política. Só um Partido como o Partido Bolchevique muito combativo, capaz de derrubar todos os obstáculos que se lhe deparassem e que representasse os

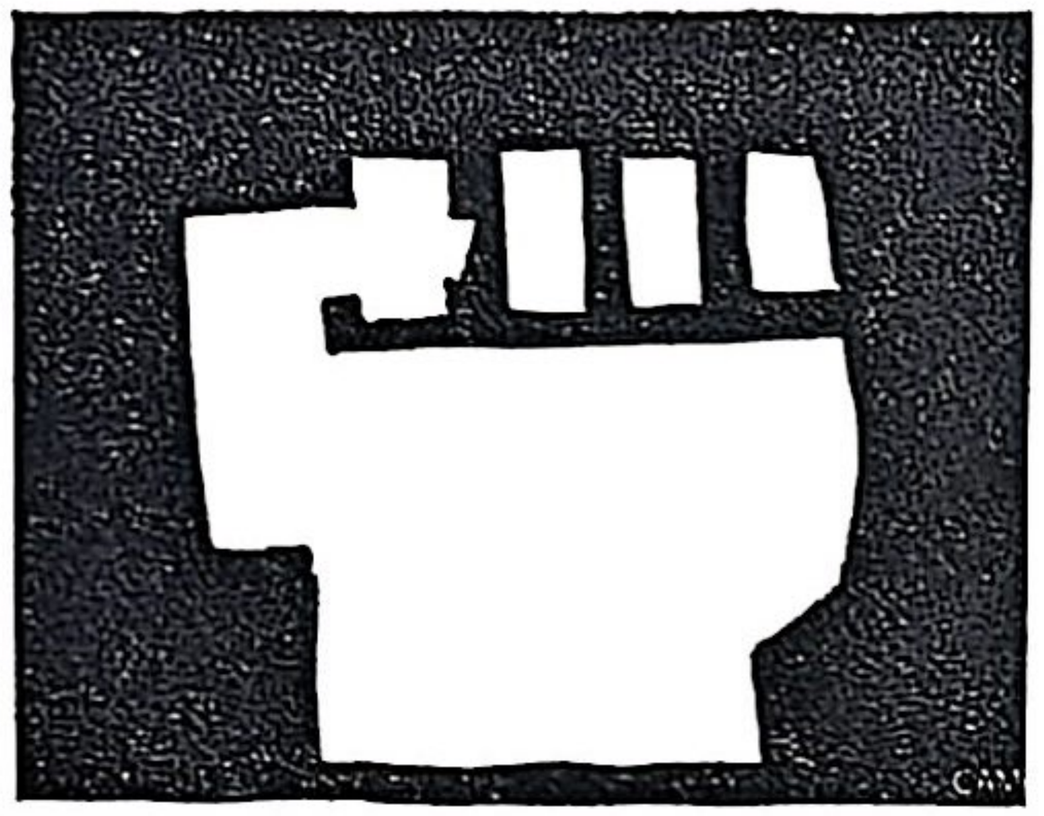
verdadeiros interesses das classes oprimidas podia levar o povo soviético à vitória e à instauração da ditadura do proletariado.

Depois de implantada a ditadura do proletariado, o povo soviético seguiu decididamente na construção do socialismo e do comunismo. Depois da morte de Lenine (1924), Staline foi nomeado secretário-geral do Partido Bolchevique e manteve uma dura luta contra os oportunistas, quer de direita quer de esquerda, revelando-se como o punho de aço de que o proletariado e o campesinato necessitavam para progredir na implantação do socialismo.

A construção do socialismo progrediu bastante e manteve-se até à traição de Krutchev no XX Congresso do PCUS, o maior golpe internacional na ditadura do proletariado e no poder soviético, consumada pela actual clique revisionista, Brejnev, Kosyguine e companhia, fazendo, assim sofrer um retrocesso à construção do socialismo na União Soviética.

Mas o povo soviético, baseado nos princípios do marxismo-leninismo, na experiência da sua própria luta, e no exemplo revolucionário do PC da China e do P.T. da Albânia, saberá dar aos revisionistas soviéticos o caminho que é dado a todos os contra-revolucionários — o caixote do lixo — e implantar de novo a sua ditadura, conquistando o poder através da violência das mãos da nova burguesia czarista. A existência de **comunistas revolucionários**, de **marxistas-leninistas oranizagdos** *, na Rússia, é o primeiro passo na tarefa de reconduzir o país da Revolução de Outubro à via do socialismo, é o primeiro passo no caminho do derrubamento da nova burguesia soviética, que explora e reprime o povo russo. **A vitória está sempre com as forças revolucionárias!**

(*) Ver Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos (Ed. Maria da Fonte).



RESOLUÇÃO DO XI PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA ALBANÊS

CONSIDERAÇÕES DO XI PLENÁRIO

O XI Plenário considera:

1. Que as cartas enviadas ao Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo pelo Comité Central do Partido Comunista Bolchevique da União Soviética têm uma grande importância histórica para a existência do Partido Comunista Jugoslavo, para os partidos comunistas e operários irmãos, para o socialismo e para o nosso Partido, porque:

a) Desmascaram a traição cometida para com o marxismo-leninismo pelo grupo nacionalista trotskista de Tito;

b) São uma defesa justa do marxismo-leninismo, descobrem e desmascaram a facção trotskista nacionalista do grupo de Tito no seio do Partido Comunista Jugoslavo e no seio do campo único do socialismo;

c) São o grande guia do marxismo-leninismo-stalinismo que ilumina o caminho do reconhecimento e a correcção dos seus erros a todos os partidos comunistas; são particularmente salutares para o nosso Partido, porque, guiado por elas, o nosso Partido opera uma transformação indispensável ao corrigir o mais rapidamente possível os graves erros que cometemos sob a influência da direcção do Partido Comunista Jugoslavo, ao tirar-nos das garras do grupo trotskista de Tito e ao encaminhar-nos decididamente no caminho do marxismo-leninismo, gloriosamente indicado pelo Partido Comunista Bolchevique da União Soviética;

d) São uma ajuda inapreciável que o Partido Bolchevique de Lenine e Staline dá ao Partido Comunista Jugoslavo, a todos os partidos comunistas e operários e em particular ao nosso Partido;

e) É indispensável e urgente que o Partido opere a histórica transformação ao analisar profundamente e de modo marxista toda a sua actividade à luz das cartas do Partido Bolchevique e da Resolução do Gabinete de Informação, descobrindo todos os erros cometidos, condenando severamente, numa base de crítica e de autocrítica bolchevique, corajosa, desde a direcção do Partido até às organizações de base, que fixe claramente a orientação a seguir pelo Partido e pelo país com vista a caminhar mais decididamente em direcção ao socialismo e que se mobilize totalmente para a realização desta orientação.

Tendo examinado o relatório circunstanciado apresentado pelo camarada Enver Hoxha sobre toda a actividade do nosso Partido e sobre a sua situação interna à luz das cartas dos camaradas Staline e Molotov, dirigidas ao Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo, em nome do Comité Central do Partido Comunista Bolchevique da URSS e no espírito da resolução do Gabinete de Informação dos partidos comunistas e operários irmãos, «sobre a situação no Partido Comunista Jugoslavo»,

O XI Plenário verifica:

1. O nosso Partido dirigiu de modo justo a classe operária e todo o povo, quer na Luta de Libertação Nacional quer na luta para a reconstrução do país depois da Libertação. Graças à luta heróica do Exército Soviético, graças à ajuda que nos concedeu e nos concede a União Soviética e graças à justa direcção do Partido, o povo obteve grandes vitórias: conquistámos a independência e a liberdade, libertando o país dos ocupantes e dos traidores, instaurámos o poder popular, criámos um exército popular e moderno, realizámos uma série de reformas económicas e sociais, importantes e justas, estamos em vias de edificar a nossa economia e estamos na vanguarda do caminho que conduz ao socialismo.

2. A linha política do nosso Partido, no decurso da Luta de Libertação Nacional, foi justa e a sua linha de organização, em geral, foi correcta. Um certo número de erros, cometidos ao longo da luta, por exemplo o de Mukje, não podem ser considerados como a linha do Partido, mas como erros de alguns dirigentes. De resto, o nosso Partido condenou implacavelmente, e na justa ocasião, esses erros. Depois da libertação do país é a etapa de intervenção directa da direcção jugoslava nos assuntos do nosso Partido e do nosso país que começa. A linha de organização do Partido desenvolve-se segundo a linha de orientação jugoslava. De orientação, em geral, correcta, ela transforma-se em orientação, em geral, não correcta, enquanto que a linha política permanece correcta em geral, até ao fim do ano de 1947, em que a intervenção jugoslava se manifesta sob as formas mais brutais e a nossa linha política é duramente prejudicada durante um período dos mais difíceis. Contudo, em política externa, a nossa orientação foi sempre justa, era a orientação virada para a União Soviética, ainda que recentemente se tenha visto aparecer em alguns dirigentes do Partido manifestações de anti-sovietismo.

3. No decurso da guerra, no seu trabalho, o Partido deparou com obstáculos internos, com a actividade antipartido dos faccionistas e grupúsculos e a actividade errónea de certos dirigentes específicos. Depois da libertação do país o principal obstáculo existente no caminho do Partido era a actividade da direcção jugoslava, a sua intervenção nos assuntos do Partido e a influência da direcção jugoslava na direcção do Partido.

O XI Plenário do Comité Central do nosso Partido verifica que o II Plenário do Comité Central, que decorreu em Berat em Novembro de 1944, marcou o início da intervenção feroz, arbitrária e ilegítima do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo nos assuntos internos do nosso Partido e do nosso Estado e o começo de uma série de erros políticos e organizativos importantes de certos camaradas, principais dirigentes do Partido, como Koçi Xoxe.

O II Plenário do Comité Central foi convocado:

1. Para fazer o balanço das forças no Partido, que conduziu o povo à vitória, para consolidar a organização do Partido e pôr ao Partido, na nova etapa do país, apesar de libertado, as grandes tarefas do governo do Estado livre, do reforço mais cerrado do poder popular, da reconstrução do país, da edificação e desenvolvimento da economia popular.

2. Para proceder à análise marxista da vitória e dos erros que podiam ter sido cometidos no decurso da guerra e para armar o Partido contra as dificuldades que iria encontrar nas novas etapas.

Os justos objectivos do II Plenário foram desviados para a via antimarxista, antipartido e antialbanesa. A realização desses nefastos e perigosos objectivos foi obtida depois de um trabalho de conspiração nos bastidores, sob a forma de uma sociedade organizada sem o conhecimento do Comité Central e do Secretário Geral do Partido. Ela era dirigida contra este último e contra a justa linha aplicada pelo Partido no decurso de toda a Luta. Esta acção, repreensível, contrária às regras do Partido, tinha sido conduzida pelo delegado extraordinário do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo, apoiado por Sejfulla Malëshova, cavaleiro da burguesia, e Koçi Xoxe, Pandi Kristo, etc.,

perigosamente influenciados pelo delegado do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo. Para atingir estes ignóbeis objectivos, o delegado do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo dirigiu o seu ataque contra o Secretário Geral do nosso Partido. Quais eram os objectivos do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo no Plenário de Berat?

a) Liquidar a independência do Partido e do jovem Estado, assegurar a submissão sem reserva do Partido e do Estado às directivas do Comité Central do Partido Comunista e do Estado jugoslavos;

b) Propagar a ideia absoluta de que a luta do Partido e do povo era devida ao Partido Comunista da Jugoslávia e ao seu Comité Central;

c) Vibrar decidido e rude golpe e desacreditar o Comité Central do Partido e o seu Secretário Geral que tinham dirigido a luta, conduzindo o povo à vitória, aplicando uma linha correcta no decurso de todo o período da guerra, lutando para defender a orientação marxista-leninista quanto à independência do Partido e do Estado;

d) Acusar o Partido e a sua direcção da maneira mais caluniosa, segundo a qual a sua orientação política, ao longo da guerra, teria sido errónea: posições oportunistas a respeito de **Balli Kombëtar**, posições sectárias e outras.

Para alcançar esses objectivos, o Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo influenciou uma parte da direcção do nosso Partido, que, tirando pretexto de certos descontentamentos pessoais, certos erros e defeitos que se tinham salientado ao longo da luta e que podiam ter sido facilmente resolvidos no quadro das regras fixadas pelo Partido, deslizou para as posições erróneas do Comité Central jugoslavo.

As conclusões do II Plenário foram fortemente negativas para o nosso Partido:

a) A justa orientação do Partido foi abalada;

b) O Comité Central do Partido e a sua unidade ficaram, também, por sua vez, abalados;

c) O Secretário Geral do Partido, o camarada Enver Hoxha, foi posto em questão, e ao mesmo tempo foi posta em questão a sua posição na direcção do Partido;

d) Introduziram-se no Partido as formas organizativas antimarxistas-leninistas da direcção do Partido Comunista Jugoslavo, os métodos militares no Partido, os métodos putschistas, os pontos de vista oportunistas na orientação do Partido, de que estavam imbuídos os dirigentes jugoslavos e que Sejfulla Malëshova, em particular, ia defender até ao momento em que foi expulso do Partido. Violou-se o centralismo democrático no nosso Partido e abafou-se a crítica e autocrítica, incitou-se e favoreceu-se os pontos de vista pequeno-burgueses: a ambição, a presunção, o arbítrio, a arrogância, etc.

Os grandes erros políticos e organizativos do II Plenário tiveram como resultado imediato o facto de, durante a importante etapa da Libertação da Albânia, o Partido ter tido à frente uma direcção não monolítica, a que faltava unidade e confiança.

As posições do Secretário Geral do Partido foram sabotadas, não se tinha confiança nele. Esta situação deu lugar, entre os principais dirigentes do Gabinete Político, às perigosas tendências para ocupar de facto o lugar do Secretário Geral ou de desempenhar o papel do Secretário Geral. Num terreno perigoso como este, tomaram lugar e desenvolveram-se a ambição, o carreirismo, os rancores pessoais, os ataques de carácter pessoal, a desconfiança e, em primeiro lugar, a desconfiança para com o Secretário Geral do Partido. É num terreno perigoso como este que o oportunista Sejfulla Malëshova pôde prejudicar o Partido... Foi num terreno perigoso como este que Koçi Xoxe monopolizou as tarefas, subestimando e negligenciando o papel principal de dirigente do Secretário Geral. É num terreno perigoso como este que se pôde subestimar e esquecer os méritos e o papel dos outros membros do Gabinete Político e do Comité Central. Não havia unidade no Gabinete e no Comité Central, eles não desempenhavam o seu verdadeiro papel. O Partido não tinha uma direcção única, não havia centralismo democrático no Partido, não havia disciplina de ferro, não havia crítica e autocrítica bolcheviques, sãs.

Durante este período, o Comité Central da Jugoslávia, por intermédio do seu delegado, trabalhou incansavelmente para manter uma situação que foi favorável para si e perigosa para o nosso Partido.

Para encaminhar na justa via marxista-leninista a desorientada direcção do nosso Partido, o Secretário Geral do Partido, o camarada Enver Hoxha, apresentou, em Junho de 1946, ao Gabinete Político, as suas Teses sobre a revisão do Plenário de Berat. O conteúdo das Teses do camarada Enver Hoxha que tinham por objectivo corrigir o mais cedo possível os erros cometidos no II Plenário pode ser sucintamente [1] formulado como segue:

1. As divergências e desacordos no Gabinete e o trabalho hostil de Sejfulla Malëshova tinham por fonte o II Plenário.
2. O trabalho do delegado do Comité Central da Jugoslávia era hostil.
3. No II Plenário foi abalada a justa orientação do Partido, foi abalada a direcção e o Secretário Geral do Partido.
4. Não havia unidade no Gabinete Político, crítica e autocrítica.
5. O Plenário de Berat fez surgir a questão do emparcelamento no trabalho de direcção do Partido e a dualidade partido-poder.
6. Tendo-se tornado visíveis os erros de organização, é necessário corrigi-los o mais depressa possível.

Estas teses, justas, não foram aceites nem por Koçi Xoxe nem por Pandi Kristo, nem pelo camarada Nako Spiru, que se degladiavam com querelas perigosas e não-marxistas. Estes três camaradas mantiveram-se nas velhas posições do II Plenário de Berat e não tiveram a coragem bolchevique necessária para fazer a crítica e autocrítica perante o Gabinete Político e o Secretário-Geral a propósito do seu perigoso trabalho conduzido nos bastidores, por ocasião do II Plenário de Berat. Isso fez com que a crítica passasse para um plano pessoal e privou de qualquer sucesso as Teses e a revisão das conclusões do Plenário de Berat.

O camarada Nako Spiru reconheceu os seus erros. Aproximou-se com mais confiança do Secretário-Geral e, ainda que inclinado a encarar num plano pessoal grande número de factos, devido a uma ambição doentia, certos pontos de vista erróneos a propósito da questão dos quadros e de uma certa dose de pessimismo, não se enganará mais, daqui em diante, a respeito da linha política do Partido. Koçi Xoxe e Pandi Kristo persistiram com mais obstinação na via errónea, não tendo suficiente confiança no Secretário-Geral, não compreendendo e não utilizando como seria necessário a arma da crítica e da autocrítica, a luta das contradições no seio do Partido, luta que eles sempre tinham considerado num plano pessoal e como sendo organizada contra eles por Nako Spiru. Isso levou-os a ambos a enganarem-se redondamente a propósito da linha política e organizativa no VIII Plenário do Comité Central.

AS RELAÇÕES ECONÓMICAS E POLÍTICAS COM A REPÚBLICA FEDERATIVA DA JUGOSLÁVIA E COM O PARTIDO COMUNISTA JUGOSLAVO

Depois da fundação do Partido até ao VIII Plenário do Comité Central, tínhamos considerado com a maior confiança as relações entre o Partido e o Estado por um lado, e o Partido Comunista e o Estado Jugoslavo por outro, como relações justas no seio do campo socialista e das democracias populares e sempre sob o ângulo justo e clarividente da política da União Soviética, cérebro e coração do campo socialista no mundo, que salvou os nossos povos da pesada escravidão do fascismo. Mas os objectivos levados a cabo pela direcção jugoslava foram nefastos

[1] Na edição em língua albanesa.

para o nosso país e as relações entre os dois países foram por ela falseadas numa via antimarxista e antialbanesa.

1. O nosso país devastado pela guerra e empobrecido podia ter sido reconstruído e poder-se-ia ter posto de pé uma economia socialista, em primeiro lugar com a ajuda da União Soviética e das democracias populares, entre as quais havia também (¹) a Jugoslávia Federativa, nossa vizinha. Esta ajuda foi-nos fornecida pela União Soviética por intermédio da Jugoslávia e ia ser realizada depois da conclusão do Tratado de Amizade e Assistência Mútua assinado no dia 9 de Julho de 1946 entre a República Popular da Albânia e a República Federativa da Jugoslávia. Esse tratado era justo. Depois desse tratado, as nossas duas repúblicas assinaram a convenção económica que fixava as modalidades da cooperação económica e a ajuda que nos concedia a Jugoslávia. O nosso Comité Central aceitou com grande confiança a convenção económica e as formas de crédito e de cooperação, mas pediu que fossem determinadas as formas desse crédito e opôs-se, na prática, à aplicação dos protocolos de unificação dos preços, de paridade das moedas e de união aduaneira. Também isso, bem como o protocolo sobre a coordenação dos planos que foram deformados em consequência da via antimarxista seguida pela direcção do Partido Jugoslavo, constituíam a arma para a supressão da independência económica e política do nosso país: é o que está a levar a cabo o grupo trotskista de Tito.

Sob a capa desse crédito os objectivos prosseguidos pela política do Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo foram antimarxistas, imperialistas, exploradoras e colonialistas em detrimento do nosso povo.

Esses fins eram os seguintes:

a) A nossa economia não devia desenvolver-se senão no escalão da economia jugoslava, sendo determinada por ela e ficando na sua dependência;

b) A exploração das riquezas do subsolo do nosso país devia servir para abastecer em matérias-primas a Jugoslávia e privar assim o nosso país de qualquer perspectiva e possibilidade de industrialização e electrificação;

c) A nossa agricultura devia conservar o seu atraso e ao mesmo tempo produzir as culturas industriais susceptíveis de servir de matérias-primas à indústria jugoslava;

d) A Albânia devia ficar à mercê da Jugoslávia e fazer-se abastecer de trigo e produtos manufacturados de importação, da conveniência da Jugoslávia e com os preços por ela fixados;

e) Para tornar este sistema de exploração capitalista e colonial tão completo quanto possível, o Comité Central do Partido Comunista Jugoslavo esforçou-se por isolar o nosso país política e economicamente da União Soviética e dos países de democracia popular.

O ano de 1947, que foi o da aplicação dos acordos económicos com a República Popular Federativa da Jugoslávia, foi caracterizado por choques e por uma luta entre o Comité Central do nosso Partido que lutava pela defesa da independência económica e política do nosso país contra os pontos de vista antimarxistas, antialbaneses e anti-soviéticos do grupo nacionalista de Tito, que pretendia implantar o regime colonial no nosso país. A justa luta do Comité Central do Partido desenvolveu-se nas seguintes circunstâncias:

a) O Partido e o povo desenvolveram esforços extraordinários para realizar o Plano económico do Estado para o ano de 1947, com as suas próprias forças e lutando contra os sabotadores e os trotskistas jugoslavos, lutando contra o governo da República Federativa da Jugoslávia, que não mantinha as suas promessas e violava o acordo sobre a realização do crédito de dois mil milhões concedido ao nosso Estado, crédito de que o grupo trotskista de Tito se serviu para fazer chantagem e pressões na direcção do nosso Partido, perante o Partido e o povo albanês.

(¹) Na edição em língua albanesa.

Esse crédito não foi inteiramente concedido e nunca chegou no tempo desejado.

b) O Plano económico do Estado para o ano de 1947 foi realizado numa medida satisfatória graças ao entusiasmo e ao heroísmo das massas, do Partido e do povo, e graças à inestimável ajuda dos conselheiros soviéticos que ensinaram os nossos quadros a vencer as dificuldades, a lutar pelo povo, a lutar pela defesa da justa linha marxista-leninista do nosso Partido; foi assim que adquirimos a experiência necessária para ver as coisas sob o seu verdadeiro aspecto, para combater os sabotadores trotskistas e os colonialistas jugoslavos;

c) O grupo trotskista de Tito, nesta luta de princípio que o nosso Comité Central conduzia contra ele, encontrando-se na impossibilidade de ganhar a partida, recorreu à ameaça directa contra o Comité Central do nosso Partido, fazendo contra ele uma primeira acusação na qual pretendiam que a orientação do nosso Partido estava prestes a ser falseada e que uma segunda orientação aí se cristalizava. O Gabinete Político do Partido, apesar da sua falta de unidade e dos subterfúgios de certos camaradas quando se tratava de adoptar as decisões tomadas pelo Gabinete, repudiou esta acusação injusta do Partido Comunista da Jugoslávia.

O camarada Enver Hoxha, o camarada Nako Spiru e bastantes outros camaradas do Gabinete Político e do Comité Central estiveram à cabeça desta luta de princípio contra as tendências do grupo de Tito na exploração colonialista.

Foi numa situação como esta que a direcção trotskista jugoslava preparou o vil ataque contra a justa linha marxista-leninista do Partido, contra o dirigente do Partido, o camarada Enver Hoxha, e contra o camarada Nako Spiru.

As formas de ataque do grupo trotskista de Tito e as acusações contra o Comité Central do Partido consistiam:

1. O Partido era acusado abertamente de lutar pelo reforço das relações com a União Soviética em todos os domínios e por aumentar a afeição pela União Soviética, o Partido Bolchevique e o camarada Staline. O frenético antisovietismo do grupo trotskista de Tito e dos seus delegados na Albânia manifestou-se com a mais feroz brutalidade em todos os sectores: contra os conselheiros civis e militares soviéticos, contra o sistema soviético, contra as relações económicas com a União Soviética. Os trotskistas jugoslavos acusaram abertamente o camarada Enver Hoxha de ter, após o seu regresso de Moscovo, modificado a política em relação à Jugoslávia.

2. O grupo trotskista de Tito acusou o Partido de ter tolerado a criação de uma frente antijugoslava no nosso país, e, em seguida, o governo ter praticado para com a Jugoslávia uma política diametralmente oposta às aspirações do povo albanês. Acusaram o governo de seguir uma política que o levava a afastar-se da Jugoslávia, uma política que levava à deterioração das relações entre os povos albanês e jugoslavo. Acusaram o governo albanês de ter elaborado um projecto do plano quinquenal irrealista e autárquico, que levava a nossa economia a desligar-se da economia jugoslava. Acusaram o governo e o Partido de se orientar, no domínio cultural, para a cultura burguesa ocidental.

O grupo trotskista de Tito acusava abertamente o camarada Nako Spiru de ser um colaborador do inimigo.

Os objectivos levados a cabo pela direcção traidora do Partido Comunista da Jugoslávia, com estas acusações ignóbeis ao Comité Central do Partido, eram as seguintes:

1. Fazer do país uma colónia da Jugoslávia, obrigá-lo a submeter-se às ordens e às directivas de Belgrado e pôr fim à sua independência.

2. Tornar a Albânia inteiramente dependente, no plano político e económico, da Jugoslávia, separá-la do campo socialista, torná-la inimiga da União Soviética, guia do campo democrático e a sua maior força, arrastar o Partido e o povo na via antimarxista e antisoviética.

3. Apressar a união da Albânia com a Jugoslávia numa via antimarxista-leninista, contra a vontade do povo albanês, levar o nosso país a reboque da sua própria traição, sob pressão de chantagens económicas e políticas, por provocações de toda a espécie no plano internacional, sob a pressão do receio suscitado por uma pretensa tendência da União Soviética em sacrificar a Albânia perante o perigo eminente por eles invocado.

4. Para atingir estes objectivos, o grupo nacionalista de Tito devia fazer vergar a vontade e inclinar os pontos de vista justos do Comité Central do Partido e do camarada Enver Hoxha, que consideravam um grande obstáculo. O grupo de Tito procurava eliminar, ao mesmo tempo que ao camarada Enver Hoxha, os camaradas Nako Spiru, Mehmet Shehu e outros que estavam solidários com a justa linha política do Partido, que lutavam por ela, camaradas que os dirigentes trotskistas jugoslavos consideravam como um grande obstáculo.

5. Para atingir os seus vis e diabólicos objectivos, o grupo de Tito e os seus representantes oficiais na Albânia contavam com a situação de tensão, muito perigosa, que existia no seio do Gabinete Político do Comité Central do Partido, situação que era devida, antes de mais, às suas vis intrigas. Criaram, no Gabinete, uma grave psicose de dissenções e ameaças, incitaram as paixões e as ameaças, aumentaram as suspeitas e desconfianças de Enver Hoxha, Nako Spiru, etc., contra os camaradas Koçi Xoxe e Pandi Kristo e estes dois, influenciados ao máximo pelos jugoslavos, cometeram então uma grave falta: caíram na armadilha lançada pelo grupo nacionalista de Tito e tornaram-se os instrumentos mais ferozes da defesa desta linha hostil, antialbanesa, antisoviética dos Jugoslavos. Na situação assim criada, e dadas as difíceis circunstâncias em que se encontrava, circunstâncias essas engendradas pelos Jugoslavos e pelo Gabinete Político do Partido, o camarada Nako Spiru não pôde resistir, como o devem fazer os comunistas nas situações difíceis. Nako Spiru foi vítima de uma vasta intriga dos Jugoslavos, suicidou-se, grande erro da sua parte, erro inadmissível para os comunistas. O suicídio de Nako Spiru causou um grande prejuízo ao Partido e foi objectivamente uma ajuda involuntária à tese hostil dos Jugoslavos. Perante estas pressões e chantagens, perante estes trágicos acontecimentos que se produziam pela primeira vez na vanguarda do nosso Partido, a resistência do Gabinete Político, do Comité Central do Partido e do Secretário Geral Político cedeu diante da vontade do grupo trotskista de Tito.

Nestas circunstâncias, o Comité Central do Partido, reunido no seu VII.º Plenário, foi levado a aprovar o trabalho hostil do grupo trotskista de Tito para com o Partido, o país e a União Soviética.

1. O Comité Central do Partido aceitou em bloco sem discussão a baixa acusação dos Jugoslavos contra o Comité Central do Partido. Como consequência foi com a maior violência que foi atacada a justa orientação que tinha permitido ao Partido mobilizar-se e alcançar vitórias.

2. No Comité Central do nosso Partido, então com orientação antimarxista e com posições impostas pelos dirigentes trotskistas jugoslavos, toda a luta foi dirigida não na base do marxismo-leninismo, mas sob o arrebatamento das paixões contra o Secretário-Geral do Partido e os camaradas Nako Spiru, Mehmet Shehu...

3. O camarada Nako Spiru que se tinha enganado no II Plenário de Berat, tal como os outros camaradas, mas que mais tarde defendeu com grande firmeza os interesses do povo e do Partido, foi rudemente acusado ao ponto de ser qualificado de espião. Um certo número de erros que poderiam ter sido corrigidos num ambiente são, um certo número de divergências de carácter pessoal e certos descontentamentos que deixava transparecer, as críticas que fazia sobre o trabalho e sobre os homens, tudo isso foi exagerado e conduzido no plano político com virulência por Koçi Xoxe e Pandi Kristo. A defesa sã dos interesses do povo e do Partido que Nako Spiru tinha assegurado, tornou-se um argumento contra ele sendo utilizado enquanto grave acusação contra ele.

4. Foram feitas graves acusações contra o camarada Mehmet Shehu e outros, qualificaram-nos de colaboradores próximos de Nako Spiru, de coveiros do Partido, de terem atacado a linha do Partido...

5. O Secretário-Geral do Partido, o camarada Enver Hoxha, que tinha defendido a linha justa do Partido e lutado nesse sentido, foi acusado de se ter enganado redondamente, de ter permitido que Nako Spiru e os seus companheiros atacassem o Partido e a sua justa orientação, de se encontrar totalmente sob a influência de Nako Spiru. A resistência e a luta conduzidas pelo camarada Enver Hoxha contra o grupo de Tito, que se propunha pôr fim à independência do nosso Partido e do país, tornaram-se argumentos contra ele. O Secretário-Geral do Partido era atacado pela segunda vez pela direcção trotskista jugoslava.

6. Koçi Xoxe que deu o tom à análise do VII Plenário fez avançar nesse Plenário a tese da existência de uma facção perigosa, sob muitos aspectos, à cabeça do Partido, o que significava: Nako Spiru e os outros camaradas tinham organizado uma facção perigosa contra o Partido, na presença do Secretário-Geral do Partido. Não se especificava que o Secretário-Geral do Partido, o camarada Enver Hoxha, era um cisionista, mas era evidente que à frente da pretensa facção se encontrava o Secretário-Geral do Partido.

7. Antes e depois da análise, preparou-se e mobilizou-se o Partido para o fazer aceitar as teses erróneas do VIII Plenário, pronunciando discursos perante a Escola do Partido e todo o Partido, dando o alarme motivado por uma pretensa falsa situação no Partido, e semeando perigosos pontos de vista anti-soviéticos, que se iriam manifestar sob diferentes formas depois da análise do VIII Plenário.

OS RESULTADOS DO VIII PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL

A resolução do VIII Plenário do Comité Central orientou o Partido numa via errónea e durante um certo tempo a orientação do Partido foi deformada. Para a grande viragem operada para a justa via marxista-leninista, o Partido é devedor das cartas ao Partido Bolchevique...

(Essas cartas lançaram luz no sentido seguinte) [1]:

1. A linha política e económica adoptada no VIII Plenário era totalmente errónea, antialbanesa, antimarxista e anti-soviética.

2. As acusações do grupo trotskista de Tito eram calúnias, chantagens e visavam colonizar a Albânia pelos métodos fascistas, imperialistas.

3. O VIII Plenário e a sua resolução conduziam o Partido e o povo para as posições anti-soviéticas e para a via da solidariedade com o grupo trotskista de Tito.

4. A existência de uma facção à frente do Partido era um **bluff** muito perigoso.

5. O VIII Plenário e a sua resolução atacaram a unidade do Partido, o centralismo democrático, a democracia interna do Partido. Abafaram a crítica e a autocrítica, reforçaram os métodos militares na direcção, o controle dos órgãos de Segurança sobre o Partido, violaram os princípios de organização do Partido e levaram o Estado para a via de um Estado policial. Os órgãos de Segurança do Estado, arma muito preciosa e querida do Partido, enveredaram por uma via errónea e prejudicial.

6. O VIII Plenário e a sua resolução acusaram gravemente, por erros que não tinha cometido, o camarada Enver Hoxha, desacreditaram-no aos olhos do Partido, abalaram as posições do Secretário-Geral. Era a primeira etapa desejada pelo grupo trotskista de Tito.

7. O VIII Plenário e a sua resolução provocaram no Partido uma psicose não marxista em relação aos intelectuais co-

---

[1] Na edição em língua albanesa.

munistas, que eram considerados como suspeitos, como inimigos da classe operária. O Partido estava assim orientado numa via sectária em matéria política de quadros.

8. Devido a um tal trabalho hostil do Comité Central Jugoslavo, o Partido perdeu um bom camarada e um dirigente, Nako Spiru. Apesar dos seus defeitos e erros, que podiam ter sido corrigidos, teria prestado grandes serviços ao país e ao Partido.

9. O VIII Plenário e a sua resolução eram uma vitória para os trotskistas jugoslavos que fizeram adoptar no nosso Comité Central formas de organização económica de maneira a conduzir à liquidação do nosso Governo transitório sob a orientação dos trotskistas jugoslavos.

10. O VIII Plenário e a sua resolução obrigaram o Comité Central do nosso país a aceitar a unificação do exército albanês e do exército jugoslavo. Começou-se a aplicar medidas tomadas nesse sentido.

11. A vitória dos Jugoslavos não iria ter longa duração. O Comité Central do Partido começou a aperceber-se das intenções hostis dos dirigentes trotskistas jugoslavos. O camarada Koçi Xoxe começou, a partir desse momento, a fazer a viragem e a solidarizar-se [1] com o Secretário-Geral do Partido e com o Gabinete Político para retomar a resistência contra os desígnios do grupo trotskista de Tito. Esta resistência da parte do Gabinete Político e do Comité Central intensificou-se. Adquiriu realmente uma forma violenta e justa aquando da chegada das cartas do Partido Comunista Bolchevique da União Soviética.

12. No decurso deste turbilhão, o Partido e o povo não perderam de vista em momento algum a orientação da aliança com os povos irmãos da Jugoslávia. O Partido e o povo souberam fazer a distinção entre os povos da Jugoslávia e o grupo faccionista trotskista de Tito.

[1] Koçi Xoxe, para cobrir as suas actividades hostil e conservar as suas posições no Partido, simula solidarizar-se com o Secretário-Geral, o camarada Enxer Hoxha. (Nota da ed. albanesa.)

O Partido e o povo salvaguardaram e reforçaram cada vez mais a aliança e a fraternidade com os povos da Jugoslávia, aos quais nos uniram a luta e o sangue derramado em conjunto, pela liberdade, independência e verdadeira democracia.

Nestes momentos, para eles penosos, os povos da Jugoslávia e os camaradas marxistas internacionalistas jugoslavos devem estar certos da grande fidelidade do nosso Partido e do nosso povo ao seu bem, ao bem do campo socialista. Para defender os princípios do marxismo-leninismo, intensificaremos sempre mais a nossa luta contra o grupo faccionista trotskista de Tito, cavaleiro do imperialismo.

O XI PLENÁRIO VERIFICA:

As nossas relações com a Jugoslávia, a influência directa da direcção trotskista jugoslava na direcção do nosso Partido e a confiança excessiva da nossa direcção na direcção do Partido Comunista Jugoslavo conduziram inevitavelmente a grandes erros em matéria de organização.

1. Ainda que ao longo da sua existência, o nosso Partido tenha tido uma linha e uma orientação justas, depois do VIII Plenário a linha política do Partido, nesse sentido, foi alterada por manifestações anti-soviéticas devidas à influência da direcção jugoslava.

a) As manifestações anti-soviéticas foram evidentes na Direcção política do Exército que se encontrou sob a forte influência dos Jugoslavos, e se deixou orientar por eles no seu trabalho. A orientação da Direcção política do Exército, sob a influência dos trotskistas jugoslavos tinha por objectivo suprimir a independência do nosso Exército e do nosso país, subestimar o papel do Exército Soviético e o da União Soviética, provocar as advertências dos conselheiros soviéticos. A Direcção política do nosso Exército encontrou-se em conflito com o Estado Maior General que se orientava correctamente em matéria política e militar e defendia a justa linha do Partido no domínio militar. A principal responsabilidade por graves erros tais como as manifestações de anti-sovietismo no domínio militar recaem sobre o camarada Kristo Themelko, membro do Gabinete Político e chefe da Direcção política e em seguida sobre o camarada Pullumb Dishnica, sub-director da Direcção política.

b) A Comissão de Controle do Estado assinou com uma comissão de controle enviada pela direcção jugoslava, para controlar as sociedades mistas, um importante documento anti-albanês, anti-marxista e anti-soviético. A responsabilidade deste grave erro recai sobre Pandi Kristo e é ainda agravada por Pandi Kristo ter cometido esta atitude sem a aprovação do Gabinete Político.

c) Sob a pressão de chantagens económicas a que os jugoslavos se tinham entregue, o Gabinete Político do Partido, aceitou, contudo sem nenhuma convicção, a sugestão jugoslava de rejeitar conselheiros civis soviéticos do nosso país, não admitindo senão a presença de técnicos civis soviéticos.

Facto notável, o Gabinete Político, tendo à frente o camarada Enver Hoxha, não aceitou, apesar das pressões do grupo de Tito, a partida dos conselheiros militares soviéticos do nosso país. Aliás, sublinhou, que essas manifestações de anti-sovietismo não atingiram em nada o Partido e o povo que sempre estiveram virados para a União Soviética e sentiram uma crescente afeição pelo Partido Bolchevique e o grande Staline.

2. Entre todos os erros que se manifestaram no Partido, os mais graves e prejudiciais foram os que diziam respeito à linha de organização do Partido, linha essa que era quase idêntica à linha de organização do Partido Comunista Jugoslavo. Koçi Xoxe tem uma grande responsabilidade por estes graves erros em matéria de política dos quadros e da linha de organização.

a) O grande erro é devido ao facto do Secretário na Organização do Partido ter sido simultaneamente Ministro do Interior e desta forma organizacional anti-marxista ter prejudicado a linha de organização do Partido. O secretário na Organização do Partido tinha-se instalado em posições privilegiadas, tinha centralizado o trabalho nas suas mãos, usurpando então as atribuições do Secretário-Geral do Partido e o Partido encontrava-se de facto sob o controle da Segurança do Estado. Esta forma de organização teve as seguintes consequências: a vigilância revolucionária no Partido enfraqueceu, foi substituída pela informação policial. Além disto, esta forma de organização despertou um sentimento de receio nos membros do Partido, prejudicou a democracia interna no Partido e abafou a crítica e a autocrítica; foram introduzidos métodos militares na direcção. Por outro lado, vibrou um duro golpe no princípio fundamental, sobre o qual está edificado o Partido: o centralismo democrático. Incitou à megalomania e suscitou o sentimento de privilégio entre numerosos camaradas da Segurança do Estado, a ponto dos seus serviços controlarem os órgãos do Partido e os seus membros. Esta forma de organização conduzia ao aparecimento da burocracia no Partido, à aparição do arrivismo e do servilismo.

b) No Partido, nem sempre tiveram lugar eleições democráticas para os órgãos dirigentes da base ao topo; depois da libertação do país, em particular, elas foram substituídas por nomeações e admissões. Essas admissões tiveram lugar, igualmente, no Comité Central.

c) O Comité Central não funcionou como órgão principal e dirigente e o seu papel foi subestimado pelo Bureau Político.

d) Os órgãos dirigentes do Partido não deram conta, regularmente, da sua actividade à organização e quando o fizeram faltou-lhes a crítica e a autocrítica, sãs.

e) A disciplina no Partido não foi uma disciplina de ferro, livremente consentida, mas antes mecânica e isso era devido à ausência de democracia interna, de crítica e autocrítica bolcheviques.

f) Em numerosos casos espezinhavam-se os direitos do membro do Partido cuja

voz não era escutada pelo responsável, não era encorajado, não era instruído suficientemente no trabalho.

3. No Partido não se dispensou a atenção desejada ao trabalho colectivo, sobretudo na direcção do Partido. Resultado: foi feito na direcção um trabalho pessoal e não judicioso. Devido a um tal método de trabalho no Bureau político e no Comité Central, o trabalho de organização do Partido escapou ao são controle do Bureau Político, do Comité Central e do Secretário-Geral do Partido; o problema dos quadros foi assim resolvido de maneira pessoal. Um tal trabalho no Bureau Político teve também as suas repercussões na base no Partido.

4. Igualmente na política dos quadros se revelaram erros, como a ausência de um trabalho são de educação dos quadros, a repartição não fundada em justos critérios dos quadros, a maneira inadequada de tratar os quadros, praticando-se também uma política estreita na base das relações pessoais para a designação dos quadros de diferentes funções.

5. Faltou, na direcção do Partido, a unidade sã, quer antes quer depois do VIII Plenário. Antes do VIII Plenário a falta de unidade foi devida aos camaradas Nako Spiru, Koçi Xoxe, Pandi Kristo, e depois do VIII Plenário aos camaradas Koçi Xoxe e Pandi Kristo que, sendo ardentes combatentes da defesa dos pontos de vista jugoslavos, isolaram o Secretário-Geral do Partido, menosprezaram o seu papel e arvoraram-se em salvadores, como tendo salvado o Partido contra a facção que se encontrava à cabeça do Partido, facção essa que não tinha existido no Partido.

6. Faltou, no Partido, o trabalho sistemático, são, para o levantamento do nível ideológico dos membros do Partido. Não se compreendeu inteiramente que «SEM TEORIA REVOLUCIONÁRIA NÃO HÁ MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO» (¹) como Lenine nos ensina. Não se tirou suficiente proveito da experiência do Partido Bolchevique para o trabalho ideológico e político. O trabalho de agitação e propaganda foi muito fraco, sobretudo no campo.

7. No que respeita à luta de classes, o Partido considerou-a sempre com lucidez e entre nós a luta de classes exacerbou-se sempre mais, porque a via de transição do capitalismo para o socialismo passa através de um agravamento inevitável da luta de classes, agravamento que se vai acentuando e não diminuindo.

Contudo, entre nós produziu-se um certo número de erros sob a influência directa dos trotskistas jugoslavos, como por exemplo na questão das cooperativas rurais de trabalho, em que nos baseámos no erróneo sistema cooperativista jugoslavo. Assim, por este motivo, nas cooperativas rurais de trabalho, o trabalho efectuou-se colectivamente, enquanto que a repartição dos lucros não se fez inteiramente na base do trabalho, mas 60% na base do trabalho e 40% na base da terra, o que não é absolutamente justo do ponto de vista dos princípios e dá lugar à especulação e à aparição do capitalismo no seio das cooperativas. Não nacionalisámos a terra pela via legal, ainda que a lei proiba a venda e a compra de terra. Por outro lado é necessário sublinhar que no sistema fiscal, no que respeita às explorações agrícolas até estes últimos tempos, a proporção dos impostos não foi equitativa,

(¹) O Partido considerou sempre a luta de classes como uma força motriz essencial da sociedade ao longo de todo o período de transição do capitalismo para o socialismo, como um fenómeno objectivo relacionado com a presença das classes exploradoras ou dos seus destroços, com a existência do imperialismo e de agentes do imperialismo, com a existência do largo sector dos pequenos produtores, com a existência das sobrevivências burguesas e pequeno-burguesa na consciência das pessoas. A tese segundo a qual a luta de classes ao longo do período de transição do capitalismo ao socialismo se agrava, foi confirmada mais tarde pela experiência do desenvolvimento da edificação socialista no nosso país e nos outros países. Esta experiência confirma que a luta de classes se desenvolve com retrocessos, que comporta altos e baixos, quer atenuando-se, quer agravando-se em função da resistência que opõem os inimigos de classe, quer no país quer no exterior, mas que ela não cessa e não se extingue nunca.

pois estes pesavam mais sobre o camponês pobre do que sobre o camponês rico, deixando assim a este último o privilégio de se enriquecer e à especulação a possibilidade de sobreviver no campo.

8. Na questão do papel dirigente do Partido, o Partido não se enganou no princípio e considerou sempre o Partido como a vanguarda do proletariado e como a força principal do país e da Frente Democrática.

No que diz respeito à Frente, o Partido considerou-a sempre como a larga organização das massas operárias, camponesas e intelectuais patriotas sob a direcção do Partido. Mas temos de reconhecer que ocultámos esse grande princípio, recorrendo, por erro, às formas organizativas tomadas da organização da Frente na Jugoslávia. Cometemos um erro mantendo o Partido numa situação de semi--clandestinidade, não nos apresentámos abertamente com o estandarte do Partido; as decisões do Partido não eram publicadas, dissimulávamos ao povo o título de membro do Partido e ocultávamos os organizadores do Partido com os da Frente.

9. Deve-se sublinhar igualmente que, mesmo depois das cartas do Partido Comunista Bolchevique da União Soviética e da Resolução do Bureau de Informação, o Bureau Político viu-se obrigado, durante bastante tempo, a dispender grandes esforços para fazer compreender as cartas históricas aos camaradas do Bureau que se tinham enganado e que permaneciam nas antigas posições no que diz respeito aos erros que se tinham revelado no Partido. Aliás, mesmo depois da transmissão dessas cartas e da Resolução do Bureau de Informação pelo Comité Central a todo o Partido, numerosos camaradas do Partido e sobretudo dirigentes, não compreenderam, como seria necessário, a situação, mantiveram sempre os pontos de vista erróneos do VIII Plenário e continuaram e continuam a cometer erros.

10. O ataque injusto de que foi alvo o Secretário-Geral do Partido, causou em muitos casos graves prejuízos à direcção do Partido, e isso teve como consequência um ponto de vista inteiramente erróneo sobre o papel de direcção única do Partido. Criou-se no seio do Partido a opinião de que este tinha dois dirigentes, o camarada Enver Hoxha e Koçi Xoxe: o primeiro dirige o Estado, o segundo o Partido. Um tal ponto de vista é antipartido. O Partido é dirigido pelo Comité Central e à cabeça do Partido não há dois dirigentes, mas um dirigente, o Secretário--Geral do Partido. Todos os outros são secretários do Partido ou membros do Comité Central e do Bureau e formam, todos em conjunto, a direcção única do Partido: o Comité Central...

Atendendo a todas as verificações e considerações precipitadas, à situação em que vive e age o nosso Partido, bem como os objectivos que deve atingir no actual e futuro estado de coisas,

O XI PLENÁRIO DECIDE:

1. Mobilizar todas as organizações do Partido para explicar amplamente a todas as massas trabalhadoras o verdadeiro papel desempenhado, quer durante a guerra quer hoje em tempo de paz, pela União Soviética, pelo Partido Bolchevique e pelo grande Staline.

a) Educar todos os membros do Partido e as organizações da Frente Democrática, todo o povo albanês no espírito da fidelidade à União Soviética, ao Partido Bolchevique e ao camarada Staline, porque salvaram a humanidade da escravidão fascista, porque são os defensores da paz e da democracia, o cérebro dirigente do campo socialista e anti-imperialista e os salvadores do nosso país...

b) É necessário assimilar o melhor possível a experiência da União Soviética e do Partido Bolchevique, em todos os domínios para o bem do nosso Partido e do nosso país, aplicar esta experiência às nossas condições, seguir com devoção os ensinamentos do grande guia e educador do proletariado internacional, o amigo mais querido do Partido e do povo, José Vissarionovitch Staline.

2. Mobilizar todas as organizações do Partido para explicar às massas trabalhadoras a evolução da situação internacional, para atiçar sem tréguas o ódio contra o inimigo da humanidade, o maior inimigo do nosso país, o imperialismo anglo-americano, sucessor fiel de Hitler, que se esforça por subjugar o mundo por meio de uma nova guerra mundial.

3. Mobilizar todas as organizações do Partido para esclarecer o melhor possível as massas trabalhadoras sobre a traição cometida, face ao marxismo-leninismo, face ao campo socialista único, face à causa do internacionalismo proletário, por parte da direcção trotskista nacionalista do Partido Comunista Jugoslavo tendo Tito à frente; explicar claramente às massas os desígnios rapaces e a actividade diabólica e vil da direcção traidora jugoslava para com o nosso país, os esforços do nosso Partido para fazer frente à política de Tito e dar a conhecer a salutar ajuda que nos foi concedida pelo Partido Bolchevique e pelo grande Staline em pessoa, para nos tirar das garras do grupo trotskista de Tito, a fim de colocar o Partido e o país na via autêntica, na via do Partido Bolchevique da União Soviética.

4. Para fazer desaparecer o atraso político e ideológico do Partido torna-se necessário que todos os órgãos e todas as organizações do Partido efectuem um trabalho sistemático para assimilar as bases do marxismo-leninismo, para reforçar a consciência comunista dos membros do Partido, para dar a conhecer as leis do desenvolvimento económico-social.

a) É necessário reforçar e aperfeiçoar os cursos do Partido que já existem e abrir outros, dar maior extensão à Escola do Partido e aperfeiçoá-la.

b) É necessário intensificar o trabalho de educação ideológica e política de todas as organizações do Partido por meio do estudo sistemático, incessante da **História do Partido Bolchevique**, das bases do marxismo-leninismo, dos Estatutos e do Programa do Partido, das leis fundamentais da passagem do capitalismo ao socialismo no nosso país. É necessário que os quadros avançados do Partido, começando pelos membros do Bureau Político e do Comité Central do Partido, se sirvam do método de estudo individual como método frutuoso para a assimilação da teoria marxista-leninista.

c) É necessário que o Gabinete Político organize o estudo científico da realidade do país do ponto de vista marxista-leninista para melhor esclarecer o Partido sobre a situação e o desenvolvimento da luta de classes no país, sobre as modificações introduzidas entre as forças das classes e sobre as condições concretas da passagem, no nosso país, do capitalismo ao socialismo.

d) É necessário levar a cabo o trabalho de preparação da História do Partido por uma comissão a designar pelo Bureau Político.

e) É necessário retomar a publicação quotidiana do diário **Zeri i Popullit**, órgão do Comité Central do Partido.

f) É necessário apoiar todo o trabalho de instrução popular sobre a teoria marxista-leninista, acelerar a liquidação de todos os velhos manuais, substituí-los por novos manuais baseados na experiência da União Soviética, tendo em conta as nossas condições; intensificar a luta contra as concepções burguesas e anti-marxistas nas escolas do país.

5. Legalizar imediatamente o Partido Comunista enquanto Partido dirigente da classe operária, enquanto força dirigente única de toda a actividade do país que conduz ao socialismo.

6. Instituir o mais depressa possível os princípios marxistas-leninistas na estrutura e na vida interna do Partido, aplicar rigorosamente esses princípios e combater qualquer hesitação e tentativa que vise violar esses princípios.

a) Separar a função de secretário na Organização do Partido da função de ministro do Interior, considerar a função de ministro do Interior como uma função de Estado controlada e dirigida pelo Partido e não como uma função da Organização do Partido controlando o Partido, como era praticado até agora.

b) Aplicar o princípio do centralismo democrático enquanto princípio essencial sobre o qual o Partido está edificado; Elegibilidade de todos os órgãos dirigentes do Partido da base ao topo, obrigação para todos os órgãos dirigentes de dar conta de tempos a tempos de todas as suas actividades às organizações que os elegeram e que dirigem, manutenção da disciplina de ferro do Partido pela submissão da minoria à maioria, obrigação dos órgãos inferiores obedecerem incondicionalmente aos órgãos superiores.

c) Eliminar imediatamente as manifestações não marxistas, burocráticas, policiais, perigo mortal para o nosso Partido, na vida interna deste, instaurando a democracia interna em todas as organizações do Partido, no interior das quais todos os deveres e direitos de membro do Partido devem ser inteiramente respeitados na base dos Estatutos do Partido, todos os assuntos do Partido devem ser regulados na base da crítica e da autocrítica bolcheviques da base ao topo e do topo à base, o membro do Partido deve sentir-se como em sua casa e não deve de modo nenhum hesitar em criticar qualquer funcionário do Partido, que não deve exercer nenhuma pressão moral no membro do Partido quando este critica de modo justo; no interior das organizações do Partido deve encontrar-se a disciplina livremente consentida e não mecânica, com base na democracia interna de que emana.

d) Eliminar o método primitivo da regulamentação dos assuntos do Partido sob um ângulo pessoal, a partir de posições não marxistas e prejudiciais à vida do Partido, premissas e ideias pequeno-burguesas pré-concebidas. É necessário instaurar o método marxista de análise da regulamentação de todas as questões do Partido com base nos princípios marxistas do Partido, com base na crítica e na autocrítica sãs, com base no centralismo democrático. A apreciação da actividade do membro do Partido deve ser feita com base nos factos, precisando como defendeu ou alterou a orientação do Partido com a sua actividade, e não com base em premissas pessoais, retrógradas e pequeno-burguesas.

e) Convocar o I Congresso do Partido, como foi decidido no X Plenário, com a participação de delegados enviados por todas as organizações do Partido e democraticamente eleitos. O Congresso terá de examinar toda a actividade do Comité Central e a situação interna do Partido, aprovará os Estatutos e o programa do Partido, traçará a linha política e organizativa do Partido para o período futuro e elegerá o novo Comité Central. Depois do Congresso terão imediatamente lugar as eleições gerais de todos os órgãos dirigentes do Partido com excepção feita ao Comité Central que será eleito pelo I Congresso.

f) Reforçar a vigilância revolucionária para preservar o Partido da actividade dos inimigos externos e internos do Partido. O Partido deve ser informado, e a informação tem de ser sã, marxista, servir o Partido a pôr em ordem a sua linha e não se transformar em informação de tipo policial. A vigilância revolucionária tem de ser considerada como um dever de cada membro do Partido, para assegurar a aplicação da linha do Partido, dos princípios marxistas na vida e na actividade do Partido. Estar vigilante significa descobrir o trabalho hostil que tende a falsear a linha e os princípios do Partido.

g) Para reforçar os laços do Partido com as vastas massas trabalhadoras, o membro do Partido tem de aprender a escutar a voz do operário e do camponês trabalhador, compreender a sua situação e as suas necessidades e responder-lhes no momento oportuno. Para consolidar os laços com as massas trabalhadoras, as organizações do Partido devem dirigir com mais firmeza a luta de classes, têm de se aperceber de que, no período de transição do capitalismo ao socialismo, a luta de classes é inevitável e indispensável, uma vez que os inimigos internos e externos dos países de democracia popular e do socialismo não cessarão um único instante os seus esforços e as suas tentativas para entravar o desenvolvimento do

nosso país e a sua marcha para o socialismo, para derrubar o nosso Poder popular e implantar o regime capitalista. É necessário que as organizações do Partido, que cada membro do Partido, estejam no seu lugar, que se integrem no seu papel dirigente, que cada membro do Partido corrija todos os seus defeitos pessoais, que liquide todas as sobrevivências pequeno-burguesas que poderiam ter-se perpetuado nele, como a ambição, o egoísmo, o orgulho e outros. É importante que o membro do Partido atraia a simpatia das massas, que as instrua e se instrua em contacto com elas e que as guie na via traçada pelo Partido.

h) Estabelecer a unidade marxista na direcção do Partido, unidade baseada no princípio da solução das questões do Partido com base na crítica e autocrítica sãs e não em bases corruptas das posições pessoais. Reforçar o método colectivo de direcção do Partido e combater o método primitivo e prejudicial de direcção pessoal. Proceder a uma melhor repartição do trabalho e tornar mais activos todos os membros e membros substitutos do Comité Central. É necessário que o Comité Central se reuna regularmente para examinar os assuntos do Bureau Político, que as conferências do Partido e os grupos de militantes do Partido se reunam regularmente sempre que a necessidade o exigir. O método das reuniões de militantes activos deve ser utilizado judiciosamente, é necessário que essas reuniões de militantes se tornem mais eficazes, que elas julguem concretamente os trabalhos do Partido, que elas não se transformem em meetings para aprovar solenemente os relatórios apresentados pela direcção. É necessário que todas as questões importantes do Partido sejam primeiramente examinadas pelos membros das instâncias (em seguida) (¹), aprovadas pelas instâncias. Paralelamente à direcção colectiva, deve reforçar-se o sentido das responsabilidades pessoais de cada dirigente. O Comité Central tem de informar regularmente o Partido das decisões adoptadas pelas cartas especiais, e é necessário que as decisões do Partido sejam publicadas.

7. Todo o Partido se deve organizar para levar a cabo o seu trabalho prático tendo por objectivo a mobilização das vastas massas trabalhadoras para a realização e adiantamento do plano de Estado, a fim de se reforçar o potencial económico do nosso país e de se elevar o nível de vida das massas trabalhadoras. Os membros do Partido têm de se colocar na vanguarda para a realização do Plano, têm de servir de exemplo a todos no cumprimento das suas tarefas.

8. As organizações do Partido têm de se mobilizar para reforçar a união das vastas massas trabalhadoras no seio da Frente Democrática enquanto organização das massas operárias, camponesas e intelectuais patriotas sob a direcção do Partido. As organizações do Partido têm de trabalhar pelo reforço da aliança entre a classe operária e camponesa pobre e média na luta pela realização do Plano de Estado, pela destruição das classes exploradoras, pelo caminho para o socialismo. As organizações do Partido têm de se mobilizar para reforçar as organizações dos sindicatos, da juventude e das mulheres:

a) É necessário dar conta de que quanto mais são for o trabalho do Partido nas organizações sindicais, mais poderosas e aptas estarão estas para reforçar continuamente o papel da nossa classe operária como base e força principal do Partido, como base do nosso Poder popular e como dirigente das massas trabalhadoras do país. É necessário que as organizações sindicais se tornem a escola do comunismo para educar a classe operária nos princípios do marxismo-leninismo, que elas se tornem organizações poderosas da classe operária com vistas à sua mobilização ainda mais ampla para o plano do Estado, para a vida nova, para a edificação do socialismo no nosso país.

b) É necessário considerar e apreciar bem, e no seu justo valor, a luta e o trabalho da juventude, encorajar as boas qualidades adquiridas ao longo da Luta de Libertação Nacional, e hoje, no trabalho sob a orientação do Partido. É necessário considerar a juventude como a parte mais próxima, mais querida do Partido, como a mais resoluta, que necessita de uma grande atenção e de um trabalho pleno de solicitude da parte do Partido.

É necessário dedicar um cuidado especial à educação da juventude com base no marxismo-leninismo e uma grande atenção à sua vida e às suas distracções. É necessário encorajar a juventude a melhor se mobilizar no plano de Estado, trabalhar com vista a unificar as organizações de juventude num futuro próximo, para o reforço da organização da Juventude Popular.

c) A tarefa das organizações do Partido em relação às mulheres consiste em torná-las incessantemente mais activas, aumentar continuamente a sua participação na produção e na vida política e cultural do país, reforçar o seu papel nos órgãos do Poder, na indústria, na agricultura e noutros locais, trabalhar incansavelmente a fim de que as mulheres se desembaracem das sobrevivências do passado, dos costumes retrógrados que entravam o seu progresso, lutar encarniçadamente pela liquidação do analfabetismo. É necessário dedicar o maior cuidado à elevação cultural das mães. É necessário reforçar as fileiras do Partido com os melhores militantes da organização de mulheres e prestar mais atenção à promoção das mulheres no Partido.

9. É necessário que o Partido e o povo reforcem a sua solicitude e a sua afeição para com o nosso Exército, que é fiel guardião dos interesses do povo. É necessário desenvolver e reforçar o Exército com base na grande experiência do glorioso Exército Soviético, e fazer com que se eduque ideológica e politicamente com base na ciência do marxismo-leninismo.

10. É necessário desenvolver ainda mais e de maneira mais sistemática o trabalho de agitação e propaganda para desenvolver a consciência das massas trabalhadoras.

11. É necessário examinar todas as leis, ordens e publicações em vigor para as expurgar de tudo o que reflecte influência da experiência da direcção trotskista jugoslava e para que elas sejam baseadas na experiência soviética e nas nossas condições.

12. É necessário retirar da circulação a Resolução do VIII Plenário do Comité Central como sendo uma resolução errónea, anti-marxista, anti-soviética, anti-albanesa, assim como todo o material respeitante a esta resolução.

13. É necessário que o camarada Nako Spiru seja considerado como uma vítima das vis intrigas da direcção trotskista nacionalista jugoslava, como um defensor da linha do Partido contra os ignominiosos desígnios do grupo trotskista de Tito e como um fiel amigo da União Soviética.

(¹) Na edição em língua albanesa.

RESOLUÇÃO DO XIII PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PTA SOBRE «O TRABALHO IDEOLÓGICO DO PARTIDO E AS MEDIDAS A TOMAR PARA O SEU MELHORAMENTO» (27 DE ABRIL DE 1955)

As massas trabalhadoras, conduzidas pelo Partido, levaram a cabo, com sucesso, a luta contra os inimigos de classe nas suas três formas principais: política, económica e ideológica. Neste sentido, um papel importante foi desempenhado pelo trabalho ideológico do Partido que explicou duma forma justa as questões da luta de classes, mobilizou os trabalhadores para o combate ao inimigo de classe em todas as direcções, lutou contra os pontos de vista estranhos e antimarxistas que se manifestaram no campo ideológico, contra as sobrevivências da ideologia e da moral burguesa, assim como contra os costumes retrógados e as crenças estéreis.

Mas a luta de classes não é compreendida por todas as organizações do Partido como a força motriz da nossa sociedade no período de passagem do capitalismo ao comunismo, as formas e os métodos principais da luta utilizados pelo inimigo de classe contra o nosso poder não estão claros e bem compreendidos. Em vários comunistas observam-se manifestações bem nítidas de oportunismo em relação aos inimigos de classe, ou então manifestações de sectarismo em relação às camadas médias da aldeia ou da cidade, e sobretudo em relação aos intelectuais.

Subestimou-se a forma mais perigosa da luta que sustem contra nós o inimigo de classe: a sabotagem económica, os roubos, as degradações e a má administração da propriedade socialista.

A luta de classes desenvolve-se dum modo particularmente medíocre no domínio ideológico.

Não se luta com a força necessária contra a ideologia e a moral burguesas, contra as manifestações do cosmopolitismo e do nacionalismo burgueses, assim como contra os pontos de vista anti-científicos e místicos. A existência destas sobrevivências da ideologia burguesa explica-se pelo facto da consciência das pessoas permanecer normalmente atrasada em relação ao desenvolvimento das condições materiais da vida, visto que as classes inimigas no interior e o cerco capitalista exercem uma pressão contínua sobre o povo e o Partido para manter viva a sua ideologia. Mas a existência destas sobrevivências na consciência das pessoas explica-se também pelo mau trabalho ideológico realizado pelas organizações do Partido para as combater e dotar os trabalhadores da ideologia socialista. *É dever fundamental da propaganda do Partido explicar detalhadamente como e porquê, no período de passagem do capitalismo para o socialismo, a luta de classes não desaparece, mas desenvolve-se sem interrupção com os seus altos e baixos*, e só terá fim com a vitória total do socialismo. A propaganda deve explicar, apoiando-se em bases científicas, a situação e relação das classes no nosso país, a forma de desenvolvimento da luta de classes nos domínios político, ideológico e económico.

1. Eis as tarefas principais que se nos impõem para o reforço da luta de classes no domínio político e económico:

— Nas condições actuais, para isolar politicamente e neutralizar economicamente o kulak, é preciso lutar pela aplicação da palavra de ordem leninista, apoiando-nos nos camponeses pobres, em aliança com os camponeses médios para o combater. É necessário mobilizar as massas trabalhadoras para combater sem piedade aqueles que roubam e deterioram a propriedade socialista, os sabotadores, os especuladores, etc. É necessário agudizar a vigilância revolucionária do Partido e das massas trabalhadoras na luta contra os imperialistas, os agentes de diversão, os espiões e todos os outros inimigos do poder popular. Combater as manifestações de oportunismo e de sectarismo.

2. Para o reforço da luta de classes no domínio ideológico, impõem-se as seguintes tarefas principais:

a) Levar a cabo um importante trabalho para a formação da concepção materialista e científica do mundo junto dos trabalhadores e em primeiro lugar junto dos jovens. Para isso é necessário uma vasta propaganda ateísta, apoiando-se em bases científicas, tendo sempre em conta que não degenere em ultraje para os que são crentes. A melhor via, neste sentido, é a mais ampla e sistemática propagação entre as massas populares dos conhecimentos científicos sobre os diversos fenómenos da natureza e da sociedade, a elevação do nível cultural das massas e a sua mobilização activa para a edificação do socialismo.

b) As organizações do Partido, os órgãos da propaganda e todas as instituições culturais e educativas devem lutar contra as sobrevivências da ideologia e da moral burguesas, contra os costumes antiquados e as crenças estéreis. As organizações do Partido devem, em primeiro lugar, lutar pela elevação do papel da mulher como edificadora activa do socialismo, lutar contra os pontos de vista atrasados que consideram a mulher como inferior ao homem, contra o fanatismo que impede a participação da mulher na produção, na vida política, social e cultural do país. O Partido deve também lutar com perseverança pelo desaparecimento dos costumes antiquados, pela educação das massas trabalhadoras, e em particular do campesinato, pela elevação do seu nível de instrução e de cultura.

c) Mostrar uma grande atenção pela educação política e ideológica, fazer-lhe conhecer a política e as decisões do Partido, assim como a cultura e a ciência avançada soviética. A propaganda do Partido tem como função descobrir e combater todas as manifestações de ideologia burguesa no domínio das artes, da literatura e das ciências, contra os pontos de vista idealistas, o cosmopolitismo e a subestimação da cultura e das tradições progressistas do nosso povo.

Sobre o papel das massas populares na História

Como foi verificado pelo Plenário do Comité Central de Julho de 1954, na propaganda do Partido verificaram-se deformações na questão do papel das massas na História. O papel das massas na História do nosso país, durante a guerra de Libertação Nacional, e hoje em dia na edificação do socialismo, não foi suficientemente posto em evidência. Estas deformações tiveram um lugar destacado na Imprensa, na propaganda do marxismo-leninismo, no domínio do ensino, da literatura, das artes e da ciência.

A explicação insuficiente do papel das massas e do Partido causa grandes danos ao Partido no domínio político, teórico e prático, porque gera o enfraquecimento da actividade e da iniciativa criadora das massas e do papel dirigente do Partido. O facto de numerosas organizações do Partido e de numerosos dirigentes dos órgãos de Estado e dos órgãos económicos não se interessarem pela mobilização das massas para a realização dos planos, não tomarem as medidas necessárias para a difusão dos métodos avançados, leva a que o burocratismo exista nos órgãos do Estado encarregados da solução dos problemas da população, que o desenvolvimento da crítica unida da base seja insuficiente, que sejam cometidas imprudências no que respeita à vida dos trabalhadores

e à satisfação das suas necessidades, que o activismo das organizações de massas se revele insuficiente, que o trabalho político com as massas seja subestimado. Não indica só erros práticos, mas revela, na realidade, uma incompreensão profunda do papel das massas, papel este que é um dos princípios essenciais do marxismo-leninismo.

A seguir ao Plenário do Comité Central do Partido, de Julho de 1954, a propaganda do Partido fez progressos e melhorou no respeitante ao papel das massas e ao papel dirigente do Partido. Mas deve continuar a explicar melhor estas questões.

a) A propaganda do Partido tem por dever esclarecer, tendo por base as teses do marxismo-leninismo, o papel das massas enquanto criadoras da História e de todos os bens materiais e culturais da sociedade. O trabalho ideológico do Partido é o de pôr em evidência, continuamente, o papel decisivo das massas na edificação do socialismo e de educar o Partido para que se interesse continuamente pela elevação da consciência das massas e pelo desenvolvimento, o maior possível, da sua actividade criadora. Pôr em evidência, em particular, o papel das massas na guerra de Libertação Nacional e no período actual, para o reforço das bases do regime de democracia popular, para a defesa da independência da Pátria e da paz no mundo. Esclarecer ainda melhor as questões concretas ligadas ao papel das massas, tais como a actividade e a iniciativa criadora das massas para a realização do plano do Estado, a activação das organizações de massas, a aplicação duma ampla democracia, a luta contra o burocratismo e abafamento da crítica, o reforço dos laços do Partido com as massas. Deve-se combater, como prática antimarxista, o culto da personalidade. Explicar, por outro lado, que o marxismo-leninismo não nega o papel das personalidades eminentes que nas suas actividades são guiadas pelas leis objectivas da evolução da sociedade e os interesses das massas trabalhadoras.

b) A propaganda deve dedicar um particular cuidado à explicação do papel dirigente do Partido em toda a vida do país, tornar o mais claro possível a política do Partido que se baseia no marxismo-leninismo e exprime os interesses vitais das massas trabalhadoras, inculcar cada vez com mais força a convicção de que a justa direcção do Partido é decisiva para a independência da Pátria e a edificação do socialismo. A propaganda deve ainda consagrar uma grande atenção à explicação dos princípios organizativos do Partido e sobretudo do princípio da direcção colegial que é o mais elevado princípio da direcção do Partido, ao reforço da unidade do Partido, unidade que é a fonte da sua potência, ao reforço do centralismo democrático e da ligação do Partido com as massas, que constituem a base de firmeza do Partido.

A propaganda deve explicar o papel do Estado de democracia popular, sendo este a principal arma nas mãos das massas trabalhadoras para a edificação do socialismo e a defesa da Pátria, explicar o carácter profundamente democrático do nosso Estado, reforçar entre as massas o profundo amor pelo seu Estado. É necessário organizar melhor a propaganda sobre os princípios fundamentais da Constituição da República e, em geral, sobre as leis, os direitos e deveres dos cidadãos.

DECISÃO DO XIV PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA SOBRE A ACTIVIDADE ANTIPARTIDO E HOSTIL DE TUK JAKOVA E BEDRI SPAHIU (17 de Junho de 1955) ([1])

Apreciando e interpretando a evolução da situação internacional, partindo de posições antipartido, os antimarxistas, revisionistas e carreiristas, Tuk Jakova já se tinha convencido de que era necessário derrubar a justa linha marxista-leninista do nosso Partido e substituí-la por uma linha geral trotskista, burguesa e capitulacionista, e uma tal linha devia ser construída por uma direcção antimarxista, tendo à sua cabeça Tuk Jakova. Também no Plenário do Comité Central do Partido, de Abril do ano corrente, Tuk Jakova atacou abertamente, duma forma barulhenta, arrogante e agressiva, a direcção e a linha marxista-leninista do nosso Partido, apresentando perante o Plenário as suas teses antipartido, antimarxistas, trotskistas e revisionistas. Estas teses, já ele as tinha discutido com Bedri Spahiu, sem o conhecimento do Partido e escondeu-as ao Partido até ao momento que julgou ser oportuno para as apresentar. Do mesmo modo, Bedri Spahiu escondeu ao Partido a sua colaboração com Tuk Jakova pelas suas teses antipartido e hostis, e mesmo bastante tempo depois do Plenário de Abril de 1955, do Comité Central, até ao momento em que a ocultação desta colaboração perante a direcção do Partido se tornou impossível.

Tuk Jakova exigiu apressadamente ao Plenário, de Abril de 1955, do Comité Central do Partido, por uma manobra de diversão, com arrogância e persistência:

1. A revisão das decisões do Partido e do I Congresso do Partido, relativas à apreciação do trabalho dos grupos comunistas, antes da fundação do Partido, porque ele considera que o facto de sublinhar os aspectos negativos dos grupos, da maneira precisa como tinha sido feito no primeiro Congresso do Partido, constitui um erro. Com efeito, Tuk Jakova sustentava que os aspectos negativos dos grupos deviam ser atenuados. Pedia isto, como ele próprio mais tarde confirmou, para justificar e pôr em evidência o grupo de Shkodër, do qual ele tinha sido o chefe, por um longo período. Desta tese, deduz-se claramente que Tuk Jakova, durante catorze anos, esteve, com efeito, em oposição tácita com a justa linha do Partido sobre esta questão. Assim, durante catorze anos, Tuk Jakova via o Partido, a sua luta heróica, a sua justa linha marxista-leninista sob o ângulo do membro do antigo grupo de Shkodër, sob o ângulo antimarxista, antipartido e oportunista.

2. A revisão de toda a linha política e organizativa do Partido, porque, segundo o ponto de vista do inimigo Tuk Jakova, esta linha não estava bem edificada porque havia nela grandes deformações que, segundo Tuk Jakova, eram devidas ao facto do Partido ter sido fundado por estrangeiros, que o camarada Enver Hoxha não tinha sido o seu fundador, que a elaboração de toda a justa linha do nosso Partido durante a Luta de Libertação Nacional não era devida ao Comité Central do Partido tendo à cabeça o camarada Enver Hoxha, mas a certos estrangeiros.

Estas teses de Tuk Jakova não passavam de vis calúnias e falsificações lançadas com fins hostis tendentes a liquidar o Partido. É bem notório que o Partido Comunista da Albânia não podia ser constituído sem os comunistas albaneses. Para a formação

---

([1]) PPSH-DK, t. II, p. 534-541 (ACP.) Extractos.

do Partido pelos comunistas albaneses existiam já todas as condições objectivas internas e externas. As teses marxistas-leninistas do nosso Partido sobre esta questão decisiva e histórica são claras para todos, excepto para Tuk Jakova e todos aqueles que estão em oposição com o marxismo-leninismo.

O povo albanês lutou durante séculos para se libertar do jugo dos diversos imperialistas e da burguesia feudal do país. Inesgotáveis energias foram-se acumulando no nosso pobre povo, oprimido e explorado. A ocupação da Albânia pelos fascistas italianos despertou o coração Albanês para a libertação nacional. Os seus olhos e os seus corações estavam voltados para a União Soviética. Do seio do nosso povo, que tanto tinha sofrido, saíram os primeiros comunistas que, profundamente confiantes na União Soviética, em Lenine e Staline, no glorioso Partido Bolchevique, começaram a trabalhar, a lutar individualmente, em grupos, ora trabalhando bem, ora cometendo erros, até chegarem à formação do Partido. Foi assim que se formou o Partido Comunista da Albânia. No que respeita à sua linha justa, o Partido elaborou esta linha justa, visto que justa também era a causa do povo e porque era iluminado, em cada um dos seus passos, pelo Partido Bolchevique.

O nosso Partido foi dirigido desde os seus primeiros passos pelo Comité Central, tendo à cabeça o camarada Enver Hoxha, o fundador e o organizador do Partido. Por conseguinte, as teses acima mencionadas de Tuk Jakova são antimarxistas, antipartido e liquidacionistas para o Partido e para a sua direcção marxista-leninista.

3. A modificação segundo os pontos de vista hostis de Tuk Jakova, da composição do Gabinete Político do Comité Central do Partido...

4. A revisão da linha do Partido no que respeita às decisões históricas de expulsão do Partido dos elementos trotskistas, antipartido e inimigos, visto que, segundo o ponto de vista inimigo de Tuk Jakova, as medidas tomadas contra os elementos condenados pelo Partido pelos seus graves erros antimarxistas, antipartido eram injustas, e, sempre segundo o ponto de vista de Tuk Jakova, todos os elementos antimarxistas e antipartido deviam ser reabilitados e os seus retratos afixados nos museus e exposições em lugar de honra, etc.

Estas teses vis e hostis de Tuk Jakova tendem a provar que a luta árdua do Partido contra os divisionistas, os fraccionistas, que a luta contra as correntes antimarxistas e antipartido, contra os trotskistas e outros indivíduos desta índole foi um grave erro. Esforçando-se por reabilitar estes elementos antimarxistas, Tuk Jakova, segundo estas teses, demonstra que é pela extinção da árdua luta contra o trotskismo e a pressão capitalista, que combate pela liquidação dos partidos marxistas-leninistas. Tuk Jakov é pela revisão da linha do Partido no sentido da extinção da luta contra as tendências antipartido, ele é por uma coexistência pacífica com as tendências antipartido no seio do partido, ele é pela transformação do nosso partido marxista-leninista num partido burguês e social-democrata. Estas teses de Tuk Jakova são de condenar severamente, visto que a linha seguida pelo nosso partido, no que diz respeito a estes problemas duma importância excepcional, foi perfeitamente justa. Todas as decisões tomadas pelo Partido contra todos aqueles que se desviaram da linha e que traíram o marxismo-leninismo, decisões tomadas pelo Partido e pelo povo, foram absolutamente justas e argumentadas. O Partido defendeu e defenderá, com todas as suas forças, os princípios marxistas-leninistas que constituem a força e a vida do nosso Partido, o futuro e a segurança do nosso povo. O nosso Partido intensificará e tornará ainda mais dura a luta contra as tendências oportunistas, trotskistas e divisionistas de todas as índoles, sob todas as máscaras que se apresentem, combaterá com o maior vigor a pressão da burguesia e do capitalismo sobre o nosso Partido, lutará com todas as suas forças para defender o Partido e a sua unidade de aço.

O Plenário do Comité Central apela uma vez mais para que todas as organizações do Partido reforcem a vigilância revolucionária, visto que o inimigo trabalha incessantemente para adormecer a vigilância dos membros do Partido, para assim poder agir livremente contra o Partido e o povo. O inimigo esforça-se por desenvolver entre os comunistas um sentimento enganador de tranquilidade, o abrandamento da luta de classes, a diminuição da crítica e da autocrítica bolcheviques, armas aceradas do Partido, que ferirão sempre qualquer tentativa do inimigo. A tarefa primordial do Partido é o reforço da vigilância revolucionária e da luta contra os inimigos de classe, visto que, como se sabe, no período de transição do capitalismo para o socialismo, a luta de classes prossegue com obstinação. O alvo dos inimigos de classe é a liquidação do Partido e do poder popular. É por isso que os comunistas devem combater os inimigos do Partido e de classe, seja qual for a forma por que actuem.

O Partido aprende continuamente que as manifestações oportunistas na linha, as ameaças de direitismo são muito perigosas, sobretudo no nosso Partido. Também devemos estimular a vigilância revolucionária e reforçar a luta contra o oportunismo e os oportunistas. Todos os seus projectos, formados em detrimento do Partido e do povo, devem ser destruídos à nascença.

É necessário reforçar sem descanso a disciplina do Partido em geral e, sobretudo, a disciplina para com as regras organizativas do Partido. A luta dos comunistas pela defesa dos princípios do Partido e pelo reforço ininterrupto da unidade das suas fileiras deve constituir uma das tarefas mais importantes do nosso trabalho quotidiano.

Que o trabalho hostil de Tuk Jakova e Bedri Spahiu sirva ao Partido e à sua direcção para daí extraírem os ensinamentos preciosos, para se educarem e armarem. Trabalhemos, sem descanso, para assimilar o marxismo-leninismo e para o empregar no trabalho e na luta quotidianos do Partido. Estudemos continuamente os Estatutos do Partido para bem conhecer e não esquecer os deveres e direitos dos membros do Partido, as regras e as normas do Partido.

O Plenário do Comité Central está convencido de que a sua análise e a sua decisão, no que diz respeito à actividade hostil e antipartido de Tuk Jakova e Bedri Spahiu, reforçará ainda mais o nosso Partido, a sua direcção marxista-leninista, que provou o seu valor e a sua unidade de aço. Esta análise ajudará ainda mais os membros do Partido para a sua mobilização total, para a realização do programa do Partido.

RESOLUÇÃO DO III CONGRESSO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA [1]

Relativamente à luta de classes, o Congresso chegou à conclusão de que a tese segundo a qual quanto mais nós nos reforçamos, mais a luta de classes se agudiza, não é justa... Mas, contudo, a vigilância nunca deve diminuir, visto que é um erro pensar que a luta de classes está em vias de se extinguir e que as classes derrubadas renunciarão voluntariamente à luta.

O Congresso aprovou por unanimidade a análise aprofundada que o Plenário do Comité Central de 10 e 11 de Maio de 1956 fez sobre todos os problemas do Partido, e particularmente as medidas que foram tomadas contra todos os grupos e elementos antipartido e divisionistas, revisionistas, trotskistas, oportunistas e chegou à conclusão de que todas estas decisões eram inteiramente justas. Estas decisões foram tomadas duma forma colegial pelos plenários do Comité Central, os congressos e as conferências do Partido; encontraram a aprovação total de todo o Partido, porque estavam baseadas nas normas leninistas e argumentadas por factos.

O Congresso condenou com firmeza a atitude de certos elementos antipartido que, na Conferência do Partido na cidade de Tirana, abusando da democracia interna do Partido, incitados por elementos antipartido que sempre estiveram em oposição com a linha do Partido e utilizando posições francamente hostis, esforçaram-se por quebrar a unidade do Partido, a sua linha geral e a sua direcção.

O Congresso recomenda às organizações do Partido que reforcem a vigilância revolucionária visto que o inimigo tenta tudo para desenvolver nos comunistas o falso sentimento da tranquilidade, do enfraquecimento da crítica e da autocrítica bolcheviques. Numa tal mudança da situação, em que a tensão internacional enfraquece, em que o nosso Partido e o nosso Poder Popular se reforçam, haverá elementos nocivos que, até ao presente, cometeram erros graves no que diz respeito à linha do Partido, para pensar que, com a mudança de situação é necessário que a disciplina do Partido, a vigilância do Partido mudem igualmente, e que tudo será substituído por um abrandamento oportunista na linha, por uma extinção na luta de classes, que os erros e as faltas graves contra o Partido e o povo devem ser esquecidos. Haverá pessoas a pensar que, sob a máscara da democracia, é o momento de eliminar a verdadeira democracia do Partido, para enfraquecer a disciplina de ferro do Partido. O Partido deve travar uma luta sem piedade contra estes elementos e estar extremamente vigilante contra as manifestações oportunistas e os perigos do direitismo.

O Congresso recomenda também a todas as organizações do Partido que conservem no futuro, como a coisa mais sagrada, a unidade e a coesão nas fileiras do Partido e que combatam com firmeza todas as manifestações inimigas e estranhas ao nosso Partido marxista-leninista.

O Congresso exprime a convicção de que o Partido do Trabalho da Albânia, saído do seio do povo, que tanto tem sofrido, empenhado na luta pela defesa dos interesses supremos do nosso povo trabalhador, inspirado pelas ideias triunfantes do marxismo-leninismo, guiará, também no futuro, o nosso povo, com devoção e uma nova segurança na via da edificação da nova e feliz vida socialista.

---

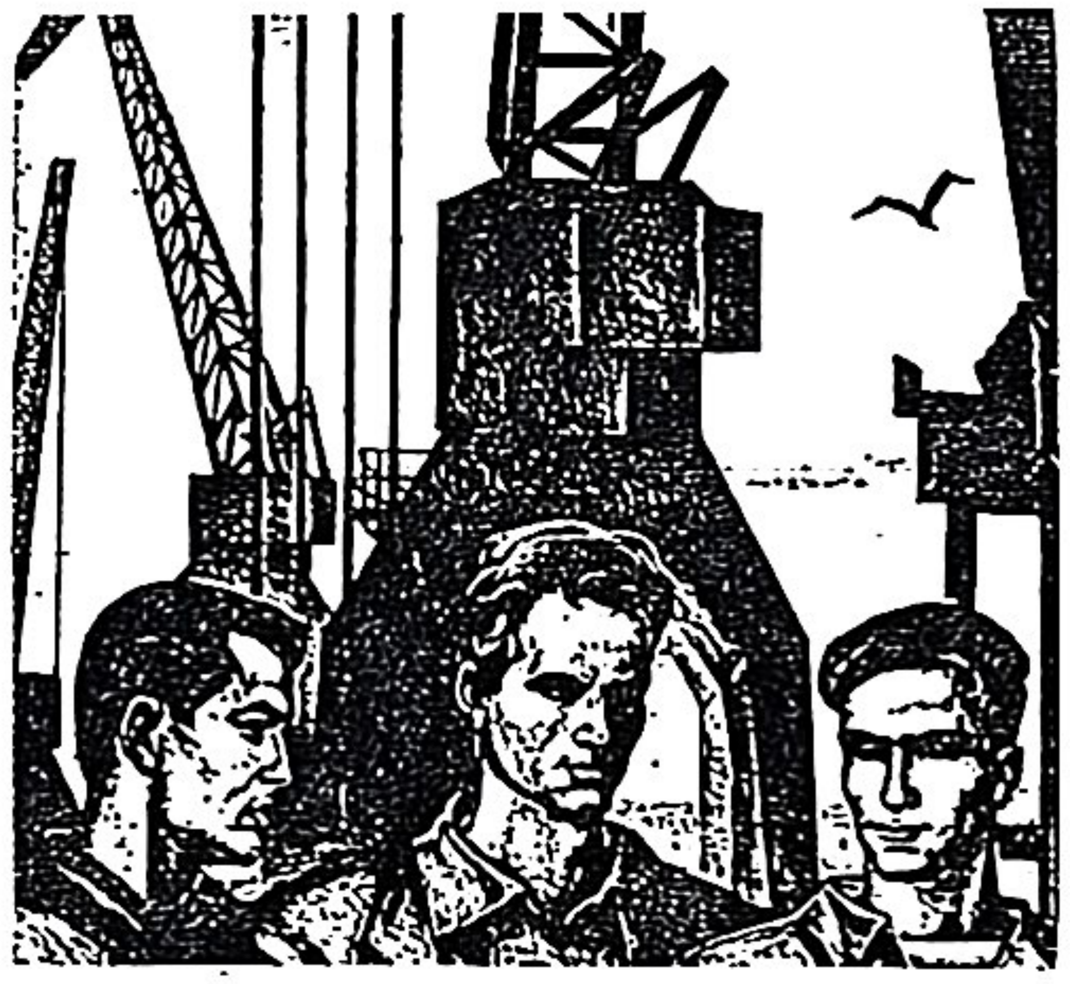
(1) PPSH-DK, t. II p. 609-610. Extracto (publicado em brochura em língua albanesa em 1956).

O MARXISMO-LENINISMO ENSINA-NOS QUE É O POVO QUE CRIA A HISTÓRIA

ENVER HOXHA

(13 de Abril de 1956) [1]

O marxismo-leninismo, ao descobrir as leis do desenvolvimento da sociedade, demonstrou de uma maneira científica que o povo é não só o produtor dos bens



materiais como também o criador dos valores espirituais e que é simultaneamente a força motriz, decisiva, das modificações radicais que se operam na sociedade. O desenvolvimento da história da humanidade prova isso claramente. Como é óbvio, a preponderância do papel dos indivíduos eminentes sobre o das massas é completamente estranho ao marxismo-leninismo, porque está em contradição com a própria vida; menospreza o papel do Partido e das massas e cria condições favoráveis ao aparecimento de erros que prejudicam gravemente o Partido e as massas. O marxismo-leninismo não nega o papel dos indivíduos na história, quando compreendem as necessidades da sociedade e, pelos seus actos facilitam a solução dos problemas. Mas quando os indivíduos eminentes, colocando-se acima das massas, se desligam destas, criam-se então condições favoráveis ao aparecimento de erros que prejudicam gravemente as massas.

O Plenário do Comité Central do nosso Partido, em Julho de 1954, analisou a questão da luta contra o culto da personalidade que prejudica o Partido porque enfraquece a confiança das massas nas suas próprias forças criadoras, menospreza o papel do Partido e da sua direcção, o Comité Central. Na prática, o Comité Central e todo o Partido têm ainda de desenvolver os seus esforços no sentido de reforçar a direcção colegial. O desenvolvimento do culto da personalidade tem raízes profundas, e no nosso país há certos factores que o alimentam, como a existência de numerosos vestígios do feudalismo e do patriarcado, o baixo nível ideológico dos quadros e do Partido, e facilmente pode aparecer entre nós a tendência de investir de poderes extraordinários indivíduos isolados. Trata-se de um dever permanente do nosso Partido combater o culto da personalidade sob qualquer forma que se possa manifestar, bem como estabelecer a colegiabilidade enquanto princípio condutor do Partido.

O Partido do Trabalho já tomou medidas no sentido de elevar o papel dirigente do Partido em toda a vida do país e no reforço dos seus laços com o povo. Durante estes quinze anos de vida, o nosso Partido, sempre fiel ao marxismo-leninismo, e conhecendo a fundo as questões objectivas da nossa sociedade, as aspirações e interesses do povo, ligou-se estreitamente às massas trabalhadoras e dirigiu-as, tanto na luta de Libertação Nacional como para a vitória do socialismo. A afirmação dos princípios leninistas no trabalho do Partido,

---

(1) Hoxha (Enver). Obras t. 13, p. 193-201 (ed. em língua albanesa) Integral. Publicado em 14 de Abril de 1956, em Zeri i Popullit.

o respeito dos Estatutos que o III. Congresso do Partido vai aprovar, a direcção colegial do Comité Central, cuja experiência comum assegura a justa elaboração da linha do Partido e a tomada de decisões justas e ainda o desenvolvimento ulterior da crítica e da autocrítica, eis as medidas indispensáveis para elevar o papel dirigente do Partido e reforçar os seus laços com as massas.

Devemos fazer desaparecer tudo o que enfraqueça a democracia interna do Partido e prejudique os direitos dos seus membros, suscitando o receio de criticar e exprimir abertamente o seu pensamento. Observou-se em algumas organizações do Partido, na altura das eleições, que certos camaradas, que ocupam lugares de responsabilidade nas empresas ou nas administrações centrais, não recolheram os votos de vários comunistas, embora não tivessem sido objecto de críticas. Isto prova que nessas organizações houve receio de criticar abertamente, com receio de que a crítica contra os responsáveis tivesse consequências para o autor. É possível que nesses locais de trabalho se tivesse dado o caso de o autor de uma crítica aberta ter sido molestado. O Comité Central do Partido examinou e examinará com grande cuidado qualquer manifestação deste estilo. O importante é que cada membro do Partido possa compreender que no Partido não deve existir receio, que cada membro do Partido pode e deve exprimir o seu pensamento no Partido e deve criticar fortemente os erros no trabalho bem como os que deles são responsáveis. O Comité Central soube que certas organizações de base e certos comités do Partido nos distritos nem sempre escutam atentamente a voz dos comunistas. Mas o Partido tem de punir severamente todos aqueles que, sob a máscara da crítica denigrem os homens honestos e devotados ao Partido e ao povo. A violação dos princípios leninistas do Partido e o estabelecimento de métodos de autoritarismo no interior do Partido conduzem ao estrangulamento da iniciativa dos comunistas e das organizações do Partido, à colocação de alguns dirigentes a um nível superior ao Partido, o que enfraquece o papel dirigente do Partido nas massas.

É necessário dizer que certas pessoas, nas empresas, no campo ou nas administrações centrais, que procuram por diferentes meios furtar-se ao controle do Partido, e que o conseguem, cometem injustiças para com os operários, camponeses e outros trabalhadores, praticam acções arbitrárias e entregam-se a calúnias e acusações contra aqueles que lhes não agradam, criando um certo receio nas massas, afastando-as de uma ampla participação na vida do país. Acontece muitas vezes manifestarem-se essas actividades; nada têm em comum com o Partido e prejudicam-no gravemente; essas actividades são encobertas pelo véu da «luta de classes», e chega-se até a cometer erros tão graves como qualificar de kulak um camponês médio, ou então tirar-lhe o cartão da Frente, qualificando-o de inimigo, etc. É evidente que tudo isso nada tem que ver com o justo desenvolvimento da luta de classes, mas que se trata de atitudes arbitrárias que conduzem à violação dos direitos dos cidadãos.

No que respeita à luta de classes, é certo que não nos é permitido enfraquecer a nossa vigilância, mas pensamos também que não se torna necessário exarcebá-la artificialmente. O Comité Central do Partido explicou muito claramente nestes últimos tempos, nas conferências do Partido nos distritos, que a estreita concepção do exacerbamento da luta de classes durante o período de edificação do socialismo, que é aquela em que se encontra actualmente o nosso país, não é justa. A própria vida demonstra cada dia mais claramente que as forças do socialismo aumentam progressivamente, enquanto que a base económica e a influência política das classes derrubadas enfraquece continuamente; assim, elas não estão em condições de conduzir o desenvolvimento da sua luta para formas mais agudas. Contudo isso não significa a extinção da luta

de classes, e que as classes derrubadas renunciarão voluntariamente à luta contra o socialismo. Sem dúvida, modificam a sua forma de luta, mas esta luta não pode ser mais acesa do que durante os anos que se seguiram à Libertação, quando as classes derrubadas possuíam uma melhor base económica, disfrutavam de influência política, estavam ligadas à reacção estrangeira e beneficiavam de toda a sua ajuda. A verdade é que no processo de desenvolvimento desta luta foram cometidos erros, chegando a passar-se à liquidação económica de numerosos kulaks nas aldeias. Num certo número de casos, infligiram-se penas fundamentando-se em acusações inconsistentes, e isso sobretudo durante o período que precedeu o I Congresso do Partido, em Novembro de 1948; quando o Partido condenou os esforços desenvolvidos no sentido de colocar a Segurança do Estado acima do Partido, de estabelecer métodos policíais no Partido e violar os direitos dos cidadãos, entregando-se a actos arbitrários, perseguições e pronunciando condenações injustas [1]. É claro que apesar da modificação efectuada, não se foi até ao fim dessa questão e há ainda muito para fazer nesse sentido. A Segurança do Estado foi colocada sob o controle do Partido, mas é possível encontrar ainda atitudes erróneas em alguns trabalhadores deste sector. Estabeleceu-se a democracia no Partido, mas ela tem de ser reforçada ainda mais porque em alguns casos é violada. Sobretudo existem ainda atitudes arbitrárias em relação a alguns cidadãos que nem sempre tiveram uma posição correta face à luta do povo. O Comité Central tomou medidas, e todo o Partido tem de lutar para fazer desaparecer qualquer injustiça que pôde ser cometida ou que poderá ser cometida, visto isso prejudicar o Partido e produzir um efeito negativo; isso não só é desumano e incita artificialmente à luta de classes, como ainda tira a possibilidade a todos aqueles que queiram ser razoáveis e aliar-se ao regime; isso também pode influenciar negativamente certos elementos instáveis que se afastam da participação na solução dos problemas, enquanto que o Partido exige essa participação. E é um facto que tanto as atitudes injustas como ainda as atitudes sectárias na Frente Democrática, os ataques injustificados contra certas pessoas, nem sempre foram compreendidos pelas massas. Temos de liquidar o mais cedo possível todas estas práticas e avançar numa democratização mais avançada da nossa vida.

No nosso país, uma democratização mais avançada da vida é uma tarefa que o Partido coloca vigorosamente em primeiro lugar. O poder popular assegurou uma ampla democracia para as massas. Com efeito, assegurou-se uma ampla participação das massas na direcção do Estado, e isto foi realizado pela garantia dos direitos dos cidadãos estipulados pela Constituição da República bem como pela defesa assegurada pelos milhares de homens que fazem parte dos órgãos eleitos do Estado, etc. O nosso poder popular cria todas as condições para o desenvolvimento da democracia a favor das largas massas do povo trabalhador. Para os trabalhadores, a nossa democracia é uma democracia plena porque o poder popular é o poder das massas trabalhadoras. O poder popular exerce as funções de ditadura do proletariado contra aqueles que lhe resistem e que quereriam liquidar as vitórias que o povo trabalhador, sob a direcção do Partido, conquistou na sua luta de libertação do país e pela edificação do socialismo. O Partido condena e condenará sempre mais vigorosamente qualquer acto que prejudique a nossa democracia popular. As tradições da democracia, mesmo formal, não existiram entre nós porque os regimes opressores do passado nunca permitiram coisa semelhante, sobretudo para o povo. Mas durante os anos que se seguiram à Libertação, o Partido desenvolveu um amplo trabalho para elevar a consciência política das massas

[1] Fala-se do período da integração jugoslava e da aplicação de métodos e formas trotskistas do grupo de Koçi Xoxe, etc. (N. A.).

e levá-las a participar intensamente no poder e na direcção da vida do país. É dever do Partido eliminar qualquer obstáculo que possa entravar a democracia para os trabalhadores, e, neste sentido é necessário combater todas as violações das leis; é necessário combater sem piedade os actos ilegítimos de certas pessoas nos órgãos do Estado, lutar contra os favores e os privilégios.

No período que o nosso país actualmente atravessa, de edificação do socialismo, no período de elevação geral da economia e da cultura popular, prevista nas directivas do segundo Plano quinquenal, no período das grandes tranformações socialistas no campo e em toda a vida do país, período em que é exigida uma participação mais ampla das massas do povo na vida do país, e elevação da sua consciência política e da sua actividade em todos os domínios da vida, todos estes factores são de uma importância vital. O marxismo-leninismo ensina-nos que o papel das massas aumenta consideravelmente durante os períodos revolucionários. V.I. Lenine escreveu que *«Em ocasião alguma a massa popular se pode mostrar um criador tão activo da nova ordem social, como durante a revolução* (1)*.»* Num tal momento o povo pode fazer milagres. E quanto mais profundas são as modificações que queremos fazer, mais ampla deve ser a participação das massas na realização dessas modificações.

Se observarmos o período da luta de libertação nacional do nosso povo, veremos que a actividade das largas massas do povo aumentou, como nunca sucedera anteriormente. A consciência política das massas elevou-se mais do que nunca e, sob a sábia direcção do Partido, participaram amplamente na luta revolucionária que conduziu à libertação do país, ao estabelecimento do poder popular e à edificação do socialismo.

Se considerarmos esta questão na situação actual da luta pela edificação do socialismo, aperceber-nos-emos de que a característica distintiva desta época é a elevação geral da consciência política e da actividade das mais amplas massas do povo que concorrem para o desenvolvimento da economia e da cultura e das profundas transformações sociais que estão em vias de se realizar no nosso país. E é bem claro que sem uma ampla participação das massas, a nossa economia e cultura populares nunca teriam atingido o seu estado actual de desenvolvimento. A experiência histórica da União Soviética e das democracias populares prova que o socialismo intensifica bastante a actividade das massas, visto os trabalhadores gozarem de plena liberdade. Disfrutam também dos rendimentos do seu trabalho. Eis a razão porque se vêem nascer muitas iniciativas, aumentar as capacidades criadoras das massas, aparecer talentos maravilhosos e descobrir-se energias insuspeitadas, que no passado, estavam abafadas. De tudo isto se conclui que incumbe ao Partido um grande dever, o de eliminar tudo o que entrava o aumento da actividade das massas, de alargar mais o seu trabalho de educação a fim de elevar a consciência das massas e de aumentar a sua actividade.

Encontramo-nos no limiar do III Congresso do Partido do Trabalho da Albânia no decurso do qual serão igualmente aprovadas as directivas do segundo plano quinquenal. Estes projectos de directivas prevêem que em 1960 o volume geral da produção industrial aumentará de 91 %, que a totalidade dos cereais consumidos será produzida no país, que o salário real dos trabalhadores terá aumentado 23 % e os lucros dos camponeses cerca de 38 %. São grandes tarefas para a realização das quais importa intensificar a actividade das massas. Que fique bem claro que sem uma maior participação das massas estas tarefas não se poderiam realizar com sucesso. Encontramo-nos no limiar do III Congresso do Partido, o Comité Central começou a elaborar de uma maneira concreta as importantes questões que serão submetidas ao Congresso. A ampla e criadora discussão que o Partido e as massas vão iniciar sobre o projecto dos Estatutos do Partido, bem como sobre o projecto de directivas do segundo Plano quinquenal será uma grande ajuda para o III Congresso do Partido e permitir-lhe-á tomar decisões justas e assim conduzir o nosso país sempre para a frente na via da vitória do socialismo.

(1) LENINE (V. I.) Obras, vol. 9, p. 119 (N. A.) Ed. albanesa T. 9, p. 111 da ed. francesa.

ENVER HOXHA, DISCURSO PRONUNCIADO NA REUNIÃO SOLENE CONSAGRADA AO 20.° ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA E NO 44.° ANIVERSÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (7 de Novembro de 1961) (1)

O Partido do Trabalho da Albânia conhece e compreende as profundas modificações que tiveram lugar no mundo, os novos fenómenos e condições que se manifestaram. Mas repelimos todas as tentativas que os actuais revisionistas fazem, com as quais, sob o slogan da «interpretação criadora do marxismo nas novas condições», propagam as suas falsas e oportunistas concepções, tentam fazê-las passar por um desenvolvimento ulterior do marxismo e, se alguém se pronuncia contra estas concepções, apressam-se a classificá-lo de dogmático, sectário, aventureiro. É uma táctica conhecida. Até aqui não há nada de novo, de original. Todos os revisionistas e oportunistas, a começar por Bernstein e a acabar em Tito, sob o pretexto das «modificações de conjunctura» e «novos fenómenos», renegaram os princípios fundamentais do marxismo. Como dizia V. I. Lenine, essas pessoas, encobrindo-se sempre com a palavra de ordem da luta contra o dogmatismo, aproveitando «a palavra conveniente: dogmático» levantaram-se contra o marxismo.

Partindo das modificações que se verificaram no mundo é necessário tirar justas conclusões revolucionárias, marxistas-leninistas, é necessário tirar conclusões que não criem ilusões reformistas e pacifistas e não enfraqueçam a luta contra o imperialismo, mas reforcem cada vez mais esta justa luta; é necessário tirar conclusões que não afastem a causa da revolução, mas a aproximem ainda mais, conclusões que não afastem os povos da luta pela libertação nacional, mas conduzam essa luta a um nível cada vez mais elevado.

Consideremos o problema da guerra e da paz. Será que a modificação da relação das forças a favor do socialismo significa que se seguirá uma modificação na natureza do imperialismo, que o imperialismo se encontra ligado de pés e mãos, que não está em condições de fazer seja o que for, que não pode desencadear guerras e empreender diversas acções agressivas? Uma tal conclusão é, além de errónea, bastante prejudicial. A subestimação das forças do inimigo e a sobrestimação das nossas forças conduzem ao enfraquecimento da vigilância e levam a aventuras perigosas, bem como a subestimação das nossas forças e a sobrestimação das forças do inimigo conduzem a concessões contrárias aos princípios, a erros e atitudes oportunistas. Partindo da situação real da relação de forças actuais do mundo, o Partido sublinhou e sublinha sempre que, na questão da guerra e da paz, é necessário ver duas eventualidades e que se torna urgente prepararmo-nos para as duas eventualidades, quer para a da evitabilidade da guerra quer para a do seu desencadeamento pelos imperialistas.

Não nos opomos ao princípio da coexistência pacífica, mas não estamos de acordo com alguns pontos de vista oportunistas de N. Krutchev e seus adeptos, que consideram a coexistência pacífica como orientação geral da política externa dos países socialistas, como a principal via do triunfo do socialismo à escala mundial, que, no interesse da coexistência pacífica, renunciam à luta pela denúncia do imperialismo, extinguem quase completamente a luta ideológica e política contra o revisionismo jugoslavo, sob o pretexto

(1) Neste discurso são retomadas, palavra por palavra, certas passagens da carta de 12 de Outubro de 1961 do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia.

de que a Jugoslávia, em algumas questões de política externa, apoia as propostas soviéticas. Esta concepção da coexistência pacífica é falsa e antimarxista, porque conduz à negação da luta de classes. A justa aplicação da política da coexistência pacífica, subentendendo também a denúncia do imperialismo e da sua política de guerra e agressão, deve ajudar o desenvolvimento da luta da classe operária dos países capitalistas, bem como o movimento de libertação nacional nos países coloniais e dependentes. Por outro lado, os sucessos da luta revolucionária de classe e de libertação nacional, retraindo e enfraquecendo as posições do imperialismo, reforçam a causa da paz e da coexistência pacífica. Os partidos comunistas nos países capitalistas, paralelamente à luta com vista a impôr a política da coexistência aos governos burgueses dos seus países, desenvolvem ao mesmo tempo a luta de classes pelo derrubamento do poder da burguesia, pela passagem ao socialismo segundo as condições concretas de cada país.

No que respeita às formas de passagem ao socialismo, N. Krutchev, tanto no XX Congresso como mais tarde, confundiu bastante esta questão. Quanto à via pacífica da conquista do poder pela classe operária, quase que a absolutizou e foi criada a ilusão de que, supostamente, apenas pela obtenção da maioria no parlamento a classe operária e o seu partido comunista podem tomar na mão o poder. Essas teses apenas agradaram aos revisionistas e aos diversos oportunistas, que se servem delas para justificar as suas concepções anti-marxistas. Nós, os comunistas albaneses, nunca fomos nem somos a **priori** contra a via pacífica. Mas os ensinamentos do marxismo-leninismo, a experiência histórica e a realidade dos nossos dias ensinam-nos que, para assegurar o triunfo da causa do socialismo, a classe operária e o seu partido devem estar preparados para duas eventualidades simultaneamente, quer para a da via pacífica, quer para a da via não pacífica. Orientar-se para uma única eventualidade significa empenhar-se numa falsa via. É apenas, e sobretudo, preparando-se bem para a via não pacífica que aumentam as possibilidades da via pacífica.

É desta maneira que compreendemos a coexistência pacífica e a sua ligação com a luta de classes. É desta maneira que compreendemos e aplicamos a política da coexistência pacífica com os outros Estados não socialistas, e em primeiro lugar com os nossos vizinhos.

... ...

Os dirigentes soviéticos chamam antimarxista, dogmático, sectário e contrário ao internacionalismo proletário, etc., a qualquer partido que não partilhe a mesma opinião que eles sobre algumas teses de princípio que foram postas ao XX Congresso. E mais, na tribuna do XXII Congresso, o ex-membro do Presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, E. Furtseva, chegou ao ponto de declarar: «Como podem considerar-se comunistas as pessoas que não aceitam as decisões do XX Congresso do nosso Partido?» (...)

O que significa que, segundo certos dirigentes soviéticos, o critério da fidelidade ao marxismo-leninismo, ao comunismo e ao internacionalismo proletário, seria a atitude em relação ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Acaso pode ser marxista uma tal lógica? Se todos os partidos comunistas e operários do mundo estabelecessem os novos critérios inventados por Furtseva, o simples facto de não estarem de acordo com muitas teses revisionistas do VIII Congresso do Partido Comunista Italiano, tornaria infelizes milhões de comunistas no mundo e deparar-se-lhes-iam dificuldades porque não saberiam para que endereço enviar as credenciais do partido.

Segundo os princípios leninistas que regem as relações entre os partidos marxistas, qualquer que seja a importância do congresso de um partido, qualquer que seja a amplitude e autoridade do partido de um país, as decisões do seu congresso são obrigatórias apenas para os seus membros.

No movimento comunista internacional, todos os partidos, sublinha a Declaração de Moscovo, são iguais e independentes, elaboram a sua política partindo das condições concretas dos seus países e inspirando-se nos princípios do marxismo-leninismo. A tentativa de fazer das decisões do congresso de um partido normas internacionais obrigatórias para todos os partidos, é uma violação brutal do princípio de igualdade e independência dos partidos marxistas-leninistas, está em contradição aberta com o internacionalismo proletário. Portanto, não é o nosso partido, mas a reacção soviética, encabeçada por N. Khrutchev, que abandonou posições do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, tentando impor aos outros partidos a sua própria orientação; exigindo-lhes a renúncia aos seus pontos de vista, a obediência e submissão à sua linha de orientação.

A questão de saber se o nosso partido se mantém ou não nas posições do marxismo-leninismo não é em nada determinada pela sua atitude crítica em relação a algumas teses expressas pelos dirigentes de certos partidos irmãos, ou pela apreciação subjectiva feita, a propósito da sua linha de conduta e da sua actividade, por N. Khrutchev e seus zeladores. O critério da verdade é a vida, a prática, deve julgar-se os indivíduos e os diferentes partidos a partir dos factos, da sua actividade prática. A via percorrida pelo Partido do Trabalho da Albânia, a linha que seguiu desde a sua fundação, a sua actividade política desde há vinte anos, são os factos mais convincentes que testemunham a sua inabalável fidelidade ao marxismo-leninismo, aos interesses vitais do povo albanês, à grande causa do socialismo e do comunismo, bem como à causa da paz no mundo.

O Partido do Trabalho formulou, pela via regular, as observações particulares sobre algumas teses de princípio do XX Congresso e sobre certas atitudes de dirigentes soviéticos com os quais não estava de acordo. Formulou-as respeitando todos os princípios instituídos de comum acordo e que regem as relações entre partidos irmãos. No que respeita às nossas observações sobre a política externa e os problemas da evolução mundial actual, já os expusemos mais atrás. Detenhamo-nos agora num outro problema importante, a propósito do qual tivemos e temos uma opinião diferente da dos dirigentes soviéticos. Trata-se da atitude em relação a J. V. Staline e à sua obra.

Segundo os pontos de vista do nosso partido, N. Khrutchev, para apresentar as suas teses oportunistas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e para mais tarde as difundir, teve de, previamente, repudiar J. V. Staline e a sua obra.

Fê-lo no relatório especial apresentado ao XX Congresso «Sobre o culto da personalidade e suas consequências». O nosso Partido não esteve e não está de acordo com a crítica contra Staline, nos termos em que foi feita, tanto no XX Congresso como mais tarde.

N. Khrutchev, dedicando-se a espalhar calúnias contra o nosso partido no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética e intervindo aí brutalmente nos nossos assuntos internos, disse que os dirigentes albaneses são contra a crítica do culto da personalidade de Staline, porque no nosso partido eram tidos como proveitosos os métodos do culto da personalidade e na Albânia reinaria o terror e a injustiça. Não nos deteremos aqui para repudiar estas calúnias, pois o facto do seu autor ter caído tão baixo, ao ponto de querer mobilizar a opinião pública contra o nosso partido, e empregar «argumentos» característicos dos inimigos jurados do socialismo e do comunismo, mostra, só por si, os seus obscuros projectos. Torna-se claro que, ligando no XXII Congresso os ataques sem fundamento contra o Partido do Trabalho da Albânia, à «luta contra o culto de Staline e o grupo anti-partido», N. Khrutchev propunha-se mostrar «a analogia» entre o pretenso «stalinismo albanês» e «a época dos crimes stalinistas» na União Soviética, com o intuito de assim criar a «at-

mosfera» de que tinha necessidade não só para o Congresso como também para a opinião pública mundial, para tornar mais verosímeis as suas calúnias. (...)

No nosso Partido não existe nem a doença do culto da personalidade, nem a violação da legalidade socialista. Mas, evitando as manifestações do culto da personalidade, o nosso partido, seguindo a justa via marxista-leninista, alimenta a afeição e o respeito pelos seus dirigentes; respeitando escrupulosamente a legalidade socialista, o nosso partido e o poder popular mostram-se severos para com os inimigos da nossa República Popular, para com todos aqueles que procuram tornar-se coveiros das históricas vitórias do nosso povo.

O Partido do Trabalho da Albânia foi e é contra a crítica feita a J. V. Staline no XX Congresso e que foi igualmente repetida no XXII Congresso, por outras razões de princípio.

Segundo o ponto de vista do nosso partido, J. V. Staline, em toda a actividade teórica e prática, foi e continua a ser um dos dirigentes e personalidades mais eminentes, não apenas da União Soviética e do Partido Comunista da União Soviética, como também do movimento comunista e operário internacional, um dos defensores mais ardentes e um dos maiores teóricos do marxismo-leninismo. O seu grande mérito histórico foi ter sido, durante vários anos seguidos, um discípulo fiel e resoluto companheiro de armas de V. I. Lenine na luta pela queda do czarismo e pelo triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro, e depois da morte de Lenine, à cabeça do Partido Comunista da União Soviética, defendeu acaloradamente o leninismo dos ataques furiosos dos trotskistas, bukarinistas, zinovievistas e outros inimigos e esmagou-os ideológica e politicamente. J. V. Staline, enquanto principal dirigente do partido, deu uma grande contribuição à direcção da edificação do socialismo na União Soviética e da Grande Guerra Patriótica da União Soviética contra o fascismo; desenvolveu o marxismo-leninismo numa série de questões importantes da sociedade socialista soviética e na edificação do socialismo e do comunismo, deu uma contribuição preciosa ao reforço das fileiras socialistas e do movimento comunista internacional bem como ao desmascaramento do revisionismo moderno, na pessoa do grupo revisionista traidor de Tito. Apreciando desta maneira a actividade de J. V. Staline, não há dúvida de que os erros que ele pudesse ter cometido no decurso dos últimos anos de vida eram parciais e não podem servir de critério para uma apreciação geral da pessoa de J. V. Staline e da sua actividade. Na apreciação geral da actividade de J. V. Staline, figuram em primeiro plano os seus grandes méritos, a luta pela defesa do leninismo, a luta pela edificação do socialismo na União Soviética, a luta pela formação e reforço das fileiras socialistas, pelo reforço da unidade do movimento comunista e operário internacional, a luta consequente contra o imperialismo, a sua política pela defesa da paz e da coexistência pacífica. Tudo isso constitui a sua característica fundamental enquanto dirigente e comunista. Tal foi e continua a ser a opinião inabalável do Partido do Trabalho da Albânia no que respeita à apreciação da obra de J. V. Staline.

A falsa posição de N. Khrutchev na sua crítica a J. V. Staline, consiste no facto de:

a) Ter exagerado de uma maneira excessiva, unilateral e tendenciosa os erros de J. V. Staline, chegando mesmo ao ponto de lançar baixas calúnias contra ele. Staline foi apresentado quase como um «inimigo» da União Soviética e do comunismo, foi caracterizado como um homem «brutal», «caprichoso», «déspota», «assassino», «sanguinário» e «criminoso» aos quadros do partido e revolucionários fiéis e experimentados, e como «ingénuo» aos imperialistas e fascistas. Como um homem que cometia grandes «actos de loucura», tanto na prática como nas questões teóricas, que «não entendia nada» do que se passava na União Soviética, que demonstrava «falta de respeito à memória de Lenine», sem contar com outras numerosas acusações do mesmo género. As declarações isoladas feitas no XX Congresso e depois, segundo as quais Staline permanece um marxista-leninista eminente, etc., são inteiramente pura forma e foram formuladas com o objectivo de atenuar a má impressão e justa indignação que suscitassem entre os comunistas do mundo inteiro estas acusações contra Staline. Com efeito, nem no XX Congresso, nem no intervalo, a direcção do Partido Comunista da União Soviética e a sua propaganda fez alguma apreciação positiva da herança teórica de J. V. Staline para mostrar em que consistiam esses aspectos positivos e qual a sua contribuição na defesa e desenvolvimento do marxismo-leninismo. Esta atitude brutal atingiu o cúmulo no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em que além de renovar as acusações do XX Congresso, desta vez publicamente, se adoptou ainda uma resolução especial para tirar o corpo embalsamado de J. V. Staline do mausoléu. Na impossibilidade de refutar Staline por argumentos de princípio no domínio da actividade e da criação teórica, Khrutchev, para combater Staline, remete o assunto para o terreno policial e toma medidas também no sentido da liquidação do cadáver de Staline. Depois de todos estes actos, como soam hipócritas as palavras de N. Khrutchev em Janeiro de 1957:

> «quando se tratava da questão da revolução, da defesa dos interesses da classe do proletariado, na luta revolucionária contra os nossos inimigos de classe, Staline defendia corajosamente e com intransigência a causa do marxismo-leninismo», ou então, «no essencial e no fundamental, para os marxistas-leninistas, é a defesa dos interesses da classe operária, da causa do socialismo, a luta contra os inimigos do marxismo-leninismo, no essencial e fundamental, queira Deus, como se diz, que cada comunista saiba lutar como lutou Staline».

Tanto N. Khrutchev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética como, depois do Congresso, toda a propaganda, trataram de maneira unilateral a questão da luta contra o culto da personalidade, passando em silêncio a doutrina leninista sobre as relações entre as massas, as classes, os partidos e os dirigentes. O grande Lenine, sobretudo no genial livro «A doença infantil» sublinhava insistentemente a imperiosa necessidade de criar em cada partido marxista um grupo de dirigentes, mais ou menos estável, composto de homens, detentores de mais autoridade, mais influência, mais experiência, que se chamam chefes. Sem uma direcção estável, a luta da classe operária e do seu partido comunista não pode ser coroada de sucesso. Contrariamente a estes claros ensinamentos de Lenine, no XX Congresso, sob o pretexto da luta contra o culto da personalidade, opôs-se, ao papel dos dirigentes, a democracia das massas. Não seria mau recordar o que escreveu V. I. Lenine a este respeito:

> *«Mas chegar, sob este pretexto, a opôr, em geral, a ditadura das massas à ditadura dos chefes, é um ridiculo absurdo, uma idiotice. O paradoxal, sobretudo, é que aos antigos chefes, que defendiam ideias humanas sobre as coisas simples, se colocam de facto (sob a capa da palavra de ordem «abaixo os chefes!») os novos chefes, que divulgam coisas particularmente estúpidas e complicadas.» (V. I. Lenine,* Obras, *vol. 31, p. 31, ed. albanesa).*

A pretensa «crítica de princípio» contra o culto da personalidade de Staline, foi utilizada por N. Khrutchev e o seu grupo — e com o tempo isso torna-se cada vez mais claro — para os seus objectivos anti-marxistas. De que maneira a utiliza e com que fins actua no plano interno (na

União Soviética e no Partido Comunista da União Soviética), é uma coisa que não nos diz respeito e que apenas o Partido Comunista da União Soviética pode julgar.

A questão da luta contra o culto da personalidade de Staline foi utilizada por N. Khrutchev para repudiar o leninismo, para preparar o terreno com vista a rever o marxismo-leninismo e para difundir as suas próprias concepções oportunistas sobre as questões mais importantes da evolução mundial actual e do movimento comunista internacional. Esta atitude e esta táctica não é nova nem original. Com efeito, na luta contra o leninismo, Trotsky serviu-se da mesma táctica:

«...*Trotsky, nos seus escritos* — disse J. V. Staline —, *faz uma nova (mais uma!) tentativa para preparar as condições com vista a substituir o leninismo pelo trotskismo. Trotsky apercebe-se da «imperiosa» necessidade de desacreditar o partido, os quadros que fizeram a insurreição, para passar do denegrimento do partido ao denegrimento do leninismo. Enquanto que o denegrimento do leninismo lhe é necessário para introduzir o trotskismo como «a única» ideologia «proletária» (não tomem isto como uma brincadeira). Tudo isso se faz certamente (oh, certamente) sob a bandeira do leninismo, para que a execução desta acção fraudulenta se faça «sem dano algum»* (J. V. Staline, *Obras*, vol. 6, p. 361, ed. albanesa.)

N. Khrutchev serviu-se igualmente da questão de Staline para atacar os elementos marxistas-leninistas, sãos, na direcção dos partidos comunistas e operários dos diferentes países, para assustar e, em caso de resistência, para liquidar mesmo qualquer pessoa que ousasse opôr-se, para impor o silêncio aos outros partidos e aos diversos dirigentes que não apoiassem as suas concepções revisionistas, a sua orientação. Em breve a questão do culto da personalidade foi utilizada como um espantalho para exercer pressões sobre outros partidos e para liquidar os dirigentes que não agradassem a N. Khrutchev. Estes desígnios, que ele tinha dissimulado até ontem, cobrindo-os com uma fraseologia «de princípio» e «marxista», revelou-os claramente diante do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Disse no seu discurso:

«*Pôr fim ao culto da personalidade significa para Shehu, Hoxha e outros, renunciar, no fundo, aos postos de comando no Partido e no Estado.*»

E acrescentou:

«*Mas não o querem fazer.*»

Se considerarmos que, no mesmo discurso, toma sob a sua protecção, como já o dissemos, e chama patriotas aos elementos anti-partido e aos agentes do imperialismo que participaram no complot organizado pelos imperialistas contra a República Popular da Albânia, aparece então claramente a luta «de princípio» de N. Khruchev contra o culto da personalidade na Albânia, a sua grande preocupação! Procura liquidar os dirigentes actuais do nosso partido e instalar no seu lugar elementos anti-partido e quaisquer conspiradores, agentes do imperialismo.

Refiramo-nos aos factos. Que resultados deram os esforços para a reabilitação da clique de Tito? Os dirigentes revisionistas jugoslavos não renunciaram nem às concepções anti-marxistas, nem à actividade hostil às fileiras socialistas e aos partidos comunistas e operários irmãos. O resultado mais evidente dos esforços de N. Khrutchev foi terem sido criadas, depois do ano de 1955, possibilidades para a camarilha de renegados jugoslavos agir mais livremente contra o movimento comunista mundial e os países do campo socialista sob a máscara do «camarada perseguido», utilizando mesmo, nesse sentido, a protecção do primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

A reabilitação dos revisionistas jugoslavos levou igualmente à reabilitação de todos os agentes e seus acólitos em alguns partidos irmãos, onde foi levada a cabo, sob a capa da «correcção de erros», uma verdadeira campanha contra os quadros sãos do partido e uma activação de todos os elementos anti-partido. Foi o que se passou em certos partidos dos países socialistas da Europa, bem como em certos partidos dos países capitalistas. O que é mais típico a este respeito, são os acontecimentos da Hungria, onde a activação dos elementos revisionistas, com Imre Nagy à cabeça, que beneficiavam do apoio e encorajamento, activos, dos revisionistas jugoslavos, conduziu ao desencadeamento da contra-revolução, que pôs em perigo a própria existência da Hungria enquanto Estado de democracia popular.

Apesar de tudo isto, N. Khrutchev seguiu ininterruptamente, com obstinação e grande confiança em Tito e seus companheiros, a política de aproximação, de lisonjas e gentilezas com os revisionistas jugoslavos. Os acontecimentos da Hungria ilustram ainda mais claramente esta atitude. Quando começou a contra-revolução na Hungria era bem claro para todos que, nos acontecimentos húngaros, os revisionistas jugoslavos desempenhavam um papel ignóbil. Isso notava-se na influência exercida nas discussões contra-revolucionárias do círculo «Potoefi», isso notou-se ao longo da insurreição contra-revolucionária e no entusiasmo que então exprimiram os revisionistas jugoslavos, mas isso tornou-se ainda mais claro no facto de Imre Nagy, depois do esmagamento da contra-revolução, se ter refugiado na embaixada jugoslava em Budapeste. E então, que se tornava necessário desmascarar implacavelmente os renegados de Belgrado como conspiradores directos do «putch» contra-revolucionário na Hungria, N. Khrutchev esforçou-se, por todos os meios, por atenuar a sua responsabilidade, minimizá-la e, por fim, emiliná-la completamente.

A atitude do grupo de N. Khrutchev em relação ao revisionismo jugoslavo difere, de facto, não só da atitude do Partido do Trabalho da Albânia, como também da atitude do movimento comunista e operário internacional inteiro, da atitude expressa nas Declarações de Moscovo dos anos 1957 e 1960, em que o revisionismo é qualificado de principal perigo no movimento comunista e operário internacional e o revisionismo jugoslavo de elemento de sapa das fileiras socialistas e das forças da paz. Portanto, torna-se claro que a direcção soviética se esforça por atenuar a luta contra o oportunismo no movimento comunista. É lá igualmente que importa procurar a origem das tentativas tendentes a falsear, por todo o género de manipulações, a tese clara das duas Declarações de Moscovo sobre o revisionismo enquanto principal perigo no movimento comunista e operário e colocar em primeiro plano a luta contra o dogmatismo. Para o nosso partido tornou-se cada dia mais claro que, admitindo em palavras a necessidade da luta contra o revisionismo e não a praticando de facto, N. Khrutchev e seus acólitos, sob o pretexto da luta contra o dogmatismo, lutam contra o marxismo-leninismo, entregam-se a grandes esforços para refutar as teses fundamentais da doutrina revolucionária do proletariado, exactamente como antes Tito o tentara fazer, e como tentaram, no passado, os oportunistas e revisionistas de toda a espécie.

Quais foram as consequências da difusão dos diferentes pontos de vista oportunistas da luta sem princípios contra J. V. Staline e a sua política de conciliação com a clique revisionista traidora de Tito, que N. Khrutchev e o seu grupo seguiram sem hesitações? Por mais que glorifiquem «as consequências miraculosas» havidas, «a crítica do culto da personalidade de J. V. Staline» e a «normalização das relações com a Jugoslávia», por mais que apresentem a questão como se se tivesse inaugurado, com o XX Congresso, uma época nova no desenvolvimento e reforço ulterior do movimento comunista mundial, os factos demonstram absolutamente o contrário. Estes falsos pontos de vista e atitudes tornaram-se um estandarte nas mãos dos elementos oportunistas e revisionistas em muitos países, para desencadear o ataque revisionista contra os partidos marxistas-leninistas. Foi o que aconteceu no Partido Comunista dos Estados Unidos da América, da Dinamarca, da Holanda, da Itália, da França, da Inglaterra, etc. Com a influência das concepções oportunistas apresentadas por N. Khrutchev no XX Congresso, o revisionismo reanimou-se o que foi assinalado por uma

intensa propaganda em muitos partidos comunistas e operários, tornando-se um perigo muito sério para todo o movimento comunista internacional. É precisamente sob estes slogans da luta contra o «despotismo stalinista» tirados do relatório «secreto» «Sobre o culto da personalidade e suas consequências», que, coisa espantosa, caiu entre as mãos dos meios reaccionários do Ocidente e por eles foi reeditado parcialmente, que a reacção imperialista e os revisionistas modernos, sobretudo os renegados revisionistas de Belgrado, inimigos do socialismo, da União Soviética e dos povos de todos os países das fileiras comunistas, organizaram as acções contra-revolucionárias contra o sistema socialista na Polónia e o putch contra-revolucionário na Hungria. É precisamente sob a protecção destas teses oportunistas, dos ataques contra Staline e das atitudes conciliatórias de N. Khrutchev para com os revisionistas jugoslavos, que adquiriu ainda mais impulso a camarilha renegada de Tito, que teve mão livre para conduzir amplamente a sua actividade de sapa contra as fileiras socialistas e o movimento comunista internacional.

Para nós é absolutamente claro que esta conclusão não é aceitável nem para N. Khrutchev, nem para os seus zeladores. Mas é lógico pôr a questão: por que razão, precisamente depois do XX Congresso recobraram forças os renegados e os revisionistas nas fileiras dos partidos comunistas e operários dos diferentes países, por que razão a clique revisionista jugoslava levantou a cabeça e desencadearam, todos ao mesmo tempo, o ataque frontal ao marxismo-leninismo? Por que razão, por exemplo, as teses do XIX Congresso, ou antes, do XVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética não se tornaram um estandarte nas suas mãos? Não há senão uma única explicação: porque algumas das teses postas no XX Congresso tinham um carácter oportunista e constituíam, por esse motivo, um alimento ideológico para os renegados e revisionistas na sua luta contra o marxismo-leninismo; porque a atitude em relação a Staline e em relação à clique de Tito sendo anti-marxista, foi por esse motivo, utilizada com grande sucesso pelos inimigos do marxismo e do socialismo para os seus próprios fins.

Conclui-se claramente pelo que precede que o carácter dos nossos desacordos foi puramente ideológico e político, que o nosso partido em nada se conciliou com certos pontos de vista e atitudes oportunistas de N. Khrutchev a respeito de algumas questões vitais da actual evolução mundial, pontos de vista que são contrários a alguns dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo e constituem uma grave infracção às Declarações dos partidos comunistas e operários dos anos 1957 e 1960. Mas a existência destas falsas concepções nos dirigentes soviéticos não é senão um meio-mal. O pior é que eles se esforçam por impôr a todo o preço as suas concepções oportunistas a todos os partidos comunistas e operários, recorrendo, para isso às pressões, chantagens e aos ataques mais brutais contra os partidos irmãos e dirigentes que não estão de acordo com as teses revisionistas de N. Khrutchev, que se opõem a elas e que defendem resolutamente o marxismo-leninismo. E aí está o pior, aí reside igualmente a causa pela qual as relações entre o nosso país e a direcção soviética se agravaram. Apercebendo-se de que as suas variadas tentativas com vista a vergar o Partido do Trabalho da Albânia e de lhe impor os seus pontos de vista anti-marxistas, falharam face à inabalável atitude marxista-leninista do nosso partido, e sendo seu desejo justificar perante o partido e perante o movimento comunista internacional a sua inadmissível actividade e a sua hostilidade em relação ao Partido do Trabalho da Albânia e à República Popular da Albânia, N. Khrutchev lança calúnias selvagens e públicas, tais como as que se ouviram da sua boca e das dos outros dirigentes soviéticos no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

O facto de ele ter escolhido a tribuna do XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética para fazer o «processo» do nosso partido, o facto de ele ter induzido em erro os representantes de alguns partidos irmãos levando-os a exprimir-se sem espírito de camaradagem contra o nosso partido nas suas saudações dirigidas ao Congresso do Partido Comunista da União Soviética, trazem à luz os seus métodos putchistas, a sua táctica de surpresa, a imposição unilateral da sua vontade ao movimento comunista e operário internacional, a sua falta de respeito para com os princípios fundamentais que regem as relações entre os partidos comunistas e operários irmãos, que foram estabelecidas de comum acordo e definidas nas Declarações de Moscovo.

Para examinar a actividade de um partido comunista e operário, para apreciar se ele se mantém ou não em posições justas, apenas pode ser competente uma instância internacional, uma reunião internacional dos partidos comunistas e operários, depois de ter apreciado uma exposição minuciosa dos argumentos do dito partido. Mas, N. Khrutchev teve medo de pedir a convocação de uma semelhante reunião, porque estava convencido de não poder atingir o seu objectivo: a condenação do Partido do Trabalho da Albânia. Foi por este motivo que não convidou igualmente o nosso partido para o XXII Congresso, porque o seu representante teria revelado a verdade sobre as relações albano-soviéticas, teria desmascarado as suas concepções e atitudes anti-marxistas, teria refutado todas as suas calúnias e acusações sem fundamento.

O método utilizado pelo primeiro secretário do Partido Comunista da União Soviética para atacar de uma maneira unilateral o nosso partido é conhecido pelo movimento comunista e operário internacional. Foi da mesma táctica que se serviu em Bucareste, onde se esforçou, com falsas e unilaterais acusações, em submeter os partidos marxistas-leninistas e comprometer, por uma tomada de posição apressada, irreflectida e não estudada, os representantes dos partidos irmãos, mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu atingir o objectivo preestabelecido. Pelo contrário, N. Khrutchev foi obrigado a aceitar o desenrolar da reunião de Moscovo, a aceitar os seus justos debates, onde se tornou claro que os seus pontos de vista não encontraram um apoio entusiasta entre os participantes, o que também se manifesta nos documentos aprovados pelos representantes dos 81 partidos e que N. Khrutchev transgride brutalmente em toda a sua actividade. Eis a razão porque, para atacar o nosso Partido, receando a convocação de uma conferência internacional, retomou os métodos putchistas, utilizando para esse fim o XXII Congresso.

Desta maneira N. Khrutchev também sabotou qualquer reunião internacional futura, porque, atacando de uma maneira unilateral e publicamente o nosso partido, colocou de uma maneira unilateral e publicamente o nosso partido, o Partido do Trabalho da Albânia, em condições desiguais.

No XXII Congresso, N. Khrutchev e os seus acólitos acusaram o nosso partido, porque, pelas suas acções «quebra a unidade, divide as fileiras socialistas e o movimento comunista internacional». É necessário que se tenha perdido todo e qualquer sentido das responsabilidades para pretender isso. Quem, de facto, sabota a nossa unidade: o Partido do Trabalho da Albânia ou a direcção do Partido Comunista da União Soviética com N. Khrutchev à cabeça? O nosso partido que sempre se conformou com o princípio segundo o qual os nossos desacordos devem ser resolvidos pela via do partido, com base nos princípios das Declarações de Moscovo dos anos 1957 e 1960, ou a direcção soviética que calcou aos pés estes princípios e que enveredou na via anti-marxista das pressões, das chantagens e que chega a lançar apelos abertos a uma contra-revolução na Albânia socialista?

O Partido do Trabalho da Albânia nunca falou publicamente dos desacordos, apenas pela via do partido e nas reuniões do partido criticou abertamente e com coragem as concepções e atitudes erróneas dos dirigentes soviéticos, enquanto que N. Khrutchev não se limitou a ser o pri-

meiro a falar publicamente, da tribuna do XXII Congresso, da existência dos desacordos, como ainda divulgou biliosos propósitos e calúnias a todo o mundo contra o nosso partido e o nosso poder popular, apresentando-o como um «regime de terror onde há por toda a parte prisões e pelotões de execução», usando a linguagem de Rankovitch que disse que «na Albânia reina o arame farpado e a estocada do guarda-fronteira». O nosso partido é pela unidade, pelo seu ulterior reforço, mas por uma sã unidade de aço, e não por uma unidade anémica e doentia. É justamente porque ele é por uma unidade de aço do movimento comunista e operário internacional e das fileiras socialistas que criticou com coragem e pela via do partido as manifestações e atitudes anti-marxistas de N. Khrutchev, que enfraquecem essa unidade.

Lamentamos bastante que alguns dirigentes dos partidos irmãos se tenham aliado às concepções erróneas de N. Khrutchev. Não pretendemos procurar os motivos que os obrigaram a adoptar esta atitude (compreendemos perfeitamente a posição difícil em que se encontraram), mas poder-se-á considerar justa a sua posição unilateral, *a priori*, quando a maior parte dos representantes dos partidos irmãos não estão ao corrente da evolução das relações do nosso partido e da direcção soviética? Será justo tomar posição por um ou por outro quando se ouve apenas os argumentos de uma das partes em causa, enquanto que à outra parte foi negado o direito de expôr o seu ponto de vista? Ou seria necessário instituir no movimento comunista novos princípios segundo os quais o grande deve ser escutado e o pequeno não, o grande tem sempre razão enquanto o pequeno nunca a tem? Na nossa opinião um tal raciocínio não é justo e não é conforme às normas leninistas das relações entre os partidos irmãos. Uma atitude deste género não contribui para o reforço da unidade do movimento comunista e operário internacional, para a consolidação das fileiras socialistas, mas enfraquece-o e criará mais tarde grandes problemas.

O PARTIDO DIRIGE TUDO

O Partido Comunista da China faz hoje 53 anos.

O nosso Partido cresceu e robusteceu-se nas tempestades da luta de classes e da luta entre as duas linhas. Os comités do Partido nos diversos níveis e um grande número de militantes passaram por uma nova prova e ganharam têmpera no movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio. A prática da luta comprova uma vez mais que o nosso Partido é grande, glorioso e correcto. Através de oito anos da Grande Revolução Cultural Proletária e dos seus IX e X Congressos Nacionais, o nosso Partido tornou-se mais forte, mais unido e mais vigoroso do que nunca.

O Presidente Mao ensina-nos: «**O Partido Comunista da China é o núcleo dirigente do povo chinês. Sem este núcleo, a causa do socialismo não pode triunfar.**» Entre o Partido, o Governo, o Exército, as organizações de massas e as instituições culturais e educacionais, é o Partido que dirige tudo, quer ao norte, ao sul, a este, a oeste ou ao centro do país. O actual movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio deve realizar-se sob a direcção unificada dos comités do Partido. Só com o robustecimento da direcção do Partido, é possível organizar as forças em diversos terrenos e **unificar a compreensão, a política, o plano, o comando e a acção** na base da linha revolucionária do Presidente Mao. É normal, na vida do Partido, que durante um movimento, se desenvolva no seio dos comités do Partido uma luta entre a linha correcta e a linha errónea e entre as ideias correctas e as erróneas, e que se realizem a crítica e a autocrítica dos defeitos e erros do trabalho de acordo com os princípios de «**praticar o marxismo e não o revisionismo; trabalhar para a unidade e não para a cisão; actuar de forma franca e honrada e não urdir intrigas e maquinações**». Isto aumenta a capacidade combativa das organizações do nosso Partido e permite-lhes dirigir com maior vigor o movimento; não significa, de maneira alguma, que a direcção do Partido possa debilitar-se.

Para fortalecer a direcção do Partido, o fundamental é levar à prática a linha e as política revolucionárias proletárias do Presidente Mao. Há que confiar nas

massas, apoiar-se nelas, mobilizá-las com audácia e saber converter a política do Partido em acção de massas. É necessário apoiar resolutamente o espírito revolucionário proletário das massas e acolher as suas críticas e a sua supervisão. Isto constitui um dos signos do florescimento do nosso Partido e do nosso Estado. Há que ir junto das massas, sintetizar oportunamente as experiências que ganharam na luta, sistematizá-las e perservar na sua prática. Frente a certas ideias erróneas contrárias ao marxismo, que surgem no movimento de massas, devemos ater-nos aos princípios e guiá-las para o caminho correcto. No que respeita às relações entre o Partido e as massas, o Presidente Mao assinalou: «**O Partido deve dirigir as massas, consoante as circunstâncias, na realização de todas as suas ideias correctas, e educá-las para que corrijam toda a ideia errónea que abriguem**». Devemos actuar deste modo.

«O que for correcto ou não, a linha **política e ideológica decidi-lo-á**». Os comités do Partido a todos os níveis devem ater-se à linha revolucionária proletária do Presidente Mao, colocar-se sempre na primeira linha na luta de crítica a Lin Piao e Confúcio, apreender firmemente a sua orientação geral e dirigir com audácia o movimento. No processo de luta, devem tornar-se em baluartes combativos, capazes de conduzir o proletariado e as massas revolucionárias para que ocupem com o marxismo os âmbitos da superestrutura. Actualmente, o movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio alcançou êxitos notáveis. Para levar por diante este movimento de maneira profunda, ampla e prolongada, necessitam-se no entanto dos esforços de todo o Partido. Entraram em acção activamente contingentes de trabalhadores teóricos operários, camponeses e soldados e teóricos profissionais de muitos lugares do país. Eles estudam os diferentes períodos históricos da luta entre as duas linhas protagonizadas pela escola confuciana e a legista ([1]) durante mais de dois milénios e assimilam a experiência da luta de classes na história, a fim de aderir com maior firmeza ao caminho socialista, combater a restauração capitalista, consolidar a ditadura do proletariado e levar a bom termo a actual luta para combater o revisionismo e evitá-lo. Esta é uma manifestação da profundidade do movimento. Os comités do Partido a todos os níveis devem estar ao corrente do recente desenvolvimento da nova situação e examinar os novos problemas para tomar a iniciativa na direcção do movimento. É necessário que os comités revolucionários dos distintos níveis, sob a direcção do Partido, desempenhem totalmente o papel que lhes corresponde. As organizações de operários, camponeses, mulheres, jovens e outras organizações de massas revolucionárias também devem cumprir o seu papel sob a direcção unificada do Partido e devem esforçar-se para alcançar a união de mais de 95 por cento das massas e dos quadros.

«Obedecer às ordens em todas as acções, marchar ao mesmo passo para conquistar a vitória.» Unamo-nos sob a direcção do Comité Central do Partido tendo à cabeça o Presidente Mao para conquistar maiores vitórias na luta de crítica a Lin Piao e Confúcio e alcançar novos êxitos nos esforços para nos **empenharmos na revolução e promover a produção, no trabalho e preparativos para enfrentar a guerra.**

(Editorial do Renmin Ribao, 1 de Julho
PEKIN INFORMA 10 de Julho de 1974)

([1]) A escola legista foi uma importante escola de pensamento que se opôs à escola confuciana durante o Período dos Estados Combatentes. Representava os interesses da nova classe proprietária de terras em ascensão e propagava a teoria materialista de que «o homem pode conquistar a natureza» contra a posição idealista de «sujeitar-se à vontade do céu e do destino». Defendia modificações na lei e reformas, e opunha-se à repressão e ao retorno à antiga ordem. Queria substituir «o governo dos ritos» pela «dominação pela lei», e a ditadura da classe esclavagista pela da classe proprietária de terras.

«MAS ONDE É QUE DEIXARAM O MARTELO?»

Crítica a Lin Piao e de Confúcio numa reunião do Comité do Partido da Fábrica de Construção de Máquinas do Povo de Pequim.

Ao longo do movimento de crítica a Lin Piao e a Confúcio que teve lugar na Fábrica de Construção de Máquinas do Povo de Pequim, cinco operários afixaram um *dazibao* (cartaz em grandes caracteres) sob o título «Onde é que alguns membros do Comité do Partido deixaram o martelo?».

Este *dazibao* estigmatizou os crimes contra-revolucionários de Lin Piao que, seguindo «a moderação e o regresso aos ritos» confucianos, desprezava o trabalho manual, os operários e os camponeses e difamava o envio de quadros à base para participar no trabalho manual. Ao mesmo tempo, em ligação com a situação concreta da fábrica, este *dazibao* critica alguns membros do Comité do Partido que não continuaram a participar no trabalho produtivo colectivo. Nele dizia-se: «Lembram-se dos martelos que os operários e empregados da fábrica vos deram na altura da vossa eleição para o Comité do Partido?» «Pedimos que vão buscá-los, acrescenta o *dazibao*. Já pensaram que não é só um martelo que deixaram de lado, mas também o excelente estilo do nosso Partido: ligação estreita com as massas e união da teoria e da prática».

Uma vez colado, este *dazibao* recebeu a aprovação e o apoio do Comité do Partido. Trazendo cada um o seu martelo, os membros do Comité do Partido realizaram uma reunião especial para a qual foram convidados os cinco autores do *dazibao* e aqueles que, em nome dos operários e dos empregados lhes tinham oferecido martelos na altura da fundação do Comité do Partido.

A HISTÓRIA DOS MARTELOS

O que se tinha passado?

Eis a história. Em Setembro de 1971, foi fundado o novo Comité do Partido desta fábrica. Nesta ocasião, os operários fabricaram com cuidado 17 novos flamejantes martelos para oferecer um a cada um dos 17 membros do novo Comité do Partido. Sobre os cabos deste martelos estavam inscritos a vermelho estas palavras: «Nunca se afastar nem do trabalho manual nem das massas».

Depois da fundação deste Comité os seus membros criticaram os crimes da linha revisionista de Liu Chao-chi que tentava conduzir os quadros a separarem-se da realidade das massas e do trabalho manual e a tornarem-se burocratas e senhores. Entretanto estabeleceram um sistema de participação dos quadros no trabalho produtivo colectivo. Depois, a maior parte dos membros do Comité do Partido, observaram este sistema e conservaram a qualidade política da classe operária: o espírito de luta árdua. Entretanto, alguns membros, que no princípio a ele correspondiam relachavam pouco a pouco a têmpera ideológica, despendendo cada vez mais tempo em reuniões ou a escutar relatórios nos seus gabinetes; e, gradualmente não iam para junto das massas e esquivavam-se ao trabalho manual. É este estado de coisas que criticava este *dazibao*.

A REUNIÃO DO COMITÉ DO PARTIDO

No começo da reunião, Song Yu-hsin, secretário do Comité do Partido propôs relembrar o seguinte ensinamento do presidente Mao: «*Nós devemos ater-nos ao sistema de participação dos quadros no trabalho produtivo colectivo, os quadros do nosso Partido e do nosso Estado são trabalhadores vulgares; não são senhores exercendo todo o seu peso sobre o povo. Tomando parte no trabalho produtivo colectivo, os quadros mantêm deste modo da forma mais vasta ligações constantes e estreitas com o povo trabalhador. É uma medida maior, de importância fundamental, no regime socialista, que contribui para vencer a burocracia e impedir o revisionismo e o dogmatismo.*» Depois disto, declarou que Confúcio tinha sempre desprezado o trabalho manual e difamado o povo trabalhador com o objectivo de manter a dominação reaccionária da classe dos proprietários de escravos. Brandindo a sinistra bandeira de «se moderar e retornar aos ritos», Lin Piao atacou perfidamente as escolas de quadros do «7 de Maio» e opôs-se à participação dos quadros no trabalho manual no objectivo de os corromper e de servir assim a sua tentativa de mudar a linha fundamental do Partido e de restaurar o capitalismo. A continuidade da participação dos quadros no trabalho produtivo colectivo é uma importante questão relativa à linha e à prevenção do revisionismo e à luta contra ele. Após ter feito a leitura do *dazibao* escrito pelos camaradas operários, Song Yu-hsin agradeceu-lhes de «soar o alarme» a tempo para o Comité do Partido. Em nome deste, aceitou as suas críticas e exprimiu a sua determinação de se corrigir sem demora.

Depois, os outros membros do Comité do Partido usaram da palavra. O secretário adjunto Tchu Lien-Ki disse: As classes diferentes têm pontos de vista diferentes sobre o trabalho manual. Confúcio desprezava o povo trabalhador e acusava de «vilão» o seu discípulo Fan Tche que queria aprender a lavrar a terra. Por seu lado, o povo trabalhador indicou que Confúcio era uma pessoa estúpida que «não sabia nem trabalhar com os seus quatro membros nem reconhecer as cinco espécies de cereais». A directiva do Presidente Mao recomendando aos quadros de participar no trabalho produtivo colectivo reveste-se de uma importância capital para prevenir e combater o revisionismo e continuar a revolução sob a ditadura do proletariado. O facto de que Lin Piao atacou furiosamente a participação dos quadros no trabalho manual dizendo que se tratava de «uma forma disfarçada de desemprego» mostra que ele era um fiel partidário de Confúcio e revela a sua verdadeira oposição à Grande Revolução Cultural Proletária. O camarada Tchu é um quadro veterano que se juntou à revolução no decurso da Guerra de Resistência contra o Japão. Na sua intervenção, ele lembrou como, durante esses dias difíceis da guerra, os quadros do Partido tinham partilhado alegrias e desgostos com o povo, combatido juntos, e, com a mais humilde espingarda, tinham vencido o imperialismo Japonês e os reaccionários Kuomintanianos. Ao mesmo tempo, fez a sua autocrítica falando dos erros que ele tinha cometido, depois da libertação, sob a influência perniciosa da linha revisionista de Liu Chao-chi, deixando germinar cada vez mais a ideologia burguesa em busca dos benefícios da vida afastando-se das massas e do trabalho manual. Ele declarou muito comovido: «Ao separarmo-nos do trabalho manual aproximamo-nos cada vez mais do revisionismo e da burguesia e afastamo-nos cada vez mais do marxismo-leninismo e do proletariado. É uma lição que nós nunca devemos esquecer!»

Tchu Teh-tsiuan, membro do Comité do Partido, disse por vez: «No decurso de todo o período histórico do socialismo, existe sempre a luta de classes, a luta entre as duas linhas e o perigo da restauração do capitalismo. As ideias burguesas de todas as espécies exalam cheiros pestilentos e os inimigos de classe recorrem a todos os meios possíveis para corromper os nossos quadros. Se [illegible] a vigilância, se nos afastarmos do trabalho manual e das massas, se nos deixarmos facilmente subornar e corromper pelas ideias burguesas, nós empenhar-nos-emos na via errada do revisionismo. Eu tinha pensado que para um quadro de origem operária como eu, pouco importava o trabalho manual. Um tal ponto de vista é erróneo. Só participando no trabalho manual e trabalhando com o suor na testa, ao lado dos operários, se pode, sobre um plano ideológico, ficar próximo deles e conservar para sempre as qualidades próprias da classe operária.»

Depois dele, Li Kuang-tsiu, membro do Comité do Partido e operário veterano, declarou: «Quem se opõe ao trabalho manual e o despreza? Confúcio, Lin Piao, os proprietários de terras e os capitalistas. É nosso dever participar no trabalho manual, visto que, nós quadros do Partido, somos servidores do Povo.»

AS VOZES DOS OPERÁRIOS

«Peço a palavra!» Um jovem operário e membro do Partido chamado Siang-tchong levantou-se para contar, com emoção, como os operários fabricaram estes martelos e os ofereceram aos membros do Comité do Partido em 1971. E fez notar: «Foram simples martelos que vos demos? Não. Oferecemo-vos os votos de todos os trabalhadores da fábrica que esperam ver-vos guardar para sempre as qualidades da classe operária e conduzir as massas na sua marcha em frente seguindo a linha revolucionária do Presidente Mao. Mais tarde, alguns de vós deixaram de lado o martelo, o que nos preocupou bastante. Hoje, estamos muito satisfeitos de verificar que graças à crítica a Lin Piao e a Confúcio, os camaradas dirigentes do Comité do Partido retomaram os seus martelos e decidiram-se a corrigir os seus erros.»

Um dos autores do *dazibao*, Wang Kien-tchong, declarou: «O Comité do Partido teve hoje uma reunião excelente. Excelente, porque ela mostra que, dentro do movimento de crítica a Lin Piao e a Confúcio, os membros do Comité do Partido tomam a dianteira no estudo da crítica e dão assim provas do espírito de se revolucionarizarem. Sob a justa direcção do Comité do Partido nós combateremos na unidade e levaremos até ao fim a luta para criticar Lin Piao e Confúcio.»

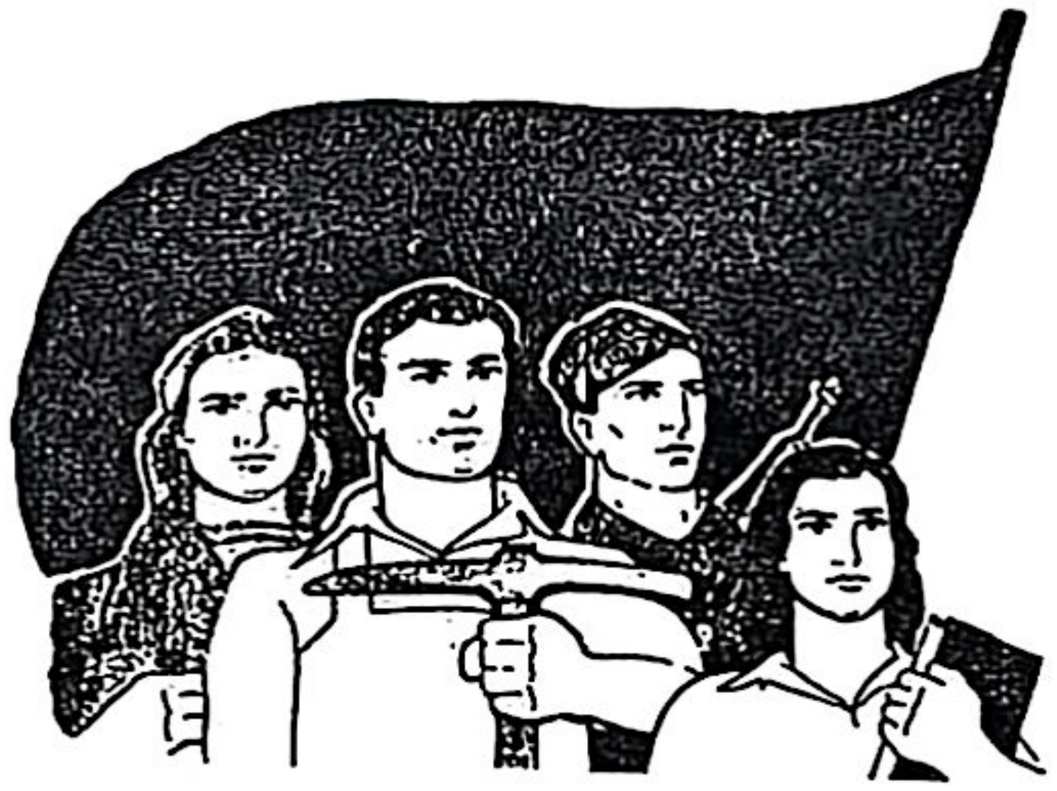
Bateu meio-dia. O secretário adjunto Han Yun-hong propôs debaterem a decisão do Comité do Partido relativo à participação dos quadros no trabalho manual. Todos os seus membros estiveram de acordo sobre este ponto. Todos os quadros quer estejam nos postos dirigentes de fábrica, ou na base, devem consagrar pelo menos dois meses por ano na participação no trabalho produtivo colectivo, e a quinta-feira é fixada como dia de trabalho manual. Para garantir a sua aplicação, doravante o Comité do Partido terá cada trimestre uma reunião «sob o signo do martelo» a fim de verificar a participação dos quadros no trabalho manual e de se submeterem ao controle das massas.

A reunião devia acabar, mas muitos operários pediam ainda a palavra. O operário Wang Kin-kuo apressou-se a acrescentar: «É necessário que o Comité do Partido tome medidas a respeito da participação dos quadros no trabalho manual. Mas o mais importante é materializá-la. Depois do que se passou, uma tal decisão não se concretizará sem incidentes e certamente haverá lutas.» E o operário Suen Kia-yeu prosseguiu: «Se nós exigirmos que os quadros tomem parte no trabalho manual, não é porque a mão-de-obra falte e eles devam fornecer a sua parte de força de trabalho: mas sim, para lhes pedir que tenham mais contacto com as massas e dêm ouvidos às suas opiniões e aos seus pedidos, para saber o que elas pensam e o que fazem, a fim de melhor aplicar a linha e a política revolucionárias do Presidente Mao.»

E, com efeito, na continuação desta reunião, os membros do Comité do Partido

da fábrica e os outros quadros dirigentes em todos os escalões melhoraram o seu estilo de trabalho misturando-se mais estreitamente com os operários, trabalhando e criticando Lin Piao e Confúcio com eles. Após os últimos dias de trabalho manual para os quadros, todos desde o Secretário do Comité do Partido aos simples quadros, tomaram parte no trabalho produtivo colectivo nas oficinas. Os operários afirmaram com alegria: «É um dos resultados encorajadores do movimento de crítica a Lin Piao e a Confúcio da nossa fábrica.»

«Pekin Information»



MANTER-SE NA JUSTA ORIENTAÇÃO E NA FILOSOFIA DE LUTA

Estudo das Intervenções às palestras sobre a literatura e a arte em Yenan, do Presidente Mao.

Há 32 anos, o presidente Mao proferia as suas intervenções às palestras sobre a literatura e a arte em Yenan, durante uma violenta luta entre as duas linhas.

Nesta obra notável, ele criticou profundamente a linha oportunista seguida por Wang Ming e consócios assim como a doutrina de Confúcio e de Mencius, uma das origens ideológicas mais importantes daquela linha; ele estigmatizou a fundo a posição política reaccionária à qual eles se agarraram opondo-se ao progresso e obstinando-se no retrocesso assim como todas as manifestações de tal posição no domínio literário e artístico. Desta maneira ele continuou a desenvolver a concepção marxista do mundo e a teoria marxista em matéria de literatura e arte. Durante estes últimos 32 anos as «Intervenções nas palestras sobre a literatura e a arte em Yenan» serviram-nos sempre de arma ideológica afiada, tanto nas lutas contra as correntes ideológicas oportunistas, como na luta actual para criticar Lin Piao e Confúcio.

Nas suas «Intervenções», o presidente Mao começou por pôr esta pergunta fundamental, uma questão de princípio: «A quem servir? Ele sublinhou em termos explícitos: *«A nossa literatura e a nossa arte servem da mesma maneira as grandes massas populares, em primeiro lugar aos operários, camponeses e soldados; elas foram criadas para eles e utilizadas por eles.»* Servir os operários, os camponeses e os soldados, orientação aqui indicada com clareza, guia não só o trabalho literário e artístico revolucionário mas também o nosso trabalho revolucionário.

Persistir nesta orientação, quer dizer, na realidade, é manter-se na linha revolucionária proletária do presidente Mao. A Grande Revolução Cultural Proletária desencadeada e dirigida pessoalmente pelo nosso grande dirigente, o presidente Mao, é uma grande revolução política conduzida nas condições do socialismo pelo proletariado contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras. Esta revolução tem por alvo assegurar a aplicação da linha fundamental do Partido definida pelo Presidente Mao por todo o período histórico do socialismo, de *consolidar a ditadura do proletariado, precaver a restauração do Capitalismo e edificar o Socialismo.* À semelhança de Confúcio, Lin Piao, este renegado e traidor à nação, queria «moderar-se e voltar aos seus ritos»; ele atacava perfidamente a Grande Revolução Cultural Proletária e negava os resultados; deste modo ele visava transformar a linha e a política fundamentais do Partido, derrubando a ditadura do proletariado, e restaurar o Capitalismo, «fazendo renascer os Estados extintos, restaurar os privilégios hereditários das famílias nobre decaídas, chamar aqueles que tinham ficado na sombra a altos cargos» e permitir a um punhado de proprietários e burgueses reinar de novo sobre o povo trabalhador. Isso vem negar completamente a orientação que consiste em servir os operários, camponeses e soldados.

O movimento de crítica a Lin Piao e a Confúcio em curso é o aprofundamento da Revolução Socialista e o prolongamento da longa luta conduzida desde o «Movimento de 4 de Maio pelo Partido Comu-

nista Chinês e o povo revolucionário que ele dirige contra os inimigos do país e do estrangeiro. Na China, as revoluções dirigidas pelo proletariado têm sempre estado ligadas à crítica da doutrina de Confúcio e Mencius.

Durante o meio século que se seguiu ao Movimento 4 de Maio, no decurso da revolução da democracia nova e da revolução socialista, o presidente Mao utilizou a concepção materialista dialéctica e materialista/histórica do mundo para crítica repetida, sobre os planos político e ideológico, à doutrina de Confúcio e Mencius e aos seus adoradores, em ligação estreita com as lutas contra os reaccionários do país e do estrangeiro e contra as linhas oportunistas «de esquerda» e de direita no seio do Partido. Esta crítica constitui um importante componente das lutas sucessivas que se desenrolaram entre as duas linhas no seio do nosso Partido. No momento actual, a crítica a Lin Piao e a Confúcio é uma luta política e ideológica pela qual o Marxismo vencerá o Revisionismo e o Proletariado vencerá a Burguesia no domínio da super-estrutura. Esta luta, reveste um grande significado prático, é um dado histórico, durável e profundo para consolidar a ditadura do proletariado e impedir a restauração do capitalismo. No que respeita à frente literária e artística esta luta é um grande combate para persistir na justa orientação de servir os operários, os camponeses e os soldados, fazer triunfar a linha revolucionária proletária sobre a linha revisionista em matéria de literatura e arte e prosseguir até ao fim a revolução proletária nestes domínios. Nas suas Intervenções, o presidente Mao, ensina-nos que é preciso defender «*tudo o que exorte as massas à concórdia e à unidade das vontades, tudo o que se oponha ao retrocesso e contribua para o progresso*» e combater «*tudo o que semeie a discórdia e a divisão no seio das massas, tudo o que se oponha ao progresso e nos faça andar para trás.*» Para ser uma arma de combate servindo a revolução e combatendo o retrocesso e a restauração, as letras e as artes revolucionárias devem criticar a doutrina de Confúcio e Mencius assim como o revisionismo.

Os trabalhadores literários e artísticos revolucionários devem compreender a fundo o carácter prolongado e complexo da luta empenhada durante o período histórico do Socialismo entre a restauração e a contra-restauração, armar-se do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung e lançar-se activamente na luta.

A Grande Revolução Cultural Proletária introduziu profundas modificações nos domínios político, ideológico, cultural, ecomico e outros, e um grande número de coisas novas Socialistas apareceram. Estas constituem, nelas mesmas, uma crítica profunda à doutrina de Confúcio e Mencius. Dedicando-lhe um ódio mortal o grupo antipartido de Lin Piao procurou por todos os meios sabotá-las. Quanto a nós, devemos apoiá-las com entusiasmo, contribuir para o seu desenvolvimento para consolidar e desenvolver melhor ainda as aquisições da Grande Revolução Cultural Proletária. Nas suas «Intervenções», o presidente Mao, pediu aos trabalhadores literários e artísticos revolucionários para glorificar «*os homens novos, o mundo novo*». Segundo este ensinamento, a literatura e a arte revolucionárias proletárias encontram-se agora em presença duma importante tarefa, a de continuar a tomar a linha fundamental do Partido como eixo, de seguir o exemplo das peças de teatro modelo em termos revolucionários para reflectir fielmente a luta grandiosa que é a Grande Revolução Cultural Proletária, representar aprofundadamente a revolução e a edificação socialistas, glorificar com ardor as novas coisas socialistas; ao mesmo tempo, eles devem denunciar todas as forças tenebrosas prejudiciais às massas populares. Glorificar o quê? Denunciar o quê? Isto nunca é uma questão que diga simplesmente respeito à literatura e à arte, mas antes de tudo uma importante questão política. O proletariado quer cantar a Grande Revolução Cultural Proletária, enquanto que a burguesia se obstina em negá-la e combatê-la. Para as produções literárias e artísticas, nós devemos julgá-las «*antes de tudo pela posição tomada, nestas obras, em relação ao povo*». É preciso apoiar e ajudar com entusiasmo as obras cantando com ardor revolucionário a revolução proletária, sobretudo a Grande Revolução Cultural Proletária, e tendo uma justa orientação política mesmo se elas (as obras) ainda são imperfeitas no plano artístico e apresentem erros; é preciso indicar, com objectividade e espírito de análise o que deixa a desejar nestas obras e ajudar os seus autores a modificá-las e a revê-las a fim de encorajar nos trabalhadores literários e artísticos, profissionais ou amadores, a melhor reflectir as lutas reais da era socialista e a fazê-los desempenhar plenamente o seu papel militante nas letras e nas artes revolucionárias, o de «*unir e educar o povo (...) quebrar e aniquilar o inimigo*». Em compensação nós devemos criticar sem piedade as obras que, ferozmente hostis à revolução proletária, sobretudo à Grande Revolução Cultural Proletária, as obscurecem e deformam perfidamente.

Para os seus objectivos políticos de oposição à Revolução, Lin Piao preconizava, no plano político, «*moderação e o retorno aos ritos*» e «*manter-se no meio termo*» e propagava em matéria de literatura e arte a teoria da natureza humana, própria dos proprietários e da burguesia, a teoria de «nada de conflitos» assim como outros absurdos. Com efeito, estes discursos nada têm de novo. Há já mais de 30 anos, no momento crítico da Guerra da Resistência contra o Japão, Wang Ming, Liu Chao-Chi e consócios pretenderam que as obras literárias e artísticas deviam descrever o «amor da humanidade», na vã tentativa de desarmar o povo Chinês no plano ideológico face ao inimigo da Nação e ao de classe. Criticando este absurdo reaccionário, o presidente Mao indicou de maneira penetrante nas suas «Intervenções»: «*Não há no mundo nem amor sem causa nem ódio sem causa. Quanto ao pretenso 'amor da humanidade' depois que esta se dividiu em classes, jámais existiu um amor assim generalizado. Todas as classes dominantes do passado foram compelidas a pregar um tal amor e muitos 'sábios' — fizeram outro tanto, mas ninguém ainda o pôs em prática, pois é coisa impossível numa sociedade de classes.*» Ele pôs a nu a hipocrisia, a mentira e a natureza reaccionária da teoria absurda do «amor da humanidade». Não pretendia Confúcio que era preciso «amar o mundo inteiro»? Mas com efeito ele atirava pó aos olhos. Não só nunca amou o povo trabalhador, como ainda odiava mortalmente a classe ascendente dos proprietários de terras. Era um punhado de privilegiados da classe dos proprietários de escravos que ele amava. Quer fosse «manter-se no meio termo», ou na teoria da natureza humana própria dos proprietários e da burguesia quer na teoria dita «nada de conflitos» todos estes absurdos pregados por Lin Piao faziam sem excepção parte das armas utilizadas pelos proprietários de terras e pela burguesia, derrubados sob o socialismo, para atacar o proletariado. Eles queriam muito simplesmente que este e o resto do povo trabalhador «se mantivessem no meio termo», falassem do «amor da humanidade», renunciassem aos seus conflitos com os proprietários de terras e a burguesia e às suas lutas contra estes últimos. Mas, quanto a eles, praticaram sem moderação alguma o revisionismo, suscitaram a cisão e organizaram numerosas conjuras na tentativa de transformar a linha e a política fundamentais do Partido, de derrubar a ditadura do proletariado e de restaurar o capitalismo. A esse respeito, eles não falavam nunca de «meio termo» nem de «amor da humanidade» nem de «ausência de conflitos». No domínio da política eles aguçaram a sua espada para procurar desencadear no momento oportuno um golpe de estado contra-revolucionário; no domínio literário e artístico, eles sonhavam a todo o momento fazer reocupar a cena por elementos malfeitores e nunca deixaram de atacar perfidamente as peças de teatro revolucionárias. Como o disse Lu Sin, quando as forças reaccionárias «verificavam que não se podia nada contra elas, mostravam-se despóticas e ferozes, comportavam-se como tiranos e nunca se mantinham no meio termo. Eles falavam a todo o momento de «meio termo»

no momento em que as suas forças se dissipavam, e eram então obrigados à gritar que era preciso manter-se no «meio termo».

O presidente Mao sublinhou: «*Entre os aspectos opostos da contradição, há ao mesmo tempo unidade e luta, é isto mesmo que força as coisas e os fenómenos a moverem-se e a transformarem-se.*» Não é senão através da luta que as contradições sociais podem realizar uma transformação revolucionária e fazer progredir a história. *A filosofia do Partido Comunista é uma filosofia de luta.* A luta impele ao progresso; sem luta recua-se, encalha-se e cai-se no revisionismo. Se as nossas obras literárias e artísticas desejam reflectir correctamente a vida palpitante da luta revolucionária da nossa época e utilizar, à semelhança das peças-teatro-modelo-revolucionárias, o método de criação unindo o realismo e o romantismo revolucionários para dar a conhecer as figuras heróicas do proletariado, elas devem criticar a fundo a doutrina reaccionária e podre de Confúcio e de Mencius, a regra de conduta «do meio termo», a teoria da natureza humana dos proprietários e da burguesia e a teoria dita «nada de conflitos» pregadas por Lin Piao, cantam com entusiasmo as coisas socialistas nascidas da Grande Revolução Cultural Proletária, ousar e saber reflectir e representar as contradições e os conflitos agudos surgidos na luta de classes e na luta entre as duas linhas.

Nas suas «Intervenções», o presidente Mao indicou «*No mundo de hoje, toda a cultura, toda a literatura e toda a arte pertencem a uma determinada classe e derivam duma linha política definida*». A luta que se desenrola na frente literária e artística é o reflexo da luta de classes na sociedade e da luta entre as duas linhas no seio do Partido.

Prestando constantemente uma grande atenção à direcção do Partido sobre o trabalho literário e artístico, o presidente Mao desencadeou e dirigiu pessoalmente lutas sucessivas travadas na super-estrutura, incluindo o domínio literário e artístico. Beneficiando do apoio e da atenção cordiais do Comité Central do Partido com o presidente Mao à cabeça, os combatentes literários e artísticos revolucionários, começaram por fazer a revolução na Ópera de Pekim; transpondo todas as dificuldades e todos os obstáculos, eles criaram uma série de peças de teatro-modelos de temas revolucionários radiantes de Marxismo, de Leninismo, de pensamento de Mao tsé-tung, dando-nos assim um exemplo que mostra como fazer a revolução nas letras e nas artes, na super-estrutura. Os comités do Partido, em todos os escalões devem dar uma grande atenção ao trabalho literário e artístico, reforçar a direcção sobre este trabalho e utilizar a crítica a Pin Piao e a Confúcio para impulsionar a revolução neste domínio. A experiência histórica ensina-nos que a luta nesta matéria está invariavelmente ligada à luta entre as linhas políticas. *Destituição de Hai Juei* não foi posta em cena por instigação de Liu Chao-chi, o renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, e seus semelhantes para reabilitar Pen Teh-huai? *Subir a Montanha Três Vezes aos Pessegueiros* (ver Pekim informação, n.° 11, pág. 8) não foi ela utilizada para fazer eco à contra-corrente política tendente a voltar a trazer-nos à antiga ordem e a negar a Grande Revolução Cultural Proletária? Se o proletariado não exerce a sua ditadura na super-estrutura, incluindo todos os domínios da cultura, a burguesia restaurará aí o seu domínio.

O presidente Mao sublinhou: «*Ou o vento do Leste vence o do Oeste, ou é o vento de Oeste que vence o de Leste. Não há compromisso possível quando se trata de linha política.*» A burguesia obstina-se em se manifestar, em procurar transformar o Partido e o mundo à sua imagem. Mas é absolutamente preciso, não o permitir. Adaptar-se a ela, *é arriscar a morte do Partido e da Pátria! Que é preciso fazer então? Não se pode transformar o Partido e o mundo senão à imagem da vanguarda proletária.* É uma luta de morte, da qual depende a questão de saber quem transformará quem e quem vencerá. Os comités do Partido em todos os escalões têm de se apoiar nos operários, nos camponeses e nos soldados armados do marxismo, do leninismo, do pensamento de Mao tsé-tung, continuar a exercer a ditadura do proletariado na super-estrutura, incluindo todos os domínios da cultura e levar até ao fim a luta para criticar Lin Piao e Confúcio. Os membros do Partido, os quadros, os intelectuais e os trabalhadores literários e artísticos revolucionários têm, eles também, de se consagrar durante a luta, ao «*estudo do marxismo-leninismo e da sociedade*» e transformar ainda mais a sua concepção do mundo. Contanto que nos mantenhamos fiéis à linha revolucionária proletária do presidente Mao, à orientação de servir os operários, os camponeses e os soldados, à filosofia de luta dos comunistas, nós poderemos assegurar o triunfo da crítica a Lin Piao e Confúcio, conseguir vitórias ainda maiores na revolução proletária em matéria de literatura do proletariado e fazer brilhar a causa da nossa revolução e da nossa edificação socialistas duma forma ainda mais viva.

DECLARAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO DO CHILE

UNIDADE DO POVO PARA COMBATER O IMPERIALISMO E DERRUBAR A DITADURA!

I. O IMPERIALISMO YANQUE PROCURA ASSEGURAR O SEU CONTROLE HEGEMÓNICO NA AMÉRICA LATINA

Os sectores mais retrógrados conseguiram novamente afogar em sangue as justas aspirações de liberdade do povo chileno. O punhado de grandes industriais monopolistas e de donos de extensos latifúndios, aliados por decénios aos clãs industriais e financeiros norte-americanos, hoje representados pela junta militar fascista, pretendem fazer parar a justa luta do povo chileno contra a dependência e a exploração.

O imperialismo norte-americano, principal inimigo dos povos do nosso continente, acossado por graves problemas económicos e políticos, internos e externos, submerso na derrota da sua injusta agressão aos povos da Indochina, assediado tanto pela luta dos povos que procuram libertar-se da sua dominação, como pela crescente pressão das outras potências imperialistas, principalmente a União Soviética, e afectado pela profunda crise do sistema capitalista mundial, procura perpetuar o seu domínio económico, político e militar sobre a América Latina.

O imperialismo yanque não está disposto, de nenhum modo, a ceder parte do seu controle hegemónico. A América Latina constitui a sua reserva estratégica, o seu «pátio traseiro». E, com este fim, apoia-se, em primeiro lugar, nas forças armadas reaccionárias do continente que, não em vão, têm formado, orientado e apetrechado ideológica, política e militarmente.

Neste marco, desenvolveu-se a gestão da direcção da UP que representou os esforços de um sector da burguesia (burocracia partidária e sindical, camadas da intelectualidade, sectores da pequena burguesia e, mais escassamente, da média burguesia), impulsionada pelo novo imperialismo russo, para se desenvolver como um novo sector da burguesia burocrática através do controle do aparelho económico e administrativo estatal. Com o aval do novo imperialismo russo, interessado em ganhar terreno na América Latina, tratou de ganhar o apoio de um sector das Forças Armadas e, por esse caminho, chegar ao controle do Poder.

II. UMA POLÍTICA CONDENADA AO FRACASSO DESDE O SEU NASCIMENTO

Para levar por diante os seus propósitos, esse sector da burguesia reformista tinha que tirar do controle do aparelho estatal e de certas áreas da economia os grandes empresários monopolistas nacionais e norte-americanos e os sectores latifundiários que, tradicionalmente, têm explorado o povo chileno. Substituindo os antigos patrões, nas empresas do sector social, e os grandes senhores da administração pública, pretenderam desenvolver-se como um novo explorador.

Como, necessariamente, este novo sector da burguesia reformista entrou em contradições com estes inimigos tradicionais do povo chileno, ela serviu-o e utilizou-o — juntamente com a promessa de satisfazer algumas antigas e sentidas reivindicações — para atrair o apoio popular e subordinar a luta das massas aos seus próprios interesses de classe.

A gestão da UP demonstrou claramente que o seu anti-imperialismo não correspondia à contradição entre o povo chileno e o imperialismo yanque, mas às contradições interimperialistas das superpotências: Estados Unidos e União Soviética.

No seu programa de reformas (chamado pomposamente «via chilena para o socialismo») além de medidas que lesavam os interesses de certos sectores latifundiários e monopolistas e de outras que afectavam a permanência de determinadas grandes empresas norte-americanas, contemplava num todo, uma série de antigas reivindicações das massas populares (medidas contra a inflacção, reajuste de contas, salários e pensões, nivelamento de subsídios familiares, maior participação em empresas e organismos estatais, maior democratismo em todas as esferas, eliminação dos corpos repressivos da luta popular, etc.).

Com a promessa dessas e de outras medidas — *das quais não conseguiu cumprir nem sequer as mais essenciais* — tentou hegemonizar e subordinar aos seus próprios interesses a luta das massas, procurando enquadrá-la, ao memo tempo, dentro das vias legais.

Mas, por sua vez, estas medidas demagógicas, ampliaram a luta de massas e aumentaram a sua combatividade, pondo entre a espada e a parede, e, muitas vezes, ultrapassando a política reformista da direcção da UP. A luta de classes no Chile agudizou-se ao extremo. As massas populares exigiam medidas severas e efectivas contra o imperialismo, os monopólios, os latifúndios e contra os sectores fascistas.

As classes reaccionárias, que viam a sua existência ameaçada no controle do poder e viam diminuir a sua influência no campo económico e na administração do Estado, e o próprio imperialismo norte-americano, que sentia o seu domínio debilitar-se, reagiram e organizaram a sua ofensiva preparando o golpe fascista.

A profunda crise económica, que se agudizou a graus extremos, tanto pela ofensiva fascista e pelo boicote económico dos sectores reaccionários e do imperialismo yanque, como pela demagogia e inconsequências próprias do reformismo, levaram a UP a um beco sem saída. Acreditaram que poderiam utilizar as leis e as instituições, criadas e aplicadas tradicionalmente pelos reaccionários para beneficiar e proteger-se daqueles que as estabeleceram. Iludiram-se com a possibilidade de cozinhá-las a seu próprio modo e a fogo lento. Mas o programa de reformas da UP foi encaixado e bloqueado pelos reaccionários que utilizaram para isso as suas instituições e leis, o Parlamento e a imprensa, além dos meios extra-legais, abertamente fascistas.

Em face da grave e profunda crise geral, a direcção da UP começa a afogar-se nas suas próprias águas. Por um lado, a ofensiva do imperialismo e dos reaccionários, cuja ponta de lança eram as hostes de Pátria e Liberdade, ameaçavam-na continuamente com o golpe. Os lock-outs patronais conseguiram arrastar um grande sector da popu-

lação, descontente com a política da direcção da UP e angustiada pela crise económica. Por seu lado, a Democracia Cristã apoiou estas ofensivas do fascismo e fez chantagem com a UP com o perigo do golpe. E, por outro lado, as massas populares exigiam-lhe mais profundidade nas medidas contra as empresas imperialistas, os monopólios nacionais, os latifundiários e uma repressão firme contra os sectores fascistas. A estas justas petições, agregavam a exigência do cumprimento das 40 Primeiras Medidas que, como dissemos, não foram postas em prática nem as mais essenciais.

Impossibilitados, pela sua posição burguesa, de promover e enquadrar uma saída revolucionária, mediante a mobilização geral do nosso povo contra os seus inimigos tradicionais, os altos dirigentes da UP, principalmente a direcção revisionista, procuraram um entendimento com um sector das Forças Armadas.

Uma vez mais, a história volta a demonstrar que a burguesia reformista é absolutamente incapaz e tem medo de armar e mobilizar o povo contra os seus inimigos fundamentais. Tem medo que uma vez livre dela o povo «mude a espingarda de ombro» e se volte contra a própria burguesia reformista.

Assim colocada, entre a espada e a parede, vimos como a direcção da UP preferiu confiar nalguns generais, tentando, através do golpe de mão e nas costas do povo, agarrar-se ao Poder. Mas, infelizmente, para o povo e para os próprios reformistas, o imperialismo e os seus lacaios têm, até agora, mais experiência em golpes, com a principal agravante de que a América Latina é uma zona reservada ao imperialismo norte-americano e não aos russos e outras potências imperialistas.

III. O QUE O NOSSO POVO DEVE APRENDER

Algumas lições que o nosso povo deve extrair da última experiência:

1) Uma vez mais fica demonstrado que, em países como o nosso, governa-se com o imperialismo ou contra o imperialismo, com as massas populares ou contra elas. Aqui não há meios termos.

2) O povo chileno, constituído por operários, camponeses pobres, camadas médias da cidade e do campo, estudantes e intelectuais progressistas que, no seu conjunto, representam mais de 95 % da população, não tem nenhuma possibilidade de avançar na sua libertação sem contar para isso, com a sua organização e o seu próprio exército. Só o proletariado e o seu partido de vanguarda poderão dirigir a luta anti-imperialista, antimonopolista e antilatifundiária de uma forma consequente e até ao final.

3) O processo de libertação do povo chileno, como dos restantes povos da América Latina, será necessariamente prolongado e deverá contar com a solidariedade coordenada do continente.

4) A fraqueza do desenvolvimento capitalista, em países como o nosso e, portanto, da burguesia, incapacita-a de levar por diante uma luta consequente contra a dominação imperialista e contra os entraves que significam o latifúndio e os monopólios, para o desenvolvimento e libertação do país.

5) Mais débil ainda é o sector da burguesia reformista que a direcção da UP representou, pois, nem sequer contava com uma base económica própria, tendo que procurá-la no desenvolvimento e usufruto dos privilégios, do aparato económico e burocrático estatal. Esse era um dos objectivos da direcção da UP ao ampliar o sector estatal da economia, isto é, desenvolver-se como um sector da burguesia burocrática estatal.

6) Desde o seu próprio nascimento, a política reformista burguesa da direcção da UP estava condenada ao fracasso. Não podia ter feito outras coisas do que as que

levou para a frente. Não se trata de ter cometido erros, como dizem alguns. Pela debilidade e pelos interesses mesquinhos de classe que representava, nunca teria podido chegar a outro lado. Ou conciliava com o imperialismo e os reaccionários, renunciando ao seu programa reformista, ou, ficava sujeita a ser derrotada e a transformar-se na negra ante-sala de um sangrento regime fascista. Não tinha mais do que duas alternativas: Goulart ou Gonzalez Videla.

7) Para fortalecer as suas posições, a direcção da UP procurou o apoio incondicional das massas populares. Esforçou-se por conseguir um doseamento da luta de massas, para que estas não escapassem ao seu controle e não ultrapassassem a legalidade e institucionalidade, de que a burguesia é respeitosa por natureza. Ao mesmo tempo, fomentou nelas ilusões acerca da possibilidade de combater o imperialismo e os reaccionários, através das próprias leis burguesas. Ilusões sobre o profissionalismo e neutralidade política das Forças Armadas reaccionárias.

8) Desta maneira, a direcção da UP desarmou ideológica, política e militarmente o povo. Além disso, isolou o proletariado, subtraindo-lhe o apoio das camadas médias já que, com o seu aventureirismo, empurrou-as para o lado do fascismo. Frente à ofensiva reaccionária, o proletariado e o sector do povo que o acompanhou, achou-se indefeso, isolado e imobilizado. Com a sua política, a burguesia reformista levou o movimento popular à conciliação, à frustração e ao fracasso. Constituiu-se, deste modo, na ante-sala do fascismo.

9) Com maior vigor, a experiência demonstrou, uma vez mais, a validade da tese leninista que, sem combater e derrotar o revisionismo, não se pode desenvolver nenhuma luta séria e consequente contra o imperialismo e os reaccionários. Igualmente, hoje não pode haver uma luta verdadeira e consequente pela independência nacional, se se confiar noutra potência imperialista ou, o que é pior, se ela leva oculta a dependência imperialista. O povo deve apoiar-se, em primeiro lugar, nas suas próprias forças, e secundariamente, utilizar as contradições inter-imperialistas.

10) O nosso povo, até agora, tem vivido e experimentado a sorte de duas alternativas. Uma, um regime «democrático» burguês, no qual se lhe ofereceram reformas e podia disfrutar, ainda que limitadamente, de determinadas liberdades e garantias democrático-burguesas. A outra, o actual regime, abertamente fascista, onde não existe respeito nem sequer pelas mínimas necessidades do ser humano e nenhuma possibilidade de alcançar a liberdade, a menos que se lhe oponha uma força suficientmente maior e o derrube.

Naturalmente, entre este regime e o que a ditadura quebrou, quem tenha sofrido as atrocidades do fascismo preferirá o anterior! Nós, sem hesitação, temos que demonstrar ao povo que este tem a sua própria alternativa, o seu próprio caminho, que não consiste nem em voltar a um passado desonroso e cheio de frustrações, nem tão pouco em aceitar um presente avassalado pelo terror e pela opressão.

O povo chileno deve e saberá traçar o seu próprio destino. A própria experiência demonstrou que só o povo é o principal protagonista e a força motriz que impulsiona a história. Para isso, o povo deve apoiar-se, em primeiro lugar, nas suas próprias forças e não confiar na demagogia da burguesia reformista.

IV. PERSEVERAR NA LINHA MARXISTA-LENINISTA

A luta do nosso povo contra a dependência e a exploração tem-se desenvolvido, permanentemente, nos últimos 150 anos, sob o domínio de uma determinada potência imperialista. Sendo assim, certos sectores burgueses e (ou) de latifundiários, que têm

contradições com o imperialismo, têm dispendido esforços para controlar, hegemonizar e utilizar (impossibilitados de contê-la), esta luta espontânea do povo chileno e a seguir beneficiar da sua exploração.

Por sua vez, na luta pelos seus próprios interesses, o proletariado e as massas populares têm conseguido continuamente ultrapassar as directivas políticas e gremiais burguesas, escapando ao seu controle e influência. Esta é uma forma, embora embrionária, como as massas populares e o proletariado defendem a sua independência política.

O desenvolvimento do nosso Partido no seio do proletariado e das massas populares e a influência que tem exercido para estabelecer uma alternativa política revolucionária e independente nas suas lutas, é a forma consciente como o proletariado e o povo defendem os seus interesses e a sua independência política.

Durante o período do governo da UP e já muito antes, o nosso Partido estabeleceu a Alternativa Popular Revolucionária. Defendemos firmemente que o proletariado e o povo chileno não têm que escolher, entre duas alternativas burguesas (entre reformismo ou fascismo), a melhor, mas que deve estabelecer a sua própria alternativa independente. O proletariado e o povo chileno têm que recorrer por si próprios ao seu próprio caminho, criticando e destruindo, a cada passo, as alternativas burguesas.

Lutando contra as pressões permanentes da burguesia e, em primeiro lugar, do revisionismo, tanto no plano externo como no interno, o nosso Partido tem vindo a desenvolver até hoje uma correcta linha marxista-leninista, de unidade da imensa maioria do nosso povo para lutar contra os seus inimigos principais, salvaguardando, ao mesmo tempo, a sua independência ideológica e política.

No período do governo da direcção da UP, etapa de profunda agudização da luta de classes, a luta entre as duas linhas expressou-se, como nunca antes se tinha expressado, de uma forma tão intensa e complexa, no seio da classe operária e do nosso Partido; a luta entre o caminho que propõe reformar o sistema de dependência e exploração e o caminho que conduz à libertação do nosso povo; a luta entre o revisionismo e suas variantes e o marxismo-leninismo.

Resumindo em poucas linhas, podemos dizer que o centro da luta entre as duas linhas, naquele período, estava nos seguintes aspectos:

1. Entre os que, com uma posição marxista-leninista, defenderam a independência ideológica e política do proletariado, do seu Partido e do seu programa — o programa Democrático Popular — e os que, com uma posição oportunista, desarmaram ideológica e politicamente o proletariado e o arrastaram a reboque da burguesia e do seu programa reformista burguês.

2. Entre os que defendiam que «a grande linha divisória passa entre o imperialismo yanque, os grandes exploradores e os seus servidores declarados ou encobertos, e todos os patriotas que estão pela expulsão do imperialismo e a derrota definitiva dos inimigos do povo», e os que, com uma posição oportunista e ao mesmo tempo sectária, isolaram o proletariado e empurraram as camadas médias para as fileiras da reacção, agudizando a divisão artificial do nosso povo entre partidários de um sector burguês e outro, entre partidários da oposição e do governo.

3. Entre os que defendiam que «chega-se ao socialismo tirando do poder o imperialismo e a grande burguesia e substituindo a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado e das massas populares», e os que defendiam que com a chegada ao poder de um sector reformista, encabeçado pela direcção, o povo iniciava «a via chilena para o socialismo».

4. Entre os que defendiam que «para construir o socialismo não basta que os meios de produção estejam nas mãos do Estado. Além disso é preciso que o Estado esteja nas mãos do proletariado», e os que faziam aparecer o desenvolvimento do capitalismo de Estado como «avanço para o socialismo».

5. Entre os que defendiam que, sendo «as Forças Armadas o principal componente do poder estatal, o carácter de classe do Estado é dado pelo carácter de classe da Força Armada que o sustenta», e os que faziam aparecer as Forças Armadas reaccionárias como «o povo de uniforme» e, a submissão a elas, como o «sólido baluarte do processo».

6. Entre os que defendiam que em «países como o nosso governa-se com as massas populares ou contra elas, com o imperialismo yanque ou contra ele. Não há caminhos intermédios», e os que, amarrando o povo à legalidade reinante, faziam aparecer o seu verbalismo anti-imperialista e a sua sujeição real aos yanques como «a segunda independência».

A essência destes seis pontos está na luta de morte entre o marxismo-leninismo e o seu oposto: o revisionismo. A luta entre os seguidores do caminho revolucionário proletário e os seguidores do caminho reformista burguês. Entre os que procuram a verdadeira libertação do nosso povo e aqueles que só pretendem trocar um amo por outro.

Apesar de sectores mais avançados do proletariado e do povo terem feito sua a Alternativa Popular Revolucionária estabelecida pelo nosso Partido, a direcção reformista burguesa conseguiu arrastar um sector importante do povo que, de acordo com o seu próprio nível de consciência, acreditou ver nesse programa um caminho para a libertação.

Sem dúvida, o programa do passado governo terminou malogrando-se e arruinando consigo, no fracasso, a política dos seus próprios gestores revisionistas.

Não podiam chegar a outro lado. A sua demagogia política e económica, destinada a alcançar o apoio popular, se é certo que o conseguiu em parte, não é menos certo que originou um maior agravamento da crise geral e da super-exploração do nosso povo.

Numa economia deformada, dependente e de desenvolvimento capitalista limitado, com uma agricultura pobre e atrasada, com um produto nacional bruto escasso, todo o aumento indiscriminado do capital circulante e nenhum desenvolvimento económico, tinha que trazer consigo, forçosamente, um aumento veloz da inflacção. Agravada com o boicote dos reaccionários, o aparecimento do mercado negro e a especulação desenfreada, fez com que a crise económica recaísse sobre o povo, aumentasse a sua super-exploração tornando-lhe ainda mais difícil a sua já precária vida.

À aparente situação de abundância e de estabilidade económica dos primeiros meses de gestão da direcção da UP, sucederam-lhe tempos de angustiosa falta de abastecimentos, bichas, especulação e mercado negro. E hoje em dia a fome, a desnutrição e o frio descarregam-se como um castigo severo sobre o povo chileno.

Esta experiência, que o nosso povo assimila com dor, demonstra que não podemos ser superficiais e catalogar uma política como justa, pelo simples facto de, num determinado período, alcançar um certo apoio de massas.

Do mesmo modo, demonstra-nos que uma política justa não contará com o apoio popular pelo simples facto de ser proclamada como verdade. Uma política justa só pode provir de um processo prolongado em que, reiteradamente, se enfrente com a prática das massas populares. Neste processo cíclico, das massas às massas, essa política enriquece-se constantemente. As massas vão fazendo-a sua à medida que vêem nela a identificação dos seus interesses.

O povo aprende, em último lugar, com a sua própria experiência. Uma política justa não é outra coisa senão, partindo de um ponto de vista correcto e utilizando um método científico, a contínua sistematização e formulação teórica dessa experiência.

É por esta razão que um ponto essencial da táctica traçada pelo nosso Partido está no reforço do trabalho de massas e no processo de acumulação de forças revolucionárias em torno do proletariado e do seu programa. Processo que significa o alcance de uma ampla e profunda unidade com o povo, em que este faça seu o programa político estabelecido pelo nosso Partido e o desenvolva na luta contra os seus inimigos, hoje representados pela ditadura fascista.

Resumidamente, a experiência demonstra-nos que, sem combater e derrotar a influência da burguesia no seio das massas populares, sem derrotar a ideologia e a política do revisionismo, em todas as suas variantes, é impossível travar um combate sério e ter êxito na luta contra o imperialismo e os reaccionários.

V. A AGUDIZAÇÃO DA CRISE E O GOLPE FASCISTA

A demagogia, complemento inevitável da política reformista — num terreno de maior democracia — acabou por destravar a luta das massas com maior amplitude e combatividade. Ao mesmo tempo, levou o movimento de massas a um terreno de perigosa e fatal debilidade ideológica, política e militar. Isto, por criar nelas ilusões falsas e perniciosas acerca da possibilidade de aproveitar as leis e as instituições da burguesia e, até as próprias Forças Armadas reaccionárias, para derrotar os piores inimigos do povo.

No Chile, a burguesia reformista converteu-se assim, inevitavelmente, na ante-sala do fascismo. O seu trabalho sistemático e prolongado de dispersão e de anulação ideológica e política do proletariado e das massas populares, os seus esforços para impedir que o povo se armasse (lei de Controle de Armas) e a sua política aventureira e fatal de golpear as camadas médias e a pequena burguesia, facilitaram extraordinariamente o desenvolvimento das forças do fascismo e ajudaram-no a criar condições propícias para a sua ofensiva reaccionária. Mais ainda, ao negar e impedir a mobilização do povo para conter a ofensiva fascista, chegando, muitas vezes, até a reprimir os que tomavam a iniciativa de combater o fascismo.

Foi neste clima, de aguda e profunda crise económica e política, de agudo aprofundamento da luta de classes, com o comércio e o transporte paralisado pelos reaccionários, com as Forças Armadas imobilizando e reprimindo antecipadamente as massas populares — aplicando a lei de Controle de Armas —, com os primeiros sintomas, embora demasiado tardios, de espontânea preocupação das massas populares para armar-se e conter o fascismo, que os reaccionários inspiraram e promoveram o mais bárbaro, sanguinário e desumano golpe de Estado por parte das Forças Armadas reaccionárias.

Com o seu «pronunciamento», a 2 de Setembro de 1973, as Forças Armadas reaccionárias passaram mais um capítulo da História. Demonstraram, uma vez mais, o seu papel de cães de guarda do imperialismo yanque e da grande burguesia. Marcaram o fracasso mais importante dos últimos anos da política reformista burguesa e também assestaram um golpe duríssimo nos agentes do novo imperialismo russo.

VI. O REGIME FASCISTA: REPRESSÃO E MAIOR SUPER-EXPLORAÇÃO DO NOSSO POVO

O fascismo deu o controle total e efectivo ao Poder e arrasou todo o vestígio democrático existente. Só o frio interesse e a voracidade do grande capital monopolista, apoiado pelo terror como instituição e profissão, imperam no nosso solo pátrio.

A repressão selvática e massiva, a brutalidade com que têm sido avassalados até os direitos mais essenciais do ser humano, não são senão uma parte da política de «Restauração Nacional» aplicada pelos fascistas. A ela une-se o peso da maior super--exploração que o nosso povo tem suportado na sua história. A situação é agudizada, além disso, por efeito da crise mundial do sistema capitalista.

A política reaccionária de liberdade de preços, inclusive para os alimentos indispensáveis; a congelação de contas, salários e pensões; o aumento considerável dos impostos

directos e indirectos; a supressão da maior parte das regalias e garantias económicas e sociais que as massas tinham conquistado com as suas lutas; a supressão de crédito e o aumento do preço dos consumos para os pequenos e médios empresários da agricultura, indústria e comércio; a devolução das grandes empresas e de grande quantidade de latifúndios aos seus antigos donos; o cancelamento massivo de contratos na administração pública e empresas privadas; a restrição ao máximo do orçamento fiscal, provocando com isso um maior desemprego e diminuição das obras públicas destinadas à saúde, habitação, educação e outras de benefício popular; a aceitação da renegociação da Dívida Externa nas condições impostas pelo imperialismo yanque e das procuras das companhias de cobre para receber maior indemnização pela expropriação das mesmas, constituem, entre outras, algumas das principais medidas económicas do actual regime.

Hoje, para sectores vastíssimos do nosso povo é uma verdadeira tragédia conseguir alimentar-se e sobreviver. Toda esta política económica descrita descarrega-se como um açoite cruel sobre a sua já difícil existência.

Hoje em dia, os monopólios, os donos de grandes latifúndios e as companhias imperialistas que desenvolvem actividades no país, com apetites insaciáveis, recuperam-se do que antes, em parte, deixaram de ganhar. É a estes sectores, que tradicionalmente exploram e condenaram o Chile ao seu subdesenvolvimento, à dependência e à miséria das massas populares, que a política do regime fascista serve. Ao aumento das já imensas fortunas, estes privilegiados exploradores referem-se à chamada política de «recuperação económica dos actuais governantes».

Os sectores fascistas, fugidos da guarida mais obscura e reaccionária da história, são os mentores ideológicos que inspiram a política geral da Junta Militar. São essas mesmas luzes, que ainda vivem no passado medieval, que lhes fabricam discursos floridos para estes «líderes» improvisados com dragonas.

O imperialismo yanque apoia complacente a política geral seguida pela Junta Militar.

Depois de tão grave descalabro que significou para eles a agudização das crises económica, política, social e institucional no governo da direcção da UP, perante o aumento generalizado da luta das massas populares e perante a limitação das actividades das companhias yanques (expropriações, falta de lucros, etc....), o imperialismo yanque não tinha outra saída para conservar o sistema político institucional da burguesia.

A Democracia Cristã, que se oferecia para preencher a vaga, que fez grandes esforços por liderar as ofensivas reaccionárias preliminares ao golpe, sem por isso deixar de abrir a porta a um possível entendimento com a direcção da UP, entendimento que nunca chegou, ficou hoje marginalizada de qualquer participação no governo. Até agora, enfrenta graves dificuldades para exercer uma política efectiva, que signifique continuar a manter a sua existência como força política democrático-burguesa.

Os seus dirigentes são continuamente atacados, as suas vozes caladas e muitos dos seus militantes que exerciam cargos na administração pública e universidades, têm sido demitidos das suas funções. Só através de alguns dirigentes concebemos a luta social como um combate entre civis e «uniformizados».

Que quer dizer um Estado de Direito *mais avançado* que o que a ditadura quebrou? Com isto não estão, de facto, a culpar a sua fracassada «via chilena para o socialismo» à *imperfeição* do Estado burguês? Isto já o sabiam, disseram-no antes de chegar ao governo, e, por isso, o seu propósito era reformá-lo, *aperfeiçoá-lo*. Acaso pode chamar-se marxista quem pretende aperfeiçoar o Estado de direito burguês, iludindo a luta inevitável para a sua destruição e substituição pelo Estado Democrático Popular?

E na sua definição ambígua de *luta social*, não há, precisamente, uma renúncia clara à inevitável luta que os reaccionários travam contra todo o propósito do povo de se libertar desse «Estado de Direito» com que a burguesia o oprime e o explora?

A história repete-se. De novo, os dirigentes revisionistas acabam de fazer votos de pureza e de castidade, para obter o salvo conduto dos reaccionários. Antes, sob o regime de Ibanez, prometeram «não ser perigo para nenhum interesse respeitável». Hoje, dizem que «nem antes nem agora concebemos a luta social como um combate entre civis e uniformizados».

Mas, não devemos esquecer que alguns destes dirigentes e, principalmente muitos dos seus militantes, são hoje perseguidos pela ditadura e, por este facto, o povo está solidário com eles. O nosso Partido, por uma atitude básica de servir o povo, deve ter uma franca posição solidária com todos os perseguidos, qualquer que seja a sua filiação política.

O facto de ter uma atitude de honesta e desinteressada solidariedade, inclusive com quem não compartilhamos a sua política, constitui uma amostra clara para as massas do nosso espírito de servi-las de todo o coração. Será um factor decisivo para ganhar a sua confiança e ajudá-las a compreender, partindo do seu nível real de consciência, o grave prejuízo que têm vindo fazer na sua luta os dirigentes do falso partido comunista, ajudando-as a desembaraçar-se da sua nefasta influência.

Perante a situação actual, só há duas atitudes: uma, crer o inimigo invencível e render-se antecipadamente aos seus pés. Outra, conscientes da sua superioridade temporal relativa, preparar desde já, com esforço, zelo e sacrifício, as condições para a sua derrota, e com ela, avançar na luta para a ruína definitiva do sistema de dependência e de exploração, que o nosso povo tem sofrido durante séculos.

O nosso Partido não luta para regressar aos caducos e gastos sistemas e regimes largamente experimentados pelo nosso povo, onde se disfarça a opressão sob o manto «protector» do imperialismo — a democracia burguesa. O nosso povo não tem que escolher entre dois sistemas de opressão, exploração e dependência, o menos mau. Pelo contrário, deve lutar para terminar com este sistema injusto e para construir uma sociedade nova, independente e livre, onde seja o próprio povo que decida o seu próprio destino: uma sociedade democrática popular que abra o caminho para um futuro sem exploração.

O nosso Partido terá que sofrer, juntamente com o nosso povo, esta dolorosa mas profunda experiência histórica. Quem não está disposto a percorrer este caminho, unido e identificado intimamente aos sacrifícios e dores do nosso povo, não merece nem deve ter um posto de combate nas nossas fileiras. O caminho é longo e não serão pétalas de rosa que atapeçarão o seu trajecto, mas duros sacrifícios. Mas, é o único que conduz à liberdade e à felicidade tão ansiadas pelo nosso povo.

VII. PERSPECTIVAS DA LUTA DE MASSAS

Na situação actual é possível desenvolver a luta de massas?

É possível que nestas lutas o proletariado e as amplas massas populares levem para diante os seus próprios objectivos políticos?

Por hipótese, há quem não creia possível tanto uma como outra. Alguns acreditam na primeira possibilidade, mas não na segunda. Raciocionando desta maneira errada, condenam o proletariado e as amplas massas populares a pôr-se aos pés dos fascistas ou, no melhor dos casos, a seguir a reboque da burguesia. A burguesia toma as rédeas da luta, o proletariado e o povo, docilmente, empurram a carroça e submetem-se à sua direcção.

O nosso Partido não pensa assim. Até agora, temos defendido sempre, com firme convicção, a independência dos interesses políticos do proletariado e das massas populares, lutando contra as tendências revisionistas — dentro e fora do Partido — que aspiram

a pô-lo a reboque da burguesia. E neste propósito não vacilaremos perante nenhum obstáculo.

Não só existem condições para organizar, impulsionar e desenvolver uma ampla luta das massas pelos seus interesses e para derrubar a ditadura, mas também, como nunca antes, têm-se criado condições para construir uma sólida unidade do proletariado e do campesinato com as amplas massas do nosso povo, como base da luta pela libertação nacional.

Para evitar dúvidas e compreender bem o problema da perspectiva de luta de massas, é preciso que aclaremos, na sua justa relação, os seguintes aspectos:

1. Uma tarefa de importância vital para o nosso povo, enquanto subsistir a ditadura, será a luta pelo seu derrubamento.
2. O derrubamento da ditadura pode ocorrer, inclusive, dentro dos marcos da dependência do imperialismo e do regime burguês reinante. Se assim sucedesse, isto não significaria a conquista do Poder pelo povo nem o fim do sistema de dependência e de exploração.
3. Por isso, para o nosso Partido, o derrubamento da ditadura não é um fim em si mesmo. É um meio para continuar a avançar na luta pela libertação definitiva do nosso povo. Um meio para alcançar a independência e o fim da exploração.
4. O derrubamento da ditadura pode provir de diferentes formas. Pode ser por pressões de sectores burgueses que se sentem frustados e reclamam a sua parte no manejo do país. Pode ser por uma fracção das próprias Forças Armadas descontente com a política actual. Ou porque o imperialismo yanque determine que outra expressão de poder o sirva melhor. Ou por pressão da luta não armada de massas. Ou então, por formas superiores da luta de massas, pela luta armada popular.
5. Sem deixar de aproveitar o impulso e o desenvolvimento da luta de massas não armadas, forma que tem tomado tradicionalmente nos últimos anos, e pela qual pode cair a ditadura, não devemos perder de vista a perspectiva, o futuro da luta: a conquista do Poder pelo povo, que só se obterá por meio da *luta armada popular.*

Tendo presente a perspectiva, cujos aspectos básicos colocámos nos cinco pontos anteriores, *hoje, o nosso Partido une-se com todos os que lutam pelo derrube da ditadura.* Este é o objectivo mais importante nesta etapa. A ditadura, como expressão da política de dominação imperialista, é o escolho principal que se opõe aos interesses das amplas massas do nosso povo e impede a organização da luta pela conquista do Poder e libertar o país do sistema de dependência e de exploração.

Mas, como dissemos, não limitamos a nossa acção apenas a este objectivo imediato. Não devemos confundir o derrube da ditadura com o objectivo da conquista do Poder. Se bem que estes objectivos sejam diferentes a luta para alcançá-los não é oposta. Na luta que organizamos, impulsionamos e desenvolvemos, em conjunto com outros sectores interessados em derrubar a ditadura, o nosso Partido não perde de vista a perspectiva da luta pela conquista do Poder pelo povo. Na luta pelo derrube da ditadura, o povo pode e tem que desenvolver os seus próprios objectivos políticos independentes, destinados a acumular forças para a conquista do Poder.

A deterioração e isolamento político da Junta Militar tem sido mais veloz do que se acreditava. A contradição entre os interesses que representa e os das amplas massas populares, a agudização rápida das suas próprias contradições internas, o aumento implacável da super-exploração das massas populares, o aumento descomunal do desemprego e a incapacidade dos reaccionários para dar pão, abrigo, tecto, trabalho, liberdade e felicidade ao povo, são todas condições objectivas que estimulam e geram a luta de massas.

O povo chileno, a sua heróica classe operária, os camponeses pobres, sectores da pequena burguesia, como os sindicatos de empregados públicos e bancários, estudan-

tes, etc... têm protagonizado tradicionalmente façanhas intrépidas em lutas contra a opressão, a exploração e a independência, não se poupando a sacrifícios no combate.

Inclusivamente, nos últimos meses, posteriores ao golpe fascista, temos visto como em diferentes centros operários, camponeses e nalgumas universidades, as massas têm promovido movimentos que expressam o seu inesgotável desejo de combater. Por exemplo, o movimento que os operários do cobre promoveram em Chuquicamata; o dos mineiros de carvão que se negaram a baixar ao fundo; o dos operários metalúrgicos da CAP em Huachipato, que conseguiu mudar o sistema de turnos injustos; o dos camponeses em diversos lugares contra a devolução de terras aos latifundiários; as múltiplas manifestações em quase todos os sindicatos para ajudar os perseguidos, e muitas outras, são todas acções dignas de ser tomadas em conta, que assinalam uma atitude clara de luta — e não de conformismo — das massas populares.

Porque havemos de insultar, agora, este povo heróico, defendendo que não será capaz de levantar-se e desenvolver um grande combate, derrubar a ditadura fascista e continuar a lutar pela sua completa emancipação?

O nosso Partido deve travar todo o propósito derrotista e de capitulação na luta contra o fascismo, assim como, os propósitos de pôr o povo a reboque da burguesia ou do revisionismo nessa luta. O povo é engenhoso e o seu principal mestre, a sua própria luta, o vai ensinando como se deve organizar, nas condições actuais de repressão crescente, de forma a combater os seus inimigos.

O nosso povo, a sua grande maioria, tem por inimigo comum a ditadura fascista. No combate pela sua libertação, a linha divisória fundamental passa entre o imperialismo yanque,os sectores monopolistas da cidade e do campo e todos os seus servidores, declarados ou encobertos — representados pela Junta Militar —, por um lado, e a imensa maioria de operários, camponeses pobres e pequena e média burguesia da cidade e do campo, que formam no seu conjunto mais de 95 % do nosso povo, por outro lado.

Se é fundamental que o nosso Partido trace uma política de grande amplitude, destinada a mobilizar esses 95 % da população, isto não exclui que coloquemos o centro desta política em acumular forças, em primeiro lugar, entre a classe operária e os camponeses pobres, segundo a característica regional.

Apesar do centro da nossa táctica de acumulação de forças apontar a unir e mobilizar as amplas massas pelo derrube da ditadura fascista, o que constitui um objectivo comum e imediato da luta do nosso povo nesta etapa, o nosso Partido não se limita apenas a tal objectivo. Como já dissemos, o nosso Partido pode e tem que desenvolver, além disso, aqueles objectivos políticos independentes que asseguram a perspectiva futura da luta pela conquista do poder e pela libertação do sistema de dependência e de exploração que oprime o nosso povo.

VIII. A ACUMULAÇÃO DE FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS

Para assegurar o cumprimento dos seus objectivos políticos independentes nesta etapa, o nosso Partido une ao impulso da luta de massas pelo derrube da ditadura — ao apoio da luta pelo Programa Mínimo da Frente do Povo —, a perspectiva da libertação e da conquista do Poder pelo proletariado e pelas amplas massas populares. Essa perspectiva assegura-se ao unir o povo e ao acumular o máximo de forças revolucionárias. Para isso, entre outros, devemos atender ao desenvolvimento dos seguintes aspectos fundamentais:

1. *Sobre o carácter prolongado da luta de libertação.* Posto que o derrube da ditadura — que pode ocorrer num tempo não extremamente distante — não constitui em si mesmo a conquista do Poder pelo povo, não devemos perder de vista, em nenhum

momento, a perspectiva da luta armada pela conquista do poder. Esta luta armada popular, devido à situação de relativa debilidade actual do nosso povo, será necessariamente um processo prolongado, onde se acumule forças superiores capazes de desarmar e derrotar passo a passo, as do inimigo. Devemos conseguir que as massas se convençam profundamente desta ideia. Criticar toda a ilusão de uma vitória rápida e fácil, evitar em cair no abatimento e na frustração. Evitar que as massas se iludam e se conformem com o derrube da ditadura e a sua substituição por um regime burguês mais brando.

2. *As forças armadas do povo.* Os principais inimigos do nosso povo, representados por agora na Junta Militar fascista, declararam o «Estado de Guerra» ao povo. Mas esta «guerra» encontrou-o desarmado. Se o povo aspira, não só a sacudir o jugo da ditadura fascista, mas também a libertar-se realmente dos seus inimigos principais, conquistar a verdadeira independência e construir uma sociedade justa, livre, democrática e popular, necessariamente terá que forjar, através da sua luta, as suas próprias armas. *Sem o seu próprio exército o povo nada terá.*

3. *Unidade do povo.* Significa uma unidade real e não formal, que se conseguirá através da luta do povo pelos seus próprios interesses, em primeiro lugar, hoje, por aqueles interesses comuns a todas as classes sociais interessadas em derrubar a ditadura fascista. Para avançar no desenvolvimento da grande unidade do povo, devemos apoiar o desenvolvimento da Frente do Povo. O pilar fundamental da unidade do povo constituirá a unidade da classe operária e camponesa.

4. *Desarreigar a influência do revisionismo do seio da classe operária e das amplas massas.* Como se disse em torno da luta contra os inimigos fundamentais, representados pelo regime fascista, devemos alcançar a unidade do povo. Sem dúvida, essa unidade e a luta que se empreende, obterá solidez na medida em que também lutemos eficazmente contra a influência do revisionismo no seio das massas populares. Não se pode combater e derrotar o imperialismo e os reaccionários sem derrotar, ao mesmo tempo, o revisionismo.

5. *Alcançar a libertação e conquistar o Poder para abrir caminho para a construção da Democracia Popular.* Esta é a perspectiva para onde devem convergir todos os esforços e acções que o nosso Partido e o nosso povo empreendam. Inclusive, a luta pelo derrube da ditadura deve ser aproveitada para acumular forças para tal objectivo. O nosso Partido e o povo não podem conformar-se com o derrube deste regime e regressar ao jugo «democrático» da burguesia, ao circo eleitoral, ao engano sistemático e organizado para explorar as massas populares. Lutemos pelo derrube da ditadura por qualquer meio, mas nesta luta, ao mesmo tempo, acumulemos força para o combate armado pela conquista do Poder e para construir uma sociedade nova, a Democracia Popular, em que se iniciarão as transformações que libertarão o nosso povo da dependência, da opressão e da exploração.

6. *A necessidade da direcção de classe do proletariado através do Partido marxista--leninista.* A única classe que não exerce exploração, a classe operária, a classe mais avançada e revolucionária por excelência, é a única que pode garantir a condição do processo de libertação até ao fim, sem ficar a meio caminho com compromissos e complots. O seu sector mais consciente, organizado no Partido da classe operária, é quem deve dirigir este processo. O nosso Partido deve saber, então, situar-se no lugar de vanguarda que historicamente lhe cabe.

7. *Desenvolver um disciplinado Partido marxista-leninista.* Só com um Partido proletário, firmemente disciplinado, que se guie pelo marxismo-leninismo, que persevere na aplicação de uma política justa, que pratique a crítica e a autocrítica e em íntima conexão com as massas populares; com uma grande Frente do Povo, que una a ampla maioria das massas populares; e contando com um grande Exército do Povo, dirigido pelo Partido marxista-leninista, o nosso povo poderá desenvolver e triunfar na luta pela sua libertação.

Os pontos anteriores constituem grandes objectivos políticos que o nosso Partido deve desenvolver na situação actual, em torno da luta pelo derrube da Ditadura, a abrir caminho para uma perspectiva revolucionária. Eles apontam para a acumulação de forças revolucionárias para desenvolver e avançar na luta armada pela conquista do Poder e pela libertação definitiva do nosso povo. Estes objectivos têm de impregnar toda a nossa actividade entre as massas. Eles poderão ser cumpridos através deste processo que, reiteramos, enfrentará muitos obstáculos e será necessariamente prolongado. Só o cumprimento cabal destes objectivos assegurará a base do êxito, tanto ao reforçar a luta pelo derrube da ditadura, como ao fortalecer a acumulação necessária de forças para a conquista do Poder e a libertação do nosso povo.

IX. A FRENTE DO POVO E O SEU PROGRAMA MÍNIMO

Os objectivos políticos fundamentais, já descritos, são a garantia para salvaguardar os interesses políticos independentes do proletariado e a luta de libertação do nosso povo. Sem deixar de trabalhar para alcançar estes objectivos, o nosso Partido apoia hoje o Programa Mínimo da Frente do Povo. Neste programa, para a unidade do povo, condensam-se as aspirações mínimas que beneficiam o conjunto das massas populares, os 95% do povo chileno que hoje são golpeados pelo regime fascista.

O PROGRAMA MÍNIMO DA FRENTE DO POVO

1. Luta pelo derrube da ditadura fascista. Fim do «Estado de Guerra Interno», da repressão, da prisão e da delacção. Fim dos julgamentos de guerra e liberdade incondicional para todos os presos políticos. Pela amnistia geral.
2. Luta pela recuperação das liberdades democráticas. Pela liberdade de pensamento, de expressão, de imprensa, de movimento, de reunião, de associação e pela liberdade sindical.
3. Luta contra a super-exploração. Pela melhoria de salários, subsídios e pensões. Pela congelação de preços dos produtos essenciais. Pela eliminação dos impostos exagerados às massas populares. Pelo fim da perseguição política e a incorporação dos trabalhadores despedidos.
4. Luta pelo respeito da autonomia universitária e fim da ingerência fascista na universidade e na educação em geral.
5. Luta pelo apoio a pequenos e médios empresários da agricultura, indústria e comércio. Por créditos adequados para estes sectores e baixa de preços de consumo.
6. Luta pela não devolução das empresas expropriadas ao imperialismo e aos grandes monopólios e latifundiários nacionais. Pelo NÃO PAGAMENTO de indemnizações a estes sectores.
7. Luta pela continuação e aprofundamento da reforma agrária. Defesa e apoio económico aos arrendamentos e cooperativas agrícolas.

X. UNIDADE DO POVO PARA COMBATER O IMPERIALISMO E DERRUBAR A DITADURA

A unidade e a mobilização das massas populares, em torno deste Programa Mínimo ou de alguns pontos dele, têm por objectivo central, acumular forças revolucionárias para o derrube da ditadura, o que significará avançar também na luta pela conquista do Poder pelo Povo.

Em torno deste objectivo central, *unimo-nos com todos os que são atacados pela ditadura* e que estão dispostos a opôr-se-lhe de uma forma ou de outra. Através da luta, esta unidade torna-se sólida e eficaz.

Esta aliança, na prática, pode adquirir expressões distintas e conteúdos parciais do Programa Mínimo ou outros pontos que as massas proponham, mas, aponta sempre para a acumulação de forças, tanto para o derrube da ditadura, como para a perspectiva da luta pela conquista do Poder pelo povo.

Deve ficar perfeitamente claro que, hoje, desenvolvemos todas as acções necessárias e unimo-nos com todos para lutar pelo derrube da ditadura. Este é o conteúdo imediato e essencial a que aponta o Programa Mínimo da Frente do Povo. Na luta por este objectivo ninguém pode ser excluído. Mas, devemos ter sempre presente que o nosso Partido tem, além disso, objectivos independentes e supremos aos quais não vai renunciar. Os mais fundamentais desses objectivos, pelos quais hoje também devemos trabalhar, são os que enunciámos mais acima, que apontam para a acumulação de forças para a conquista do Poder.

Esta é a razão principal pela qual o nosso Partido deve desenvolver-se junto e dentro da política. Ao mesmo tempo que praticamos a unidade *com todos* para levar por diante o Programa Mínimo da Frente do Povo, lutamos para defender a independência e o futuro dos interesses políticos do proletariado e das massas populares e, assim, o futuro da revolução.

Na medida em que unimos o maior número de sectores susceptíveis de ser unidos, em torno do derrube da ditadura, devemos criar neles a consciência do futuro dessa luta, a conquista do Poder e a realização do Programa Democrático Popular.

A solução correcta deste problema não vem só em proclamá-la perante as massas. Inclusive, hoje não podemos pôr o centro na realização destas tarefas que o povo só poderá levar a cabo depois de conquistar o Poder. Assim ficaríamos isolados. Portanto, a solução correcta provém de alcançar a máxima acumulação de forças no seio das massas populares, principalmente no seio do proletariado. Esclarecer este problema básico é um dos nossos objectivos políticos de hoje que asseguram o êxito e o futuro da luta de libertação.

Acumular revolucionários ao máximo significa, para o nosso Partido, entre outros aspectos, desenvolver os sete pontos enumerados no capítulo VIII, *através da luta para levar por diante o Programa Mínimo da Frente do Povo.*

Nós entendemos que o aspecto básico no trabalho de alianças e do desenvolvimento da Frente do Povo está nas acções que, seguindo determinados pontos do Programa Mínimo, nos permitam unir e mobilizar sectores das massas com a máxima amplitude. Ao mesmo tempo, lutando para estabelecer no seu seio uma justa direcção política. Com respeito a conversações e acordos a nível de dirigentes (políticos ou sindicais), estes são um aspecto secundário. Nem por isso devem deixar de se fazer. Mas, o básico da política de aliados está na unidade, através da acção, de diversos sectores *das massas populares a nível de base.*

XI. TOMAR A INICIATIVA E DESENVOLVER A MAIOR ACTIVIDADE

Por fim, com respeito ao problema do desenvolvimento da política de alianças, é preciso deixar muito claro o problema da iniciativa, problema que toca também na política geral do Partido e da vanguarda do proletariado. Disto não há dúvidas. Mas, a nossa prática não é fiel de todo a este conceito. Se é certo que, o constituir-se em vanguarda, na prática, requer determinadas condições que vão mais além do desejo e da

atitude de sê-lo, não é menos certo que, só partindo de tais desejos e de tal atitude poderemos desenvolver essas condições.

Sem contar com a iniciativa, não se pode ganhar nenhuma batalha. Não há dúvida que hoje a superioridade de forças, e portanto, a iniciativa, pertencem às forças reaccionárias. Mas, essa superioridade e iniciativa são apenas temporárias e relativas. Sendo assim, a passividade e a inferioridade das forças populares também são temporais e relativas. Isto acontece no plano estratégico.

Mas, aproveitando as graves condições em que se movem as forças reaccionárias, o nosso Partido e o povo podem e devem, no plano táctico, em acções concretas, tomar a iniciativa e impulsionar lutas pelos seus interesses incluídos no Programa da Frente do Povo.

Na acumulação de forças em cada uma dessas batalhas parciais, o nosso povo conseguirá superar a sua passividade e inferioridade relativas, no decorrer desse prolongado processo conseguirá forças superiores às dos seus inimigos e será capaz de levá-los à passividade e a derrotá-los definitivamente.

Se é certo que a superioridade de forças é a base objectiva que determina a iniciativa, não constitui em si mesma a iniciativa efectiva. Em último lugar, a maior capacidade dirigente que mostra uma das forças em combate em cada acção concreta também determina a iniciativa. É por isso que em cada luta que impulsionemos entre as massas, o nosso Partido deve pôr em jogo a sua capacidade de direcção para obter a iniciativa efectiva sobre as forças do inimigo, nessa acção concreta.

Só mediante uma luta concreta, uma luta entre duas capacidades de direcção, pode surgir a iniciativa efectiva. Está aqui a importância decisiva e fundamental de funcionamento e desenvolvimento da sua capacidade de direcção dos organismos do Partido, especialmente, das suas células implantadas firmemente nas massas. Do mesmo modo, dos organismos de direcção do Partido a diferentes níveis.

XII. O FUTURO PERTENCE AO NOSSO POVO

O terror da ditadura fascista tem envolvido em trevas obscuras a vida do nosso povo. A angústia do dia a dia e a incerteza reinante têm feito ainda mais penosa a sua existência. Este é o preço das ilusões sobre a possibilidade de uma «revolução» sem sacrifício social, montada pelos dirigentes reformistas.

Esta situação, que para alguns parece insuportável, também tem para os reaccionários graves dificuldades. Em si mesmo, todo o regime de terror é, em essência, uma amostra de debilidade e de decomposição. Por isso, quem apoia um regime assim, está condenado, mais cedo ou mais tarde, a sucumbir sob o peso das forças que, com razão e justiça, levarão o nosso povo para o caminho da sua verdadeira libertação.

As massas populares têm aprendido a conhecer melhor os seus inimigos. Por mais populistas e bonacheirões que pareçam alguns generais, eles não podem ocultar a responsabilidade pelos crimes cometidos contra o povo. Assim, o povo tem compreendido melhor a necessidade de se unir ampla e firmemente em torno da luta para defender os seus interesses e derrubar a ditadura fascista. Já vimos como, em diferentes lugares, operários, camponeses e estudantes iniciaram protestos e movimentos que, de uma ou de outra forma, expressam o seu espírito de combater o inimigo.

No calor desta luta, que tem por bandeira o Programa Mínimo da Frente do Povo, as amplas massas fortalecem a sua unidade e acumulam forças, ensaiando o caminho da sua perspectiva. O povo já começou a compreender que só poderá libertar-se da dependência e da super-exploração, mediante a conquista do Poder e a expulsão do imperialismo e dos reaccionários.

A experiência dos últimos anos indica ao nosso povo que, sem derrotar a influência do reformismo, sem se livrar das ilusões semeadas há mais de meio século pelos revisionistas, não poderá tão pouco derrotar o imperialismo e os reaccionários.

Na fábrica e no campo, na oficina e na universidade, na rua e no povoado, devemos saber aproveitar cada problema para unir e educar as massas e mobilizá-las por objectivos que a situação e o nível de consciência permitam. Aproveitar cada abertura, por pequena que seja, não menosprezar nunca a possibilidade de elevar um simples protesto, por mais fraco e sem importância que nos pareça, para agudizar a contradição entre a ditadura e o povo.

Por mais estável e sólida que pareça uma situação, ela estará sempre cheia de contradições. As agudas contradições que o nosso país hoje atravessa hão-de expressar-se, de um modo particular, em cada situação que enfrentamos. Devemos aprender a descobri-las, a conhecer as suas particularidades e a intervir no seu desenvolvimento, onde trabalhamos, apoiando os aspectos que favoreçam os nossos objectivos imediatos e futuros.

O nosso povo saberá ultrapassar as suas dificuldades e desfazer-se das influências reformistas com que a burguesia o impediu, até agora, de empreender o seu próprio caminho para a verdadeira libertação. Pelo contrário, os reaccionários estão marcados pelo peso da história. As suas dificuldades são insuportáveis e estão condenados a desaparecer da cena histórica. O proletariado e o povo serão os encarregados de que tal aconteça.

O nosso povo começou a compreender, que só terá o lugar que merece na sociedade e poderá libertar-se da dependência e da exploração, se contar apenas com as suas próprias armas, com o seu próprio exército. Por difícil e longo que seja o caminho a percorrer, não será em última instância, mais sacrificado do que a penúria de toda a espécie que já conheceu. O povo saberá escolher, entre a submissão e a luta pela libertação, esta última, por mais dura e prolongada que seja.

Por isso, o nosso Partido deve vencer todas as tendências derrotistas tanto nas suas fileiras como entre as massas. Essas tendências não correspondem à situação real. Produzem-se ao ver de uma forma unilateral apenas as nossas dificuldades e não as dos reaccionários. Deste modo, também devemos impedir cair no outro extremo e criar ilusões de uma vitória fácil e rápida. Crer que a ditadura cairá sem que ninguém nem nada se lhe oponha é tão erróneo como não ter em conta os gravíssimos problemas que dificultam diariamente a sua existência. Devemos, pois, trabalhar com enorme paciência, unirmo-nos estreitamente às massas e continuar na aplicação da política estabelecida pelo nosso Partido.

O futuro pertence ao nosso povo. O caminho é longo, mas a meta que nos espera é brilhante e prometedora. O sacrifício fortalece a nossa têmpera, as derrotas corrigem-nos o rumo. Os que ficaram pelo caminho são exemplos de valor e o ódio que o inimigo semeia só desperta a nossa resolução de combatê-lo com maior vigor até à sua derrota total.

Santiago do Chile, Abril de 1974.

Comité Central do
Partido Comunista Revolucionário
do Chile.

MARXISMO E REVISIONISMO — PARA UMA LUTA ININTERRUPTA DOS COMUNISTAS

O marxismo-leninismo sempre se diferenciou das outras correntes de pensamento político pelo seu carácter eminentemente polémico, de destruição dos adversários ideológicos. Este acentuado grau de combatividade, de facto, de apuramento teórico, político e ideológico, não é mais do que o resultado da luta do proletariado revolucionário, das barreiras que ele encontra, dos inimigos que combate e derrota, até à instauração da democracia popular, do socialismo e do comunismo.

Tem, portanto, de haver uma particular vigilância de classe, marxista-leninista, para com todas as formas de ideologia burguesa em geral que procuram introduzir concepções idealistas e metafísicas dentro da classe operária, mas, principalmente, com as formas que, utilizando na aparência uma linguagem marxista, procuram actuar no movimento organizado da classe operária para a conquista do poder político, travando-o e pregando a colaboração de classes — forma geral do revisionismo, ideologia de todos aqueles que procuram «rever» as teses de Marx. A classe operária tem, sobretudo, que estar vigilante para separar o velho revisionismo, do tempo de Marx e Lenine — hoje perfeitamente desmascarado em todas as suas teses erróneas e capitulacionistas, de entrega do movimento operário e do movimento comunista nas mãos da burguesia — do revisionismo moderno, do revisionismo de partidos no poder, com a sua força e influência, com o prestígio da revolução vitoriosa, das primeiras medidas de construção do socialismo, e do neo-revisionismo, das correntes que falam do marxismo-leninismo para o tentarem enterrar, que utilizam o exemplo consequente do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia para enganarem as massas trabalhadoras, para se oporem declaradamente à reorganização do partido do proletariado, ou que constituem seitas de amigos fiéis ou de crentes, que se querem fazer passar aos olhos das massas trabalhadoras da cidade e do campo se fossem a sua vanguarda organizada.

A CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL DO REVISIONISMO

Para chegarmos a uma diferenciação correcta do revisionismo antigo e moderno e do neo-revisionismo, das variações que sofreram como formas de introdução da ideologia burguesa no seio do movimento operário e do movimento comunista, necessitamos de abordar a sua característica fundamental, a forma de que sempre se reveste para actuar como um poderoso travão de toda a actividade do proletariado no seu caminho de conquista do poder.

«Em matéria. política — afirma Lenine em «Marxismo e Revisionismo» — o revisionismo tentou de facto rever o princípio fundamental do marxismo: a teoria da luta de classes. Foi-nos afirmado que a liberdade política, a democracia, o sufrágio universal privam a luta de classe de quaisquer bases e contradizem o velho princípio do **Manifesto do Partido Comunista**: os operários não têm pátria. Desde o momento em que, na democracia, é a 'vontade da maioria' que prevalece, não se poderá, ao que parece, nem encarar o Estado como um organismo de dominação de classe nem recusar as alianças com a burguesia progressista, social-reformista, contra os reaccionários».

Segundo Lenine, assim se nos apresenta, pois, o aspecto geral de todas as formas de revisionismo. a negação da luta de classes, a consequente negação da ditadura do proletariado, sem a qual não há socialismo nem comunismo. O revisionismo é, portanto, a introdução da ideologia burguesa no seio da classe operária, para a continuidade da ditadura de classe da burguesia, para anular a luta de classes, a luta decidida entre o proletariado e a burguesia, o que equivale, na dominação efectiva do aparelho estatal burguês, a colocar o proletariado na dependência da burguesia, como serventuário dos interesses burgueses.

O revisionismo não é um facto fortuito, ocasional, «não consiste simplesmente na traição de algumas pessoas, mas é o produto social de toda uma época histórica», embora seja perfeitamente correcto denunciar os seus chefes de fila, os principais traidores que se esforçam por amarrar a luta do proletariado aos interesses exploradores da burguesia, porque são estes precisamente que mais lutam pela tentativa, votada ao fracasso, de introduzir concepções burguesas, antimarxistas, no seio da classe operária, para travarem as suas lutas concretas, do dia-a-dia, e afastá-la da meta estratégica da conquista do poder.

A frequência do aparecimento do revisionismo também não é sempre igual. Tal como o caminho ascendente da revolução tem avanços e recuos, o revisionismo também os sofre, mas na razão inversa, quer dizer, quanto mais forte é o ascenso revolucionário de massas, mais fracas são as manifestações do oportunismo de direita e do revisionismo; nos períodos de pausa ou de descenso da luta dos trabalhadores o avanço de posições revisionistas é geral. É neste sentido que Staline afirma: «a passagem de um período de ascensão a um período de pausa, aumenta, pela sua natureza, as possibilidades de aparecimento de uma linha de direita... engendra ilusões reformistas sociais-democratas, tornando o perigo de direita o perigo principal».

O combate dos marxistas-leninistas ao revisionismo é uma tarefa obrigatória da revolução proletária que não pode ser adiada. Ela tem de delimitar perfeitamente o campo marxista-leninista do campo revisionista, separando duas concepções do mundo: a do proletariado revolucionário e a da burguesia decadente, corrupta e exploradora. E este combate é tanto mais importante quanto a oposição ao revisionismo, uma oposição anárquica e espontaneísta, gerou o aparecimento dos vários tipos de «esquerdismo», da luta separada dos interesses objectivos das grandes massas populares, dos trabalhadores da cidade e do campo, dos semi-proletários rurais e urbanos, que se opõem, também, à condução consequente da revolução proletária. Combater o revisionismo é, portanto, lutar contra as bases do aparecimento do «esquerdismo», contra as suas manifestações de corrente ideológica anti-proletária, burguesa, mantendo o proletariado vigilante frente a todas as manifestações da ideologia burguesa que se procuram introduzir no seu seio, que são obstinadas manifestações da luta da burguesia contra o proletariado.

DIFERENCIACÕES DO REVISIONISMO ANTIGO E MODERNO NO PLANO POLITICO

«A característica essencial que destingue o revisionismo actual do antigo revisionismo, bernsteiniano, consiste no facto de ele não ser só uma corrente ideológica hostil ao marxismo no movimento comunista, mas igualmente um revisionismo no poder, que atingiu numerosos países e, em primeiro plano, a União Soviética, o primeiro e o mais poderoso Estado socialista do mundo» (¹). Deste aspecto fundamental advêm as características específicas que separam o antigo revisionismo do revisionismo moderno.

Do ponto de vista histórico a passagem do revisionismo antigo ao revisionismo moderno não foi um percurso linear. A luta contra Bernstein e Kautski foi essencialmente uma batalha ganha contra revisionistas que, embora espalhassem as suas concepções burguesas no seio do movimento operário e do movimento comunista, não pertenciam a partidos no poder, o que lhes dificultava as manobras ao serviço da burguesia. Depois da conquista do poder pelo Partido Bolchevique, a grande maioria dos revisionistas encontrava-se em partidos que não tinham conquistado esse mesmo poder, e que se sentiam fracos perante o exemplo internacionalista da revolução proletária vitoriosa. Só a partir da 2.ª guerra mundial imperialista, sobretudo com Tito, num partido no poder, e com Browder, nos E.U.A., podemos encontrar as primeiras formas do revisionismo moderno. Contudo, só a partir do 20.° Congresso do PCUS, da conquista dos postos dos partido e do Estado pela clique de renegados revisionistas soviéticos, podemos encontrar o revisionismo moderno com grande força, disposto a praticar uma política social-imperialista e social-fascista, mas já desmascarada pelas forças revolucionárias soviéticas, marxistas-leninistas, que o combatem. É sobretudo, esta forma do revisionismo moderno, o revisionismo soviético, que vamos analisar, comparando-o com o velho revisionismo, e é, em especial, esta forma porque é ela que, através de subsídios e pressões políticas, exerce influência em partidos que se reclamam de comunistas quando, de facto, como definiu Lenine são «partidos burgueses da classe operária», instrumentos declarados da ditadura da classe burguesa.

«Se os antigos revisionistas não passavam de agentes da burguesia, veículos da influência burguesa no movimento comunista e operário internacional e se, consequentemente, o seu objectivo estratégico era manter a dependência dos operários em relação à burguesia, perpetuar a ordem capitalista, os revisionistas de hoje, nos países em que usurparam o poder, transformaram-se numa nova classe burguesa e restauram aí o capitalismo, oprimem e exploram os trabalhadores dos seus países, bem como doutros países» (²). Além dos revisionistas antigos estarem perfeitamente desmascarados, nas suas teses capitulacionistas, da mais desavergonhada colaboração com a burguesia, terem sido demonstradas como sendo falsas pelo movimento operário e comunista internacional, no seu acumular contínuo de experiência, o seu papel, não tendo a favorecê-los o controle do poder político, era muito menos perigoso. Os revisionistas modernos beneficiam, neste sentido, de toda a máquina que pertenceu ao partido comunista, de que se apropriaram, da exploração do seu próprio proletariado para, com a mais-valia extorquida, desencadearem as mais frenéticas campanhas contra o marxismo-leninismo, contra a luta dos operários e camponeses, contra a ditadura do proletariado. O que procuram, de facto, é a consolidação da nova burguesia instalada nos postos do partido e do Estado, que sejam burguesias revisionistas a ocupar o poder nos países sob o seu domínio, que as cliques revisionistas dos países capitalistas cheguem ao poder de colaboração com os

(¹) O PTA e a Luta Contra o Revisionismo.
(²) Idem.

partidos burgueses, que dividam esse mesmo poder com os outros sectores da burguesia, para continuar o processo de exploração desenfreada dos trabalhadores.

Se os antigos oportunistas e revisionistas sociais-democratas, deturpadores de Marx e Engels, se transformaram nos melhores servidores e aliados do imperialismo, se defenderam as suas guerras de agressão e rapina dos povos, hoje, os revisionistas modernos, que têm à frente a clique de renegados revisionistas soviéticos, participam, eles próprios, na defesa da divisão do mundo em esferas de influência entre as grandes potências — Estados Unidos e União Soviética — participam em acordos para esse fim anti-internacionalista, praticam o social-imperialismo e a mais feroz opressão das massas trabalhadoras através do social-fascismo.

«Destas características políticas do revisionismo moderno deriva igualmente o grande perigo que representa, a confusão que causou e que ainda pode causar à causa da revolução e do socialismo. Deste ponto de vista, a actual traição revisionista é a maior que a história conheceu, as suas consequências negativas são incomparavelmente mais graves que as das outras correntes oportunistas e revisionistas do passado.» (¹) Estas consequências negativas, por sua vez, traduzem-se em dois aspectos fundamentais. Por um lado, não nos podemos esquecer que a influência da clique revisionista soviética exerce uma grande pressão nas direcções de vários partidos que, usando abusivamente o título prestigioso de comunistas, não são mais do que testas-de-ponte do social-imperialismo soviético, enquanto os interesses burgueses dessas direcções encontram apoio nos revisionistas soviéticos, para enganarem as massas, para as colocarem ao serviço dos seus interesses de classe, burgueses. Por outro lado, o compromisso evidente dos partidos revisionistas dos países capitalistas com os partidos burgueses, a sua aceitação exclusiva da luta parlamentar, como forma de conquista do poder, o repúdio da ditadura do proletariado, as calúnias contra a República Popular da China e a República Popular da Albânia, contra o P. C. da China e o P. do T. da Albânia, são outras tantas causas para o aparecimento do «esquerdismo», do verdadeiro radicalismo pequeno-burguês, dos grupúsculos que se querem substituir à vanguarda do proletariado, que querem impedir a efectiva reorganização das fileiras comunistas, do Partido Comunista Marxista-Leninista, vanguarda combatente da classe operária.

A luta contra o revisionismo é uma tarefa prática a cumprir por todos os marxistas-leninistas, uma tarefa ininterrupta de esclarecimento da classe operária, baseada nas suas lutas concretas, de que deriva o apuramento ideológico das hostes revolucionárias. Sem esse combate não se consegue isolar o revisionismo moderno, sem essa luta pertinaz é impossível fazer o proletariado acreditar nas suas próprias forças, nas forças fundamentais da revolução.

O REVISIONISMO ANTIGO E MODERNO NO DOMÍNIO IDEOLÓGICO

«No domínio ideológico, um dos traços distintivos do antigo oportunismo bernsteiniano, como Lenine fez ressaltar, era a incompreensão por parte dos seus representantes das novas condições criadas pela passagem do capitalismo ao seu estádio supremo e último, o imperialismo (...). Ao contrário dos antigos oportunistas, os actuais jogam justamente sobre as novas condições e os novos fenómenos. Fundamentando-se nestas novas condições, proclamam, de facto, o marxismo-leninismo como morto e dedicam-se a 'enriquecê-lo' com as 'novas' teses e conclusões 'criadoras', com as suas 'soluções' totalmente anti-marxistas, lançam os slogans da luta contra o 'dogmatismo' e do 'desenvolvimento criador' do marxismo-leninismo, pretendendo que são adequadas às novas condições.» (²) Quer isto dizer que os velhos revisionistas

(¹) O PTA e a Luta Contra o Revisionismo.
(²) Idem.

não aplicavam a dialéctica materialista e que os revisionistas modernos a abandonaram; que os primeiros foram incapazes de analisar as novas condições em que o proletariado tinha de agir para conduzir vitoriosamente a sua luta pela conquista do poder, enquanto os segundos abandonam a dialéctica porque precisam, como nova classe burguesa, de um sistema de pensamento que justifique e consolide o seu poder.

Enquanto as posições dos velhos revisionistas estão hoje perfeitamente demonstradas como erróneas, como posições de classe, burguesas, que revelam uma grande incapacidade para analisar a situação concreta e os caminhos revolucionários da sua alteração, os revisionistas modernos, baseados no prestígio da revolução triunfante em vários países, e depois das primeiras medidas de construção do socialismo, evocam uma experiência que não é a da nova burguesia, mas do proletariado revolucionário, para servirem a classe burguesa a que pertencem. É ao serviço dessa classe que procedem ao «desenvolvimento criador» do marxismo-leninismo, isto é, que deturpam os princípios fundamentais da ciência da revolução proletária, que a substituem pelo confusionismo e pela metafísica burguesas.

De facto, todas as afirmações «dialécticas» sobre o «desenvolvimento criador» do marxismo, utilizadas pelos revisionistas modernos têm como único objectivo disfarçar as deformações que lhe transmitem, a transformação do marxismo-leninismo em revisionismo, a modificação do marxismo-leninismo numa teoria burguesa contra-revolucionária, que apenas favorece a burguesia, que se transformou no maior inimigo da revolução proletária, dentro das próprias fileiras do proletariado revolucionário.

Os revisionistas modernos utilizam, como lhes convém, os factos, a prática social, e interpretam-nos de uma forma pragmática, com o único objectivo de favorecer a classe burguesa. Aplicam-se em justificar teoricamente a sua traição em relação ao marxismo-leninismo, sobretudo falsificando o processo dialéctico do conhecimento, reconhecendo a categoria de valor absoluto a aspectos particulares. É desta forma que os revisionistas dão uma grande importância à mutabilidade do universo e fazem pouco caso da estabilidade das leis fundamentais da sua evolução, dos processos que o regem. Do ponto de vista da prática social, sobrevalorizam as particularidades de cada país, de cada condição revolucionária objectiva, que representaria uma solução sempre diferente e ofuscam as leis gerais da revolução proletária e da ditadura do proletariado pois, na sua opinião traidora, a revolução proletária poderia ser substituída pelo caminho eleitoral de passagem pacífica ao socialismo, através de maiorias parlamentares a actuarem nos parlamentos burgueses, e a ditadura do proletariado poderia ter como equivalente uma qualquer forma de «democracia avançada» ou de «Estado de todo o povo», consoante a conveniência do momento.

Os revisionistas modernos sobrestimam o papel das condições objectivas para a revolução, que nunca se encontram reunidas, e subestimam a importância da teoria, a capacidade de mobilização do Partido Comunista, a ideologia marxista-leninista e o papel que desempenha como factor consciencializador no seio das fileiras proletárias.

«No domínio ideológico, o revisionismo é o produto da apreciação subjectiva das transformações que intervêm na realidade, do tratamento subjectivo dos princípios e das leis gerais do marxismo-leninismo, da negação subjectiva da dialéctica materialista e das suas conclusões revolucionárias.» (¹) É, portanto, uma manifestação ideológica da nova classe burguesa que se apoderou do aparelho do partido e do Estado, na União Soviética, e que encontra seguidores fiéis, quer nas cliques dirigentes dos países subordinados ao social-imperialismo revisionista soviético, quer nos dirigentes dos partidos revisionistas dos países capitalistas. Do ponto de vista ideológico, pelos vícios

(¹) O PTA e a Luta Contra o Revisionismo.

anti-dialécticos que cria, o revisionismo moderno é o grande impulsionador do «esquerdismo», quer de todos aqueles que querem fazer aplicações dogmáticas dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo, sem atenderem às condições específicas que se lhes deparam, quer de todos os que apenas vêem o movimento, sem atenderem às condições políticas que os enquadram, num empirismo estreito que voga ao sabor da corrente.

Só vencendo o revisionismo moderno o proletariado pode caminhar com segurança para a reorganização do Partido Comunista Marxista-Leninista, num combate contínuo contra esta força da reacção que actua no seio das fileiras proletárias. Só combatendo o revisionismo se apura a ideologia marxista-leninista, na separação absolutamente necessária entre as formas ideológicas de duas classes — o proletariado revolucionário e a burguesia reaccionária.

A BASE SÓCIO-ECONÓMICA DO REVISIONISMO ANTIGO E MODERNO

O revisionismo actual distingue-se do antigo também pela sua base sócio-económica, pela composição de classe da sua estrutura interna, pela proveniência de classe dos elementos que o integram. O antigo oportunismo de direita, o antigo revisionismo, tinha a sua base na pequena burguesia e sobretudo na «aristocracia» operária. O revisionismo moderno tem uma base social mais vasta, compreendendo mais amplos sectores das camadas sociais pequeno-burguesas.

«Nos países capitalistas, e nas actuais condições, ao lado da aristocracia operária cresceu consideravelmente a burocracia operária, que se transformou, também ela, numa base para o revisionismo. Estas camadas abrangem todo o exército dos operários-empregados, dos funcionários dos partidos, dos sindicatos, das outras organizações de massas, da imprensa e da edição, das empresas económicas geridas pelos revisionistas e que são fundamentalmente de natureza capitalista, etc. Nos países socialistas, o revisionismo moderno encontrava e encontra sempre a sua base social e o seu apoio nas antigas classes exploradoras ou nos seus vestígios, nas camadas com tendências pequeno-burguesas e sobretudo numa grande parte dos quadros privilegiados dos aparelhos do partido, do Estado, da economia e da intelectualidade, que gradualmente degeneraram para se transformarem em novos elementos burgueses.» (¹) Daqui se depreende que a base social do revisionismo moderno é, essencialmente, a pequena burguesia, cujos interesses representa do ponto de vista político (*).

Esta pequena burguesia que o revisionismo moderno representa, por sua vez, não mantém, nos países capitalistas, uma posição de antagonismo declarado em relação à grande burguesia, pois ambas estão interessadas num objectivo comum: a exploração dos trabalhadores. É, assim, natural que, com facilidade, abdique da luta de classes, na medida em que é a única atitude que pode apoiar a sua continuidade como classe. Nos antigos países socialistas, hoje de capitalismo restaurado, é esta mesma pequena burguesia que se afirma como expressão da nova burguesia instalada na máquina do partido e do Estado. São os restos da pequena burguesia que tomam novo alento, que estão dispostos a ser promovidos socialmente, subindo os degraus das riquezas produzidas pelos operários e camponeses.

A actuação revisionista, por sua vez, nos protestos justos que levanta, na necessidade de informação que requer, a nível internacional, para haver uma compreensão correcta do revisionismo moderno, encontra, geralmente, a princípio, apenas eco nos

(¹) O PTA e a Luta Contra o Revisionismo.
(*) Ver nota final.

meios radicais burgueses, entre a intelectualidade e o sector estudantil, e a justa denúncia do revisionismo aparece como uma atitude que se pode tomar fora das hostes revolucionárias do proletariado. Está neste caso, o aparecimento do verbalismo «esquerdista», da denúncia do revisionismo que, embora correcta, é feita fora da classe operária, sem uma ligação directa com os trabalhadores, sem uma justa compreensão das suas lutas concretas.

Ainda no plano social, podemos afirmar que é impossível aos revisionistas, como pequeno-burgueses que são, estabelecerem uma frente comum contra os representantes da ideologia proletária, contra os marxistas-leninistas. Na medida em que todas as camadas burguesas mantêm uma acesa luta interna, os acordos e conluios são sempre momentâneos, rompendo-se logo que uma das camadas da burguesia encontra forças para isso, até ao momento em que consiga sair do domínio do sector da burguesia mais forte, da situação do social-imperialismo que esta exerce .

Só a ligação concreta à classe operária, quando o Partido Comunista Marxista-Leninista é, de facto, o partido da classe operária, pode evitar o revisionismo moderno, pela fidelidade incondicional à teoria científica da revolução proletária, pela constante vigilância de classe. Só a ligação directa à classe operária e às massas trabalhadoras da cidade e do campo pode evitar os desvios «esquerdistas» dos grupúsculos da intelectualidade burguesa que se querem fazer passar pela vanguarda organizada da classe operária.

PORQUÊ O TERMO NEO-REVISIONISMO

Hoje em dia, como acabamos de analisar, não restam dúvidas sobre as diferenças e semelhanças entre o revisionismo antigo e o revisionismo moderno. São influências estranhas, da ideologia burguesa, no seio do movimento operário e comunista internacional, a primeira perfeitamente demonstrada como errónea, como traidora aos interesses da classe operária; a segunda, que ainda arrasta muita gente, tem de ser impiedosamente combatida pelos marxistas-leninistas, como tarefa maior e paralela ao esforço de reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista, forma superior da organização do proletariado e guardião da coerência da sua ideologia de classe.

Mas se o problema está perfeitamente delimitado, em relação ao revisionismo antigo e moderno, já não se passa o mesmo em relação a grupos que, defendendo em teoria os princípios do marxismo-leninismo, a experiência da Revolução de Outubro, da Revolução Chinesa e Albanesa, a construção do socialismo na República Popular da China e na República Popular da Albânia e noutros países socialistas, têm de facto, uma prática revisionista, de colaboração de classes. O problema não é novo, é antes o resultado da influência burguesa no seio da classe operária, da incapacidade de análise da situação concreta da luta de classes, da condução revolucionária do proletariado. «Cada questão nova, cada mudança, novos acontecimentos — disse Lenine — engendram, inevitavelmente e sempre, esta ou aquela variedade de revisionismo» (**), que se afirma como corrente burguesa, que tem absoluta necessidade de ser desmascarada e isolada, para consolidação ideológica do proletariado, pela sua luta consequente e abnegada.

É à defesa palavrosa da experiência internacional do marxismo-leninismo, da República Popular da China e da Albânia, grandes baluartes da construção do socialismo, com uma prática revisionista, de carácter pequeno-burguês, sempre afastada do trabalho de massas, que chamamos neo-revisionismo. Por um lado, ele separa-se do revisionismo moderno, na medida em que este é um acérrimo defensor da política da linha revisionista dos novos czares do Kremlim, na União Soviética, como país em que se restaura o capitalismo a toda a força; por outro, é diferente do vulgar «esquerdismo», na medida em que leva em linha de conta algumas das justas reivindicações dos trabalhadores, mas sem a perspectiva política que as conduza ao caminho da conquista do poder, sem a necessária ligação entre o trabalho de massas e o trabalho organizativo central, de declarada luta política contra a burguesia.

(**) Ver nota final.

Hoje em dia, negar ou não querer ver a existência do neo-revisionismo, como fenómeno que se expressa no seio da corrente marxista-leninista em Portugal, é uma falta grave de vigilância revolucionária, é não estar atento à influência revisionista, é acreditar que basta falar no marxismo-leninismo para que ele seja, de facto, a ideologia defendida, é não separar os verdadeiros dos falsos marxistas-leninistas, é abandonar a crítica e a necessária e urgente autocrítica, é, em resumo, não pôr a reorganização do Partido Comunista Marxista-Leninista como tarefa número um dos marxistas-leninistas portugueses, tarefa que tem de criticar impiedosamente todas as formas de revisionismo, sobretudo, como é o caso do neo-revisionismo, as que têm influência no seio do movimento marxista-leninista, que são obstáculos poderosos à reconstrução e reorganização do Partido.

ASPECTOS POLÍTICOS, IDEOLÓGICOS E SOCIAIS DO NEO-REVISIONISMO

O neo-revisionismo, tal como o revisionismo antigo e moderno, não é um fenómeno que tenha aparecido por acaso, que seja a congeminação de cérebros tortuosos, mas, como todas as manifestações políticas, tem causas objectivas concretas, reais, que determinaram o seu aparecimento. Foi do isolamento das massas, dos sectores trabalhadores do campo e da cidade, do dogmatismo e do sectarismo que saiu o neo-revisionismo, o perfilhar de teses revisionistas para vencer esse isolamento das massas, porque os revisionistas têm uma actuação real nos meios trabalhadores e, portanto, é preciso aprender os seus métodos, quando estes não podem ser separados de uma linha política que, na prática, é essencialmente burguesa e contra-revolucionária. Foi do mesmo isolamento das massas, do afastamento dos trabalhadores do campo e da cidade, do proletariado urbano e rural, do semi-proletariado rural e urbano, do «esquerdismo» que saiu o neo-revisionismo. Ele é uma nova forma de colaboração de classes que se afirma pela sua total incapacidade de luta contra a burguesia e o revisionismo moderno, uma política de compadrio burguês mascarada de marxismo-leninismo no palavreado fácil.

Se o «esquerdismo» pode ser propício aos grupos ultra-radicais burgueses, que acabam a defender a «ditadura fascista do proletariado», como já sucede com grupos italianos e cujo fim é a delinquência, que nada tem a ver com a justa e correcta violência proletária de classe, ele também pode conduzir ao neo-revisionismo, a falar em nome do marxismo-leninismo com uma prática revisionista, às pequenas seitas de amigos, aos chefetes de gabinete, dispostos a todos os golpes e manobras para permanecerem nas direcções por si formadas, sem a participação das massas, sem o funcionamento do centralismo democrático, fugindo das massas como todos os revisionistas, preferindo os quadros «abalizados» que, no fundo, não passam de acólitos da seita, de criados fiéis, mas que não são elementos reconhecidos pelas massas populares, pelos grandes contingentes das fileiras proletárias.

É preciso que os marxistas-leninistas estejam sempre atentos a todas estas manifestações da ideologia burguesa no seu seio, para lhe poderem dar um combate decidido, para poderem combater as suas infiltrações. É preciso que os marxistas-leninistas com-

preendam que os indivíduos que defendem e levam à prática semelhantes posições, que formam ou dizem formar partidos do proletariado nas costas das massas e outras idiotices do género, que enveredam por métodos de terror branco, burguês, ou pelas vigarices no seio da classe operária, nada têm a ver com o marxismo-leninismo, com a revolução ou o socialismo, que são contra-revolucionários, que enganam muita gente séria, pois nas suas bases existem bons e abnegados militantes cuja recuperação é possível.

Dos dois perigos fundamentais com que o marxismo-leninismo se defronta entre nós, o «esquerdismo» está cada vez mais desmascarado entre as massas populares, que instintivamente o isolaram, enquanto o neo-revisionismo ainda consegue adeptos, pelo que o seu desmascaramento tem de ser muito mais cuidadoso e profundo, sujeito a uma análise rigorosa da sua actuação teórica e prática, frente às posições erróneas que defende.

Do ponto de vista ideológico o neo-revisionismo apresenta-se como ultra-dogmático, como aparentemente intransigente nas questões de princípios, por uma aplicação mecânica desses mesmos princípios à realidade nacional. Incapazes de compreenderem que o marxismo-leninismo é a teoria científica da revolução proletária, que avança na medida em que se vão verificando as suas vitórias, que a prática que daí deriva é um enriquecimento da teoria, aplicam o que lhes convém, obscurecendo ensinamentos fundamentais da experiência revolucionária. É neste sentido, por exemplo, que os neo-revisionistas deturpam o significado político da revolução democrática e popular, primeira etapa da revolução socialista, afirmando que a etapa actual é socialista, incapazes de determinar as etapas a percorrer. Se neste ponto, se aproximam dos trotskistas, a razão não é a mesma: os trotskistas isolam o proletariado, por uma pureza aparente das concepções do proletariado, obrigam-no a bater-se isolado contra a burguesia, os neo-revisionistas revêem as teses de Lenine sobre a passagem da revolução democrática burguesa à primeira fase da revolução socialista, revêem as teses de Mao Tsé-tung sobre a democracia nova, o significado político da revolução democrática burguesa conduzida sob a direcção do Partido Comunista, quando existe o apoio do campo socialista. É esta particularidade de rever o marxismo-leninismo, pensamento Mao Tsé-tung, síntese da ideologia do proletariado revolucionário da nossa época que torna evidente o neo-revisionismo.

Pela dispersão de forças que provoca no seio do marxismo-leninismo, no seio da classe operária, o neo-revisionismo é um obstáculo poderoso à reorganização do Partido Comunista Marxista-Leninista, é um adversário desse esforço central do proletariado e tem de ser firmemente combatido. No plano organizativo o neo-revisionismo traduz-se no ultra-sectarismo, na defesa acalorada do pequeno grupo, da seita, sem admitir qualquer tipo de crítica das massas, com incapacidade total para efectuar uma autocrítica profunda dos erros cometidos que, de uma maneira geral não são admitidos como tais. Este tipo de actuação é o caminho directo para os golpes, para as manobras levadas a cabo nas costas da classe operária, para a mais flagrante desonestidade, para as falsificações de documentos, para misturar o marxismo-leninismo com a chicana da política burguesa.

Neo-revisionistas e «esquerdistas» equilibram-se no sectarismo que evidenciam. No entanto, as razões determinantes do comportamento sectário são diferentes: enquanto os neo-revisionistas procuram, através de todos os tipos de golpes, obter a hegemonia no seio da corrente marxista-leninista para a amarrarem a reivindicações burguesas, sem qualquer perspectiva para a conquista do poder, os «esquerdistas» não consideram essa corrente como marxista-leninista, isolando-se dela, enveredam pelo mais declarado aventureirismo burguês, pelas acções divorciadas das massas, pela exemplaridade de acções que não correspondem à fase da luta em Portugal.

Do ponto de vista social o neo-revisionismo é a expressão dos interesses da pequena burguesia radical e de elementos intelectuais ligados aos sectores produtivos e às direcções das organizações de massas. Esta pequena burguesia radical, plena dos vícios políticos e ideológicos que a caracterizam, sobretudo a instabilidade, esmagada pela burguesia que apressa a sua passagem às fileiras do proletariado, ou como agente técnico dos monopólios, recusando ser mobilizada pelos revisionistas modernos, mas suficientemente atenta à mobilização de trabalhadores que estes ainda conseguem, para procurar os seus métodos de trabalho, acaba por cair nas revisões dos clássicos do marxismo, na sua utilização para justificar uma linha incorrecta, contra-revolucionária, de total afastamento das massas trabalhadoras do campo e da cidade.

A base social do «esquerdismo» é idêntica mas o esmagamento da pequena burguesia acaba por surgir como uma forma de revolta, que encontra eco nos sectores do lumpen-proletariado, nos meios dos vadios e de outros elementos desclassificados. É aí o seu recrutamento fundamental, numa mobilização levada a cabo por intelectuais e estudantes radicais, o que nada tem a ver com a mobilização da classe operária para a conquista do poder. É por isto que negam todo o papel desempenhado durante mais de quatro décadas pelo PCP, que negam o trabalho marxista-leninista de centenas de militantes operários.

Como é evidente, tanto neo-revisionistas como «esquerdistas» não podem ouvir falar de unidade da classe operária, de unidade dos verdadeiros marxistas-leninistas, sem se defenderem com as mais torpes calúnias. Ambos sabem que a verdadeira unidade dos marxistas-leninistas, unidade com crítica e autocrítica, unidade com base nos princípios, não por um somatório de grupos, unidade em frente da classe operária, com a participação da classe operária, não nas costas dos trabalhadores, unidade para a reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista, essa unidade imprescindível para a vitória do proletariado é, para os neo-revisionistas e «esquerdistas» o caminho da saída sem regresso, o desmascaramento total perante as massas trabalhadoras.

(*) Nota final: Segundo as bases teóricas dos camaradas albaneses chamamos a atenção para que a nossa análise do revisionismo moderno, da sua base social, é substancialmente diferente de um artigo recente em que se afirma que o revisionismo do PCP está ao serviço dos monopólios. Se o está, de facto, é porque as suas concepções burguesas não lhe permite o mínimo de coerência nessa luta, porque procura travar a luta de classes, porque os favorece na prática. No entanto, isto não quer dizer que o revisionismo moderno não tenha uma base social específica, que não sirva esses interesses da pequena burguesia e da burocracia política e sindical. Antes pelo contrário: por ter interesses de classe bem definidos é que não pode ser consequente na sua luta e acaba por servir os interesses da burguesia, com quem não tem contradições antagónicas.

(**) Os fenómenos novos necessitam de categorias que os classifiquem. Lenine, ao analisar as atitudes dos seguidores de Kautsky não hesitou em classificá-los de «neo-kautskistas». É uma classificação episódica da sua classe, mas foi necessária para dar combate a um fenómeno político concreto.

AS TARAS ELEITORALISTAS DOS REVISIONISTAS MODERNOS E DOS SOCIAIS-DEMOCRATAS

A NECESSIDADE DA DITADURA DO PROLETARIADO

Os marxistas-leninistas têm sempre assinalado que a revolução proletária é o único meio, o único método para a transformação revolucionária do mundo e das concepções que sobre ele existem, e que o problema principal é a atitude do proletariado diante do Estado burguês, as formas como deve ser atacado e destruído, substituindo-o pela ditadura do proletariado — ditadura para a burguesia, democracia para os trabalhadores.

Mas a atitude do proletariado perante o Estado burguês não é um produto do acaso, depende da própria exploração a que os operários e camponeses são submetidos no processo de produção capitalista, o que cria da sua parte um forte espírito de resistência e luta perante todas as manobras do capital. Estas condições do combate proletário em geral, ligadas à teoria científica da sua vanguarda organizada — o Partido Comunista Marxista-Leninista — abrem a perspectiva correcta da conquista do poder, primeiro passo para o estabelecimento da ditadura do proletariado.

A conquista do poder pelo proletariado revolucionário nada tem a ver com as transformações executadas entre os vários sectores da burguesia, com os golpes de Estado, com a necessidade que todos os sectores burgueses têm de manter inalterado o seu aparelho de domínio sobre os trabalhadores. A conquista do poder pelo proletariado exige, como forma prioritária, o desmantelamento e desarticulação do aparelho de Estado burguês, a sua total substituição pelos órgãos do poder proletário, sem os quais não pode haver medidas consequentes na construção do socialismo, até à sociedade sem classes.

Qualquer desvio na questão da ditadura do proletariado representa uma traição aos mais profundos interesses das massas trabalhadoras, é deixá-las à mercê dos interesses políticos da burguesia, é permitir que sobre elas se abata a mais feroz repressão.

O caminho aberto pelo marxismo-leninismo, no passado como actualmente, apresenta sempre as mesmas características revolucionárias: não é pelas concessões à burguesia que o proletariado firma as suas conquistas, porque elas só são sólidas com a destruição do seu aparelho de Estado, com o aniquilamento das classes, com a estruturação da democracia popular, primeiro passo na construção do socialismo.

A VIA REVOLUCIONÁRIA E A VIA REVISIONISTA

Se o proletariado deve destruir o Estado burguês e substituí-lo pelo Estado de ditadura do proletariado, qual é o caminho para atingir este objectivo fundamental? Em torno deste problema têm existido dois pontos de vista diferentes e têm sido seguidos dois caminhos diametralmente opostos no movimento operário internacional, do passado e do presente.

Em 18 de Março de 1871, a revolução proletária instaurou o primeiro Estado proletário — a Comuna de Paris — como prelúdio da nova sociedade, a sociedade socialista e comunista. A Comuna de Paris confirmou, pela primeira vez, a justeza das teses marxistas sobre a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Entre outras coisas, a experiência da Comuna de Paris demonstrou que a classe operária não pode utilizar, para os seus próprios fins, o aparelho estatal burguês e que o Estado burguês não pode ser substituído pelo Estado proletário através da dissolução lenta do primeiro.

Pelo contrário, como regra geral, a classe operária deve destruir o aparelho estatal burguês, através da revolução violenta e construir, sobre os seus escombros, sobre as suas ruínas, o Estado da ditadura do proletariado. E isto não porque os comunistas façam a apologia de uma violência indiscriminada, mas porque a violência de classe, proletária, encontra pela frente a obstinação reaccionária dos capitalistas, da burguesia em geral, que constituem uma minoria da população, e as hostes dos trabalhadores ou conseguem vencer a resistência inimiga, instaurando assim a democracia dos trabalhadores, ou sentirão abater-se sobre si a mais feroz repressão fascista da burguesia.

Marx, e posteriormente Lenine, bem como Staline, Mao Tsé-tung e Enver Hoxha, realçaram que os comunistas podem e devem ter a ideia de que a ditadura do proletariado é uma democracia dos trabalhadores, que a classe operária deve destruir o poder burguês e substituí-lo pelas instituições representativas da democracia proletária.

Marx e Engels, como todos os grandes dirigentes do proletariado internacional, criticaram severamente e repudiaram as ilusões dos oportunistas de direita e dos revisionistas, que, deformando a natureza de classe do parlamentarismo e da democracia burguesa, absolutizando-as em oposição à experiência da Comuna de Paris, substituíram a revolução proletária pelo «caminho pacífico», parlamentar, essencialmente democrático, de «transição pacífica» do capitalismo para o socialismo.

Enquanto os parlamentaristas e eleitoralistas afirmam que é através do Parlamento burguês que se deve chegar à ditadura do proletariado, ao socialismo e ao comunismo, a luta proletária para a conquista do poder encontra expressão nos Partidos Comunistas Marxistas-Leninistas, na sua perspectiva correcta da inevitabilidade da revolução proletária, como única forma de estabelecer o verdadeiro poder dos trabalhadores, lutam nas condições mais adversas contra a burguesia e o revisionismo, utilizando as tribunas parlamentares para se dirigirem directamente às massas trabalhadoras da cidade e do campo, não só no Parlamento burguês mas também nas campanhas que a eles conduzem, em que a única orientação correcta tem de consistir na mobilização do proletariado para a luta pelo poder.

O CABOTINISMO PARLAMENTAR

Toda a história da revolução proletária, depois da Comuna de Paris, confirmou inteiramente a justeza das teses marxistas-

-leninistas sobre a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Também hoje, permanecendo fiéis aos ensinamentos da Comuna de Paris, os marxistas-leninistas frisam que a questão fundamental da revolução proletária é a atitude do proletariado frente ao Estado burguês, que deve ser destruído pelo proletariado e substituído pelo Estado de ditadura do proletariado.

Como sempre, o caminho geral para atingir este objectivo é o da revolução violenta. A revolução violenta é uma lei geral não só da revolução proletária, mas também de qualquer autêntica revolução democrática e de libertação do presente. Na época actual, perante o conluio soviético-americano, perante a divisão do mundo em esferas de influência, a autêntica democracia para os trabalhadores só é possível com a conquista do poder, no mais violento processo da luta de classes.

Os revisionistas contemporâneos, de Brejnev a Kossyguine e a Cunhal, apesar do grande alarde que fazem sobre a sua lealdade ao marxismo-leninismo, exactamente no essencial, na questão da revolução proletária e da ditadura do proletariado, permanecem em posições totalmente reformistas, de colaboração de classes, identificando e substituindo a revolução proletária com e pelas reformas, e considerando a luta por estas como o único caminho que leva ao socialismo.

Os partidos revisionistas, absolutizando e mistificando a democracia burguesa, convertem-se em apêndices do parlamentarismo burguês, preconizam abertamente o caminho parlamentar e pacífico para o socialismo, advogam a transição pacífica para o socialismo, ou seja, como eles próprios afirmam, a tomada do poder pela classe operária, sem insurreição armada e sem guerra civil.

Na medida em que os revisionistas modernos, como burgueses que são, invalidam todos os processos de luta, legais e ilegais, do proletariado revolucionário, fica como única réstia de esperança, para enganar as massas trabalhadoras do campo e da cidade, o Parlamento burguês, que se transforma no modelo de trabalho de eleição dos bandos revisionistas. Como um actor que faz grandes tiradas no palco, mas que à saída vai cear com o «adversário», os deputados revisionistas preparam-se para os discursos empolados e demagógicos, mas à saída do Parlamento saem de braço dado com os burgueses seus amigos de longa data, satisfeitos por terem enganado mais uma vez os trabalhadores.

O ALINHAMENTO AO LADO DOS SOCIAIS-DEMOCRATAS

Os partidos revisionistas colocam a chamada via pacífica para o socialismo no centro dos seus programas, de toda a sua actividade anti-marxista. Actualmente, os revisionistas modernos falam mais do que nunca sobre o caminho pacífico que se abre perante vários países: França, Itália, E. U. A., Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Canadá, etc., mas esquecem as contradições internas que opõem o proletariado à burguesia desses países, a resistência frenética desta, os complots que urde para sabotar algumas conquistas democráticas dos trabalhadores. Um dos mais graves aspectos da defesa da via pacífica é que ela actua como um processo de desmobilização das massas populares, da sua falta de combatividade perante a repressão burguesa declarada. No fundo, os partidos revisionistas acabam por se adaptar às teses da social-democracia da luta parlamentar, defendendo, tal como os sociais-democratas, que é preciso construir um «socialismo democrático», isto é, um pseudo-socialismo, uma «sociedade da abundância» para poucos, edificada sob a ditadura da burguesia, dos grandes trusts e companhias internacionais, dos monopólios e da banca privada que passariam a preocupar-se com os trabalhadores.

Os partidos revisionistas que se integraram no jogo parlamentar dos Estados capitalistas, como representantes políticos das novas camadas burguesas, da burocracia e da aristocracia operária, também pretendem tomar o poder político burguês através de eleições, como fizeram ou fazem os partidos sociais-democratas e socialistas de muitos países capitalistas, que também se apresentam como partidos operários. Isto não quer dizer, de maneira nenhuma, que a democracia burguesa tenha entrado em cedências; significa, isso sim, que as teses capitulacionistas dos revisionistas podem ser aceites pela burguesia, que esta as pode colocar ao seu serviço, transformá-las em formas habilidosas de exploração dos operários e camponeses, para proveito exclusivo dos capitalistas.

Os revisionistas modernos procuram demonstrar que a chamada «via pacífica para o socialismo» é um caminho revolucionário, que nada tem a ver com o socialismo defendido pelos partidos sociais-democratas. No entanto, os factos, a actuação política concreta, demonstram que as duas vias não têm nenhuma diferença essencial entre si e que o conteúdo é o mesmo. A única diferença, sempre bem aproveitada pela burguesia, é o prestígio que ainda têm entre as massas trabalhadoras, sobretudo porque usam abusivamente a designação de comunistas, o que as massas menos politizadas interpretam como a defesa dos seus interesses, da emancipação total dos trabalhadores.

Os revisionistas modernos estão, pois, perfeitamente dispostos a defender a burguesia, desde o momento em que esta lhes permita a expressão das suas teses traidoras no seio da classe operária e do campesinato. Desde o momento em que possam enganar as massas, os revisionistas transformam-se nos mais declarados defensores da ordem burguesa, em puros agentes da repressão, nos sabotadores de todas as lutas operárias e camponesas, nos mais descarados defensores do poder de Estado da burguesia, da sua desenfreada ditadura de classe.

A NECESSIDADE DE CORRECTAS POSIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Só os degenerados ou os idiotas, como os revisionistas modernos e os sociais-democratas, que usam o nome da classe operária para melhor a enganarem, podem pensar que o proletariado deve primeiro conseguir a vitória nas eleições para o Parlamento burguês, partindo daí para a conquista do poder, para o exercício prolongado da sua ditadura de classe. A fim de não deixarem dúvidas a ninguém, os revisionistas modernos substituem, nos seus programas, a democracia dos trabalhadores, forma orgânica da ditadura do proletariado, pela democracia dos exploradores, pelas «democracias avançadas» e congéneres, pelas formas de ditadura da classe burguesa que servem com todas as suas forças, como abnegados criados do capital.

A atitude dos revisionistas significa substituir a luta de classes e a revolução pelas eleições parlamentares, nos marcos do regime burguês, sob o poder dos exploradores. Este problema tem sido sempre uma questão básica, de princípio, e dele depende a correcta interpretação das necessidades da burguesia, da sua necessidade absoluta de apresentar, em votos, a aceitação do seu regime, a que as atitudes dos traidores da classe operária favorecem. Necessidade que pode ser perfeitamente utilizada, pela demonstração de que o processo eleitoral se passa no quadro das instituições burguesas, mesmo que procure apresentar honestidade e isenção, que ele é apoiado pelos partidos e coligações defensoras dos interesses da burguesia, que, em resumo, um verdadeiro processo eleitoral requer a mais ampla participação dos trabalhadores, e o seu exercício é uma forma de expressão da ditadura proletária, de classe.

QUE FAZER?

NOTÍCIAS
SOBRE
OS
PARTIDOS
COMUNISTAS
MARXISTAS-
-LENINISTAS
DO
MUNDO

Combater o revisionismo é ligar o movimento operário português ao marxismo-leninismo. Só iluminado pelo poderoso farol que é o marxismo-leninismo, pensamento Mao Tsé-tung, o proletariado pode traçar o caminho firme da sua luta pelo poder, do exercício prolongado da sua ditadura de classe, da democracia popular, do socialismo e do comunismo. É a experiência do marxismo-leninismo concentrada nos Partidos Comunistas (M-L) que QUE FAZER? trará a todos os marxistas-leninistas portugueses, ligando a experiência do movimento comunista internacional à luta do proletariado português, num combate firme e decidido contra o revisionismo moderno.

NOTÍCIAS SOBRE OS PARTIDOS COMUNISTAS MARXISTAS-LENINISTAS DO MUNDO

PARTIDO COMUNISTA DA ITÁLIA (M-L)

O Partido Comunista da Itália (Marxista-Leninista) dirigiu recentemente uma conclamação à classe operária italiana através do seu órgão central, «Nuova Unità», dizendo:

—«Os planos dos patrões não devem passar. Os monopólios assim como os seus servidores devem pagar caro pelo feroz ataque às condições de vida e de trabalho das massas; os que pensam que podem pôr os trabalhadores na rua para que morram de fome com as suas famílias estão muito enganados, a mobilização da classe operária e das massas trabalhadoras contra a carestia de vida, o desemprego e a miséria, deve ser ampla, potente, combativa e decidida. A resposta dos operários é uma resposta política às manobras reaccionárias da democracia cristã que segue as ordens de Washington.

A decisão do presidente da FIAT de pôr na rua mais de 70 000 operários é um ataque contra toda a classe operária, é parte dum plano que despreza e espezinha a vida das massas, o seu objectivo é obrigar os trabalhadores a pagar pela incurável crise do capitalismo. As pequenas e médias empresas ligadas à indústria automóvel ameaçam reduzir o horário de trabalho, e outras tantas dezenas de milhares de operários serão despedidos. Só no Piemonte mais de 7500 empresas artesanais e mecânicas estão ameaçadas de fechar as portas, a Alfa Romeo decidiu despedir mais de 20 000 operários. Dezenas de empresas industriais seguem esta política anti-popular, reduzindo os horários de trabalho ou despedindo em massa os seus operários. Esta feroz ofensiva contra os trabalhadores é acompanhada pela inflacção, que reduz sem cessar o poder de compra dos salários — os preços já aumentaram 21 %.»

E continua o jornal:

—«Nessas condições, é absolutamente indispensável desenvolver uma ampla unidade de classe de todos os operários e todos os trabalhadores da indústria mecânica. Devemos responder à ofensiva anti-popular dos patrões com a luta anti-capitalista, a mobilização e organização do movimento de massas baseado em justos objectivos de classe. Para empreender esta tarefa é indispensável lutar contra os agentes da burguesia infiltrados nas fileiras do movimento operário. Os dirigentes oportunistas e revisionistas dos sindicatos têm uma grande parte da responsabilidade por esta situação; foram eles que alimentaram ilusões sobre a suposta possibilidade de resolver os problemas dos operários nas condições do sistema capitalista e na boa vontade dos patrões e monopólios, eles fizeram tudo para sabotar a luta anti-capitalista, desviá-la para falsos objectivos e dividir os operários, visando fazê-los abandonar os seus interesses de classe e amarrá-los ao carro do capitalismo.

O Partido Comunista da Itália (Marxista-Leninista) conclama todos a lutar e aplicar um golpe mortal aos dirigentes sindicais que pregam a paz social, para os isolar e desmascarar até ao fim.

O Partido vinculou-se a cumprir a tarefa de desenvolver um trabalho mais intenso pelo fortalecimento da unidade na base, e na luta para unir os operários das fábricas e os moradores dos bairros, fortalecer e ampliar as organizações de base, os conselhos de fábrica e de zona.

Só com a organização, de acordo com uma justa linha sindicalista de classe, o movimento operário e as massas populares conseguirão derrotar os planos da burguesia monopolista e acelerar a queda do regime capitalista, fonte de todos os sofrimentos e miséria do povo.»

CONTINUA A UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO MARXISTA-LENINISTA EM FRANÇA

O jornal francês L'Humanité Rouge informou que as forças mais conscientes das massas trabalhadoras do país vêem-se unindo em torno do Partido Comunista Marxista-Leninista da França. Desta forma, a Esquerda Revolucionária Marxista-Leninista incorporou-se no Partido, e passou a trabalhar sob a direcção da vanguarda do proletariado da França.

Na primeira semana de Outubro incorporou-se também no Partido o grupo de jovens comunistas marxistas-leninistas «Servir le Peuple» (Servir o Povo). A decisão foi adoptada depois de uma reunião geral do grupo, com a participação de um representante de L'Humanité Rouge, reunião essa que aprovou uma resolução, dizendo entre outras coisas:

— «Depois de compreendermos a necessidade de romper com o isolamento e o regionalismo, decidimos dissolver o grupo e unir-nos ao verdadeiro Partido Comunista Marxista-Leninista da França, autêntica vanguarda proletária. Chamamos todos os militantes de todos os grupos que se proclamam marxistas-leninistas, a buscar a verdade em L'Humanité Rouge, não cederem diante da pressão ultra-esquerdista e revisionista de qualquer tipo, e empenharem-se no único caminho marxista-leninista, o da união com L'Humanité Rouge.»

E continua a resolução:

— «Ao decidirmos a nossa incorporação no Partido, colocamos um tijolo no edifício e damos a nossa modesta colaboração à construção do Partido proletário revolucionário da França, e ao seu fortalecimento. Através dessa união, aplicamos também um ensinamento essencial da nossa prática de hoje: que um profundo trabalho ideológico nas fileiras da juventude de hoje só pode realizar-se sob a direcção do Partido, pois os jovens, para serem revolucionários, devem lutar ao lado do proletariado e sob a sua direcção; só na resoluta organização das juventudes comunistas, sob a direcção do Partido, podem lutar contra a confusão ideológica semeada pelo revisionismo, organizar os jovens, e dar às lutas da juventude uma justa direcção, ligando-se às lutas da classe operária e das demais camadas exploradas da população.

Unimo-nos ao Partido Comunista Marxista-Leninista da França munidos dessa forte convicção. Temos também confiança que o Partido nos ajudará a superar e corrigir os nossos erros, e tornar o nosso trabalho mais eficaz, sempre ao serviço do proletariado e da Revolução.»

A resolução do grupo de jovens franceses finaliza com a palavra de ordem:

— VIVA A UNIÃO LENINISTA NO SEIO DA VANGUARDA!

PARTIDO COMUNISTA DA AUSTRÁLIA (M-L)

O jornal Vanguard, órgão do Partido Comunista da Austrália (Marxista-Leninista) publicou recentemente um artigo, condenando a actividade expansionista dos social-imperialistas soviéticos, e declarando que ela se converteu num perigo real para a segurança da Austrália:

«Vanguard» informou que uma delegação de cientistas soviéticos solicitou recentemente do governo australiano a permissão para construir no país uma estação soviética de controlo de satélites, e destacou que os russos também construirão uma base de investigações sobre a gravidade terrestre. E disse:

— «Os imperialistas ianques também afirmaram que construiam estações de controlo e investigações, mas pouco a pouco vieram a revelar os seus verdadeiros objectivos, que agora já não podem ser encobertos sob o disfarce científico.»

E continuou o órgão do Partido Comunista da Austrália Marxista-Leninista:

— «Actualmente, vemos que os social-imperialistas soviéticos fazem o mesmo nos seus esforços para ampliar as suas esferas de influência. A rivalidade entre as duas superpotências vai-se agudizando e, como se vê, traz grandes perigos para o povo australiano.»

O PARTIDO COMUNISTA PERUANO DENUNCIA A LINHA OPORTUNISTA E RESSALTA A NECESSIDADE DE CONSOLIDAR A ALIANÇA ENTRE A CLASSE OPERÁRIA E O CAMPESINATO TRABALHADOR

Os partidos marxistas-leninistas consideram como uma das tarefas mais importantes a criação e a consolidação da aliança entre a classe operária e o campesinato trabalhador, a organização e integração do campesinato na luta, ao lado da classe operária a sob a sua direcção, contra os inimigos comuns, contra a exploração.

Continuamente os partidos analisam a situação nos campos e definem as tarefas partidárias.

O jornal «Bandera Roja», órgão central do Partido Comunista Peruano, por exemplo, publicou recentemente uma análise sobre a situação nos campos, colocando a necessidade de travar uma decidida luta contra o oportunismo e o trotskismo no movimento camponês:

— «Os revisionistas e os trotskistas, aproveitando-se da demagogia da reforma agrária, esforçam-se por afastar as massas trabalhadoras da direcção da classe operária e do seu partido, o Partido Comunista Peruano. Eles tudo fazem para submeter a luta camponesa à política dos seus inimigos: o imperialismo, os latifundiários e a grande burguesia, dizendo que só falta aprofundar as reformas para que o povo peruano chegue ao socialismo. Seguindo linhas reformistas, os oportunistas procuram liquidar o movimento camponês revolucionário.

Desde a sua reorganização, o Partido Comunista Peruano vem dedicando grande atenção e concentrando os seus esforços no movimento camponês, mostrando ao campesinato que ele deve basear-se nas próprias forças e forjar a aliança operário-camponesa como base indispensável para a luta pela terra e pela realização de uma verdadeira reforma agrária.»

Continua o órgão central do Partido Comunista Peruano:

— «Neste contexto de lutas, o Partido Comunista Peruano conclama as massas camponesas a requisitarem a terra, aumentando assim as suas fileiras com um número combativo de camponeses. Inúmeras comunidades orientadas por militantes do Partido, reivindicaram as suas terras através da luta. Aumentaram assim as perspectivas para a ampliação da influência do Partido no campo.

Sob o lema: «Terra e Liberdade!», o Partido mostra aos camponeses os seus verdadeiros direitos.

O Partido Comunista Peruano conclama os seus militantes a terem maior audácia e espírito de sacrifício para vencer as dificuldades, orientando os camponeses na luta pela terra, criando bases revolucionárias para a guerra popular.»

A PROPÓSITO DO CONGRESSO «EXTRAORDINÁRIO» DO P«C»F

DECLARAÇÃO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA DE FRANÇA

Terá início, brevemente, o XXI Congresso do P«C»F. Os dirigentes revisionistas decidiram que esse Congresso seria extraordinário porque a França se debate hoje com uma crise que tomará uma amplitude inegualável. Os Marchais e companhia preparam-se febrilmente para desempenhar, num futuro próximo, o seu papel de defensores do capitalismo acedendo ao

governo. E já certos meios governamentais lhe estendem a mão preparando a sua chegada. É que, com efeito, apenas os dirigentes revisionistas, graças à influência que conservam no nosso povo, dispõem dos meios necessários para fazer recair o peso da crise sobre os trabalhadores e de tornarem difícil a resposta operária. Não será a primeira vez, na história do nosso país, que tal sucede. Recorde-se 1936-1938 e 1945-1947!

Marchais está pronto a representar o papel que era ontem o de Léon Blum ou pior ainda. Para salvar o capitalismo, a burguesia apelou sempre para a pretensa «esquerda». E prepara-se para o fazer uma vez mais.

Doravante, os dirigentes do P«C»F prégam a unidade com os partidos e indivíduos que representam abertamente o capital: tais como os gaulistas. Entendem-se com Charbonnel, o ministro de Pompidou que quis por de joelhos os LIP. Decidem levar a cabo acções comuns com UJP, o mesmo que, não há muito tempo, era apelidado de União dos Jovens Patrões.

QUEREM UNIR-SE ÀQUELES QUE DURANTE QUINZE ANOS OPRIMIRAM OS TRABALHADORES DO NOSSO PAÍS:

E é o que eles ousam chamar a «União do Povo Francês». A verdadeira união, a que quer o PCM-L de França, aquela de que a classe operária e o povo do nosso país têm necessidade para abater o capital, far-se-á contra todos esses. Se os dirigentes do P«C»F querem essa unidade não é por terem pouca memória, mas porque também eles são defensores do capitalismo. Entre pessoas da mesma laia acaba sempre por haver entendimento. Marchais e companhia são coerentes consigo mesmo: depois de se terem unido aos socialistas que sob a IV República lançaram contingentes policiais contra os operários, unem-se aos gaulistas que fizeram o mesmo sob a V República.

Este Congresso revisionista lançará o socialismo no esquecimento para fazer oficialmente do P«C»F um partido de reformas no quadro capitalista. O próprio Marchais declara que aquilo que o P«C»F pretende estava já no programa radical do partido há três quartos de século!

Na altura deste Congresso os dirigentes revisionistas querem destruir os restos do passado comunista do P«C»F. Querem apagar para sempre a época já longínqua em que o P«C»F era o partido que representava os interesses da classe operária francesa.

Na televisão, aquando da emissão *Actual-2*, Marchais dizia que agora se pode ser gaulista e membro do P«C»F. Os dirigentes do P«C»F abrem amplamente as suas portas a todos os que não querem a revolução, o socialismo, porque o partido desempenha o seu papel de partido do governo capitalista.

No momento em que a rivalidade entre as duas super-potências, os EUA e a URSS, se intensifica, muito particularmente para o controlo e domínio da Europa como o demonstra a situação em Chipre, os dirigentes revisionistas falam de entendimento. Procuram assim adormecer a necessária vigilância do nosso povo, fazer-lhe crer que o futuro está na paz, enquanto as duas super-potências, e em particular o social-imperialismo, reforçam actualmente os preparativos de guerra. Apresentam o social-imperialismo soviético como uma potência pacífica quando ela se torna cada vez mais agressiva, aumentando os armamentos nas fronteiras da Europa de Oeste, exercendo pressões militares nos países da Europa de Este tais como a Roménia e reforçando a sua frota de guerra no Mediterrâneo.

Em troca dos seus bons serviços os dirigentes revisionistas franceses exigem concessões cujo objectivo é favorecer as posições do social-imperialismo, na Europa, de que são agentes, e levam à aproximação, com ele, em todos os aspectos. E já certos meios governamentais estão prontos a satisfazê-los.

Na véspera deste Congresso é mais claro que nunca que o P«C»F de hoje nada tem de comum com o glorioso partido de Gabriel Péri, de Pierre Semard, o partido dos fusilados. É HOJE O PCMLF QUE CONTINUA ESTE PASSO.

Há já dez anos que os comunistas, pertencentes há dezenas de anos ao P«C»F, levaram a cabo a reconstrução de um partido comunista autêntico. Hoje esse partido, proibido a pedido dos dirigentes soviéticos, edifica-se e reforça-se na luta, na clandestinidade. Há hoje em França um único Partido Comunista: o Partido Comunista Marxista-Leninista de França.

Aos camaradas que entraram para o P«C»F porque pensaram assim preparar a revolução, o socialismo, o Comité Central do PCMLF declara: o partido a que fizeram confiança esmaga hoje o comunismo, JUNTEM-SE A NÓS! Sede fiéis ao vosso ideal!

O Comité Central do PCMLF apela para a classe operária e massas trabalhadoras do nosso país para que se preparem para as grandes lutas futuras e neutralizem o complot que se trama contra elas.

ABAIXO O REVISIONISMO!
VIVA O COMUNISMO!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA MARXISTA LENINISTA DE FRANÇA!

O Comité Central do PCMLF
18 de Setembro de 1974

QUE FAZER?

DOCUMENTOS
PARA
A
RECONSTRUÇÃO
DO
PARTIDO
COMUNISTA
MARXISTA-
-LENINISTA

Reproduzimos nesta rubrica alguns textos que consideramos importantes para a reconstrução do Partido Comunista (M-L), em Portugal. O critério de escolha, como é inevitável, é o da Redacção de QUE FAZER?, mas desde já sugerimos críticas e sugestões para a inclusão de textos nos próximos números. Identificamos sempre os artigos pelo órgão em que foram publicados e não pela organização que os subscreve. Lutando pela reconstrução do Partido Comunista (M-L) é evidente que o nosso critério não poderia ser outro. A inclusão de textos não quer dizer, de maneira nenhuma, que estejamos identificados com eles na totalidade, mas porque se apresentam, na nossa opinião, como um contributo válido para a análise marxista-leninista da luta de classes em Portugal, para a reconstrução do Partido Comunista (M-L), tarefa número um dos marxistas-leninistas portugueses.

Os operários, efectivamente, necessitam da unidade. E o mais importante de tudo é compreender que, à excepção dos próprios operários, ninguém lhes «dará» a unidade, ninguém está em condições de ajudar à sua unidade. Não se pode «prometer» a unidade: isso seria vã fanfarronada, enganarem-se a si mesmos; não se pode «criar» a unidade mediante um «acordo» entre grupinhos de intelectuais: isso seria o mais lamentável, ingénuo e grosseiro erro.

A unidade tem que se conquistar, e só os próprios operários, os operários mais conscientes, estão em condições de a conseguir com um trabalho tenaz e perseverante.

Nada mais fácil do que escrever em letras gordas a palavra «unidade», prometê-la e proclamar-se seu partidário. Na prática, de facto, a unidade só pode avançar com o trabalho e a organização dos operários avançados, de todos os operários conscientes.

A unidade é impossível sem organização. A organização é impossível sem a submissão da minoria à maioria.

LENINE

«Trudovaya Pravda», n.º 2, 30 de Maio de 1914

LUTA E UNIDADE

A unidade revolucionária dos marxistas-leninistas só pode ser entendida no seu sentido de *serviço da causa proletária*. Para isso, tem que ser feita abertamente e duma forma tal que triunfe uma linha política justa, que faça avançar o movimento marxista-leninista em Portugal, que contribua para a reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista. Não será possível uma unidade que ultrapasse, pondo de lado, toda a experiência e erros passados, que os apague para a tornar viável. Só o debate, a crítica e a autocrítica, abertas e francas, verdadeiramente comunistas, sem que neles pese amizades ou inimizades pessoais — que nada têm a ver com posições políticas, única base admissível de divergências entre organizações que se afirmam marxistas-leninistas — só uma luta ideológica intensa e aberta, revolucionária, pode servir à unidade dos marxistas-leninistas. Não se trata de unir pessoas mas de unir quadros à volta duma linha política justa que sirva os interesses revolucionários da vanguarda proletária. Essa unidade não pode estar separada da preparação e organização da vanguarda proletária, da extensão a esta deste debate. Também é importante não apagar os erros ou a experiência passada, mas de os utilizar e deles tirar os ensinamentos que sirvam o progresso do caminho revolucionário. A persistência nos erros, a não aceitação destes, conduz a erros ainda piores e à degenerescência das organizações. As bases devem estar atentas, vigilantes para todos os desvios cometidos pela direcção, criticá-los, fazê-la proceder à autocrítica e corrigir-se. Foi a falta de preparação das bases, a sua falta de vigilância, que permitiu internamente a degenerescência do Partido Comunista Português e a sua transformação num Partido traidor à classe operária, num Partido ao serviço dos interesses sociais-imperialistas da burocracia partidária e sindical e da pequena burguesia portuguesa. A vigilância de classe em todo o processo de reconstrução do Partido tem que se exercer sob risco de conduzir o cisionismo para dentro do Partido e abrir as portas deste a todas as formas de oportunismo. Lutemos pela unidade, mas por uma unidade dentro do marxismo-leninismo, à volta de interpretações justas duma linha correcta, marxista-leninista, que tenha em conta a situação nacional e internacional e que na prática a aplique correctamente, no trabalho de quadros e de massas. Fora deste processo nada conseguiremos para além duma unidade «podre», não marxista-leninista, que redundará num cisionismo, na tentativa de liquidação do Partido ininterrupto

Avante, pois, pela unidade dos marxistas-leninistas em moldes correctos, dentro duma luta ideológica marxista-leninista e duma prática de formação de quadros e de ligação às massas.

A REDACÇÃO

DOCUMENTOS PARA A RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA

EM FRENTE PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO !

TAREFA CENTRAL DOS COMUNISTAS

A classe operária portuguesa encontra-se hoje privada do seu Partido Comunista.

Desde que conseguiu entrincheirar-se na direcção do Partido, o grupo direitista comandado por Álvaro Cunhal iniciou uma obra sistemática de destruição de tudo o que o Partido tinha de revolucionário, do fruto de anos e anos de trabalho abnegado e sacrifício de milhares de militantes. De milhares de pequenas e grandes lutas das massas proletárias contra o fascismo e o capitalismo, de uma luta cerrada dentro do Partido contra as influências das ideias burguesas contra-revolucionárias.

Cunhal e o seu grupo destruíram o glorioso Partido de Militão Ribeiro, Alfredo Dinis, José Gregório e tantos outros verdadeiros comunistas, o Partido que apontava a via da tomada do poder e de um governo operário e camponês para destruir o fascismo e o capitalismo, instaurar a democracia popular e construir o socialismo em Portugal; o Partido que olhava a revolução de Outubro de 1917 como o exemplo a seguir pelos operários de todo o mundo; o Partido que via no camarada Staline o grande dirigente do proletariado mundial e o inimigo mortal de todos os burgueses e contra-revolucionários.

Sob a direcção de Cunhal, o Partido Comunista degenerou num partido revisionista, deixou de ser um partido revolucionário ao serviço da luta da classe operária para se transformar num partido de colaboração de classes ao serviço da burguesia. A partir desse momento, a tarefa central dos comunistas passou a ser reagruparem-se fora do partido revisionista e **reconstruírem o Partido Comunista** destruído pelos traidores.

A primeira tentativa de corte aberto com o revisionismo foi feita em 1964. No entanto, os comunistas dessa época cometeram muitos erros e essa primeira tentativa falhou. Mas dela ficou como herança para todo o movimento comunista a clara demonstração do carácter anti-marxista das teorias de Cunhal e a definição de bases de um programa comunista, afirmando o carácter predominantemente proletário e socialista da revolução portuguesa desde a sua etapa presente, e apontando à classe operária como primeira tarefa a tomada do poder em aliança com os camponeses pobres, o estabelecimento da Democracia Popular assente na ditadura dos operários e camponeses que esmague a resistência da burguesia, destrua o poder do capital monopolista, expulse o imperialismo e leve a cabo a Reforma Agrária, primeiros passos para se iniciar a transformação socialista de Portugal.

A partir de 1966, o movimento comunista entrou num período de grande confusão. Foi o período do aparecimento de numerosos grupos afirmando-se os únicos marxistas-leninistas, da guerra de seita entre eles, da difusão de teorias ultra-esquerdistas e

trotskistas propagadas pela intelectualidade burguesa infiltrada no movimento para o destruir. A facilidade com que estes elementos ascenderam no movimento e o levaram quase ao caos só pode ser atribuída a três razões: a confusão provocada pela traição revisionista, falta de experiência de muitos membros dos grupos marxistas-leninistas, e **principalmente o afastamento das massas proletárias, das suas lutas e dos seus anseios.**

No entanto, dentro dos vários grupos, começou a afirmar-se progressivamente o combate ao oportunismo burguês por parte dos militantes mais ligados à classe operária e às suas lutas, que colocavam como critério para distinguir o certo do errado o interesse da classe e não o interesse do grupo. Essa tendência fortaleceu-se continuamente com o avanço da aceitação das ideias marxistas-leninistas entre a classe operária, e iniciou a depuração do movimento do lixo burguês, de tal modo que hoje se pode afirmar a existência de um **movimento marxista-leninista** constituído pelos grupos que se souberam ligar à classe operária e integrar em si numerosos militantes operários.

Hoje, dez anos depois do primeiro corte aberto com o revisionismo de Álvaro Cunhal, **chegou a altura de se abordar de frente a tarefa de unificação dos marxistas-leninistas, base de reconstrução do nosso Partido.**

A base teórica fundamental da unidade dos marxistas-leninistas assenta nos princípios do programa comunista definido em 1964. A nossa tarefa é cimentar a unidade em torno desse programa, enriquecê-lo e corrigi-lo com os dados da experiência da luta operária e popular dos últimos anos.

A partir daqui deve-se responder à questão : quem está dentro da corrente marxista-leninista? Em que grupo deve assentar a unidade dos marxistas-leninistas, pilar fundamental da Reconstrução do Partido?

A esta pergunta respondemos : só a **prática permite separar o trigo do joio,** separar os verdadeiros marxistas-leninistas daqueles que se proclamam marxistas-leninistas e na sua actividade vão contra todos os ensinamentos dos grandes dirigentes comunistas.

Na sua luta pela reconstrução do Partido Comunista, os marxistas-leninistas orientam sempre a sua actividade prática por três princípios :

— Os marxistas-leninistas tomam para si a herança de toda a experiência revolucionária do Partido Comunista antes da sua total destruição pelos direitistas e revisionistas. O que quer isto dizer? Quer dizer que colhemos os ensinamentos da experiência militante de todos os camaradas que ao longo de anos e anos souberam orientar-se sempre para a Revolução, respirar o mesmo ar que as massas, ser os primeiros na defesa dos seus interesses, estar sempre à frente das suas lutas, sacrificar-se pelo triunfo do comunismo e assim, construir, pouco a pouco, o sólido prestígio do Partido entre todos os explorados, e trazê-los para debaixo da bandeira do comunismo, fazendo-a sua. Quer dizer que não pretendemos um Partido caído das nuvens, mas sim um Partido assente na base de aço de toda a experiência de todo o movimento operário português.

O MRPP, fazendo coro com alguns dos grupos de intelectuais, nega que alguma vez tenha havido um verdadeiro Partido Comunista em Portugal. Para o MRPP, José Gregório, Militão Ribeiro, Alfredo Dinis e tantos outros heróis proletários seriam «direitistas». O MRPP considera-se o primeiro grupo autenticamente comunista em Portugal, e não tem nada a aprender com a experiência passada; antes do seu nascimento, nunca houve lutas revolucionárias, e só hoje a classe operária começa a abrir os olhos. A que tem levado esta posição? Ao desprezo pelas lutas operárias cobrindo-se com frases ultra-esquerdistas, ao afastamento das massas, à desorganização da luta operária em todos os sítios em que aparece. As posições do MRPP, que se faz passar por marxista-leninista, são hoje a melhor arma da burguesia e dos traidores cunhalistas para atacar os verdadeiros marxistas-leninistas.

— Na corrente marxista-leninista todos são parcelas. Todos os grupos marxistas-leninistas colocam os interesses supremos da classe operária acima do seu interesse particular de grupo; a guerra de seitas, que tantos estragos faz no movimento, deve ser varrida, e substituída por um franco espírito de solidariedade camarada entre os grupos que lutam pelo mesmo fim.

Nenhum grupo tem hoje a autoridade política, a força e o prestígio de massas que lhe permitam intitular-se «o único comunista», e muito menos «o representante da classe operária». Constitui um completo insulto às massas trabalhadoras e uma manifestação de desprezo pela classe operária a atitude de algumas pessoas que, tendo sempre vivido afastadas das lutas operárias, se decidiram a usar o título de Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), e se pretendem impor à classe como seus dirigentes. A classe operária não precisa que os seus dirigentes se anunciem : ela saberá reconhecê-los na luta! A atitude desse grupo é um triste exemplo da mentalidade «superior» do intelectual que se julga fadado para apóstolo dos oprimidos, e atira-o totalmente para fora da corrente que luta pela reconstrução do Partido que combate.

O MRPP tornou-se o exemplo máximo do que pode atingir o sectarismo infantil de origem intelectual e o espírito de seita. O MRPP está a tornar-se um perigo para o desenvolvimento do movimento revolucionário, não pela sua real influência nas massas (que é pouca), mas porque o seu sectarismo está a evoluir rapidamente para a actividade de calúnia e sabotagem aberta de todas as lutas que não sejam as «suas». O MRPP arrisca-se a seguir o caminho do bando de degenerados trotskistas que na União Soviética do camarada Staline passou rapidamente das divergências para o anti-comunismo e para a actividade contra-revolucionária aberta.

— Fora das massas não há marxismo-leninismo. A incorrecta compreensão deste princípio fundamental do marxismo-leninismo, constantemente levantado pelo Partido Comunista da China e pelo Partido do Trabalho da Albânia, foi a principal origem dos erros cometidos até hoje pela corrente comunista. E, inversamente, foi o aumento de ligação às massas que permitiu o desmascaramento do oportunismo e o fortalecimento da corrente revolucionária. É necessário isolar e aniquilar radicalmente os pontos de vista que, com os mais variados pretextos, pregam o afastamento das massas, é necessário voltar constantemente toda a actividade política e organizativa para a mobilização e educação revolucionária das massas trabalhadoras.

Perante a defesa intransigente da linha de massas pelos marxistas-leninistas, alguns grupos de origem intelectual criticam o «massismo (!!) pequeno-burguês». Esses grupos demonstram apenas que não assimilaram a experiência revolucionária do Partido Comunista antes da sua destruição, e que ainda hoje não extrairam a mais preciosa lição dos últimos dez anos : **não há actividade comunista fora das massas.** No fundo, não compreenderam o que é o marxismo-leninismo e o que nos ensinam todos os grandes guias do proletariado mundial.

A posição que na **actividade prática** se assume perante o trabalho de massas tornou-se hoje o principal critério para separar os comunistas sinceros dos que levantam a bandeira vermelha só para a combater melhor.

A unificação dos grupos marxistas-leninistas e a reconstrução do Partido exigirá clarificação teórica, luta ideológica e vigilância revolucionária; passará por discussões e conferências à volta de uma mesa; mas na base de todo este trabalho deve estar sempre o desenvolvimento do trabalho revolucionário, a mobilização das massas, a defesa das posições marxistas-leninistas nas lutas, o reforço constante da organização comunista entre a classe operária. Só este trabalho cimentará a unidade dos comunistas e isolará os oportunistas, só ele será a prova perante a classe da sinceridade dos que se dizem marxistas-leninistas.

Se o soubermos realizar, e se acima de tudo soubermos imprimir a todo o nosso trabalho o verdadeiro espírito do nosso Partido — a total devoção à causa da Revolução, a íntima ligação às profundas aspirações das massas, a iniciativa política, a disciplina proletária, a aguda vigilância revolucionária na defesa da pureza das fileiras comunistas — então a vitória será nossa.

VIVA A UNIDADE DOS MARXISTAS-LENINISTAS!
EM FRENTE PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO!

«A Causa Operária» — n.º 1 — 1 de Setembro de 1974

EM FRENTE PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO!

1. A TENDÊNCIA UNIFICADORA NO MOVIMENTO MARXISTA-LENINISTA

Os marxistas-leninistas portugueses têm vindo a fazer uso de condições objectivas e subjectivas favoráveis à predominância da tendência unificadora no Movimento. A prática de relações predominantemente francas e sinceras entre vários grupos e organizações de denominação marxista-leninista, e o início de acções conjuntas, cria actualmente condições extremamente propícias para uma luta tenaz contra o sectarismo de grupelho, tendência política da pequena-burguesia radical contra os interesses revolucionários do proletariado.

A confrontação teórica, a discussão política e a luta ideológica em geral, são neste momento necessidades prementes para o movimento, baseadas numa atmosfera que escorrace para longe o sectarismo e se fundamente principalmente na prática da ligação às massas.

Nesse sentido, não pouparemos esforços para intervir sistematicamente no debate das ideias, na luta contra o oportunismo e contra as suas variadíssimas formas, ao mesmo tempo que procuraremos esclarecer o proletariado português dos principais problemas que se colocam no processo de Reconstrução do Partido Comunista destruído pela traição revisionista. Ao mesmo tempo, conscientes que para a totalidade dos trabalhadores portugueses, o carácter revisionista e traidor do falso partido «comunista» de Cunhal, ainda não está totalmente compreendido, o nosso jornal procurará esclarecer as largas massas sobre o processo reconstrutivo do Partido.

2. QUEM NÃO ESTÁ DENTRO DA CORRENTE M-L

A realização em Lisboa de uma manifestação contra o fascismo e o colonialismo no passado dia 18, suscitou profundas preocupações em muitos camaradas. Com efeito, alguns jornais noticiaram a participação de um dos chamados «PCdeP(ml)» e do jornal «A Verdade» na convocação da manifestação, o que equivaleria a que as várias organizações m-l, que realmente convocaram a manifestação, considerariam plausível a acção unitária com esse «PCdeP(ml)» e o considerassem dentro da corrente marxista-leninista. Ora o que acontece é bastante diverso. Por definição, os agrupamentos políticos que se designam por «Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista)», que são dois ou três, nada têm a ver com o processo de reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista, pelo qual pugnam e no qual centram esforços os comunistas, actualmente: Será efectivamente brincarmos com a lógica mais evidente, ou adulterarmos totalmente a coerência marxista-leninista na aplicação dos princípios, pensar-se no reconhecimento de tais agrupamentos dentro da corrente m-l, que tem como tarefa central a reconstrução do Partido Comunista.

Naturalmente, que o oportunismo inveterado dos responsáveis pela linha política oportunista, que levou à chamada «reconstituição do Partido Comunista» datada de 1971, não tem contra si, a afastá-los de toda e qualquer possibilidade de alinhamento na corrente m-l, apenas esse tristemente famoso «V Congresso reconstitutivo», mas toda uma prática reaccionária de grupelho, totalmente desligada das massas, totalmente desligada de qualquer tarefa concreta de organização do proletariado português, de luta contra o revisionismo e a ditadura burguesa. Isto foi dito e redito na devida altura, está demonstrado, sobejamente conhecido e escrito, e ninguém, em nome dos princípios justos da unificação dos marxistas-leninistas, vista de uma forma dialéctica e não de uma forma idealista, tem direito a passar por cima de uma série de anos de luta, mesmo que por circunstâncias diversas, tenha estado afastado da prática directa com esta acumulação de experiências revolucionárias.

É verdade que desde 1972 até hoje, muito se passou no pequeno universo fantástico destes «marxistas-leninistas», «reconstituintes» na emigração do Partido:

Pelo menos dois PCdeP «existem», pelo menos dois órgãos centrais «existem» com o mesmo nome: «Unidade Popular».

É evidente, que pode acontecer que num grupo que naturalmente se tem de desagregar pelo seu próprio carácter, haja numa das fracções cisionistas mais camaradas sinceros e pouco esclarecidos do que noutra. Mas é evidente também que os grupos dissidentes continuam a seguir todos os aspectos fundamentais do oportunismo do referido aborto (PCdeP), nomeadamente:

— continuação do uso da sigla ultra-oportunista de «PCdeP».
— continuação do parasitismo político, vivendo à sombra do trabalho realizado pelos comunistas, e tentando com «golpezinhos» afirmarem a sua existência duvidosa.
— continuação do uso da Mentira que é sempre reaccionária.
— continuação das actividades de provocação, na mira impotente que alguém lhes siga a peugada.

Assim sendo, nunca os marxistas-leninistas sem entrarem em malabarismo de princípios poderiam alinhar na convocação da manifestação com qualquer destes agrupamentos. E foi o que aconteceu em Lisboa na referida manifestação.

Finalmente, queremos realçar o seguinte: a luta pelo esclarecimento de camaradas enganados e pouco esclarecidos, não se faz com concessões de princípios, mas com a crítica política rigorosa às linhas que provisoriamente, mas objectivamente, defendem.

3. OS PERIGOS DO UNITARISMO SEM PRINCÍPIOS

Estas posições são resultado de vários anos de luta pela reconstrução do Partido, desde a elaboração teórica fundamental das suas grandes linhas de demarcação com o revisionismo, passando pelos esforços sucessivos de aplicação dos princípios universais do marxismo-leninismo às condições concretas do nosso Movimento, que se foi depurando e demarcando até ao momento de hoje. O ressurgimento da discussão em torno destas questões, se leva objectivamente ao seu esclarecimento, não poderá jamais ser feita em pretensas novas bases, criadas pelas últimas modificações políticas na situação do país. Mas porque essas pretensas novas bases se pretendem impor, têm de ser devidamente analisadas.

Com efeito, não existe neste momento em Portugal apenas o perigo do burocratismo, do sectarismo e do espontaneísmo. Outro perigo com tradições históricas funestas no nosso Movimento, pode tentar ressurgir, até porque não foi exaustivamente analisado. Trata-se de idealismo em relação à unificação dos marxistas-leninistas, do unitarismo sem princípios, ou então das teorias unificadoras, com tantas «vias simultâneas», que na prática acabam por representar a possibilidade da

unificação por quase qualquer via. Trata-se da concepção de Partido como uma amálgama de comunistas e elementos «saneados» pelo movimento m-l, uma «frente» constituída independentemente da prática da luta de massas, e da séria e exaustiva discussão das ideias. Se é certo que é necessário avançar para a unificação, se é certo que o Partido Comunista que pretendemos reconstruir terá necessariamente oportunistas no seu seio, pois a reconstrução do Partido não equivale a um remédio milagroso que acabe com a luta de classes e a luta político-ideológica dentro do Partido, é nosso dever, utilizando e analisando cuidadosamente toda a nossa experiência que não é pobre, defender ao máximo a depuração do Partido de elementos oportunistas que só levam à sua fraqueza e não ao seu fortalecimento.

4. UNIDADE NA TEORIA E NA PRÁTICA

Os comunistas, os marxistas-leninistas portugueses, têm de ver desde já o processo de reconstrução do Partido e um dos seus aspectos é que a unificação do movimento m-l, não como um processo burocrático de fusões desligadas da prática de massas nem como um emprego das energias na tentativa de trazer para o marxismo-leninismo toda a escória burguesa que politica pelos cafés mas como um processo onde o materialismo dialéctico seja aplicado, onde a teoria e a prática formem um todo. Em frente na acção conjunta de luta de massas, na rua, no campo, na frente cultural e fundamentalmente na fábrica. Em frente na discussão das ideias, na luta político-ideológica, sem paninhos quentes, mas no estilo que fez dos Partidos Comunistas a máquina mais implacável de mobilização de massas pela liquidação do jugo capitalista. Em frente PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA.

«O Grito do Povo» — N.º 29 — Setembro (1.ª Quinzena) — 1974.

O QUE ESTA NA ORDEM DO DIA: O PARTIDO OU A REVOLUÇÃO?

«A Revolução está na ordem do dia», começou o MRPP a dizer, após o 25 de Abril, papagueando a conclusão a que Lenine chegara nas vésperas da Revolução de Outubro.

Será esta mais uma dessas belas frases com que este grupo gosta de encher a boca? Sem deixarmos de reconhecer a necessidade que há em mostrar a natureza trotskista e anarquizante do conjunto das posições do MRPP (e a isso temos de dedicar alguns dos nossos trabalhos) a verdade é que não nos temos preocupado em responder à maioria das suas afirmações, de tão descabeladas e ocas que são. Declarar hoje que a «Revolução está na ordem do dia» também nos surge como uma dessas frases sem sentido; não nos parece no entanto que fosse correcto neste caso proceder da mesma maneira:

— em primeiro lugar, porque saber se a Revolução está ou não na ordem do dia é uma daquelas questões de que todos os revolucionários precisam de estar certos; para um comunista, que tem por objectivo central fazer a revolução, seria demasiado grave não se aperceber de quando é chegado o momento da Revolução!

— em segundo lugar, porque nos apercebemos que para muitos camaradas esta questão não se põe do mesmo modo que para nós; concretamente, não é para nós muito diferente desta posição do MRPP a posição dos camaradas que aparecem já hoje a propagandear a ideia do «poder aos operários» em termos de palavra de ordem concreta e imediata.

— em terceiro lugar, porque responder a esta questão nos ajuda a ver o que está então na ordem do dia e, portanto, a ver qual é afinal, a **tarefa central** dos comunistas na hora actual; em cada momento há uma tarefa central e não é possível avançar na vida da revolução sem se saber qual é ela!

Para nós, a revolução não está na ordem do dia: estas três ordens de razões exigem que expliquemos porquê.

1. AS CONDIÇÕES GERAIS DA REVOLUÇÃO

É costume dizer-se que para os comunistas a revolução está sempre na ordem do dia. Mas isto só é verdade dentro duma perspectiva histórica, a longo termo, e nesse sentido tem tanto valor como dizer que o socialismo ou mesmo o comunismo estão na ordem do dia. Hoje, como ontem ou daqui a dez anos, os comunistas trabalham para a revolução, trabalham para o triunfo da classe operária, para conduzir «os operários ao poder» mas isso visto como objectivo, como meta, não como tarefa prática imediata.

A experiência e os ensinamentos chineses, albaneses, coreanos, vietnamitas, mostram-nos que a revolução (a passagem violenta do poder duma classe para outra) se pode fazer por um processo lento e prolongado de alastramento progressivo das zonas de poder; mais de 20 anos se passaram, com efeito, desde a fundação dos primeiros sovietes de camponeses nas regiões mais remotas da província de Hunan até à extensão do poder popular a toda a China... Quer dizer, 20 anos durante os quais os comunistas chineses puderam dizer que a revolução estava na ordem do dia. Mas nem na China ou no Vietname a revolução esteve sempre na ordem do dia.

Não haja dúvidas:

O início da revolução, do acto de tomada do poder, seja nas regiões remotas da China, em 1927, seja no conjunto de toda a Rússia, em 1917, obedeceu ao preenchimento prévio de condições pré-insurreccionais e é isso que esquecem os que se deixam encantar pelas frases de Lenine sem terem compreendido o seu conteúdo concreto. É a história que o prova.

Lenine, combatendo os receios dos hesitantes que no Partido Bolchevista fugiam a reconhecer a necessidade da insurreição, não se limitou a repetir as frases de Marx; como marxista que era, analisou a situação da Rússia e concluiu que a insurreição se colocava na ordem do dia, porque se achavam reunidas certas condições básicas. Mostrou ele que eram três essas condições:

1.º) Poder a insurreição apoiar-se «no conjunto da classe de vanguarda e não apenas no Partido», na parte da classe organizada no Partido;

2.º) Assentar a insurreição «no entusiasmo revolucionário do povo»;

3.º) Surgir a insurreição «no momento em que é mais forte a actividade da vanguarda do povo e mais fortes as hesitações, a divisão, nas fileiras do inimigo».

Mais tarde, num texto muito conhecido, escreveu Lenine:

> **A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções, e em particular pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem transformações; para a revolução é necessário que os exploradores não possam continuar a viver e a governar como antes. É só quando «os de baixo» não querem e «os de cima» não podem continuar a viver à antiga, é só então que pode triunfar a revolução. Por outras palavras, esta verdade exprime-se assim: a revolução é impossível sem que haja uma crise nacional geral (que afecte explorados e exploradores). Portanto, para fazer a revolução é preciso conseguir primeiro que a maioria dos operários (ou em todo o caso a maioria dos operários conscientes, reflectidos, politicamente activos) compreenda profundamente a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessem uma crise governamental que arraste para a política até mesmo as massas mais atrasadas (...), que reduza o governo à impotência e torne**

possível o seu rápido derrubamento pelos revolucionários». («Esquerdismo, doença infantil do comunismo»).

Mao Tsé-tung, opondo-se aos que queriam aplicar à China o esquema bolchevista de insurreição seguido na Rússia, veio a mostrar na prática que podia iniciar-se a revolução desde que se reunissem em certas regiões afastadas da China condições semelhantes às que se haviam reunido em 1917 no conjunto de toda a Rússia.

Uma análise da situação da China em 1927 pode mostrar-nos com efeito que:

— o Partido possuía então uma forte implantação, tanto na classe operária como nos camponeses dessas regiões;

— os camponeses dessas regiões lançavam-se com a decisão que dá o desespero da fome contra os seus senhores;

— o poder central não só se achava a braços com grandes dificuldades internas, como possuía uma tão pequena autoridade nessas regiões e uma tão pequena capacidade para deslocar forças para elas que, pode dizer-se, era ali mais fraco do que as forças da revolução.

O que se passou de 1927 a 1949 prova a justeza de se ter aproveitado este amadurecimento local das condições insurreccionais para se iniciar a revolução.

2. EM PORTUGAL NÃO ESTÃO AINDA REUNIDAS AS CONDIÇÕES PARA A REVOLUÇÃO

E em Portugal? Podemos nós dizer que se encontram reunidas estas condições decisivas para o desencadeamento da insurreição, da revolução?

Concretamente e para começar, estarão hoje os comunistas portugueses em condições de desencadear a insurreição apoiados na classe operária, conduzindo a classe operária? Vemos, pelo contrário, que a classe de vanguarda se acha ainda na sua maioria esmagadora sem consciência do que representa para si a revolução proletária. A grande massa dos operários está a ganhar consciência da sua força, mas não vai ainda além duma perspectiva sindical, da compreensão da necessidade de se organizar em sindicatos, de se organizar para a luta reivindicativa; está longe ainda, bastante longe mesmo, da ideia de Partido. A massa dos operários atraída pela política e principalmente por uma política de Partido é ainda minoritária; e dessa só uma pequena parcela, para mais profundamente dividida, aderiu ao marxismo-leninismo.

E o povo? Estará ele encarniçado contra a burguesia, disposto a vencer ou a morrer, animado de verdadeiro entusiasmo revolucionário? Basta sair das análises de gabinete ou do círculo estreito do seu grupo, estar-se atento ao que se diz nas ruas, nos quartéis, nos campos e nas fábricas, para se perceber que não existe, nem ao de leve, tal determinação. A chantagem dos revisionistas e das forças armadas com a possibilidade dum regresso do fascismo e a longa tradição de propaganda reformista espalhada no seio das massas, faz com que, pelo contrário, domine a tendência para o compromisso e a conciliação. Os nossos revisionistas não teriam tido o sucesso que apesar de tudo tiveram no travar e no sabotar das lutas e da unidade popular se houvesse esse clima de entusiasmo revolucionário; disso não haja dúvidas.

E estará a burguesia fraca, de rastos, frente ao movimento operário? Não é essa a ideia que temos. O 25 de Abril surgiu como uma tentativa de resolução da grave crise que a burguesia portuguesa vinha acumulando, em especial nos últimos anos da guerra colonial. Surgiu para a resolver mas as primeiras consequências foram outras: desorganizou-se o aparelho de Estado, enfraquecendo-se a sua capacidade repressiva, entrou-se num período de grande confusão e instabilidade, em que fracções da burguesia lutam entre si com um vigor crescente em busca duma saída para a sua crise, crise que se agrava à medida que os povos das colónias conquistam a independência... Tudo isto é verdade, mas poderá dizer-se que perdeu o controle da situação, que já perdeu a iniciativa a favor do povo? Está bem claro que não. Numa série de aspectos, a burguesia, enquanto classe tomada num todo, pode-se dizer que até melhorou a sua situação:

— reforçou-se largamente a sua posição internacional;

— perdeu em organização e em poder económico, mas ganhou em base de apoio, ao ponto de a sua demagogia ser bem sucedida junto de muitos dos que explora;

— mostra-se dividida, cada vez mais dividida, mas a sua divisão não surge num processo de recuo geral face à ofensiva dos trabalhadores (como até certo ponto sucedeu durante os primeiros tempos que se seguiram ao 25 de Abril), mas num processo de passagem à contra-ofensiva (já em curso).

Tudo isto salta à vista, parece-nos.

*

Podemos na verdade dizer sem receio: em Portugal não está madura nenhuma das três condições que de forma diferente se reuniram na China e na Rússia em 1927 e 1917 respectivamente, e levaram Lenine e Mao a considerar que a revolução se colocava na ordem do dia. Em termos objectivos, podemos dizer que em Portugal, hoje, a classe operária ainda não está voltada para a revolução, ainda não chegámos à fase em que o povo já não quer e a burguesia já não pode.

Que outras condições então — tão importantes que substituam estas três — se pode dizer que existem? Não vemos nenhuma. Não será que se defende a ideia contrária porque se pensa que basta dizer aos operários o que eles deveriam querer para que o compreendam e passem a fazê-lo? Parece-nos bem que sim.

Hoje não se está a viver numa situação pré-insurreccional, está é a realidade. A revolução tornaria impossível um novo Chile, como diz o MRPP; o problema é que a revolução não surge por decreto, obedece a condições que não se podem ignorar.

A situação não é para expectativa. Longe disso! Está a evoluir, a crescer, e até muito mais depressa do que alguns poderiam esperar: engrossa o número dos trabalhadores que, alertados pela contra-ofensiva da burguesia (subida dos preços, despedimentos, lei anti-greve, leis repressivas da informação, etc.) compreendem a burla que é para eles o novo governo e radicalizam a sua posição; os povos das colónias caminham imparáveis para a vitória (o povo da Guiné já a conquistou, o povo de Moçambique está a um passo de a conquistar também); e a tomada de consciência, a radicalização dos trabalhadores portugueses e em especial a conquista da independência dos povos das colónias não podem deixar de agravar a crise política a que a burguesia portuguesa chegou, lançando-a no isolamento, no caos político.

Mas entretanto, repete-se, a realidade actual não permite triunfalismos. Se os comunistas querem de facto transformar a realidade, impõe-se-lhes antes de mais, conhecer essa realidade. Só assim será possível mudar uma situação não-revolucionária numa situação revolucionária.

As frases bonitas podem fazer o encanto dos intelectuais que se embriagam com palavras; o que não substituem é a realidade... Nada têm, pois, a ver com o marxismo-leninismo-maoismo.

3. É O PARTIDO QUE ESTÁ NA ORDEM DO DIA

Cabe de resto perguntar: será que a revolução podia ter surgido na ordem do dia após ou nos meses que se seguiram ao 25 de Abril? Duvidamos muito seriamente.

Para haver revolução do proletariado não basta haver revoltas, motins, levantamentos e muito menos greves reivindicativas... O movimento operário só se torna verdadeiramente revolucionário quando fundido com a teoria revolucionária; outro significado não tem a tese segundo a qual 'não há movimento revolucionário do pro-

letariado sem teoria revolucionária do proletariado'. Toda a experiência histórica mundial nos prova que assim é: URSS, Albânia, China, Vietname, etc. Ora, como, onde é que o movimento operário se funde com a teoria revolucionária? Através do Partido, no Partido... Não há que fugir a isto: o proletariado só pode cumprir as suas tarefas históricas revolucionárias se a sua vanguarda estiver organizada num Partido forte, temperado na luta política e revolucionária.

E onde estava o Partido no dia 25 de Abril? Onde está ele hoje? O proletariado português conta já com uma vanguarda consciente e combativa mas que, como se disse, é ainda reduzida e está dispersa por círculos rivais (e o que é pior, com forte peso de elementos da pequena burguesia). Cimentar tal vanguarda, uni-la num bloco único, alargá-la, isso sim é a tarefa que se coloca na ordem do dia.

A vanguarda revolucionária do proletariado tem ainda um longo e esforçado trabalho de ligação às massas a fazer. Tem campanhas de esclarecimento a desenvolver junto às massas, tem lutas sindicais a animar e a enquadrar, tem acções políticas a desencadear e a aprofundar... Mas até essa ligação — essas campanhas, essas lutas, essas acções — têm limites relativamente estreitos enquanto essa vanguarda não se organizar no seu Estado-Maior, enquanto o Partido não for reorganizado.

É o Partido e não a Revolução que está na ordem do dia. E o Partido, o Partido que represente de facto a classe operária, que seja 'a expressão concentrada da política do proletariado', esse ainda está longe e vai exigir um trabalho de base e de cúpula dirigido muito especialmente em dois grandes sentidos.

Trabalho de massas como único meio de ultrapassarmos as nossas próprias deficiências e erros e nos colocarmos em situação de contribuirmos para o enquadramento da classe operária pelos marxistas-leninistas.

— Luta ideológica, crítica ideológica, dirigida em especial contra o espírito de seita e as concepções incorrectas de Partido que afastam as organizações m-l do conceito leninista que é 'um só partido para uma só vanguarda'.

«Luta Comunista» - n.º 2 - Outubro de 1974

SOBRE OS RUMORES DE GOLPE DE ESTADO E A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS

A TODA A ORGANIZAÇÃO DO P. C. P. E DA F. J. C. P.

1. SITUAÇÃO ECONÓMICA E VIDA DAS MASSAS

A despeito de todas as patranhas em contrário do fascismo nacional, nesta segunda fase da política do Estado, a crise económica agrava-se dum modo inaudito na indústria e na lavoura. Para resolver esta crise a contento capitalista, o salazarismo transformou-se em campeão dos monopólios e da organização forçada do patronato nos ramos fundamentais da produção do país.

A crise até 1932 havia operado já, por via própria, uma considerável destruição das forças produtoras. A pequena produção em geral, as fábricas com menos capacidade de concorrência encontravam-se já, ou em laboração deficitária ou em paralisação e falência pura e simples. A crise realizou, por essa via, os primeiros passos da liquidação dos escalões inferiores do capitalismo, colocou a pedra fundamental da edificação dum capitalismo de élite, dum grupo mais restrito dos magnates, senhores de toda a vida de negócios, da laboração geral do país e dos destinos das massas exploradas.

Durante toda essa primeira fase do percurso da crise, em que se criaram, também, entre nós, as condições do fim de estabilização do capitalismo, em presença da extraordinária contracção do poder de absorção dos mercados e da correlativa queda catastrófica dos preços de grosso de toda a produção capitalista, os grandes magnates sentiram-se tocados mais de perto nos seus interesses e atrelaram o Estado mais a si, para o transformar em alavanca mais firme da defesa desses interesses, que observaram rudemente ameaçados.

Sob o lema de que era preciso vencer a anarquia entre a produção e o consumo, o mal-estar resultante desta anarquia, o Estado da ditadura empreendeu, sob a pressão dos capitalistas, a cartelização dos ramos produtores fundamentais. Assistimos à criação da «Casa do Douro», das «Adegas Vinícolas Regionais», do «Cartel do Comércio de Exportação de Conservas de Sardinhas» e do «consórcio» da produção nesta indústria, à fundação do cartel da indústria vidreira e cerâmica, das empresas para a exploração do trabalho da construção civil, à legalização do serviço por empreitadas nas Câmaras Municipais, à transformação do Comissariado do Desemprego em agência de fornecimento de mão-de-obra aviltadamente remunerada e, recentemente, à instituição da «Federação dos Produtores de Trigo», na base dos celeiros municipais, da supressão do comércio livre no mercado do trigo e da contingentação do fornecimento deste produto à moagem.

Em quase todos esses casos de cartelização, a ditadura tem proclamado que essas medidas são levadas à prática para maior salvaguarda da produção e das condições de vida dos produtores.

Entretanto, esta fascização das forças económicas dominantes, esta transformação absoluta do Estado em agência imediata dos capitalistas nacionais, tornaram claros os seus objectivos. Na indústria de conservas e de pesca, o aproveitamento do trabalho assalariado e o crescendo do desemprego seguem ligados à limitação do comércio de conservas devido à concorrência exterior e à posição intangível dos grandes lucros dos empresários. O Estado consolida esta política de rapina dos empresários com os decretos de fixação das regiões conserveiras, com interdição de se fundarem mais fábricas e com a instituição dos quatro meses anuais do defeso.

A crise segue ligada à indústria e à agricultura e por isso a cartelização se transportou, igualmente, a este último sector.

Reparai no contraste singularíssimo entre as promessas do passado próximo da ditadura e a situação criada realmente no país: 1930 dealbou sob o signo da intensificação da «campanha do trigo». «Pão para a boca», tal foi o chavão. A colheita de 1932, supriu o déficit do trigo para o consumo nacional. E, em vez de, com essa abundância, com o preenchimento duma aspiração nacional, se haver entrado numa fase de maior capacidade de aquisição do pão pelas massas do povo, o pão continuou a ser pago pelo mesmo preço, a sua qualidade não melhorou, há menos bocas em que entrem o pão de trigo, para o novo ano a ditadura propõe um encarecimento disfarçado do preço do pão. Por outro lado, os trabalhadores agrícolas viram acentuar-se a pobreza e o desemprego nas suas fileiras e os pequenos lavradores foram mais explorados pela moagem, pelo capital prestamista usurário, pelos agentes ao serviço da moagem para a aquisição do trigo a preço mais avultado e pela aplicação de pesados impostos à sua produção pelo Estado!

Reparai no contraste singularíssimo patenteado pelo Estado da ditadura e do capitalismo nacional: num país onde a produção é deficiente para assegurar o conforto e a sustentação mínimas das massas, onde as massas fundamentais das cidades e dos campos vivem sujeitas a condições de vida absolutamente medievais, onde a produção em livre concorrência apenas se encontrava na sua fase inicial sob o ponto

de vista de realizações do capitalismo de construção de economia, onde tudo está por fazer, já a regulamentação das actividades produtoras, com vistas a não ultrapassar o nível actual da produção em todos os ramos, se encontra em ordem do dia!

2 POLITICA DA DITADURA E FRENTE OPERARIA E CAMPONESA

Toda esta introdução das normas financeiras no comando do País tem procurado consolidar-se à base da política do Estado corporativo. Modificou o velho critério ditatorial de exercer a governação por exclusivo intermédio dos altos comandos militares. A palavra de ordem da «aliança entre militares e civis» (forma que representa exclusivamente aliança entre os magnates e os seus esteios no interior da força armada) constituiu o lema de toda essa substituição das autoridades administrativas e civis, a campanha da União Nacional e do Nacional-Sindicalismo, após a passagem de Oliveira Salazar a presidente de Ministério.

Esta politic do **Estado novo**, porém, choca-se em toda a parte com as profundas contradições do capitalismo nacional. As várias regiões vinícolas e cerealíferas dividem-se e conduzem entre si uma concorrência mais encarniçada.

Na situação actual vemos que a ditadura prossegue sem conseguir recrutar à sua influência um apoio largo das massas, não importa que propondo-se conquistar esse apoio já em normas de acção extra-governamental (União Nacional e Nacional--Sindicalismo).

A ditadura continua caracterizando-se em governo de «elite», isolado do concurso das massas populares. Pelo contrário, as massas proletárias e camponesas despertam mais decisivamente para a luta. As batalhas conduzidas no Sul (no Algarve, pelo proletariado conserveiro e no Alentejo pelos trabalhadores agrícolas) em torno das reivindicações fundamentais destas massas, foram seguidas no centro e no norte por outras batalhas intensas, quer grevísticas quer de luta imediata contra o «Nacional--Sindicalismo» e caracterizada pela passagem à ofensiva das forças proletárias e camponesas.

3. SOB O AMBIENTE DE NOVOS GOLPES DE ESTADO

Ao isolamento popular da ditadura, à quebra do prestígio ditatorial como regime da manutenção da ordem e da paz social, ao crescendo das contradições capitalistas nacionais, corresponde a intensificação do trabalho **reviralhista** dos chefes republicanos, com vistas exclusivamente a tratar de si, a promover a conquista do lugar perdido.

«As coisas estão boas», dizem com mais insistência outra vez as camarilhas políticas liberais e as esferas do seu contágio no seio das massas trabalhadoras.

A nós, comunistas, põe-se a tarefa grandiosa, revolucionária e premente de elucidar as massas sobre o verdadeiro aspecto em que os chefes políticos republicanos consideram que «as coisas estão boas».

Posto que demagogos e chauvinistas, os dirigentes republicanos assinalam, segundo a sua técnica de guerrilheiros as condições em que evoluem as condições da ditadura. Dão-se conta que as forças do regime presente, se encontram cindidas, que a aliança entre militares e civis proposta pela ditadura, se transformou em despeito de alguns escalões superiores do exército, por se sentirem relegados para um segundo terreno pela própria ditadura, já incapaz de assegurar-lhes no todo as suas aspirações parasitárias e lucrativas. Dão-se conta, por consequência, que o novo ambiente promove a prática **das lutas de galos** no terreno da política burguesa.

E então esses chefes, que ainda há pouco alardeavam sob a necessidade de uma frente única de massas, que ainda há pouco atacavam os altos comandos do exército de haveram «traído a pátria», trabalham actualmente, no sentido de dar um carácter restritamente militar à revolução que surge, assentando em compromissos com esses altos comandos.

Por outro lado, e ao abrir-se-lhes esta possibilidade, fogem das massas e das reivindicações fundamentais da verdadeira democracia popular, isto é, das reivindicações fundamentais dos operários e dos camponeses explorados.

É neste sentido, no sentido de reconhecer a sua ascenção ao poder, praticável à base das lutas de **meia dúzia** que os chefes políticos conservadores republicanos consideram que as «coisas estão boas».

4. A MISSÃO DO PROLETARIADO E DOS CAMPONESES POBRES

A luta dos chefes políticos burgueses liberais e conservadores republicanos não encarna as condições de revolução segundo as aspirações populares. O revolucionarismo desses chefes esgotou-se com as realizações «democráticas» do passado. A revolução que surge divide as forças económicas do país entre burgueses de um lado e trabalhadores e camponeses do outro.

A pequeno-burguesia, camada social capaz de assegurar outrora uma meia revolução republicana, encontra-se, encarada sob o ponto de vista de bloco, a reboque da ditadura ou na **terra de ninguém** do combate entre a burguesia e o proletariado. Por outro lado as camadas mais radicalizadas da pequeno-burguesia não conseguem vencer a ruína nas suas fileiras, sem ligar os seus destinos à luta dos proletários e dos camponeses pobres.

Para a realização da revolução que surge não há meio termo. Ou decididamente do lado dos trabalhadores e dos camponeses, da realização imediata das suas reivindicações, e, nesse caso, praticabilidade da **revolução do tipo democrático burguês**, ou do lado da burguesia e dos arranjos com os altos comandos e com os escalões superiores do exército e, nesse caso, prosseguimento da contra-revolução em novas modalidades.

Toda a história do passado e do presente nos indica que os chefes republicanos e que a pequena burguesia encarada em bloco são incapazes de realizar esta revolução.

Pelo contrário a luta de classes que vem de eclodir no seio do país, demonstra que o proletariado tem, nos camponeses pobres, os seus aliados efectivos.

De modo que a revolução que sempre é caracterizada por uma luta entre o proletariado, a ditadura e os dirigentes republicanos, no sentido de reforçar a aliança entre si e as profundas massas exploradas do campo.

5. REVOLUÇÃO E GOLPE DE ESTADO

A revolução é uma fase da luta de classes em que os explorados constataram, pela própria experiência anterior, que as suas reivindicações fundamentais para se materializarem se chocam com o antagonismo dos interesses dos exploradores, em que não é possível demover esses antagonismos senão por via dum conflito armado da classe oprimida contra os seus opressores.

A revolução cria as possibilidades da sua eclosão no campo das contradições acentuadas do capitalismo, quando a divisão entre as forças do capital e dos seus esteios atingem o apogeu. A revolução emancipadora, nas condições em que o permita

o país que lhe serve de teatro, não se caracteriza só pela violência, ou pela violência fundamentalmente. A violência aparece na revolução na medida em que a classe adversária se opõe à realização das aspirações económicas e políticas dos explorados. violência.

O Golpe de Estado significa uma simples caricatura da luta política, em que os patriarcas da burguesia procedem à troca das pessoas do poder, por meio duma guerra de família.

O Golpe de Estado surge sempre para paralisar a eclosão da revolução, como tentativa de assegurar a ordem vigente.

O Golpe de Estado encaminha-se, por vezes, para a situação dum movimento de violência. De violência no sentido em que os velhos caixeiros do Estado se opõem à passagem a caixeiros das novas camarilhas políticas. De violência estimulada por vezes pelos novos candidatos a caixeiros da política governamental, a fim de desviarem as massas da realização dos seus objectivos económicos fundamentais.

No Golpe de Estado, enquanto a violência cega, terrorista, jacobina, estimulada na rua pelos executantes da charanga burguesa, os chefes políticos da burguesia consolidam no Estado as condições da exploração e opressão das massas, porque já essa violência foi principalmente conduzida e estimulada para afastar as massas da realização directa da sua política.

Sob o ponto de vista do golpe de estado, nas condições do presente nacional, da sua preparação, os chefes políticos «republicanos» fazem crer às massas que ainda não soou a hora do comunismo, que é preciso chegar lá por partes, que no estado presente é preciso ir com os «republicanos». Depois se verá... Demais que o proletariado não está em condições de tomar conta do poder.

Sob o ponto de vista revolucionário e de massas é preciso ter-se outra concepção a propósito de revolução.

A revolução, em primerio lugar, não é a simples luta de barricada. Por revolução popular entende-se um período de tensão entre as classes sociais, em que os sindicatos proletários, as fábricas e ruas, as explorações agrícolas e os sectores da lavoura pobre devem ser utilizados para uma ampla exposição dos nossos objectivos para a conquista da maioria das massas, para a mobilização destas massas, com vistas à realização revolucionária e directa das suas reivindicações de classe.

Do ponto de vista do golpe de Estado o proletariado — diz-se e pretende-se fazer crer que é essa a nossa política — não pode então nem obter o triunfo da revolução, porque a ditadura tem a força pelo seu lado e a revolução é impossível sem conquistar a direcção do exército.

Do ponto de vista revolucionário, nós vemos, pelo contrário, que a perda da força pela ditadura, que a cisão no terreno da burguesia, que a possibilidade da prática dum Golpe de Estado, receberam as condições da sua materialização no grau já efectuado da luta de classes, através dos últimos tempos e só nele.

Do ponto de vista de Golpe de Estado assevera-se que o proletariado não tem capacidade para assumir os destinos do país, como se nós houvéssemos posto o dilema da luta imediata para a Ditadura do Proletariado.

Do ponto de vista revolucionário, nós temos uma outra concepção do caminho da revolução e da nossa política.

No estado actual das condições da economia nacional, e da experiência da luta de classes, nós lançamos a palavra de ordem **revolução do tipo democrático burguês.** As forças motoras desta revolução são o proletariado e os camponeses pobres. E o caminho desta revolução, é o da conquista das massas destes dois sectores para o exercício da democracia sob a sua égide comum.

Conquistando estas massas dum modo crescente, nós operamos maior divisão das forças do capitalismo, abrimos a brecha entre o comando dessas forças e a sua base de massas, criamos a aliança militar revolucionária entre os operários, os camponeses e os escalões inferiores da força armada.

6. PROBLEMAS PRÁTICOS DO PROLETARIADO, DOS CAMPONESES E DA SUA VANGUARDA COMUNISTA

a) Na eminência dum golpe de Estado, é preciso assinalar o contraste na rua, nos centros de aglomeração fabril, na lavoura assalariada, e dos camponeses pobres entre o movimento levado a efeito pelos chefes «reviralhistas» e o nosso movimento engrenado às reivindicações fundamentais do proletariado e dos camponeses pobres.

O nosso movimento nessa conjuntura deve tomar um carácter de amplas manifestações de rua (e de barricada no caso de recurso às armas):

Por uma actualização geral dos salários;

Por uma jornada de sete horas de trabalho;

Por um socorro de 75 % do salário aos desempregados e mínimo de 60$00 semanais a cargo do Estado e do patronato;

«A trabalho igual salário igual»;

Igualdade de salário e de jornada de trabalho entre os trabalhadores industriais e os trabalhadores agrícolas;

Por uma larga protecção à mulher e à juventude trabalhadora;

Pelo estabelecimento de férias anuais de quinze dias a todos os trabalhadores com abono do salário por inteiro;

Expropriação, sem indemnização, dos latifúndios e lezírias e entrega das terras cultiváveis aos comités de camponeses para distribuição gratuita pelas massas pobres da lavoura;

Isenção de impostos sobre a pequena propriedade rural;

Anulação das dívidas da pequena lavoura quer ao Estado, quer ao capital usurário particular;

Por uma ampla protecção do crédito à pequena propriedade rural;

Pela anulação dos impostos camarários aos vendedores ambulantes;

Pelo contrato colectivo de trabalho assalariado dos campos a cargo dos sindicatos de trabalhadores agrícolas;

Pela liberdade de reunião, de imprensa e de greve;

Pelo direito de sufrágio para todos os indivíduos de sexo masculino e feminino a partir dos 18 anos;

Pela legalização das organizações sindicais e políticas e da juventude trabalhadora;

Por um Parlamento livremente eleito, de completa expressão da democracia popular;

Supressão das autoridades políticas e administrativas provinciais e distritais de nomeação do poder executivo central e substituição destas autoridades por juntas operárias e camponesas eleitas pelas massas nestes quadros;

Contra a ditadura!

Contra o Nacional-Sindicalismo!

Pela constituição de milícias operárias e camponesas!

Pela constituição de comités de camponeses para a luta pela posse das terras e pelas suas reformas parciais!

Pela constituição dos comités de fábrica e das explorações agrícolas de mão--de-obra assalariada!

Pela democratização do Exército e da Marinha, pela constituição de juntas nestes quadros de praças, cabos e sargentos!

b) No caso da eclosão dum golpe de Estado, onde de momento não seja fechado o recurso às armas e da impossibilidade de afastar o concurso popular, os chefes republicanos hão-de procurar desviar a massa para a prática de actos meramente terroristas, sob o pretexto de «fazer uma grande limpeza». Esta palavra de ordem encontra ambiente no ódio popular contra a ditadura.

Nós temos de lutar contra esta tendência. Sem relegar essa limpeza, encaminhar as massas para a realização imediata das suas tarefas revolucionárias.

Nos centros agrícolas, o problema da tomada das herdades à base da constituição de comités de trabalhadores e a defesa dessa tomada pelas largas massas, deve preencher a primeira condição da revolução.

Nas zonas camponesas, igualmente, deve fazer-se a posse e a distribuição das terras dos ricos pelas massas pobres, devem constituir-se largos comités para o empreendimento e para a defesa dessa conquista e para a luta para a anulação dos impostos e das dívidas da pequena propriedade.

c) A destituição das autoridades distritais e concelhias e a substituição destas por juntas recrutadas entre as próprias massas revolucionárias dessas localidades, deve pôr-se em prática igualmente.

d) As forças de base do Exército e da força armada em geral, devem ser contagiadas no ambiente concreto das reformas da revolução e sob o aspecto da fraternização entre o proletariado, os camponeses, os soldados e marinheiros.

e) Em qualquer dos casos a prática dos comícios locais e das demonstrações de massas, à base das palavras de ordem anteriores e sob o lema de uma larga frente única operário-camponesa devem preencher o fundo da movimentação das massas, da consolidação desse movimento sob o aspecto da constituição dos comités de operários e camponeses, das juntas de soldados e de marinheiros e da conquista mais ampla da influência comunista junto dessas massas.

Estas instruções destinam-se a fornecer a linha do nosso trabalho desde a eclosão dum golpe de Estado, até que directivas actuais e concretas sejam fornecidas em momento próprio pela direcção do nosso Partido.

O Secretariado do C. C. E. do P. C. P.
(1933)

LIVROS/REVISTAS/JORNAIS

TÍTULO: TRÊS ANOS DE EXECUÇÃO
DO PLANO QUINQUENAL
AUTOR: JOSÉ STALINE
EDITOR: EDIÇÕES DO POVO

A publicação em português da obra de José Staline, «Três Anos de Execução do Plano Quinquenal», constitui uma tarefa importante, na medida em que possibilita, ao leitor português, o conhecimento de uma importante análise económica, feita do ponto de vista marxista-leninista, com a utilização para outras situações concretas, baseadas no rigor do método utilizado.

Com efeito, o seu estudo serve para se compreender melhor a razão pela qual a União Soviética se desenvolveu tanto, estando o capitalismo mundial a atravessar uma das piores crises de sempre, a de 1929/30.

O livro tem, como introdução, comentários do «Diário do Povo» e da revista «Bandeira Vermelha» de Setembro de 1963 a uma carta aberta do Comité Central do PCUS, da clique revisionista que usurpou o poder na U. R. S. S., em 1956.

Nestes comentários põe-se em evidência a traição de Krutchev, ao negar completamente Staline, invocando estar a lutar «contra o culto da personalidade».

No entanto, negar Staline não impede que «no seio da classe operária internacional e das massas revolucionárias a maioria sustente um critério comum: desaprova a negação de Staline e venera a sua memória com carinho cada vez maior». Staline foi um grande dirigente da classe operária internacional; esta sabe-o bem e não se deixará enganar por ninguém.

Lê-se nos referidos comentários: «A carta aberta do CC do PCUS evita dar resposta aos argumentos de princípio que formulamos e limita-se a aplicar aos comunistas chineses o rótulo de «defensores do culto da personalidade e de difusores das ideias incorrectas de Staline»; contudo, os revisionistas visavam objectivos ocultos.

Porque não fez o CC do PCUS uma crítica correcta, do ponto de vista marxista-leninista, à actuação de Staline? Porque para se manter no poder precisava de enganar as massas populares, deturpando as teorias de Lenine, de maneira a concretizar o seu sonho, que é o de restaurar o capitalismo na União Soviética, usando uma linguagem socialista mas tendo uma prática que em nada difere dos governos burgueses dos países capitalistas.

Nos referidos órgãos chineses lê-se: «O PCCh sempre defendeu que o problema de como analisar e focalizar Staline não é simplesmente uma apreciação do próprio Staline e sim, o que é mais importante, o problema de como sintetizar a experiência histórica da ditadura do proletariado e do movimento comunista internacional, a partir da morte de Lenine.»

Aqui está o que o CC do PCUS não fez: analisar correctamente a experiência histórica da ditadura do proletariado durante os 30 anos em que Staline esteve à frente do CC do PCUS.

O CC do PCUS limita-se a negar, sem nenhum fundamento todo este período histórico. Limita-se a negar os progressos económicos desse período. Limita-se a negar todas as lutas travadas por Staline contra os desvios de esquerda e de direita no seio do partido. Limita-se a falar do quase aniquilamento dos trotskistas e dos revisionistas kautskistas na União Soviética. Enfim, limita-se a negar toda a obra positiva desenvolvida por Staline.

No entanto Staline não está isento de erros. Com efeito o «PCCh sempre considerou que Staline cometeu efectivamente alguns erros. Estes têm raízes ideológicas e histórico-sociais. É necessário criticar, duma posição justa e com um método correcto, os erros efectivamente cometidos por Staline e não os que lhe são imputados sem o menor fundamento. Porém sempre estivemos contra a crítica incorrecta a Staline feita duma posição falsa e com métodos errados». É assim que os marxistas-leninistas devem agir perante o problema de Staline, e não como os renegados revisionistas soviéticos e do mundo, que por mais manobras sujas que tentem não impedirão a construção da sociedade futura em todo o mundo: o comunismo.

Depois desta introdução vem o Relatório do CC do PCUS, lido por Staline em Junho de 1930.

Este relatório divide-se em três partes.

A primeira, sobre a crise crescente do capitalismo internacional e a política internacional da União Soviética neste período, descreve o panorama mundial do capitalismo em plena crise. Depois de enumerar as causas principais da crise, Staline põe em evidência o crescimento da produção da União Soviética, ao passo que nos países capitalistas essa produção decresce de ano para ano, e afirma: «Que nos ensina esta estatística? Testemunha em primeiro lugar que os Estados Unidos, a Alemanha e a Polónia atravessam uma crise aguda da grande produção industrial; demonstra em segundo lugar que a Inglaterra patina já há três anos no nível de 1927; permite em terceiro lugar, reconhecer que, entre todos os países capitalistas, só em França se opera um certo crescimento da indústria pesada; depreende-se desta estatística finalmente, que de todos os países do globo só na União Soviética se opera um crescimento impetuoso da indústria pesada.»

Não podia ser de outra forma. As características dos sistemas económicos capitalista e socialista é que determinam as diferenças entre os dois sistemas. Enquanto que num a produção é feita em proveito da minoria exploradora, pela maioria (sistema capitalista), noutro a produção é feita em proveito da maioria e pela maioria (sistema socialista). E às tentativas desesperadas da burguesia internacional para sabotar a economia soviética o povo soviético ia respondendo firmemente, caminhando na construção do socialismo.

Sendo a crise económica do capitalismo mundial de 1930, essencialmente uma crise de superprodução, a burguesia internacional via na União Soviética grandes possibilidades de arranjar mercados para escoamento dos seus produtos, mas tal não poderia acontecer devido às contradições existentes entre o mundo capitalista e a U. R. S. S.

Sobre a política externa da U. R. S. S. deste período, Staline afirma:

«A nossa política é uma política de paz e de estabelecimento de relações económicas normais com todos os países. O resultado desta política e o melhoramento de relações com numerosos países é a conclusão de uma grande quantidade de tratados comerciais, de acordos técnicos, etc. É, além disso, a adesão da União Soviética ao pacto de Kellog, a assinatura do célebre protocolo com o espírito do pacto de Kellog com a Polónia, Roménia, Lituânia, etc., a assinatura do protocolo sobre o prolongamento da validade do tratado de amizade e de neutralidade com a Turquia. O resultado desta política é, enfim, o facto de termos conseguido manter a paz e não nos termos deixado arrastar a um conflito apesar de uma série de provocações e de agressões aventureiras. Esta política de paz continuaremos a mantê-la com todas as nossas forças, por todos os meios. Não queremos uma polegada de solo estrangeiro. Porém também não cederemos a ninguém uma polegada do nosso solo.»

Assim se caracterizava a política externa da União Soviética no tempo de Staline, que teve de enfrentar a ofensiva capitalista, primeiro com um bloqueio económico movido pela burguesia internacional e depois

com uma intervenção armada movida pela Alemanha nazi na segunda Guerra Mundial Imperialista. A manutenção da paz e a não-ingerência nos assuntos internos dos outros países era o que também caracterizava a política externa da U.R.S.S.. O povo soviético seguia firmemente na construção do socialismo, construção essa que está a ser agora atrasada pela traição dos revisionistas soviéticos iniciada no XX Congresso do PCUS em 1956. A partir desta altura, a União Soviética tornou-se num país imperialista movendo intervenções armadas contra outros povos (casos da invasão da Checoslováquia e das fronteiras chinesas), tornando-se hoje parceiro dos Estados Unidos na tentativa de dominar o mundo para assim melhor o explorar. Mas a esta traição revisionista o povo soviético saberá com firmeza responder, conquistando de novo o poder e expulsando de vez todos os seus inimigos.

A segunda parte do referido relatório é dedicada ao desenvolvimento crescente da edificação do socialismo e a situação interna da União Soviética.

O desenvolvimento da economia da U. R. S. S. processou-se neste período a um ritmo bastante grande, devido ao plano quinquenal elaborado pelo CC do PCUS e posto em prática em toda a Rússia. Plano esse, que em alguns sectores da economia foi ultrapassado em menos tempo do que o previsto, devido à forte determinação do povo soviético na construção do socialismo.

Para Staline o êxito desta iniciativa, em contraste com a crise do capitalismo mundial e apesar de não existirem na U. R. S. S. quadros técnicos como nos países capitalistas, apesar do nível cultural ser inferior na União Soviética em relação com os países capitalistas, está nas diferenças dos sistemas económicos capitalista e socialista.

Com efeito Staline afirma, caracterizando o segundo sistema:

«1.º — Está derrubado o poder da classe capitalista e substituído pelo poder da classe trabalhadora.

2.º — Os meios de produção, a terra, as fábricas, etc., são tomados aos capitalistas e entregues à classe operária e à classe camponesa.

3.º — O desenvolvimento da produção não está já submetido ao princípio da concorrência e do lucro capitalista, mas à direcção sistemática e à contínua elevação do nível moral e cultural dos trabalhadores.

4.º — A repartição do rendimento nacional não se faz no interesse do enriquecimento dos exploradores e dos seus vários órgãos parasitários, mas no interesse da elevação sistemática da situação material dos operários e camponeses.

5.º — O melhoramento sistemático da situação material dos trabalhadores e o constante aumento das suas necessidades (da sua capacidade de compra), fontes constantemente aumentadas da produção, protegem a classe operária das crises, da superprodução, do aumento de desemprego, etc.

6.º — O proletariado é dono do país e não trabalha para os capitalistas, mas para si mesmo, para a sua própria classe.»

É por estas características que o sistema socialista irá triunfar sobre o sistema capitalista acabando, por isso, com a exploração do homem pelo homem.

A terceira e última parte sintetiza a actuação do Partido nesta fase da ditadura do proletariado.

O papel de um Partido Comunista tem de ser o de orientar correctamente a vida política para melhor interesse do proletariado, estar atento aos possíveis desvios a essa política e corrigi-los prontamente, estar vigilante contra as possíveis manobras de oportunistas, quer de esquerda, quer de direita, e eliminá-los.

Staline encontrou estas dificuldades pela frente e soube vencê-las, na evolução do plano quinquenal foi preciso alterar alguns pormenores e foram alterados, no seio do Partido os oportunistas de esquerda fizeram-se sentir e foram afastados, tal como os direitistas e os chauvinistas. A luta

contra estas posições evoluiu bastante durante este período.

Em relação aos erros de Staline, eles efectivamente existiram. Contudo o próprio Staline o não desconhecia. Era o burocratismo que dificultava, por vezes, o bom andamento do plano quinquenal. Nesta obra o próprio Staline afirma, em relação ao burocratismo:

«O problema da luta contra a burocracia. A burocracia constitui um perigo, antes de tudo porque dissipa as formidáveis reservas da nossa estrutura económica, impede a sua utilização, afoga a iniciativa criadora das massas paralisa-a à força de papelada e leva as coisas de tal maneira que transforma todo o novo princípio de partido em agitação mesquinha e inútil para todos.»

Politicamente a burocracia foi um travão ao trabalho comunista de uma cada vez maior ligação às massas operárias e trabalhadoras, impediu que os inimigos de classe fossem desmascarados pelas próprias massas, permitiu antes que estes inimigos se infiltrassem no Partido e fizessem o seu sujo trabalho de sapa em ordem ao retorno do capitalismo, da exploração do povo russo. Isolando, assim, a vanguarda, das massas o inimigo preparou o terreno para o que se propunha fazer em seguida: transformar o Partido Comunista da União Soviética num bando de privilegiados, de exploradores e polícias do povo russo, transformar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas num país de capitalismo restaurado e imperialista.

CINEMA/TEATRO/ESPECTÁCULOS

A nossa literatura e a nossa arte servem as grandes massas populares e, em primeiro lugar, os operários, os camponeses e os soldados. Elas são criadas para os operários, camponeses e soldados e são utilizadas por eles.

MAO TSÉ-TUNG
«Intervenções nos colóquios de Ienam sobre literatura e arte»
(Maio de 1942). Obras Escolhidas, Tomo III

«A TERRA PROMETIDA» E «QUANDO O POVO ACORDA»

Encontram-se neste momento em exibição no cinema Universal, em Lisboa, dois filmes: «A TERRA PROMETIDA» e «QUANDO O POVO ACORDA». Eles são um exemplo de como os erros teóricos se reflectem, como não podia deixar de ser, na prática. Neste caso, na prática cinematográfica, ao apresentarem retalhos da verdade histórica, falhos de uma análise materialista consequente, e de perspectiva. Perspectiva que estimule e assinale o prosseguimento da guerra prolongada, que há-de levar o proletariado ao poder, guiado pela sua vanguarda revolucionária, o Partido Comunista.

Ambos os filmes, «A Terra Prometida» e «Quando o Povo Acorda», foram realizados em território chileno, durante o governo do falecido presidente Salvador Allende.

O primeiro pretende reconstituir, através do testemunho narrado por um camponês participante dos factos, os aspectos mais relevantes da luta dos camponeses pobres pela posse das terras, durante o curto período de vigência duma República Socialista, nos princípios dos anos 30.

O segundo, um documentário, montado com fragmentos de reportagem filmadas em 16 mm, é uma crítica violenta à via reformista. O seu processo descritivo consiste num pretenso esgotar de depoimentos, vários e heterogéneos — todos eles condenando a coexistência, após a vitória de Allende, dos partidos da Unidade Popular com os da burguesia, coexistência que os reformistas defendiam e tentavam justificar como inevitável — dirigidos à interrogação: pode chegar-se ao socialismo por via pacífica?

Tanto um filme como outro se inspiram na linha política guevarista do M. I. R. (Movimento de Esquerda Revolucionária). Fazendo a apologia do expontaneísmo e da «predisposição» das massas trabalhadoras para a luta armada, escamoteiam a mais importante das questões: a necessidade do Partido da classe operária, da vanguarda organizada do proletariado, que as guie e conduza, de vitória em vitória, até à conquista definitiva do poder, à instauração da ditadura do proletariado, e às grandes tarefas de construção do socialismo.

Porque é que é preciso um Partido revolucionário? — interrogava-se, em Fevereiro de 1942, o camarada Mao Tsé tung [1] no discurso pronunciado na abertura da Escola do Partido perto do Comité Central do Partido Comunista da China, e respondia: — Porque, no mundo, o povo é oprimido pelos seus inimigos e porque ele quer libertar-se da opressão. Na época do capitalismo e do imperialismo, é de um partido revolucionário, como o partido comunista, que eles carecem. Sem um tal partido, é-lhes absolutamente impossível libertar-se desta opressão.

---

(1) Mao Tsé tung: «A Propósito dos Métodos de Direcção», Cadernos Latitude, n.º 4, pág. 35.

« A TERRA PROMETIDA »

A estrutura fílmica e política de «A Terra Prometida» assenta, principalmente, em dois enunciados, qualquer deles denunciadores do aventureirismo frentista que caracteriza os defensores da ideologia guevarista.

O primeiro desses enunciados é colocado na fala de «Casaco Assortoado», um dos protagonistas do enredo fílmico, aquele que personifica o teórico revolucionário, apresentado como um intelectual proletário que fala da ditadura do proletariado, gosta de ler Marx e de embebedar-se. Diz ele, ao explicar ao camarada José Duran, o herói lendário do filme, que é possível os pobres a mandar: «Povo organizado, povo armado ... pobres a mandar!»

A frase aparece aqui com uma intenção bem determinada: captar simpatizantes para a linha frentista do M. I. R.. Miguel Littin, o realizador, tira aqui partido da circunstância do filme não obedecer a uma verdade histórica, ser ficcionista. E mesmo que o argumento respeitasse, até ao ínfimo pormenor da frase, a verdade (não antenticada) dos factos, ele sempre poderia, para além de lhes ser fiel, imprimir-lhe perspectivas correctas. Porém, como mais adiante veremos de novo, o objectivo era outro. Para Littin, para o M. I. R., correcto é fazê-lo tal qual o fez.

O «pobre a mandar», a ditadura do proletariado, se bem que se conquistem através do povo em armas, não se atingem com processos de organização, autónoma e expontânea das massas. A organização necessária, aquela que pode conduzir à vitória final, terá que ser orientada pelo Partido, cujas palavras de ordem dirão, a cada momento, qual a atitude a tomar com vistas ao objectivo comum. Mas, como já atrás referimos, a lacuna do partido, é a constante que ressalta em todo o filme.

O segundo enunciado surge pela voz de um dos jovens que acompanha José Duran (precisamente aquele que personifica o narrador do filme), ao ler uma passagem dum livro de Marx: «A história não perdoa aos revolucionários que vacilam, nos momentos em que a vitória é possível.»

Nesta frase, Littin tenta justificar o desaire duma República Socialista de curta duração, nascida das lutas dos operários mineiros dos nitratos que, no norte do país, se erguem em redor da onda de desemprego que alastra a todo o Chile.

Apesar do filme não deixar de referir que o socialismo se não pode construir, «enquanto os donos das terras não forem também os donos das fábricas», a aliança operário-camponesa não «se vê». Os operários estariam a lutar por um lado. Os camponeses, por outro. E a centralização dos dois esforços para um mesmo objectivo não se vislumbram. Nem Littin nos chama para isso a atenção.

Aliás o Chile, enquadrado na problemática política terceiro-mundiata da América Latina, é (foi — continua a ser) fortemente influenciável pelo romantismo revolucionário exportado por Cuba. Além do mais, talvez não seja por acaso que «A Terra Prometida» é produzido com a colaboração do Instituto Cubano de Arte Cinematográfica.

O problema do partido é, neste filme, tão só referido numa breve passagem em que «Casaco Assortoado», depois de instalado com José Duran no governo de Los Huiques, explica aos camponeses pobres, ao fazer a repartição das terras por grupos comunitários, que é preciso um partido, e, sem mais quês nem porquês, começa a preencher as fichas de inscrição.

Como diria um camponês alentejano «a carroça vem à frente dos bois». Efectivamente, o partido tem que ser formado antes do início da luta armada, da frente, sob pena de, tal como sucedeu ao dirigente camponês José Duran, ser vítima do desconhecimento sobre o que se passa no resto do país, sobre a situação dos seus camaradas operários,

já desalojados por novo golpe de estado, e ficar, de repente, isolado e com o apoio de apenas uma escassa dezena de camaradas em armas.

Aliás o guerrilheirismo do filme fica bem patente na citação final, romântica e poética, da frase de Che Guevara: «Com os que não compreenderam bem, com os que morreram sem ver a aurora, com sacrifícios cegos e não recompensados, com os que vão ficando pelo caminho, também se fez a revolução.»

« QUANDO O POVO ACORDA »

Falar de «Quando o Povo Acorda» é, inevitavelmente, repetir a quase totalidade dos considerandos tecidos sobre «A Terra Prometida».

Só que, o guevarismo aqui, é ainda mais evidente. Um dos proletários que são postos a falar no filme, declara a dada altura: «Terá que ser o povo a estar consciente do papel que lhe compete no processo; a organizar-se; é uma possibilidade que não é de desperdiçar, a de empunhar as armas para defender o que nos tiraram.»

Nem uma mínima referência a como se consegue a proclamada organização. Desta feita a demagogia anarquizante é camuflada na forma do depoimento. Ou seja, enquanto no primeiro, Littin se escuda debaixo de um argumento ditado por um camponês que viveu as situações narradas, dando-lhe esse mesmo facto toda a liberdade de enveredar pelas palavras de ordem que entender, e ainda pelas duvidosas vias da referência à mitologia popular, com cheirinho a surrealismo, neste segundo filme, os seus promotores escondem-se também no facto de as palavras que encerram os enunciados políticos serem da responsabilidade de proletários entrevistados, ficando-lhes assim, de igual maneira, o campo aberto para as suas teorizações «esquerdizantes».

Tanto um filme como outro, fazem-nos pensar em profecias políticas. Qualquer deles, dir-se-ia deixar adivinhar a concretização do golpe fascista de Pinochet. Porém, à medida que vamos descobrindo a realidade chilena da Unidade Popular, a palavra «profético» salta-nos com uma violência dramática. Dir-se-ia que tudo é profético no Chile de Allende.

Esperemos que esta condenação (porque de condenação se trata) do reformismo, penetre bem fundo na consciência dos povos de todo o mundo, de modo a doar-lhes os conhecimentos necessários à rejeição dos falsos amigos do povo, à expulsão da burguesia que está infiltrada no seio da classe operária através dos partidos revisionistas modernos. São os reformistas os principais responsáveis pelo massacre das classes trabalhadoras chilenas, e pelo recuo que obrigaram a fazer à sua luta pela conquista do poder. Não só no Chile, mas na América Latina e no mundo.

A lição está à vista. E se bem que «a história não se repete nunca ...», as eleições vêm aí.

Alerta pois ... !

No mundo de hoje, toda a cultura e toda a arte pertencem a uma determinada classe e dependem de uma linha política definida. Não existe, na realidade, arte pela arte, arte acima das classes, uma arte que se desenvolva fora da política ou independentemente dela.

MAO TSÉ-TUNG

«Intervenções nos colóquios de Ienam sobre literatura e arte» (Maio de 1942).

TEATRO

GRUPO DE TEATRO DA APPLIED MAGNETICS TEATRO OPERÁRIO?

Após a sua intervenção como forma de mobilização e luta, num caso concreto e ao qual esteve intimamente ligado, o Grupo de Teatro da Applied Magnetics surge agora numa forma de actuação, ainda que ligada aos mesmos objectivos, com uma inserção diferente no processo de luta de classes do país.

Constituído na sua quase totalidade por trabalhadores da fábrica, há uns meses fechada pelo imperialismo americano, terá nascido pelas necessidades e tomada de consciência progressivas que a luta contra os despedimentos foi gerando. Com a luta terá surgido a necessidade de a explicar, de manter viva uma resistência contra uma acção global do capitalismo estrangeiro, explorador da mão-de-obra portuguesa, que se fazia sentir igualmente noutros locais, como na Plessey Automática, Signetics, I. T. T. e D. S. Electrónica, para só referir a ofensiva no campo da electrónica, com maiores reflexos na luta dos trabalhadores da Applied Magnetics.

Neste momento em que a luta concreta, travada há uns meses, acabou, com os efectivos despedimentos e fecho da fábrica e com os seus trabalhadores em busca de novos empregos, perante o impasse chegado, a actuação do Grupo de Teatro, então constituído, insere-se numa perspectiva de trabalho cultural, que se pretende na frente cultural do proletariado, como forma de divulgação de uma luta, dos escolhos que enfrentou, do próprio estado de consciência que presidiu às suas manifestações concretas.

Importa aqui salientar que os níveis de luta em que a acção cultural do Grupo se integrou no local de trabalho e na que desenvolve posteriormente são muito diferentes e obrigam a tipos de análise diversa e até outras formas de actuação. Enquanto que directamente integrado na luta contra os despedimentos o seu carácter explicativo e mobilizador deveria ter tido um papel interveniente, agora ao nível da acção cultural de divulgação de uma experiência, para público nem sempre predominantemente trabalhador, a sua informática torna-se mais reduzida e implica mesmo alguns riscos.

O enriquecimento de perspectivas para estas formas de trabalho cultural, que de outro modo cairão no culto do espontaneismo ou do obreirismo, está inevitavelmente ligado à definição de uma política cultural revolucionária, que oponha as formas culturais de um proletariado em luta, como classe, à cultura dominante que é, como sabemos, a cultura da classe dominante, a da burguesia. A definição dessa política, que unirá a fará avançar a consciência das massas populares, estará a cargo da vanguarda organizada do proletariado, o seu Partido. Ora o «trabalho artístico ocupa no conjunto da actividade revolucionária do Partido uma posição fixa e bem definida; está subordinada à tarefa revolucionária fixada pelo Partido para um dado período da revolução; rejeitar isso, é escorregar inevitavelmente para o dualismo ou o pluralismo, o que substancialmente conduzirla ao que Trotsky queria: «uma política marxista e uma arte burguesa» (*).

Na inexistência, neste momento, do Partido da classe operária, o seu Partido Comunista (M-L), é impossível ligar correctamente as manifestações culturais com as lutas a travar, definindo uma estratégia conjunta, que afaste essas manifestações do campo do culturalismo progressista. Esta será a condição para que se possam alterar as relações entre o acto cultural (teatro, cinema ou outro) e o espectador que a ele assiste. O que põe de lado todos os esforços de alguns intelectuais pequeno-burgueses progressistas para inventar formas de participação do espectador, de o ligar às experiências a que vai assistindo, de o mobilizar face aos estímulos que lhe apresenta. É que, não só o campo de luta para que ele possa, eventualmente, ser mobilizado é outro, será o da burguesia, como a própria função da cultura burguesa, mesmo quando se pretende progressista, é a de afastar o espectador, sobretudo aquele que, potencialmente, se encontra em posição de se lhe inserir antagonicamente no campo da luta de classes, para a contemplação de uma arte que se desenvolve fora da política, acima das classes ou, quando a refere, é para citar as experiências em que o proletariado se pôs a reboque da burguesia, realçando geralmente o papel dos «heróis» burgueses, dos dirigentes «predestinados», como casos exemplares.

A DIFICULDADE DE SE PÔR A POLÍTICA NO POSTO DE COMANDO

A necessidade já apontada da subordinação do trabalho na frente cultural à definição de uma linha política, que seja a do proletariado nas condições objectivas que se nos deparam, definição essa só possível após a reconstrução do Partido Comunista (M-L), coloca aos Grupos que desenvolvam trabalho nesse campo o problema de como se integrar, por essa forma, na causa revolucionária do proletariado, sem incorrer, pois, no erro de vir a desenvolver uma política correctamente maxista-leninista e uma arte burguesa, ou produzir obras culturais apoiadas em conceitos políticos justos e para as quais não se encontrou a forma artística correspondente.

Estes são problemas que de uma forma mais ou menos consciente, se poderão pôr desde já, e que vão assistindo ao trabalho, neste caso teatral, de alguns Grupos.

A resposta estará, neste momento, no modo como eles se integrarem no processo de luta de classes do país, perante as prioridades que se apresentam à condução de uma justa luta revolucionária do proletariado.

O espectáculo que o Grupo de Teatro da Applied Magnetics apresentou no dia 15 de Dezembro na Escola Patrício Prazeres, em Lisboa, foi anunciado por tarjetas que referiam tratar-se de **Teatro Operário**. Pelos princípios já apontados, que impedem que se possa afirmar a existência de uma opção cultural da classe operária, que se coloque antagonicamente face à cultura burguesa dominante, também não se pode pretender que um Teatro, mesmo que realizado por operários, se apresente como expressão do proletariado revolucionário, livre das influências culturais burguesas. Logo, para impedir confusões ideológicas, convém que **Teatro Operário**, a se insistir nesta expressão de conotações diversas, apareça entendido como teatro feito por operários que, neste caso, relatam e explicam uma luta que travaram e os impasses a que chegaram. Se apresentado entre trabalhadores, e se for conduzido para uma discussão sobre as razões do impasse chegado, que não se restrinja a um apelo de solidariedade económica, face ao desemprego imposto, contribuirá para o desenvolvimento das vias que conduzirão à integração do trabalho cultural como arma de um processo revolucionário.

LINHA DE CONSTRUÇÃO E OS PROCESSOS UTILIZADOS

O teatro do Grupo da Applied Magnetics apresenta como começou e se de-

senvolveu a sua luta contra os despedimentos, antes e depois do 25 de Abril. Mostra as causas gerais da alteração da estratégia do imperialismo americano. Mostra, mais do que denuncia, as posições assumidas pelo Sindicato dos Electricistas e pelo Ministério do Trabalho. Apela, por fim, para a solidariedade operária. Independentemente da importância desta solidariedade, realidade num proletariado consciente e unido, este trabalho cultural resume-se a uma apresentação de factos (excepção para a caricatura do Ministro do Trabalho, com razoável aproveitamento cénico), que representarão, possivelmente, no seu impasse ideológico, o impasse político a que a própria luta dos trabalhadores da Applied Magnetics chegou.

Por este caso poderemos também salientar quanto o avanço e a definição de perspectivas cada vez mais correctas em produções culturais, ao serviço do proletariado e do povo em geral estão intimamente ligados ao avanço das lutas da classe operária e sua crescente mobilização em torno da necessidade de reconstrução do seu Partido.

Não avançando com estas perspectivas, trabalhos culturais deste género poderão cair na defesa de ilusões auto-gestionárias, resultantes de apelos mais ou menos espontaneistas de solidariedade operária, em torno de uma unidade sindical de base, que se pretenderia em condições de se opor a uma ofensiva geral do capitalismo. No caso do trabalho do Grupo de Teatro da Applied Magnetics, directamente ligado às lutas que travaram, transparece a demonstração da desproporção de forças entre esses trabalhadores em luta e o imperialismo americano, com os seus aliados em Portugal. Nas palavras de ordem gritadas no final e apontadas em cartaz, tais como «Greve sim, lock-out não», ou «Não aos despedimentos», fica patente como o meio de alterar esse desequilíbrio de forças não foi encontrado ao nível da consciência ideológica do Grupo que realizou o espectáculo. Os processos utilizados mostram como é possível fazer um teatro posto ao serviço da luta dos trabalhadores sem a utilização de complicadas construções cénicas, sem a recorrência aos especialistas burgueses da literatura teatral ou aos seus técnicos de encenação. Falar do que se conhece não é difícil e a maneira de pôr isso sobre a forma teatral é atingida, com uma ou outra ajuda por fora e o trabalho de elaboração possível. Neste aspecto o trabalho produzido por este Grupo assume uma certa importância ao se sobrepôr, e se apresentar como alternativa, à maior parte dos Grupos do chamado «Teatro Amador», no qual o revisionismo moderno tanto tem jogado, como modo de difusão, no âmbito teatral, das formas e valores ideológicos afectos à pequena-burguesia.

A construção do espectáculo e a sua interpretação afasta-se do recitativo tão comum ao chamado «Teatro Amador», aos seus gestos e marcação convencionais e, se as cenas não mostram um aturado trabalho de elaboração, também recusam os processos mais usuais do teatro burguês.

Não esqueçamos que «o traço comum à literatura e à arte de todas as classes exploradoras no seu declínio, é a contradição entre o conteúdo político reaccionário e a forma artística das suas obras; quanto a nós exigimos a unidade de um conteúdo político revolucionário e uma forma artística tão perfeita quanto possível; as obras que carecem de valor artístico, por mais avançadas que sejam do ponto de vista político, são ineficazes (...) Devemos em literatura e arte conduzir a luta em duas frentes» (*)

Também o desenvolvimento do trabalho cénico se ajusta à integração numa linha política tão correcta quanto possível. Se neste Grupo a pouca elaboração se justifica dada a função para que o espectáculo foi criado, e o aspecto de informar sobre o que se fez, de que agora se reveste, é bom que os Grupos que encetem esta via de trabalho cultural tenham sempre em conta as duas frentes em que uma luta desta natureza terá de ser conduzida.

(*) MAO TSÉ-TUNG, «Intervenções nos Colóquios sobre Literatura e Arte» (MAIO de 1942).

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Março de 1975
para
Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

1 — Trotsky e o trotskismo — Vários
(1.ª edição esgotada. Reedição em Fevereiro)
2 — Marx e os Sindicatos — A. Losovski (3.ª edição)
3 — Mao Tsé-tung e a Política de Partido — Mao Tsé-tung
(1.ª edição esgotada. Reedição em Fevereiro)
4 — O P. T. A. e a Luta Contra o Revisionismo — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha (1.ª edição esgotada)
5 — Dimitrov e a Luta Sindical — Georges Dimitrov
6 — Lenine — A Vida de um Revolucionário — Yaroslavski
7 — Combater o Revisionismo — Uma Tarefa Revolucionária — Enver Hoxha
8 — Sobre a Guerra e a Paz — V. I. Lenine

Colecção «Estudos»

1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle (2.ª edição)
2 — Castro, Debray contra o Marxismo-Leninismo — A. Petit

Colecção «Documentos»

1 — Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico — Mao Tsé-tung, Chu En-lai e Wang Hong-wen
(1.ª edição esgotada)
2 — A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (M.-L.)
3 — Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos
4 — Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil — Partido Comunista do Brasil (M.-L.)
5 — Programa e Estatutos da Internacional Comunista

Colecção «Libertação Nacional»

1 — Quem é o Inimigo? Qual o Nosso Objectivo? — Agostinho Neto
(1.ª edição esgotada)
2 — Manual Político do P. A. I. G. C.
(1.ª edição esgotada)
3 — Textos e Documentos do M. P. L. A. sobre a Revolução Angolana — Vários
4 — A Frelimo e a Revolução em Moçambique — E. Mondlane, S. Machel.

Colecção «Luta Operária»

1 — Contra o Governo Provisório — José Staline
2 — Os Comunistas e as Eleições — V. I. Lenine

Organização Comunista — V. I. Lenine
A Inteligência no Poder — Um Mundo Novo, a China — Michelle Loi

UM LIVRO IMPORTANTE

HISTÓRIA
DO
PARTIDO COMUNISTA
(BOLCHEVIQUE)
DA URSS

PEC edições povo e cultura